This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

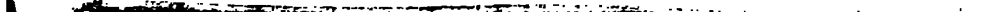
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

RMIT E-RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437435 0



THEATRO COMICO PORTUGUEZ,

OU

COLLECÇÃO DAS OPERAS PORTUGUEZAS,

Que ſe repreſentárão na Caſa do Theatro público do Bairro Alto de Lisboa,

OFFERECIDAS

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por ***

Quarta Impreſsão.

TOMO PRIMEIRO.

Contém
- Vida de D. Quixote de la Mancha
- Eſopaida, ou Vida de Eſopo.
- Os Encantos de Medéa.
- Amfitrião, ou Jupiter, e Alcmena.

LISBOA:

Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira. 1787.

Com Licença da Real Meza Cenſoria.

Vende-ſe na meſma Officina.

486647

Foi taxado eſte Livro em papel a trezentos e ſeſſenta reis. Meza 7 de Abril de 1788.

Com tres rubricas.

DEDICATORIA

A' MUITO NOBRE SENHORA PECUNIA ARGENTINA.

APenas veio ao penſamento eſtamparem-ſe eſtas Obras, quando com o meſmo projecto naſceo gémeo o deſejo de dedicallas a Voſſa Senhoria, a quem de juro, e herdade lhe compete a gloria de Protectora de ſemelhantes acções, pois ſem a precioſa aſſiſtencia de Voſſa Senhoria não há deſcrição, que não ſeja ignorancia; baſta que Voſſa Senhoria occupe os Theatros, para que eſtes te-

nhão maior eſtimação, que os Amphitheatros Olympicos, e Cretenſes. Se aſſim como Voſſa Senhoria ſabe correr, ſoubera diſcorrer, penetraria na fiſionomia dos ſemblantes a gloria dos corações; pois quando Voſſa Senhoria acompanhada dos ſeus ſequazes ſe digna de honrar aquelle Theatro, logo tudo são parabens, ſuſſurros, e alvoroços; e para que o prazer exceſſivo não pareça immodeſtia, ſe vai o riſo eſconder nos cantinhos da boca: he conſa para ver o obſequioſo reſpeito com que todos a recebem! Todos ſe afaſtão, todos ſe encolhem, huns para ſima dos outros; e quando já não há aſſentos, então he que Voſſa Senhoria tem o melhor lugar: tudo anda n'um corropío, o porteiro ſe ataranta, o arrumador ſe titubêa, o chocolate ſe derrama, o doce deſapparece, as luzes parecem eſtrellas, as arquitecturas Doricas, as vozes harmonioſas; os inſtrumentos mais ſe apurão, os Cantores mais ſe affinão,

os

os Duos mais ſe ajuſtão; os baſtidores não neceſſitão de ſabão para correr, e finalmente até parece, que a alma do arame no corpo da cortiça lhe infunde verdadeiro eſpirito, e novo alento.

Se iſto tudo cauſa Voſſa Senhoria quando nos faz mercê, como podia eu deixar de offerecer-lhe eſtas Obras? Seria desluſtre do agradecimento buſcar outra Protectora, quando em Voſſa Senhoria trasbordão os meritos para o patrocinio. Eſpero que Voſſa Senhoria deſterrando as melancolias do afferrolhado, deixando vaſios os cubicularios bolſilhos dos avarentos, e jarretas, continue em fazer-nos mercê; pois a docilidade de ſua peſſoa he o attractivo de noſſos corações; e aſſim já poſſo navegar ſeguro no mar da fortuna, pois ſe Voſſa Senhoria ſe declara Patrona, por força ha de franquear os cartuxos. Huma Burra guarde a illuſtre peſſoa de Voſſa Senhoria os annos que todos ſeus criados havemos miſter.

AO

AO LEITOR DESAPAIXONADO.

COmtigo fallo, Leitor deſapaixonado, qu ſe o não és, não fallo comtigo; pois ner quero adulação dos amigos, porque o são nem he juſto que os que o não ſão, queirão ſe árbitros para ſentenciarem eſtas Obras no tri bunal da ſua crítica. Não há melhor ouvinte que hum deſapaixonado, ſem affecto ao Autho da Obra, ſem inclinação ao da Muſica, ſen conhecimento do Arquitecto da pintura: aquell que nem a amizade lhe franquea a entrada, nen a viſinhança do Theatro lhe facilita o regreſſo aquelle que inſtigado ſó da curioſidade a expen ſas do ſeu peculio entra com animo livre de pai xões, eſte fim (não ſendo eſtulto por nature za) he o verdadeiro ouvinte no Theatro, (Leitor nos papeis: com eſtes he que eu fallo, pois ſó a eſtes ſe dirigem eſtas Obras; porqu ſendo a ſua cenſura deſpida de affectos de amor e odio, ſaberá deſculpar os erros com ſinceri dade; ſaberá diſcernir a difficuldade da Comic em hum Theatro, donde os repreſentantes ſ animão de impulſo alheio; donde os affectos e accidentes eſtão ſepultados nas ſombras do ina nimado, eſcurecendo eſtas muita parte da per feição que nos Theatros ſe requer, por cuja cau ſa ſe faz incomparavel o trabalho de compô

pa-

para ſemelhantes Interlocutores, que como nenhum ſeja ſenhor de ſuas acções, não as podem executar com a perfeição que devia ſer: por eſte motivo ſurprendido muitas vezes o diſcurſo de quem compõe eſtas Obras, deixa de eſcrever muitos lances, por ſe não poderem executar.

Saberá o meſmo Leitor deſapaixonado não deſprezar por menos polida a fraze, que no contexto de ſemelhantes Obras ſe requer, pois muito bem conhece, que no Comico ſe preciſa hum eſtilo mediano; que como a repreſentação he huma imitação dos ſucceſſos, que naturalmente acontecem, tambem a fraze deve ſeguir o meſmo preceito, fazendo differença, que o eſtilo ſublime, e elevado, a que chamárão os Romanos *Cothurno*, ſó ſe permitte nas Tragedias, em que ſe trata de couſas graves, e nimiamente ſérias, como acções, e obras heróicas de Principes: na Comedia porém ha de ſer o eſtilo domeſtico, ſem affectação de ſublime, a que chamão *Socco*, por ſe repreſentar nella materias de enredos femenis, e acções amoroſas: eſtes preceitos aponta Horacio na ſua Arte Poetica.

Verſibus exponi tragicis res comica non vult:
Indignatur item privatis, ac prope ſocco
Dignis carminibus, narrari cœna Thyeſta.
Singula quæque locum teneant ſortita decenter.

E como os émulos por inimigos, os parciaes por affectos, e os ignorantes por neſcios não ſabem diſtinguir eſtas circumſtancias, e ſó

tu Leitor douto, e desapaixonado, judiciosamente reflectindo no que lêres, e ouvires representar, formarás o conceito que merecem estas Obras, que para teu divertimento se offerecem ao Público.

* Bem conheço que nellas acharás muitos defeitos; porém como não pertendo utilizar-me dos teus applausos, nem singularizar-me nos meus escritos, te peço, que nestas Obras attendas sómente ao desejo que tenho de agradar-te, e vejas não quero outro premio mais, que o que te peço nestas

DECIMAS.

AMigo Leitor, prudente,
Não critíco rigoroso
Te desejo, mas piedoso
Os meus defeitos consente:
Nome não busco excellente
Insigne entre os Escritores;
Os applausos inferiores
Julgo a meu plectro bastantes,
Os encomios relevantes
São para engenhos maiores.

Esta Comica harmonia,
Passatempo he douto, e grave;
Honesta, alegre, e suave,
Divertida a melodia:
Apollo, que illustra o dia,
Soberano me reparte
Idéas, facundia, e arte,
Leitor, para divertir-te,
Vontade para servir-te
Affecto para agradar-te.

AD-

ADVERTENCIA
DO COLLECTOR.

LEitor, foi tão grande o applauſo, e acceitação com que forão ouvidas as Operas que no Theatro público do Bairro Alto de Lisboa ſe repreſentárão deſde o anno de 1733. até o de 1738., que não ſatisfeitos muitos dos curioſos com as ouvirem quotidianamente repetir, paſſavão a copiallas, conſervando ao depois eſtas cópias com huma tal avareza, que ſe fazião inviſiveis para aquelles que deſejavão na leitura dellas, huns apagar o deſejo de as lêrem, pelas não terem ouvido, outros renovar a recreação com que no meſmo Theatro as vírão repreſentadas. Por ſatisfazer ao deſejo de huns, e outros, tomei a empreza de as ajuntar, e fazellas imprimir com o titulo de *Theatro Comico Portuguez*, para que com facilidade, e ſem o diſpendio que as copias manuſcritas fazem, podeſſem todos gozar de humas Obras tão appetecidas por ſingulares. Eſtou perſuadido, que te não ha de ſer deſagradavel eſta minha Collecção; porque além de te ſatisfazer o deſejo, ſirvo á Patria, publicando humas Obras, que ſegundo as leis da compoſição Dramatica, ſão as primeiras que deſte genero ſe tem eſcrito no noſſo Idioma. Algumas Comedias ſe lião impreſſas, como as de Antonio Preſtes, Gil Vicente, Antonio Ribeiro, Sebaſtião Pires, e Simão

mão Machado ; compoſtas em verſo. Publicou Jorge Ferreira em proſa a *Eufroſina*, *a Ulyſſipo* , e a *Aulografia*. Sahio à luz Franciſco de Sá e Miranda com a intitulada : *Os Eſtrangeiros*, *e Vilhalpandos* , e D. Franciſco Manoel com as duas, a que deu por titulo: *O Labyrintho da fortuna* , e *Os ſegredos bem guardados*, ſem nos eſquecermos tambem das duas do noſſo Luiz de Camões , que andão impreſſas no fim das ſuas Obras ; porém todas eſtas , humas pelo diverſo genio dos tempos , outras pela ſua informe diſpoſição , e dilatada contextura, ſervião aos curioſos mais de faſtio que de recreio. Neſtas que agora te offereço por beneficio da Impreſsão , acharás pelo contrario daquellas huma ſuave , e natural diſpoſição das partes , o caracter dos ſujeitos ſuſtentado ſem decadencia , a locução propria a cada hum dos Interlocutores , e o Jocoſerio tão temperadamente honeſto , que não offende com a graça os ouvidos , e tão vivo , que ſe não encontra ſemelhante em o noſſo Idioma , e não ſei tambem ſe diſſera nos das Nações eſtranhas ; o que confeſſarião , não ſem inveja , ſe foſſem ainda vivos , Moreto entre os Heſpanhoes , Moliere entre os Francezes , e Nicoláo Amenta entre os Italianos.

Tinha determinado continuar eſte Theatro na fórma que te prometti a primeira vez que foi impreſſo , ao que não pude ſatisfazer-te por haver Author vivo das Operas que te promettia , e eſte não conſentir que outrem ſe utilizaſſe do ſeu trabalho ; e como deſtas ſe imprimirão

dous

dous Tomos ; alterando a ordem que eu tinha ideado, he preciſo advertir-te, que para eu continuar o meu Theatro, fiz nova eſcolha de outras, que certamente goſtarás de lêr. Offereço-te novamente eſtes dous Tomos, e contém o primeiro a *Hiſtoria de D. Quixote*, a *Vida de Eſopo*, *Os Encantos de Medea*, e o *Amfitrião*. No ſegundo o *Labyrintho de Creta*, *Guerras do Alecrim*, e *Mangerona*, *As Variedades de Proteo*, e *Precipicio de Faetonte*. No terceiro Tomo que ſahirá com brevidade, te darei a lêr *As Firmezas de Proteo*, e *accaſos do ſeu amor*, *Os Triunfos de Cupido contra as vinganças de Venus*, *Jupiter*, e *Danae*, e *Perſeo*, e *Andromeda*. No quarto o *Avaro*, e o *Zeloſo*, *Memorias de Peralvilho*, *A Deſtruição de Troia*, e *Endimião*, e *Diana*. Outras muitas conſervo em meu poder, humas ainda não executadas, e outras que já o forão em Theatros particulares, com que voluntariamente te poderei liſongear o goſto, ſem que poſſas obrigar-me pela promeſſa.

Vale.

VI-

VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA, E do Gordo SANCHO PANÇA, OPERA,

QUE SE REPRESENTOU no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Outubro de 1733.

SCE-

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Sala de pannos de rás, bofetes, e cadeiras.*
II. *A caſa de Sancho Pança mal compoſta.*
III. *Baſtidores de boſque.*
IV. *Baſtidores de ſelva.*
V. *Baſtidores de ſelva.*
VI. *Boſque, e no meio hum monte.*
VII. *Sala de columnas, e depois jardim fúnebre.*
VIII. *Selva.*
IX. *Selva, e o monte Parnaſo.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *A Metade ſelva, e outra ametade mar, e hum moinho no fim.*
II. *Montes, e ſelvas.*
III. *Sala de colunatas, meza, e cadeiras.*
IV. *Sala de azulejos.*
V. *Outra ſala, e meza mal compoſta.*
VI. *Caſas.*
VII. *Jardim alegre.*
VIII. *Boſque.*

APPARATO DO THEATRO, e ſua fábrica.

HUm carro com varias figuras dentro.
Huma capoeira ſobre hum carro, em que birá hum Leão, que ſahe fóra a ſeu tempo.
Hum carro em que vem Dulcinéa, e varias figuras.
Dous cavallos, hum de D. Quixote, e outro de Sanião Carraſco.

Dous

Dous burros, hum para Sancho Pança, tro para huma Saloia.
O Monte Parnaſo com as Muſas, Apollo Cavallo Pégaſo. Hum barco.
Hum cavallo que vem pelo ár, e ſe lhe põe Huma nuvem. Hum porco.

INTERLOCUTORES.

DOm Quixote.
Sancho Pança.
A Sobrinha de D. Quixote.
A Ama do meſmo.
Thereza Pança, mulher de Sancho Pança.
Huma filha do meſmo.
Hum Tabellião veſtido como Almocreve.
Huma Saloia em hum burro.
Sansão Carraſco.
Seu Criado.
Hum Diabo que vem no carro.
Outro Diabo com muitos caſcaveis.
Hum homem que vem com o Leão.
Belerma.
Monteſinos.
Hum que eſtá na cova.
Caliope, que vem na nuvem.
Apollo, e as N
Dous homens qu do moinho.
Dous homens do
Hum Fidalgo.
Huma Fidalga.
Hum Meirinho.
Hum Eſcrivão.
Dous homens que rebecas.
Hum homem que rebecão.
Hum Medico.
Hum Cirurgião.
Hum Taverneiro.
Huma mulher moça manto.
Huma mulher velh corpo, ſem man
Hum Eſcudeiro.
A Condeſſa das Ba
Dous rebuçados.
Dous homens pa audiencia.

PARTE I.

Depois de ſe tocar a ſinfonia canta o

CORO.

Todas as vozes juntas
Se oução reſonar,
E ao noſſo feſtejar
Ecco reſponda.
E a tão ſonoro aſſento
Paſme a terra, e o vento;
Que he bem que a terra, e o ár
Já correſponda.

SCENA I.

Deſcobre-ſe huma Sala compoſta com bofetes, e cadeiras, e eſtará aſſentado D. Quixote, e junto a elle em pé a Ama, e Sobrinha, e hum Barbeiro fazendo-lhe a barba.

D. Quix. SEnhor Meſtre Barbeiro, veja Voſſa Mercê como me pega neſtas barbas, porque são as mais honradas que tem toda a Heſpanha; e póde gabar-ſe, que nem quantos Gigantes tem o Mundo ſe atreverá ó olhar para ellas, nem com o rabo do olho, porque ſempre lhe tive a barba teza.

Barb. Ella aſſim o moſtra, pois de tão teza que he, dobra o fio á navalha.

D. Quix.

D. Quix. Ora ſô Meſtre, voſsê bem ſabe que he obrigação dos de ſeu officio, em quanto fazem a barba, dizerem as novidades que ha pela Cidade. Que ſe falla dos Principes da Italia, e do Governo politico do Orbe? Que como eſtive doente, e tantos tempos de cama por cauſa das minhas Cavallarias andantes, não tenho ſabido nada.

Barb. Senhor D. Quixote, novidades não faltão. Dizem que o Turco vem com huma poderoſa Armada alſolando os mares, e os Principes todos procurão fazer-lhe guerra offenſiva, e defenſiva, para o que já em Biſcaya ſe prepara huma groſſa Armada.

D. Quix. Para que ſe cansão com tantas máquinas? Eu lhes dera hum bom arbitrio com que em menos de huma hora vençáo quantas Armadas, e armadilhas o Turco tiver.

Barb. Diga Voſſa Mercê qual he.

D. Quix. Não quero, porque não faltaráõ mexeriqueiros que lho vão dizer, e ganhem as alviçaras do meu trabalho.

Barb. Diga Voſſa Mercê, que lhe prometto á fé de Barbeiro, que aqui fique ſepultado ſete-varas debaixo do chão como pedra de faio.

D. Quix. Debaixo deſſa fé, que he mui boa, o direi. Mandem eſſes Principes buſcar alguns Cavalleiros andantes, que não faltão na noſſa Heſpanha, que ſó hum delles baſtará para deſtruir com ſua eſpada, e ſua lança mil Armadas.

Ama. Triſte de mim, Senhora! Seu Tio eſtá

Ou-

outra vez doudo; ainda crê que há no Mundo Cavalleiros andantes?

Sobr. A mim me mellem ſe por aqui não anda Sancho Pança, que he o que lhe mete eſtas loucuras na cabeça. *á parte.*

Ama. Vamos ter com Sansão Carraſco, a ver ſe lhe póde tirar da cabeça eſtas aſneiras, que he homem de manhã. *á parte.*

Sobr. Vamos. *Vão-ſe.*

Barb. Como he poſſivel, Senhor D. Quixote de la Mancha, que hum Cavalleiro andante poſſa deſtruir hum Navio, quanto mais huma Armada?

D. Quix. Sô Meſtre, trate do ſeu eſtojo, e das ſuas navalhas, e não ſe meta a querer inveſtigar os reconditos arcanos dos Cavalleiros andantes. Se voſsê lêra as antigas Hiſtorias de Palmeirim de Oliva, Roldão, Amadis de Gaula, e outros muitos, de que o clarim da fama por çem bocas canta as ſuas nunca viſtas façanhas, ſoubera então o que val hum Cavalleiro andante: bem ſei de hum, que ſó com hum ſuſpiro he capaz de affundar huma Armada, e cem galeões

Barb. Quem ſerá eſſe tal? Tomarà-o conhecer.

D. Quix. Sou eu; eu D. Quixote de la Mancha, por outro nome o Cavalleiro da triſte figura. Eu torno a dizer: eu ſó com a minha eſpada, e a minha lança, e o meu broquel me atrevo a engolir o Grão Turco, como quem engole huma cereja de ſacco.

Barb. Quando eu cuidava que Voſſa Mercê eſ-

tava de todo são deſta loucura, ainda o vejo tão enfermo della! Ora, Senhor, deixe eſſa teima: quem lhe meteo em cabeça, que havia no Mundo Cavalleiros andantes? E quando iſſo aſſim fora, Voſſa Mercê por ventura tinha barbas para o ſer?

D. Quix. Oh grandiſſimo magano, por vida de minha Senhora Dulcinéa del Toboſo, que vos farei em pó, e em cinza. Aſſim perdeis o reſpeito a hum Cavalleiro ardente?

Atira D. Quixote com o Barbeiro no chão, e ſahirá Sansão Carraſco.

Carr. Que he iſto, Senhor D. Quixote? Que obrigou a ſua grande modeſtia a ſahir em tanta deſeſperação?

D. Quix. Senhor Sansão Carraſco, quem havia de ſer ſenão eſte Barbeirinho, que nega haver Cavalleiros andantes no Mundo, e que ſeja eu hum delles?

Carr. Ah ſô Meſtre, ponha-me logo os quartos na rua, antes que vá pela janella.

Barb. Não ſei donde ha de parar D. Quixote com tanta loucura! *Vai-ſe.*

Carr. Eſte miſeravel eſtá louco confirmado; querer deſperſuadillo he excitallo mais. Eu quero ir com o que elle diſſer, que elle tomará o deſengano á ſua cuſta. *á parte.*

D. Quix. Meu amigo, eu eſtou reſoluto a ſahir ſegunda vez ao feliz progreſſo de minhas andantes cavallarias, ainda que da paſſada vim muito moido, com tudo, deſmaiar nos trabalhos não he para corações brioſos: queira

Deos

Deos que eſtes Malandrines, ou encantadores me não perſigão com ſeus encantos, que invejoſos do meu valor querem eſcurecer com magicas apparentes as minhas claras, e rocinantes cavallarias.

Carr. Deixa-me beijar-te os pés, oh flor dos Cavalleiros andantes! Oh unico Alcides de noſſas eras! Sahe, ſahe, não ſó ſegunda vez, mas quinhentas e quarenta e duas, a dar alma ao eſquecido cadaver da Cavallaria andante para gloria do Mundo, e timbre de tua patria Mancha.

D. Quix. Dizei-me por vida voſſa, que dizem de mim por eſſa terra?

Carr. Que hão de dizer? Que Voſſa Mercê he hum louco, mas valente, e que ás vezes paſſa a ſer temerario, emprendendo impoſſiveis: finalmente todos dizem, que a Senhora Dulcinéa del Toboſo, minha Senhora, he couſa fingida, e fantaſtica, e que tal mulher não há no Mundo.

D. Quix. Dizem bem, que o Mundo não he capaz de ſuſtentar aquelle globo eſferico da formoſura, e aſſim o ár he a patria daquella eſtrella de Venus.

Haverá dentro muita bulha, e gritos de Sancho, da Ama, e da Sobrinha, e ſahem.

Ama, e *Sobr.* Não has de entrar, Sancho de Barrabás.

Sanch. Eu por ventura dei-lhe a voſsês palavra de caſamento, para me pórem impedimento?

Sobr. Tu és o que lhe metes na cabeça eſſas cavallarias andantes.

Sanch. Máo agouro venha pelo diabo: eſſa bonita! Com que eu ſou accaſo loucura ra me meter na cabeça de meu Amo? C rado de mim, que eu ſou o que pago; p á conta de ſuas Cavallarias andantes levo n tos couces.

D. Quix. Que he iſſo, Sancho Pança? Sem haveis de vir grunhindo?

Sanch. Que ha de ſer? A Senhora Ama, Senhora Sobrinha que Deos guarde, não querião deixar entrar a fallar com Voſſa M cê, Senhor meu Amo, dizendo, que eu a cauſa de Voſſa Mercê querer ir ſegunda pelo Mundo a buſcar a ventura? Veja V Mercê que maior teſtemunho, quando ſou o que digo a Voſſa Merçê, que ſe vemos de ir á manhã, que vamos hoje.

D. Quix. Não faças caſo de mulheres, que b parece que ignorão o genio dos Cavalle andantes.

Sanch. Quanto a iſſo tem ellas mais que raz

Carr. Amigo Sancho Pança, advirto-lhe, que era eſcuſado) que faça muito por ſer mem de bem; acompanhe a ſeu Amo, mo bom eſcudeiro, que ſe aſſim o fiz levará o Ceo brincando.

Sanch. Ah Senhor Sansão Carraſco, brinca o não levo eu, ſabe Deos o que me ta, e me tem cuſtado aturar as valentias meu Amo, que ſempre a elle lhe dão na beça, e a mim no fio do lombo; mas lá o rifaõ: *Muito alenta huma eſpera*

P

Pois que tenho de ſer Governador de huma Ilha, que diz meu Amo, que me ha de dar, não quero patuſcadas, recolho-me a ella como a' ſagrado.

D. Quix. Sancho, pódes viver deſcanſado, que aſſim appareça eſſa Ilha, como logo tu has de ſer Governador della.

Sancb. Ainda ó ella apparecer eſtá em contingencias? Cuidei que já Voſſa Mercê a tinha certa.

D. Quix. Deixa iſſo por minha conta, que ou ella queira, ou não queira, ella apparecerá, e tu verás como pago os teus ſerviços.

Sancb. Os meus ſerviços com quaeſquer trinta reis ſe pagão; até ahi poſſo eu; ſe Voſſa Mercê me não dá para maís, então irei buſcar minha vida, e eſſes meus ſerviços ſó na boca de Voſſa Mercê não he bem que fiquem; dê-me alguma clareza, ou obrigação por onde o poſſa obrigar quando me falte.

D. Quix. Toma eſſe papel, que já nelle tinha eſcrito o meſmo que te digo de boca.

Sancb. Ah Senhor, que he mui certo andarem juntos papeis com ſerviços, e oxalá que depois de eu os ter feito, não mos quebre alguma Preta, que por ſerem vidrados são quebradiços, ou algum daquelles encantadores que perſeguem a Voſſa Mercê; porque tambem as deſgraças dos Amos ſe pegão como ſarampo ao corpo dos eſcudeiros; pois vejo que tendo os meus ſerviços azas, nem por iſſo voão, ficando ſempre na ſecretaria dos feitos com huma tampa em ſima.

D. Quix.

D. Quix. Sancho Pança, máos á obra, coração, eſpirito valeroſo, que juro á fé de Cavalleiro andante, que deſta ſegunda jornada ha de ver o Mundo quem he D. Quixote de la Mancha, que ſe até aqui foi Cavalleiro da triſte figura, daqui em diante ſerá o alegrão do Univerſo: anda, vai-te a preparar, que á manhã ao romper da Aurora havemos de partir por eſſe Mundo.

Sanch. Eu dera a Voſſa Mercê hum conſelho.

D. Quix. Qual he? Dize, que ás vezes hum louco acerta mais que hum entendido.

Sanch. Eu dera a Voſſa Mercê de conſelho, que não foſſemos ao romper da Aurora; porque ſe a rompemos, ao outro dia não poderemos madrugar, porque a Aurora iſſo tem, que em ſe rompendo he peior que olanda podre, que ſe não aproveita huma tira para huma atadura de fontes.

D. Quix. Deixa diſparates, e faze o que te digo.

Sanch. Pois adeos, que eu me vou a armar Cavalleiro, (quero dizer, burriqueiro; porque eu monto em burro, e não em cavallo) e a deſpedir-me de minha Thereza Pança; *y lo dicho, dicho.* *Vai-ſe.*

Carr. Pois eu te prometto Amo, e mochilla, que brevemente armarei huma, que ambos torneis deſenganados de voſſas Cavallarias andantes. *á parte.*

Sobr. Tio da minha alma, veja o deſamparo em que me deixa; lembre-ſe da minha mocidade, e que ſe vai o eſteio deſta caſa.

Ama.

Ama. Pois fui Ama ſecca de Voſſa Mercê muitos annos, lembre-ſe deſte capello ſem borla.

D. Quix. Não tem remedio : hei de ir ; que não he juſto que fique ſem fim minha memoravel hiſtoria ; e juntamente vou a fazer muitas obras pias, pois quantas donzellas eſtarão em neceſſidade de que hum Cavalleiro andante lhes defenda o credito, e a honra ? Quantos pupillos eſtarão ſem juſtiça ? Quantos Cavalheiros honrados eſtarão encantados por falta de andantes Cavalleiros ? Em fim, não tenho mais que dizer, vou a caſtigar inſolentes, e a endireitar tortos.

Cantão D. Quix. Carr. Ama, e Sobr. a ſeguinte

A R I A.

Sobr. Ai, meu Tio, não ſe auſente.
D. Quix. Callai-vos impertinente.
Ama. Meu Senhor, iſſo he loucura.
Carr. Ide, ide D. Quixote.
Sobr. Mas que hei de fazer ſem Tio!
Ama. Mas que hei de fazer ſem Amo!
Carr. Deixai ir eſſe mamote.
D. Quix. Não haja mais choro, Ah tal!
Ama. Hum Amo, que tanto amo.
Sobr. Ai, Sobrinha ſem ventura!
D. Quix. Ora aDeos, ó patria amada.
Carr. D. Quixote, avante, avante.
Sobr. Minha dor matar-me trata.
Ama. Minha pena me ſuffoca.
D. Quix. Iſto he eſpada, não he róca.
Carr. Tu te vás, D. Quixote, por teu mal.

SCE-

vendo, e ouvindo as viſinhas do noſſo lug
quando tu ſahires á rua, dizerem todas p
boca pequena: lá vai, lá vai a filha do C
vernador Sancho Pança.

Ther. E eu, Marido, como hei de andar?

Sanch. Has de andar ás coſtas de hum mar
la, por não pôres o teu pé no chão; n
iſſo não he do caſo. Vamos ao alforge c
hei de levar para tão longa jornada: prim
famente embrulha-me huma canada de vin
em hum guardanapo, dous queijos em hu
borracha, huma pouca de alcomonia de ſal
molle, hum par de alfarrobas, &c. Na ou
perna do alforge quero que vá bem acon
cionada a minha roupa, a ſaber, camiſa
meia, meia ſiloura, huma meia ſem com
nheira, hum lenço pardo, outro de can
riſcado, dous peſcoções de bofetão da Indi
iſto entendo que ſobeja para tão larga jor
da, fóra o que levo no corpo.

Ther. Olhe voſsê, ſe quizer levar duas gayo
de grillos, que eſtão mui bem criados, n
ſerá máo, para os comer nas eſtalagens.

Filha. Tambem poderá Voſſa Mercê levar d
caixas de chicharos de conſerva para alm
çar, que são bons para a enxaqueca.

Sanch. Tudo he bom; quanto mais, melh
principalmente os chicharos, pois ás ve
tenho humas enxaquecas na barriga, e l
mas caimbras no nariz, que me matão; b
fora tambem levar humas panellinhas de d
de cócaras; porém, mulher, como eu v

p

para tão longe, e com perigo de vida, pois vamos a brigar com todo o Mundo, bom será que faça meu Teſtamento, que ao menos, quando não tenha o fim que pertendo, não ſe perde o eſtar feito.

Ther. Parece-me muito bem: agora vejo que em tudo ſois prudente.

Sanch. Vós ainda não ſabeis que marido tendes.

Ther. Diſſo me queixo eu, e ainda mal que tanto o experimento, pois a miſeria com que me tratais, me faz ver as eſtrellas ao meio dia; e ſendo caſada comvoſco á quarenta e dous annos, ſeis mezes, tres ſemanas, doze horas, oito minutos, e vinte inſtantes, nunca em voſſo poder me vi com a barriga cheia.

Sanch. Quando eu for Governador, tomareis a voſſa barrigada. Hide chamar o Tabellião.

Ther. Aqui não há Tabellião, ſómente quem ſerve de Tabellião he o Almocreve Antonio Fagundes.

Sanch. Venha quem for, que o Teſtamento he pequeno, e qualquer Tabellião baſta.

Ther. Mas elle aqui vem, Deos o trouxe a bom tempo.

Sahe o Tabellião veſtido de Arrieiro.

Tabel. Guarde Deos a Voſſa Mercê, Senhor Sancho Pança: como eſtá Voſſa Mercê?

Sanch. Para ſervir a Voſſa Mercê.

Tabel. Para ſervir a Noſſo Senhor, que lhe dará bom pago: que quer Voſſa Mercê?

Sanch. Sente-ſe Voſſa Mercê muito a ſeu goſto na ponta deſſe eſpeto.

Tabel.

Tabel. Eu aqui me accommódo, eſtou bem; aos pés de Voſſa Mercê he o meu lugar.

Sancb. Saberá Voſſa Mercê, que eu quero fazer o meu Teſtamento por eſcrito, que me dizem, que o nuncuchupativo não he tão bom: ſabe Voſſa Mercê fazer Teſtamentos!

Tabel. Suppoſto que eu nunca fizeſſe Teſtamento, com tudo, já fiz hum eſcrito de caſamento a huma negra; e quem faz huma couſa, tambem faz outra.

Sancb. Iſſo baſta, e ſobeja. Ora ſente-ſe, ahi tem papel ſellado, que já me ſervio em varias neceſſidades: he bom papel; tudo o que ſe eſcreve de huma banda, ſe póde lêr da outra com muita facilidade. Ora ponha huma perna ſobre a outra, eſcreva á ſua vontade.

Tabel. De qualquer ſorte eſtou bem, para ſervir a Voſſa Mercê.

Sancb. Para ſervir a Deos. Olhe, meu amigo, não faça ceremonias, deſaperte-ſe, tire fóra os calções, ponha-ſe em fralda de camiſa, eſteja a ſeu goſto, e em quanto eſcreve, ſe quizer tanger bandurra, ahi a tenho muito boa, que me veio de Berberia.

Tabel. Vamos ao Teſtamento, que tenho que ir dar de beber ás minhas beſtas.

Sancb. Ora vá lá fazendo a cabeça do Teſtamento, que iſſo pertence aos Tabelliães.

Tabel. Eſtá feita.

Sancb. Vejamos. Homem, eſta cabeça não preſta; voſſê não lhe põe cabelleira? Ui, Senhor, po-

ponha-lha em todo o caſo, que eſte Teſtamento ha de apparecer em público, e não he bem que vá huma cabeça ſem compoſtura.

Tabel. Ahi lhe ponho a cabelleira: que mais?

Sancb. Eſpere, eſpere, já lhe pôz a cabelleira?

Tabel. Já, ſim Senhor.

Sancb. Valha-me Deos: não ſei ſe lhe puzeramos antes huma carapuça preta, que he côr de quem morre. Veja ſe lhe póde tirar a cabelleira por vida ſua.

Tabel. Eu à bórro, e lhe ponho a carapuça.

Sancb. Homem, voſsê não póde tirar huma cabelleira a huma peſſoa da cabeça, ſem a borrar? Ora vá como for, eu cá ao depois lhe farei iſſo: digo primeiramente....

Tabel. Mente.

Sancb. Mente elle, grandeſſimo magano; a mim me deſmente na minha cara?

Tabel. Eſte mente he cá do Teſtamento, que não offende a ninguem.

Sancb. Iſſo he outra couſa. Declaro por deſcargo de minha conſciencia, que me chamo Sancho Pança, natural do bom genio; declaro mais, que fui caſado deſanove vezes, todas contra minha vontade: Item, que deſta ultima mulher tenho....

Ther. Criada de Voſſa Mercê.

Tabel. Callai-vos lá tolla, não embaraceis o pavio da hiſtoria. Tenho tres filhos, cujos nomes me não lembrão por ora: Item, que ſou ſenhor, e poſſuidor de muitos bens movitos, e de raiz, e outros ſem raiz; os movi-

vitos vem a ſer, duas baſſouras do Algarv
dous eſfolinhadores da chaminé, e huma r
tula já furada. Item, trinta e tres cadeiras
que já derão com o couro á ſóla. Item, mà
hum bofete de páo, que veio de bordo, tr
paineis já em muito bom uſo, a ſaber, hu
do Mundo ás aveſſas, outro de hum Navic
que pintou o meu pequeno, e outro que
ſe não ſabe que pintura tem; porém ſupp
nho que ſeria boa. Item, hum eſpelho
deſpir ſem aço, hum Mafamede da India co
ſeu tapete de Arrayolos, cuberto por ſim
Item, huma excellente manta de retalhos, q
me veio do Japão, e outra que me ha de v
do Jaquejo. Item, huma formoſa têa de ar
nhas, duas colheres de tartaruga baſtarda, hu
biſpote, e o mais trem da coſinha. Ora v
mos agora aos bens de raiz. Declaro, que t
nho humas caſas na minha veſtia. Item, hu
parreiral de uvas de cáo no meu telhad
Item, dous vaſos, hum de enſaião, e out
que teve arruda, que ainda ſe conhece pe
cheiro. Item, mais huma arvore de geraçã
Paſſemos agora ao meu gado. Em primei
lugar tenho hum burro, que lhe chamão
ruço por alcunha; tenho mais duas cadell
paridas. Declaro, que me não devem nada,
que eu devo os cabellos da cabeça. Deixo
minha mulher tudo quanto puder furtar
inventario. Deixo á minha filha Sanchica
meu bom coração, e aos meus dous filh
lhes não deixo nada, porque ſe o quizeren

qu

que o furtem como eu fiz. Inſtituo por meu univerſal herdeiro forçado a hum Mouro da galé, a quem peço, que faça pela minha alma o meſmo que eu fizera pela ſua. Tal parte, em lugar do cú de Judas, tantos do mez paſſado, &c.

Tabel. Ora aſſine-ſe Voſſa Mercê aqui atrás.

Sancb. Atrás ſó me aſſinarei, ſe for penna a ſua lingua: dou por aſſinado, que eu em tal não aſſino.

Tabel. He preciſo, que ſem iſſo não val nada o Teſtamento.

Sancb. E que tem ninguem que elle valha, ou não valha? Olhem que eſtá galante! De quem he o Teſtamento? Não he meu? Pois poſſo fazer delle o que quizer. Mulher, guardai bem eſte papel, vêde que não o percais, que póde ſervir para méchas. Ora a Deos, mulher, dai-me hum abraço.

Ther. Ai, marido, lembrai-vos da voſſa caſa; não andeis de noite, não me deis mais penas.

Sancb. O' filha, não tenho que encommendarte á tua honra, que he o melhor camafeo que tens. Se alguem, quando eſtiveres na janella, te fizer hum bicho, correſponde-lhe com outro, que a cortezia nunca ſe perde. Ouves, nunca dês o ſim a tudo o que te pedirem; porque deſta ſorte ſerás bem reputada.

Ther. Pois já que te auſentas, ó meu amado Sancho, deſpeçamo-nos cantando.

Sancb. Ora vá, que eu começo.

Can-

Cantão Sancho, e a mulher a ſeguinte

ARIA A DUO.

Sancb. A Deos, Thereza amada.
Ther. Náo poſſo dar hum paſſo.
Sancb. A Deos, que não hé nada.
Ther. Oh triſte deſgraçada!
Sancb. Dá cá, dá cá hum abraço.
Ther. Ai, que eu quero deſmaiar!
Ther. Mas ai de mim, que vejo
Sancb. Amado Caranguejo.
Ther. Teu vil rigor não chora?
Sancb. Chora tu, bella Aurora,
Que eu nunca em deſpedidas quiz chora

SCENA III.

Mutação de boſque. Apparece D. Quixote a c vallo com lança, e Sancho em hum burro

D. Quix. AInda não creio, amigo Sanc Pança, que me vejo monta em rocinante, para proſeguir minhas avc turas.

Sancb. Digo-lhe a Voſſa Mercê, Senhor m Amo, que tenho o rabo neſta albarda, me parece que o tenho na palha da eſtrel ria. Oxalá que tenhamos melhor ventura q da vez paſſada!

D. Quix. Para que tenhamos bom ſucceſſo ne empreza, e por cumprir com as leis da C vallaria andante, e com os dictames do m amor, quero, Sancho, que vás ao Caſtell em que vive aquella ſem igual Dulcinéa

T

Toboſo, minha muito Senhora, e que lhe digas da minha parte, que já me acho em campo razo, para batalhar com quantos gigantes tem o Mundo por ſeu reſpeito, e que tudo ſervirá de deſpojo para collocar no Templo de ſua formoſura.

Sancb. Senhor, que Dulcinéa he eſta? Aonde mora? Que tal mulher entendo não há no Mundo. Logo como quer Voſſa Mercê que eu a buſque, ſe ella não he couſa viva?

D. Quix. Vai, não repliques, ſenão com eſta lança te abrirei eſſa barriga; vai, que eu te eſpero aqui debaixo deſte tronco.

Sancb. Ora o caſo eſtá galante, por vida minha! Donde hei de achar a tal Dulcinéa doş demonios? A' força quer D. Quixote, que haja tal mulher no Mundo. Mas de quem me queixo, ſe eu tenho a culpa de me meter com hum louco de pedras? Porém lá vem huma Saloya; bom remedio, vou-lhe dizer que eſta he Dulcinéa, pois a elle tudo ſe lhe mete na cabeça. Ah Senhor meu Amo? Venha cá depreſſa: eis-aqui a Senhora Dulcinéa, que vem ver a Voſſa Mercê.

D. Quix. Sancho, como póde ſer eſta Dulcinéa, quando ella he huma Senhora tão galharda? Como póde vir em hum burro, quando a carroça de Apollo ainda he pequena carruagem para ſua ſoberanía? Não vês huma Saloya feia, e trapalhona?

Sancb. Senhor, Voſſa Mercê não ſe lembra, que os encantadores mudão as fórmas das peſ-

ſoas, ſó para que Voſſa Mercê não logre fortuna de ver a Senhora Dulcinéa?

D. Quix. Dizes bem, Sancho amigo; oh m hajais malditos encantadores, pois mudais fórma de Dulcinéa filis, e galharda, em h ma Saloya choquenta!

Saloya. Senhores, Voſſas Mercês que me qu rem? Largue-me o freio da burra, deixer me ir vender as minhas cebollas.

D. Quix. Eſpera, ó luz de meus olhos, rec be, antes que te auſentes, eſte fino aman no regaço de teus agrados, pois ſó a ti dedico os ſuores frios de meus trabalhos; aq me tens, ó bella Ninfa, poſto a teus p idolatra da tua belleza.

Sancb. Oh Princeza da formoſura! Oh Duque do melindre! Oh Archiduqueza dos denguc Não deſprezes hum andante Cavalleiro, q a carqueja do ſeu amor arde na chaminé d teus olhos a repetidos aſſopros da ſua mág Ponha Voſſa Mercê os olhos naquelle peit e o verá cheio de cabellos, mais claros agoa, e outros mais ruivos c'á canella.

Saloya. Eſtes homens eſtão doudos, vão-ſe c diabos; voſsês vem zombar de mim? A lá, xó. *Vai-*

D. Quix. O animada exhalação, não te det ças em ſcintilantes repudios; tanto eſtes cantadores me perſeguem, que até faz com que caias; porém, ó vil canalha, virá tempo em que eu me vingue de vós.

Sancb. Digo que Voſſa Mercê tem muito b

go

goſto em amar a Senhora Dulcinéa. Não vi couſa mais peregrina! Deixou-me atoclo, vendo aquelle brio!

D. Quix. Oh afortunado Sancho, que foſte tão feliz, que chegaſte a ver ſem encantos, e transformações aquella deidade humana! Di-Dize-me, he formoſa?

Sanch. De formoſa paſſa ella. Se Voſſa Mercê víra aquelles olhos, que parecião olhos de couve murciana! O nariz, iſſo era cahir hum homem de cú ſobre elle; tinha humas mãos de rabo; o corpo parecia corpo de deliſto, pelo que, matava a todos, os cabellos não vi eu, ſó o que eu vi forão dous piolhos de rabo, que lhe ſahião pelos buracos da coifa: o que mais me regalava era ver humas roſquinhas doces, que fazia junto ao peſcoço: em fim, Senhor, os pés erão dous pés de cantiga. Eu confeſſo, que ſe não fora caſado, que a tal Senhora Dulcinéa não me eſcapava.

D. Quix. O' Sancho, eſpera, não vês que lá vem hum Caſtello movediço com muita gente dentro? Grandé dia ſe nos eſpera! Deos ſeja comnoſco.

Sahirá hum carro tirado de huma mulla, ſobre a qual virá hum Diabo; dentro do carro virá a Morte, Cupido, hum Anjo, hum Emperador, e outra figura muito bem veſtida.

Sanch. Ai, miſeravel Sancho, aonde eſtás metido! Melhor me fora eſtar na minha Aldêa,

que não vir agora ver eſtes gigantes engolia

D. Quix. De que temes, cobarde? Olha, ná vês eſtes gigantes vivos? Pois logo os ver mortos: Ó' vós, quem quer que ſejais, d zei-me quem ſois, e aonde ides?

Diabo. Senhor, nós ſomos huns pobres repr ſentantes de Comedias, que himos já veſt dos para fazer hum Auto Sacramental aqui huma quinta: eu faço papel de Diabo, eſ de Anjo, eſte de Morte, eſte de Empera dor, e os mais fazem varios papeis.

D. Quix. Ora ſempre as couſas ſe devem pr meiro eſpecular antes que ſe fação; ſe ni vos declarais, hoje aqui todos ficarieis mo tos, cuidando que ereis gigantes, ou enca tadores.

Sancb. Boas novas te dê Deos, que eu já e tava ſem pinga de ſangue no corpo.

Sahe hum Cruz-diabo com caſcaveis, e eſpant ſe o cavallo de D. Quixote, e cahe eſte no chão, e o Cruz-diabo monta no burro de Sancho.

Sancb. Jeſus, Nome de Jeſus! Lá vai m Amo ao chão! Ah Senhor, não caia, eſp re, que eu já lhe vou acodir.

D. Quix. Ai de mim! Acode-me Sancho, q quebrei o eſpinhaço.

Sancb. Ai, Senhor, que o Cruzdiabo lá r leva o meu ruço! O' ruço dos meus olho ó prenda de minhas nadegas, ó centro minhas bebas, que ſerá de mim ſem os te ſonoros zurros! Senhor, para aqui são

lagrimas: ah Senhor, que o Diabo levou o meu burro.

D. Quix. Que Diabo?

Sancb. O Diabo das bexigas, Jeſus Sagrado! Ah ſô Diabo, largue o meu burro por vida de Ferrabrás.

D. Quix. Por vida de Dulcinéa, que os do carro me háo de pagar: eſperai, turba alegre, e folgazona, que eu vos enſinarei o como ſe tratão os burros dos eſcudeiros dos Cavalleiros andantes.

Sahe o Burro.

Sancb. Senhor, não pelejemos, que o burro já ahi eſtá, eſcuſemos tantas mortes.

D. Quix. Bem eſtá: a prudencia ás vezes he melhor que o valor; ide-vos em paz.

Sancb. Ouvis lá? Bom padrinho tiveſtes no meu burro, que ſe não apparece, tudo vai á eſpada.

SCENA IV.

Mutação de ſelva, e a hum lado eſtará hum Cavalleiro reclinado, e hum Moço, e ſahirá D. Quixote, e Sancho Pança.

D. Quix. SAncho, ata eſte cavallo a eſſe tronco, que já o Sol ſe eſcondeo no Veſtuario de Thetis, depois de fazer primeiro Galan dos Aſtros na Comedia do dia.

Sancb. Boa metáfora; mas eu tenho a barriga vaſia, e não eſtou para ouvir conceitos; olho Voſſa Mercê, Senhor, alli eſtão dous ho-

mens

homens reclinados ſobre a relva, e dous cavallos atados naquelle ſalgueiro, que fazem quatro.

D. Quix. Algum Cavalleiro andante deve ſer, que anda buſcando aventuras.

Canta o Cavalleiro o ſeguinte

MINUETE.

Sem ter melhora
Meu peito ardente,
A chamma ſente
Do Deos Rapaz.
Que amor parece,
Ninguem duvída;
Porque a ferida
Bem clara eſtá.
Suſpende a flécha,
Deos fementido,
Ouve o gemido,
Que o pranto faz.

Sanch. Elle canta com bom eſtilo, e á moda.

D. Quix. Segundo a letra, e o affecto, moſtra eſtar namorado. Valha-te Deos, ámor, que até nos peitos de bronze introduzes coraçoes de cêra! Senhor Cavalleiro, como a ſociedade nos homens he ſignificativo do racional, por iſſo não eſtranhe Voſſa Mercê o meu atrevimento em interromper as ſonoras clauſulas do ſeu ſentimento; porém como as penas communicadas ſáo menos ſenſiveis, diga-me Voſſa Mercê o que ſente, que ſe o alivio de ſuas mágoas conſiſtir na ponta deſta lança, ou fio deſta eſpada, tenha por certo, que o hei de fazer. *Curr.*

Carr. Honrado Cavalleiro, bem parece que tendes generoſo animo, e aſſim vos agradeço eſſa offerta; mas ſabereis, que a mim por ora me não offendem inimigos, ſenão huma inimiga, cujo rigor me tem morto, e me faz andar renovando a Cavallaria andante, ſó por ver ſe poſſo applacar o ſeu deſdém, offerecendo-lhe a cabeça de hum gigante.

D. Quix. Com que, Voſſa Mercê he Cavalleiro andante? Ora ajunte-ſe comigo, e fallemos na materia, que como Profeſſor della eſtimo muito eſtas práticas.

Criad. Em quanto noſſos Amos lá praticão ſobre os ſeus amores, e valentias, vamos dando á taramela, e fazendo pela vida.

Sanch. Meu amigo, agora fico mais conſolado nos meus infortunios, pois mal de muitos conſolo he: atéqui cuidava que ſó eu era deſgraçado em ſer eſcudeiro de Cavallaria andante, mas já vejo que Voſſa Mercê naſceo debaixo da minha eſtrella.

Criad. Como ſe chama eſte ſeu Amo?

Sanch. D. Quixote de la Mancha, para ſervir a Voſſa Mercê, que nunca tal homem naſcêra no Mundo; pois por elle tenho padecido o que Deos ſabe: baſta deixar a minha caſa com tudo quanto tinha nella.

Criad. Tendes filhos?

Sanch. Boa eſtá eſſa! Com que, deſtes annos ainda não havia de ter filhos? Tenho huma rapariga, meu amigo, que dá com a cabeça no tecto da caſa, e he mui valente, e deſem-

ſembaraçada. Quando come não uſa de cerimonias, deſpeja huma caſa com a maior limpeza do Mundo; e ſobre tudo tem o máo cheiro da boca, que he mal de que fogem todos. Quero-lhe, como aos meus olhos, que fóra da ſua viſta os vejo cheios de lagrimas.

Criad. E os meus eſtão mui cheios de ſomno: durmamos?

Sanch. Durmamos.

Carr. Como lhe vou contando a Voſſa Mercê, a Senhora a quem amo he huma Calcidéa de Vandalia, nomê ſuppoſto com que a appellido nas minhas Obras poeticas: eſta em fim me diſſe, que ſe a quiſeſſe receber por eſpoſa, foſſe pelo Mundo, e fizeſſe confeſſar, que ella era a mais bella, e formoſa Dama que havia no Orbe; tenho feito confeſſallo a muitos, e ultimamente ao grande D. Quixote de la Mancha, o qual diſſe, que minha Senhora Calcidéa de Vandalia era mais formoſa que a ſua Dulcinéa del Toboſo; com que, vencendo eu a D. Quixote, que venceo a todos os Cavalleiros do Mundo, venho a vencer a todos, vencendo a quem a elles os venceo.

D. Quix. Sem dúvida, Senhor Cavalleiro, entendo que eſtais enganado, por ſer impoſſivel que vençais a hum D. Quixote; e baſta que eu vos diga, que nenhum Cavalleiro do Mundo o póde vencer; e por vos não deſmentir, digo que algum encantador inimigo de ſua gloria tomaria a ſua fórma, para que fi-

ficando vencido, não ſe coroaſſe a fama de ſeu valor com eterno diadema; e tanto aſſim, que não há dous dias que eſtes meſmos encantadores, transformárão a Senhora Dulcinéa del Toboſo, ſendo a mais gentil deidade, que calçou Cothurno em huma Saloya çuja, hediónda, e terrivel, com que, Senhor, entendei que não venceſtes a D. Quixote verdadeiro.

Carr. Táo verdadeiro, e táo o meſmo, que mais não podia ſer.

D. Quix. Digo que tal não há; pois D. Quixote he eſte que vêdes preſente; vêde como o podieis vencer. *Levanta-ſe.*

Carr. Pois verdadeiro, ou fingido, ſempre o venci, tenho dito.

D. Quix. Pois Cavalleiro, bom remedio; em campo razo, e em ſingular deſafio veremos qual he mais valente.

Carr. E o que ficar vencido ficará ao arbitrio do vencedor.

D. Quix. Não duvido. Sancho, Sancho, acorda, que já a Aurora raſgando o manto da noite, veſte o Pólo de rubicundos adornos: Sancho, acorda.

Sancb. Senhor, Senhor, eu vos arrenego canalha: não deixareis dormir a hum pobre eſcudeiro andante?

D. Quix. Sancho, amigo, acorda, que já o Sol te dá de roſto com as ſuas luzes.

Sancb. E que tenho eu com iſſo? Senhor, Voſſa Mercê cuida que eu tambem ſou doudo co-

como Voſſa Mercê, para não dormir? Apenas tinha pegado no ſomno com as pontinhas dos dedos, quando logo mo fez largar: que quer que diga? Valha-o mil diabos.

D. Quix. Vai ſellar o rocinante, que tenho que brigar eſta manhã com aquelle Cavalleiro do boſque: anda Sancho, vai depreſſa.

Sanch. Eſtou dormindo, que he o meſmo que eſtar ninando. Ora ſalve Deos a Voſſa Mercê: ah Senhor, eu devo de ter muita cólera na barriga.

D. Quix. Porque, Sancho?

Sanch. Porque me ſabe a boca a ferro velho.

D. Quix. He porque logo havemos de brigar com eſte Cavalleiro do boſque, que o deſafiei; elle deve de ſer peſſoa particular, porque traz maſcarilha.

Sanch. Ora Senhor, cuide Voſſa Mercê n'outra couſa, brigar logo de manhã he aſneira.

D. Quix. Faze o que te digo, e não me replyques.

Traz Sancho Cavallo.

D. Quix. Cavalleiro, quem quer que ſois, já eſtamos em campo razo; vereis ſe ſou eu o meſmo D. Quixote a quem venceſtes.

Carr. Quem vos venceo transformado, melhor vos vencerá verdadeiro.

Sanch. Senhor D. Quixote, por vida da Senhora Dulcinéa lhe peço, que me ajude a ſubir naquelle zambujeiro, que quero ver touros de palanque.

D. Quix. Avançai, bom Cavalleiro.

In-

Inveſtem os Cavalleiros, e cahe Carraſco.

D. Quix. Sancho, acode, que vencemos.

Sancb. Agora ſim. Corte-lhe Voſſa Mercê logo a cabeça, pelo que *poteſt ſucedere.*

D. Quix. Tira-lhe a maſcara:

Sancb. Ah Senhor, que elle bolle; ſuba-me outra vez ao zambujeiro.

Carr. Ai de mim! Venceſte, D. Quixote: negar não poſſo, que ſois o mais valente Cavalleiro do Univerſo.

D. Quix. Haveis de confeſſar, que minha Senhora Dulcinéa del Toboſo he mais formoſa que a voſſa Calcidéa de Vandalia, tirando para iſſo a maſcara. Mas que vejo! Não ſois vós Sansão Carraſco?

Tira-ſe-lhe a maſcara.

Sancb. He boa hiſtoria! Veja Voſſa Mercê ſe não falla, como o leva o diabo de meio a meio.

Carr. Eu ſou voſſo amigo Sansão Carraſco, que quiz vir disfarçado a ver ſe vos vencia, para que aſſim tornaſſeis para caſa ſem eſſa loucura; mas já vejo que ſois verdadeiro Cavalleiro andante, e negallo não poſſo.

D. Quix. Ide em paz, e dizei a eſſe Barbeiro incredulo, que vos cheguei a vencer, para que fique deſenganado, que ſou Cavalleiro andante.

Sancb. Ide em paz, e dizei a eſſe Barbeirinho, que quem vence a hum Carraſco he o meſmo que vencer a Morte.

SCE-

SCENA V.

Mutação de ſelva, e ſahirá hum homem com hum carro, e dentro hum Leão em huma capoeira.

Hom. GRande trabalho me tem dado a conducção deſte Leão pela fragoſidade dos caminhos; e queira Deos que ſeja bem pago do meu trabalho.

Sahem D. Quixote, e Sancho.

D. Quix. Sancho Pança, não vês aquelle vulto? Pois não he menos que huma rara aventura que nos eſpera.

Sanch. Senhor, não ande cuidando niſſo, porque tudo quanto vir lhe ha de parecer aventura; pois *da imaginação naſcem as cauſas.*

D. Quix. O' Sancho, tu ſabes Filoſofia? Quem te enſinou iſſo?

Sanch. Eu meſmo: Voſſa Mercê cuida que ſou algum leigatrão? Sabe Voſſa Mercê que mais? que dentro daquella gayola vem hum formoſo Leão.

D. Quix. Hum Leão! Oh homem do Leão Da parte de Deos te requeiro que ſoltes eſſe Leão que quero brigar com elle, para o que já o eſpero á boca da capoeira.

Apea ſe D. Quixote.

Sanch. A Deos, pobre Sancho Pança! Bem aviados eſtamos: quer agora tambem brigar com Leões! *á part*

Hom. Senhor paſſageiro, requeiro a Voſſa Mercê

cê que eſte Leão he Africano, feroz, e terrivel, e que vai de preſente a hum Fidalgo que o manda o Grão Turco.

D. Quix. Que tenho eu com o Grão Turco, nem com o Fidalgo? De duas huma, ou tu has de ſoltar o Leão, ou te hei de matar; porque me diz o coração, que nelle vem transformado algum gigante.

Sancb. O' homem, tem mão, não ſoltes eſſe Leão que he mui Faraó.

Hom. Pois Voſſa Mercê quer que o ſolte? Veja lá o que diz, ao depois não ſe queixe.

D. Quix. Solta-o, não ouves?

Sancb. Tem mão, homem, não o ſoltes: ah Senhor Leão não me faça mal, lembre-ſe que já comemos, e bebemos ambos muitas vezes. Voſſa Mercê não he o Leão do Carmo? Deſgraçado Sancho Pança! Quanto melhor me fora eſtar antes enterrado em hum carneiro, que na barriga de hum Leão! Ah ſô Leão, Voſſa Mercê vem enganado; eu não fui o que o deſafiei; alli eſtá meu Amo que o chama, vá para lá, e já que eu hei de morrer, quero morrer cantando, como fez D. Cyſne das Alagoas, e talvez que eſte Leão ſeja amigo de Arias.

Canta Sancho a ſeguinte

A R I A.

Ai, que eſtou tremendo!
Ai, que já me agarra!
Oh como eſtende a garra!
Ai, ai! Tomara-me eſconder.

Vai-

Vai-te, monſtro horrendo,
Tem dó do pobre Sancho,
Recolhe o duro gancho,
Que já me faz Tremer.

Accommette o Leão a D. Quixote, e eſte o m

D. Quix. Bruto Rei das montanhas, por foges de hum Cavalleiro andante? Vem accommetter-me, e verás o meu valor.

Sanch. O' cão Leão, a elle, eſpere, que vou: victor D. Quixote.

D. Quix. Daqui em diante não quero que chamem o Cavalleiro da triſte figura, ſe o Cavalleiro dos Leões, em memoria d caſo.

Hom. Não vi mais valente homem no Mun Vou paſmado.

SCENA VI.

Mutação de boſque, e no meio haverá l monte, e hum homem, e pelo monte deſce rá D. Quixote, e Sancho Pança.

Sanch. MUi fragoſa, e eſcorregadia he terra! Muito tropeça o meu bor

D. Quix. O' villão, dizei-me, que fazeis a e que monte he eſte?

Villão. Eſte monte, Senhor, he aonde aquella célebre cova encantada, que chan a cova de Monteſinos.

D. Quix. Oh quem tivera hum theſouro dera em alviçaras! Vês aqui, Sancho, qu do dizem, vem as fortunas ſem ſer eſp

di

das ; ha quantos annos que eu andava buſcando cova donde eſtá encantado aquelle célebre Cavalleiro andante chamado Monteſinos? Pois a occaſião ſe nos meteo nas mãos, não tenho mais remedio que deſcer por ella a deſencantar eſte bom Cavalleiro.

Sancb. Tire Voſſa Mercê dahi o ſentido; ſó eſta me faltava para ſoffrer ! Que tenho eu com Monteſinos, nem elle comigo? Vá Voſſa Mercê c'os diabos ſe quizer, que eu não quero enterrar-me em vida. Ainda me lembra o Leão. *á parte.*

D. Quix. Anda, Sancho, que ſe agora não achamos a Ilha para ſeres Governador, nunca a acharemos; vem que ſerás bem premiado, pois aqui neſta cova há muito ouro, e iſto são minas encantadas.

Sancb. Huma vez que são minas eu vou, que mais val huma hora rico, que toda a vida pobre.

D. Quix. Amigo, ficai guardando eſtes animaes, e vêde ſe tendes ahi algumas cordas com que nos ateis pelas cinturas para que não caiamos, e demos lá no profundo.

Villão. Aqui eſtão, pois eu ſou o guarda deſta cova, e já eſtou aparelhado para eſte miniſterio.

D. Quix. Pois ata-nos bem; quando diſſer, larga mais a corda, vai largando.

Sancb. Tanto que tiveres deitado quatro palmos puxa logo para fóra.

D. Quix. Sancho, faze hum Acto de Contrição, e fecha os olhos. *Sancb.*

Sancb. Ora graças a Deos que vou a enter em vida ; bem fiz eu em fazer o meu T tamento. Ai, Senhor, que ahi vem hu legião de gigantes! Miſericordia meu Deo Xó diabo. A que d'ElRei, que eſtou com gralhas na alma.

D. Quix. De que te aſſuſtas? São huns paſſa nhos que vem a applaudir a noſſa entrada.

Sancb. São paſſarinhos! Oh quem me dera aqui a minha eſpingarda.

D. Quix. Amada Dulcinéa, a ti me encom mendo neſte perigoſo trance, ajudai-me a l var com paciencia eſtes rigores. Sancho, morrer, ou viver.

Sancb. Eſſa razão me encova.

SCENA VII.

Mutação de columnata, que depois ſe muda em jardim de figuras triſtes, e ſahirá Monteſinos com barbas grandes, ſotana, e gorra, e virão deſcendo D. Quixote, e Sancho.

Sancb. AH Senhor, he hum regalo vos hum homem como ſe fora pardal

D. Quix. Graças a Deos que chegámos! Vê Sancho, que admiravel palacio? Vês eſta columnas Doricas, e Corinthias? Olha eſte jaſpes: Que te parece?

Sancb. Parece-me que tudo iſto he pintado e taboa de pinho, mas ainda aſſim eu quize antes andar voando que me regala.

Hi

tro terremoto, e eſcurece tudo, ouvin-muitos ais, lamentos, raios, e trovões.

E que diz Voſſa Merce agora deſtas nnas, e deſtes jaſpes Corinthios? Se-, nós eſtamos no Inferno a bom livrar, ibellos ſe me arrepião. Ai, Senhor, não ue ſuor frio me vai dando? Eu me mi-or mim.

ix. Agora verás, ó nobre eſcudeiro San-Pança, as prerogativas de hum Caval-andante: dize-me, ouviſte contar algum a teus avós façanha como eſta? Viſte n dia em letra redonda, ou grifa dizer algum Cavalleiro o mais intrepido fizeſſe) tão ſobrenaturalmente heroica, como : com os teus olhos eſtás vendo? Viſte) valeroſo Campião me arrojei a eſta cova? Iiſo meſmo faz qualquer defunto.

c. Viſte como depois de encovado pe-i as duas entranhas deſſa penha, abrin-aminho com a eſpada na mão, derru-) montes, ou para melhor dizer, gigan-montoados, até que chegámos a eſte no?

Meu Amo he hum abyſmo. *á parte.* diga-me, Senhor, aonde eſtamos nós?

r. Eſtamos no Inferno.

Em Purgatorio eſtá quem lida com voſ-ercê; he boa graça? Com que parece-. Voſſa Merce, que iſto he Inferno? o certo he, que eſtá pouco viſto em ias de Inferno.

D. Quix. De que te eſpantas, animal?

Sanch. Porque ſou animal, por iſſo me eſpa to. Ora venha cá: quem ſe não há de e pantar de ouvir dizer a Voſſa Merce, que e tá no Inferno aſſim á chucha calláda, e t tambem, ſem me doer pé, nem mão, gr ças a Deos?

D. Quix. Sancho, eu não tenho culpa, que f jas hum ſimples eſcudeiro, ſem noticias, ne literatura; ſe tu lêras a Virgilio no ſex livro das Eneydas, lá verias, que tambe Eneas foi ao Inferno, e lá vio a ſeu p Anchiſes, e a Rainha Dido.

Sanch. Eſſa Rainha Dedo era macho, ou feme

D. Quix. Não ſe ſabe de certo; o que ſe d he, que era mulher varonil.

Sanch. Viſto iſſo era macha-femea: com q Senhor, huma vez que Eneas foi ao Infe no, vá Voſſa Mercê tambem; mas não con ta, que Eneas tiveſſe eſcudeiro, como Voſ Merce tem.

D. Quix. Ora Sancho amigo, tem valor, q agora quero tratar do deſencanto do Senh Monteſinos, que para eſſe fim fui aqui trazid

Canta D. Quixote a ſeguinte

A R I A.

O' Magia barbara
De furia indomita,
Humilha timida
O fero encanto
Do teu furor.

Que o braço rigi
Com furia riſpida
Vence colerico
A ira ingente
De teu rigor.

Tor

Torna a haver terremoto.

Sancb. Ai Senhor! Que diabo de Ilha, ou de cova he eſta? Eu nella não quero enterrar-me: vamos Senhor.

D. Quix. Sombras vás, encantadores malevolos, a pezar de, voſſos encantos hei de ver a Monteſinos. O' Monteſinos? Monteſinos?

Sahe Monteſinos.

Mont. Sejas mil vezes bem vindo, ó ſempre valeroſo D. Quixote de la Mancha, flor, nata, e eſcuma dos Cavalleiros andantes; ſó tu tiveſte valor, para me deſencantares, reſuſcitando a antiga andante Cavallaria: chega a meus braços.

D. Quix. Valoroſo Monteſinos, não tens que me agradecer eſta acção; pois o que faço por ti, faria por outro qualquer, que aſſim me inſinúão as leis da Cavallaria.

Mont. Chega a meus braços, tu célebre eſcudeiro Sancho Pança; pois tambem participas hum eſgalho deſte laurel.

Sancb. Sou criado de Voſſa Mercê: eu já eſtou deſmamado, graças a Deos; eu não quero, que Voſſa Mercê me deſmame; aſſim ſou eu aſno, que me chegue áquellas barbas! Peça de baeta animada, e eſcova vivente me parece o tal Monteſinos. *á parte.*

Mont. Já que aqui vieſtes, illuſtre D. Quixote, a deſencantar-me, peço-vos, que deſencanteis tambem a Senhora Belerma, que foi Dama do valente Cavalleiro Durorante, que por cauſa delle vive aqui encantada.

D. Quix. Por mulher, e por ſer Dama de hu tão valente Cavalleiro, me toca deſanceada la; aonde eſtá?

Mont. Agora o vereis.

Mudão-ſe os baſtidores, e apparece hum jardi com figuras de pedra, e ſahirá Belerma.

Belerm. Proſtrada a voſſos pés, valeroſo D. Qu xote, vos rendo as graças de tão generol capricho: eſcutai com melhor aceento o me agradecimento.

Canta Belerma o ſeguinte

MINUETE.

Belerma miſera — Agora em canticos
Suſpira, e ſente — Louvar procura
A morte dura — O braço ingente
De ſeu valente, — De hum glorioſo,
Galhardo amor. — Feliz, ditoſo, libertado

D. Quix. Formoſa Belerma, enxugai eſſes alj fares; não tomeis o officio da Aurora, ſe do vós hum Sol.

Sanch. Ah Senhora Belermina, de-me Voſ Mercê eſſes aljofares, para levar á minha Th reza Pança; não os deite fóra.

Torna a cantar Belerma.

MINUETE.

Quixote inelyto, — Porque ſe exalte
Em cujo peito — Já com effeito,
Cupido, e Marte — Em males tantos
Fazem perfeito — Enxugue o pranto
Laço de amor. — Que amor cauſou
Teu braço bellico,

D. Quix. Que te parece, Sancho, o que ſe e cerrava nesta cova?

Sanch

Sanch. Senhor, *palavras, y plumas el viento las lleva.* Vamo-nos, que não sei o que me adevinha o coração.

Na ultima clausula muda-se a apparencia, e ha terremoto, e levão pelos ares a D. Quixote, e Sancho.

D. Quix. Belerma, Montesinos, vêde que os encantadores me levão, para vos não desencantar; bem vistes a minha vontade.

Sanch. Ai que rica cousa! Agora sim, voemos Senhor até cahir de huma bala.

Apparece o monte em fima.

D. Quix. Oh mal hajas, infame homem, que nos tiraste da maior suavidade, e consonancia, que se póde imaginar! Por tua culpa não desencantei a Montesinos, e Belerma.

Sanch. Por tua culpa, bebado, não desencantei as minas, e a Ilha encantada: ai que estou mui cansado de voar! Diga-me, Senhor, onde está a mina, que achamos? Tudo forão voos, por isso agora tudo são penas! Diga-me Vossa Merce, que me meta eu n'outra cova! Para aqui.

D. Quix. Sancho, bem viste, que da minha parte fiz o que devia, pois destemido, e valoroso, cheguei a penetrar as entranhas desse abysmo; com que, se nesta occasião não consegui, o que desejava, em outra o conseguirei, e tu alcançarás essa tão desejada, e alta Ilha.

Sanch. Antes creio, que nunca a alcançarei.

D. Quix. Porque?

Sanch.

Sanch. Porque como ſou curto dos nôs, não poderei alcançalla pela altura dos gráos.

D. Quix. Ora anda comigo, não te agaſtes, que ſem dúvida ſerás bem premiado.

SCENA VIII.

Mutação de ſelva.

D. Quix. HA dias, que trago no penſamento huma couſa, que me tem cauſado grande cuidado: dar-ſe-ha caſo, que os meus inimigos encantadores tragão transformada a belleza da Senhora Dulcinéa em a figura de Sancho Pança! E os motivos, que tenho para iſſo, he ver a paciencia, com que eſte eſcudeiro me atura as minhas impertinencias ſem ſalario algum; e ver, que já mais foi poſſivel ver eu a Dulcinéa no ſeu original, e nativo reſplandor. Tudo póde ſer que ſeja; pois ſe lêm nos antigos livros da Cavallaria andante outras transformações de Nymfas, ainda em mais ruins figuras; qual a de Sancho Pança, e porque eſte penſamento não he fóra de conta, bom ſerá averiguallo, que a diligencia he mãi da boa ventura.

Sahe Sancho.

Sanch. Senhor, o rocinante eſtá eſperando que Voſſa Mercê o cavalgue, e tem dado taes relinchos, pullos, e ventoſidades, que ſupponho nos prognoſtica alguma boa ventura.

D. Quix. E ſe bem reparo agora nas eſtações

def-

enſanchada, ou Sancho endulcinado! Ora pois, já que quer que eu ſeja Dulcinéa, chegue-ſe para cá, que lhe quero dar dous couces.

D. Quix. Tu me queres dar couces? Agora vejo que não és Dulcinéa, pois Dulcinéa tão formoſa, e tão diſcreta, nunca podia ſer beſta, nem ainda transformada, para dar o que me offereces com a tua groſſeria.

Dentro inſtrumentos.

D. Quix. Não ouves, Sancho, huma ſuave harmonia?

Sancb. He verdade! Eſpere Voſſa Merce, que lá vem voando o que quer que he.

Deſce a Muſa Caliope em huma nuvem, e D. Quixote, e Sancho ſe lhe põem de joelhos.

D. Quix. Soberana Nympha.

Sancb. Nympha Soberana.

D. Quix. Iris deſte Horiſonte.

Sancb. Arco da velha deſte Horiſonte.

D. Quix. Que raſgando diafanos vapores.

Sancb. Que raſgando nuvens de papellão.

D. Quix. Te oſtentas Deidade.

Sancb. Te oſtentas já de idade.

D. Quix. Que queres de hum Cavalleiro andante?

Sancb. Que queres de hum eſcudeiro tolhido de pés, e máos?

Caliop. Valente D. Quixote de la Mancha, Cavalleiro dos Leões, eu ſou a Muſa Caliope, a primeira, e principal das nove, que aſſiſtem no Monte Parnaſo, aqui venho a teus pés enviada por meu Amo o Senhor Apollo, o qual como ſabe que tens profeſſado a eſtrei-

treita Religião da Cavallaria andante, he tem de obrigação o desfazer aggravos, socorrer afflictos, e reſtaurar honras perdidas, por eſſa cauſa te manda pedir encarecidamente, queiras ir ao Parnaſo, aonde ſe elle acha, cercado de huns Poetas maledicos, que o querem deſpojar do Throno; e juntamente para reformares a Poeſia, que ſe acha quaſi arruinada, para o que eu da minha parte, como tão intereſſada neſte deſempenho, te ſupplico com o ſuave de minhas vozes, pois he certo, que a Muſica tem virtude para attrahir os corações mais duros.

Sancb. Aqui nos encaixa huma Aria á queima roupa.

Canta Caliope a ſeguinte

ARIA.

Se hum gigante inficionado
Morre infame deſmaiado
Entre as máos de teu valor:
Quem havará, que te reſiſta,
Quando o teu braço conquiſta
A hum gigante diſfarçado
Entre as garras de hum Leão?

D. Quix. A difficuldade eſtá no modo com que hei de ir ao Parnaſo; pois ſei, que o meu rocinante não tem azas, como o Pégaſo.

Sancb. E o meu burro ſó tem azas nos pés para fugir.

Caliop. O modo com que haveis de ir ao Parnaſo, he deſta ſorte.

io na nuvem Caliope, D. Quixote, e Sancho, e apparece o Parnaso, e canta o.

sito: C o r o.

Attenção, silencio,
Que neste de Arcadia famoso jardim,
Se ostenta galhardo o Delfico Apollo
Em musicas gratas, em metros subtís.
Attenção, silencio,
As fontes não rião,
As aves não cantem;
Porque não perturbem do verde bicorneo
O cantico grave de Musas gentís.

S C E N A IX.

ttação de selva, e o Monte Parnaso, e Poetas.

ol. ESperai, bastardos filhos de Apollo, que cedo virá quem me vingue de ossas injúrias.

t. Já não te reconhecemos, ó Apollo, por Deos da Poesia; pois qualquer de nós he um Apollo, e cada idéa nossa huma Musa.

ol. Assim vos atreveis a profanar o decóro, ue se deve aos meus Apollineos raios?

Sahe D. Quixote, Sancho, e Caliope.

t. Toca a investir ao Parnaso.

ol. Em boa hora venhas, valente D. Quixote, que só a tua espada me póde segurar o Throno, e o laurel: vem, vem a vingar-me estes Poetasinhos, que sem mais armas, ue a sua presumpção, querem, não só competir com o meu plectro, mas ainda intentão des-

deſpojar-me do Parnaſo ; e como as armas, e as letras são tão fiéis companheiras, quero-me valer das tuas armas, para a reſtauração de minha ſciencia ; e como eſta violencia, que ſe me faz, não deſmerece os empregos da tua Cavallaria, peço-te, que me ſoccorras.

D. Quix. Senhor Apollo, eu tomo ſobre mim o ſeu deſaggravo, e já deſde agora ſe póde aſſentar bem neſſe Throno, que delle ninguem o ha de arrancar.

Sanch. Senhor meu Amo, eu cuido, que eſtou ſonhando. Que Voſſa Mercê entre no Parnaſo, não hé muito, porque he louco; porém eu, que ſendo hum ignorante, tambem cá eſteja, he o que mais me admira; e daqui venho agora a concluir, que não há tollo, que não entre hoje no Parnaſo.

D. Quix. Diga-me, Senhor Apollo; e como ſe chamão os Poetas, que tanto o perſeguem?

Apol. Eſſa he a deſgraça, D. Quixote; que os Poetas, que me perſeguem, não são de nome; e com tudo cada hum cuida que he mais do que eu meſmo.

D. Quix. Dizei-me, Poetas de agoa doce; dizei-me, raãs que graſnais no charco da Cabalina; dizei-me Cyſnes contrafeitos, que vos banhais nos lodos da Hippocrene; com que motivo quereis competir com o Deos da Poeſia?

Poet. Porque eſſe Apollo, como não inſpira, não merece o nome de Apollo; e aſſim que-

re-

os [illegible]-lhe o Parnaso, e repartillo en-
nós.

Senhor, não se meta a brigar com os
tas, que são peiores que gigantes; veja
la Mercê que elles trazem hum exercito
iz mil Romances, quatro mil Sogeros,
uras Decimas, oitenta Madrigaes, e hum
adrão de Sátyras volantes em silva, que
nha; veja bem em que se mete.

ix. Nada me assombra; porque eu só
esta espada hei de vencer a quantos Poe-
há no Mundo: Serra Hespanha, viva
llo, e morrão traidores.

, e gritos entre D. Quixote, Sancho, e
Poetas.

A elles, meu D. Quixote, que a vito-
he nossa.

A'que d'ElRei, que estou passado de
e a parte com hum Soneto em agudos!

ix. Já fugirão como mosquitos.
Avança, que com esta gente sou eu gene-

ix. Já, glorioso Apollo, pódes cantar a
ria.

Cantem as Musas, Euterpe, e Terpsicho-
meu triunfo.

Canta a Musa Euterpe a seguinte
A

De Quixote o braço forte
Se ouvirá no meu concentro;
Pois que canta o vencimento
Dessas furias de hum traidor.
Se animoso deu a morte,

A

A quem morte dava a tantos,
Viva, viva em doces cantos,
Pois que vence ao vil Pitoh:
Canta Terpſichore a ſegnime.

ARIA.

Pois vence Apollo
O monſtro altivo,
Repita Eólo
Já ſucceſſivo,
Que brilha vivo
Seu reſplendor:

E aſſim as flores
Lhe dem grinaldas
De varias côres,
Já conſagradas
A ſeu valor.

Apol. Vivas mil annos, D. Quixote; e com ſei que não militas por premio, por eſſa tan ſa te não premeio; mas na meſma acção qu obraſte tens o maior premio, como tambem agradeço a ajuda de teu criado Sancho Pança

Sanch. Valeo de muito a minha ajuda na reta guarda; aſſim em premio de meus ſerviço peço a Voſſa Paternidade, Senhor Apollo que me conceda hum lugar, o primeiro qu vagar no Parnaſo, para hum filho meu qu he mui inclinado á Poeſia, de ſorte, qu tem roido quantas unhas há em minha caſa que todos as tinhamos grandes.

Apol. Pois que officio quereis?

Sanch. Caſcavel do Parnaſo.

Apol. Eu volo dou por tres vidas.

Sanch. Em tres vidas, Senhor? Ora não há praz que não chegue! E para melhor agradecimento e em applauſo deſta victoria, já que ſou Poeta pois eſtou no Parnaſo, quero cantar o triunfo; te quem as Senhoras Muſas, e o Pegaſo faça o con paſſo.

Can-

Canta Sancho a ſeguinte

ARIA

Se hoje o meu cantar
Hum zurro ha de ſer,
Quero começar:
An, an, an, an, an.
E ſe dos Poetas
Gallo poſſo ſer,
Cantarei aqui,
Qui quiri qui,
E logo acolá
Cá cará cá;
Porque canto ſó
Có coró có:
Mas melhor ſerá,
Tornar a dizer,
O que cantei já:
An, an, an, an.

Canta o Coro, e dá fim a primeira parte.

PARTE II.

SÇENA I.

Mutação, ametade de ſelva, e outra ametade de mar, e junto á praia hum barco, e huma azenha, e no dito barco ſe embarcará D. Quixote, e Sancho, e ficarão atados o cavallo, e o burro, e a ſeu tempo ſahirão da azenha dous homens com páos nas mãos.

D. Quix. JÁ eſtamos em terra de Aragão; eſte he o famoſo Rio Ebro: da verdade, Sancho, que eſte Paiz he mui deleitavel, e ameno: que te parece Sancho? Não reſpondes? Eſtás mudo?

Sanch. Digo que não quero reſponder palavra,

e tenho dito; meta-se lá com a ſua vida, e deixe-me.

D. Quix. Sem dúvida eſtás arrependido de me ſervires?

Sanch. Como que eſtou? Mais me valêra a mim ſer Sombreiro, que he o peior officio que há no Mundo, do que ſervir a Voſſa Mercê.

D. Quix. Pois tão mal te tem ido comigo?

Sanch. Não he nada, vir eu daquella guerra do Parnaſo moido, e remoido á conta de Voſſa Mercê, e não achar eſta maldita Ilha, e ſó achar hum formoſo arrocho que me arrombaſſe as alcatras?

D. Quix. Tu tens a culpa; quem te manda ſeres fraco? Ora tem paciencia, ſoffre, que a Ilha algum dia apparecerá; mas eſpera, não vês nas margens do Rio hum barco atado ſem vélas, nem remos?

Sanch. E por final que he Caſſilheiro.

D. Quix. Sabes aonde eſtamos?

Sanch. Sei muito bem.

D. Quix. Aonde?

Sanch. Eſtamos no Theatro do Bairro Alto.

D. Quix. Pois ſabe que eſtamos, metidos na maior empreza do Mundo.

Sanch. Bem aviados eſtamos: não digo eu que Voſſa Mercê he doudo confirmado?

D. Quix. Sancho, aquelle barco, que vês atado áquelle álamo não eſtá álli ſem grande myſterio.

Sanch. He porque Voſſa Mercê de tudo faz myſterio, e ſabida a conta não he nada.

D.

D. Quix. Alguma peſſoa eſtá em grande perigo de honra, ou vida; pois coſtumão muitas vezes os Aſtros arrebatarem os Cavalleiros andantes dentro em alguma nuvem, ou pôr-lhe hum barco á viſta para que ſe embarquem, e indo pelo rio abaixo por ſi meſmo o barco, lá vai dar aonde há o perigo: com que, Sancho, ata os cavallos a eſſe tronco, e metamo-nos no barco, e vamos a acudir a eſſa grande neceſſidade.

Sancb. Deixe-me Voſſa Mercê fazer primeiro as minhas, que he razão que acuda primeiro ás minhas neceſſidades do que ás alheias.

D. Quix. Vamos, Sancho, que aqui a dilação he perigoſa.

Sancb. Deixe-me Voſſa Mercê primeiro ourinar para irmos na maré do mijo.

D. Quix. Deixa, Sancho, as chançonetas, ata os cavallos, e embarquemo-nos.

Sancb. Senhor, conſidere Voſſa Mercê o que faz, olhe que andar pelo mar não he o meſmo que andar pela terra; tome exemplo na diſcretiſſima Raposa que nunca ſe quiz embarcar, donde ficou impreſſo na memoria dos homens o ditado: *Por onde anda a Raposa*; com que, Senhor, montemos, e fujamos deſte barco á véla, e a remo.

D. Quix. Olha, Sancho, as Ilhas não ſe achão por terra, ſenão no mar, e talvez que para teu bem eſteja aqui eſte barco como quem diz: Embarca-te, Sancho, que has de achar huma Ilha.

Sancb. Com que os barcos tambem fallão?

D. Quix. Iſſo he figura que tu não alcanças; ſegue-me, que eu me embarco já.

Sancb. Senhor, eu já eſtou reſoluto a morrer afogado; vamos com Deos, mas parece mui grande tyrannia deixar o meu burro, fiel companheiro de tantos annos, a quem devo mais do que a meu pai, e a minha mãi.

D. Quix. Bem podes eſtar ſeguro, que a meſma peſſoa que pôz aqui eſte barco terá cuidado de nos guardar os animaes, que aſſim o contão, as Hiſtorias impreſſas.

Sancb. Huma vez que eſtá em letra redonda, ſem dúvida que ſe ha de cumprir á riſca: Deos ſeja comigo.

Ata Sancho o cavallo, e o burro, embarcão-ſe, e logo irá o barco pelo Rio abaixo até chegar á azenha, e zurra o burro.

Sancb. Ah burro do meu coração! Bem te entendo o que queres dizer neſſe zurro, mas não te poſſo ſer bom; tem paciencia, que bem ſei que em deixar-te dei c'os burros na agoa.

D. Quix. Vê, Sancho, a ſerenidade com que anda eſte barco!

Sancb. Senhor, eu já eſtou enjoado, apare lá que quero vomitar. *Vomita.*

D. Quix. Quando nada, Sancho, eſtamos junto á linha, e temos andado quatrocentas legoas Turqueſcas, que fazem das noſſas novecentas e meia.

Sancb. Como póde ſer iſſo, ſe não temos andado

dado duas braças, e tanto, que ainda alli ſe eſtá vendo o meu burro, e o ſeu rocinante?

D. Quix. Calla-te, que tu não entendes da Nautica; ſe tu ſouberas o que são coluros, trópos, linhas, zodiacos, e baleſtilhas, tu víras claramente o quanto temos andado.

Sancb. Ora com termos andado tanto ainda não encontrámos nenhuma Ilha para eu governar?

D. Quix. Calla-te, que até o fim ninguem ſe póde chamar deſgraçado.

Sancb. Sim, Senhor, pela regra geral, que diz que ſempre atrás há forvas.

D. Quix. Lá ſe deſcobre, Sancho, hum Caſtello encantado; alli ſem dúvida eſtá a affligida peſſoa que buſcamos: que felicidade!

Sancb. He verdade, mas eu cuido que he a Ilha; vamos a ella.

Chegão ao pé da azenha, e abrindo-ſe a porta ſahirão huns homens com varas na mão empurrando o barco.

Hom. Voſsês vem doudos, homens do diabo? Aonde querem meter eſte barco? Não vem que iſto he huma azenha donde a agoa corre tão furioſa, que deſpenhará, e deſpedaçará eſſe barco nas pedras da mó? Arreda para lá.

D. Quix. Olha os gigantes encantadores: ó canalha, largai a quem tendes prezo neſſa torre, ſenão com eſta eſpada reduzirei a cinza a todos.

Sancb. Senhor, que nos perdemos ſem remedio, o barco com a correnza da agoa vai

levado para dentro das pedras. Ai! Ai, que ſe vira!

Com muita gritaria de todos ſe vira o barco, e D. Quixote, e Sancho vem nadando até chegar á praia donde eſtão os cavallos, e o barco dará na praia, e nella fica virado.

Sancb. Ai, que me afogo, Senhor! Briguemos agora com as ondas.

D. Quix. De boa eſcapámos, Sancho, beijar quero a terra, que me livrou da morte.

Sancb. Senhor, beije-me aqui que tudo he terra: ai, ainda não creio! Diga-me por vida ſua: ainda eſtamos no rio, ou já eſtamos em terra firme?

D. Quix. Graças a Dulcinéa, que eſtamos livres do perigo. Oh malevolos encantadores, que me perſeguís por mar, e terra, ſó por não livrar aos miſeraveis afflictos!

Sancb. O que eu ſentia não era o morrer, era morrer afogado em agoa, podendo morrer afogado em vinho; e tu, burro dos meus olhos, dá-me mil abraços, e dous beijos, que já cuidava que te não via mais em minha vida.

Sahem dous homens com páos nàs mãos.

Hom. Quem fez aquillo no meu barco?

Sancb. Ninguem fez aquillo por vida minha, e cheire-o Voſſa Merçê, e verá.

Hom. Hão de pagar-me o meu barco, ſenão com eſte varapáo lho tirarei do corpo, magranos vádios.

D. Quix. O' canalha rude, ó vil proſapia de Acheronte, aſſim ſe falla com os Cavalleiros andantes? Tomai. *Sancb.*

Sanch. Ai, que eſtou varado! Confiſsão; que me alombárão.

SCENA II.

Mutação de montaria de caça com caçadores; hum Fidalgo, e huma Fidalga, &c.

Fidalgo. SEm dúvida, Senhora, que eſtimarei que neſte dia todos os brutos ſe proſtrem rendidos, para que tenhais o divertimento que pertendeis.

Fidalga. Bem conheço, Senhor, que o voſſo intento não he outro mais que o buſcares occaſiões com que me divirta da cruel melancolia que me perſegue.

Fidalgo. Se bem que eſcuſadas erão as armas, pois á viſta deſſa belleza quem não cahirá morto? E a terem os brutos noticia da voſſa vinda a eſte monte, elles meſmos buſcarião o encontro para terem a fortuna de ſerem deſpojos do voſſo braço.

Fidalga. Senhor, deixemos por ora liſonjas; pois bem reconheço o que tenho em mim, e o que me fazeis he naſcido mais do voſſo capricho que do meu merecimento; mas ſe me não engano lá vejo vir dous Cavalleiros.

Fidalgo. Muito eſtimo, pois elles nos ajudarão a paſſar a tarde na caça para que os convidaremos.

Sahem D. Quixote, e Sancho a cavallo.

Sanch. Ora graças a Deos, que eſtamos entre animaes: diga Voſſa Mercê agora que iſto tam-

tambem he encanto, e que aquella moceto-na que alli eſtá, e mais aquelle rufião, que são gigantes.

D. Quix. Sancho, eu não ſou tão tollo como me fazes, bem ſei o que he caçada, e o que são gigantes; aquella deve ſer alguma gran-de Senhora que anda caçando; he forçoſo que a vamos comprimentar: pega no eſtribo que eu me apeio.

Sanch. Vá deſcendo, que eu lhe vou pegar na eſpóra.

Ao apear-ſe D. Quixote, cahe do cavallo, e Sancho tambem ao apear-ſe fica debaixo do burro, e acode o Fidalgo, e a Fidalga.

D. Quix. Sancho de todos os diabos, eſcudeiro infernal, acode-me, que fiquei deſcompoſto.

Sanch. Pois eu fiquei compoſto, que fiquei cu-berto com a albarda do burro.

Fidalgo. Senhores, tenhão mão, levantem-ſe.

Fidalga. Honrado Cavalleiro, dai-me cá a mão; levantai-vos.

D. Quix. Diana deſtes boſques, por caçadora, e por Planeta, ſe a medicina da quéda havia de ſer tão ſoberana, não me arrependo de haver cahido, e mais quando o cahir aos pés de voſſa grandeza, he levantar-me ao au-ge da maior felicidade.

Fidalga. Sois diſcreto.

Sanch. Só eu cahi no que era caça; digo, Senhora, que o cahir aos pés de voſſa magní-fica, e excellencial Altura, foi porque cahi do meu burro com a preſſa de ir pegar no eſ-

tri-

tribo a meu Amo ; mas vejo agora que ſe hum burro me derruba , huma jumenta me levanta.

Fidalgo. Como vos chamais , honrado Cavalleiro ?

D. Quix. D. Quixote de la Mancha.

Fidalgo. Que dizeis? Não ſabeis o quanto eſtimo ver-vos ; pois ha muito tempo que a fama do voſſo nome tem grangeado a attenção de toda Heſpanha.

Fidalga. Marido , eſte he o célebre D. Quixote? Temos muito que rir , e nós o faremos mais doudo. Vós não ſois por outro nome o Cavalleiro da triſte figura ?

D. Quix. Algum dia tive eſſe appellido , mas agora depois que matei hum Leão me chamo o Cavalleiro dos Leões.

Fidalga. E vós não ſois Sancho Pança ?

Sanch. Por meus negros peccados : Oxalá que nunca o fora.

Fidalga. Sancho , não vos agaſteis , que daqui em diante achareis em mim o amor de mái , e vos quero para meu perrexil.

Sanch. Para perrexil! Iſſo não ; ſe Voſſa Altura me quer para alcaparra , com muito boa vontade.

Haverá muita gritaria , e ſahirá hum porco que dá com Sancho no chão , e D. Quixote o mata.

D. Quix. Eſpera , cerdoſo bruto , que te farei humilhar aos pés deſta deidade.

Sanch. O' minha Senhora , diga áquelle javalí que eſteja quieto , e que não entenda comigo. Ai , Jeſus! (*Cahe.*) Ah Senhora ? Ah Senhor

nhor D. Quixote ! Ai , que me deſmaio !

D. Quix. Senhora, já morreo o bruto ; ſinto não ſer hum gigante para o pôr aos pés de Voſſa Grandeza.

Fidalga. Sancho , Sancho , bem pódes tornar em ti que o javalí já eſtá morto.

Sanch. Huma vez que eſtá morto mande-o guiſar que o comerei a bocados.

Fidalga. Sancho , não cuidei que ereis tão fraco.

Sanch. Senhora , iſto não he fraqueza he medo. Tomára que Voſſa Altura me tirára o quebranto , que não poſſo acabar comigo ſer valente huma vez ſequer ; digo que o tenho , porque me vejo quebrantado.

Fidalgo. Senhor D. Quixote , Voſſa Mercê ha de ſe ſervir de vir para meu Palacio deſcançar hum par de dias.

D. Quix. Mercês de Senhores não ſe rejeitão ; hirei para criado deſſa nobre caſa.

Fidalga. Sancho , vós haveis de fazer hoje penitencia comnoſco.

Sanch. Iſſo não ; penitencia faça-a quem quiſer , que eu ainda me não acho com a idade preciſa. Vamos comer alguma couſa.

SCENA III.

Mutação de Sala, onde eſtará huma meza com cadeiras.

Fidalgo. SEnhor D. Quixote, ſente-ſe na cabeceira da meza.

D. Quix. Iſſo não; Voſſa Grandeza ha de aſſentar-ſe que em tudo tem o primeiro lugar.

Fidalgo. Voſſa Mercê he que tem o primeiro lugar neſta caſa, ſente-ſe.

Sancho. A'cerca diſſo contarei huma hiſtoria que ſuccedeo não há vinte annos. Convidou hum Fidalgo do meu lugar, mui rico, e principal, porque deſcendia do Nepruno do Rocio, que caſou com D. Rigueira das Fontainhas, que foi filha de D. Chafariz de Arroyos, homem ſobretrancão, e ſecco, o qual ſe afogou em pouca agoa, por cauſa de hum furto que lhe fizerão, de que ſe originou aquella célebre pendencia das enxurradas, na qual ſe achou preſente o Senhor D. Quixote que veio ferido em huma unha; não he verdade, Senhor?

D. Quix. Acaba já com eſſa hiſtoria antes que te faça callar.

Fidalgo. Deixe Voſſa Mercê fallar a Sancho que góſto muito de ouvillo, que he mui diſcreto.

Sancho. Diſcretos annos viva Voſſa Altura: como vou contando, vai ſenão quando..... Aonde hia eu, que já me eſquece?

Fidalgo.

Fidalga. Na pendencia das enxurradas.

Sancb. Ah, ſim, lembre-me Deos em bem; eſte Fidalgo que eu conheço como as minhas mãos, porque da ſua á minha caſa não ſe metia mais que huma eſtrebaria, convidou, como vou dizendo, eſte Fidalgo a hum Lavrador pobre, porém honrado, porque nunca pario.

D. Quix. Acaba já com eſſa hiſtoria.

Sancb. Já vou acabando: chegando o tal Lavrador a caſa do Fidalgo convidador que Deos tenha a ſua alma na Gloria, que já morreo, e por final dizem que tivera a morte de hum Anjo, mas eu me achei preſente, que tinha ido não ſei donde.

D. Quix. Por minha vida que acabes, ſenão te moerei os oſſos.

Sancb. Foi o caſo, que eſtando os dous para ſentar-ſe á meza, o Lavrador porfiava com o Fidalgo, que tomaſſe a cabeceira da meza, o Fidalgo porfiava tambem que a tomaſſe o Lavrador, tem daqui, tem dalli, até que enfadado o Fidalgo diſſe ao Lavrador: aſſentai-vos, villão-ruim, aonde vos digo; porque onde quer que eu me aſſentar, eſſa he a cabeceira da meza. Entrei por huma porta, ſahi por outra, manda ElRei que me contem outra.

D. Quix. Tu mo pagarás, Sancho, por eſtas; bem te entendi a hiſtoria.

Sancb. Mate-me Deos com quem me entende. Senhor, faço ſaber a Voſſa Altura que o Senhor D. Quixote meu Amo, me tem pro-

me-

metido huma Ilha para eu ſer Governador della, e até aqui vivo em eſperanças; mande Voſſa Altura que ma faça boa, ſenão não o quero mais ſervir.

Fidalga. Eu vos prometto dar huma Ilha; por tão pouco não vos vades do ſerviço de voſſo Amo.

Sancb. Senhora, ſe tal Ilha alcanço não ſe me dá de quantos Reinos tem o Mundo.

Fidalga. Fazei hum memorial, e nelle vos deſpacharei.

D. Quix. Que importa que Voſſa Grandeza faça a Sancho a mercê da Ilha para governalla, ſe elle nega haver amor?

Sancb. E que tem cá o amor com a Ilha?

D. Quix. Homem, ſe não tiveres amor como has de governar bem aos moradores della?

Sancb. Venha a Ilha, que eu terei amor aos meus ſubditos, e lhe farei muito bem a caridade.

D. Quix. Iſſo ſim; mas tu negas que ha Dulcinéa, e aſſim negas que ha amor.

Sancb. Eu não nego que há Deidades a quem ſe deve render tributo no templo da formoſura, mas que haja Dulcinéas *ex parte objecti* concedo, *à parte rei* nego; e mais de que, para moſtrar o que he amor, melhor me explicarei cantando.

Canta Sancho a ſeguinte

ARIA.

Vírão já voſsês hum gato,
Que miando pela caſa,

Tu-

Tudo atranha, tudo arraza;
E caçando o pobre rato,
Eſte gincha, que o não rapé;
Dalli diz-lhe a moça *çapé*,
E o gato reſponde *miáu*,
E a Senhora grita *xó*?
Deſſa ſorte, amor tyranno
Faz das unhas duras fléchas,
Que atrepando da alma ás bréchas
Corações, froſſuras, bofes,
Come, engole, e faz em pó.

Haverá dentro terremoto, e ſahirá hum Diabo a cavallo em hum burro.

Diabo. Qual de vós he D. Quixote de la Mancha?

D. Quix. Sou eu, que me quereis?

Diabo. Qual he Sancho Pança?

Sanch. Não ſou eu; que me quereis?

Diabo. Diga ſob pena de morte.

Sanch. He eſte criadinho de Voſſa Mercê.

Diabo. Pois eſperai aqui ambos, que vem Merlim tirar do deſencanto a Senhora Dulcinéa del Toboſo. *Vai-ſe.*

Sanch. Eu não vi Diabo mais cortêz! Eſte Diabo devia ſer bem criado, e filho de bons pais, porque trata a Dulcinéa por Senhora.

D. Quix. Oh quem ſe víra já na tua viſta, amada Dulcinéa!

Fidalga. A logração vai ſahindo boa; mui tolo he o tal D. Quixote, e o criado! *á parte.*

Sa-

Sahirá hum carro donde virá Merlim com barbas, e Dulcinéa, e outras figuras, trazendo vélas acêzas nas mãos.

D. Quix. O' Sancho, tal eſtou de contente, e alegre, que tenho eſte dia pelo mais feliz de quantos tem havido.

Sancb. Senhor meu Amo, Voſſa Mercê não vê lá em ſima do cocuruto do carro huma couſa como eſpantalho de figueira?

D. Quix. Sim, que ſerá aquillo?

Sancb. Que ſerá? He a Senhora Dulcinéa del Toboſo; não diga nada a ninguem.

D. Quix. Aì, Sancho amigo, he poſſivel que os meus olhos tiverão tal fortuna, que chegárão a vêr aquella belliſſima, formoſiſſima, altiſſima, e ſapientiſſima Dulcinéa del Toboſo, inveja de Venus, e ardor de Cupido?

Sancb. Tomára ter dous ovos para frigir em meu Amo, que ſe eſtá derretando como manteiga.

Dulc. D. Quixote, Athlante do valor, columna do templo de Marte, non plus ultra das valentias, braço direito de Aquiles, coração de Pirrho, tu, que ſabes entreſachar as delicias de Venus com os rigores de Marte, he chegada a occaſião de me deſencantares, e livrares do poder deſtes magos encantadores, que por tua cauſa, e por emulação do teu valor me tem encantado.

Sancb. He láſtima! Senhor, acudamos, que a pobre Senhora eſtá poſta na eſpinha. Coitadinha! Coitadinha!

Dulc.

Dulc. Eſtás mudo ? Não me reſpondes , D. Quixote ? Ora já que o teu amor te não move , movão-te as minhas lagrimas miſturadas com o terno de minhas vozes.

Canta Dulcinéa a ſeguinte

ARIA.

Que importa , que a huma féra
(Ai , infeliz !) Tu venças ,
Se as iras immenſas
De hum monſtro cruel , irado ,
Não pódes ſuperar ?
Porque o valor galhardo ,
Que adorna tanta eſféra
He injúria ao teu ſer ,
Se a mim , que ſou mulher ,
Não ſabes libertar.

D. Quix. Senhora , atéqui eſtive arrebatado á eſféra de tua formoſura , por cuja cauſa não te reſpondi ; não quero dizer por palavras o meu offerecimento , e ſó por obras quero ſignificar o quanto devo fazer por ti , que és o eſpirito que me animas no corpo de minha alma : dize o que queres que eu faça para livrar-te deſſe encantamento ?

Sanch. São mãos perdidas ; agora ſim , que ſe Voſſa Mercê brigar com trezentos gigantes , digo que fará muito bem , porque a occaſião veio a pedir de boca , e a Senhora Dulcinéa he comezinha.

Dulc. D. Quixote , já me vai entrando o accidente encantado , que me impede o fallar ; pois ſó tenho licença para iſſo hum quarto de ho-

hora, e aſſim o Senhor Merlim te dirá quem ha de ſer o inſtrumento do meu deſencanto, o como, e o quando.

D. Quix. Oh que dor! Agora lhe deu o encantado accidente na boca para não fallar.

Sanch. Se foi na boca o accidente, ſeria de gotta coral, porque ella a tem bem vermelha.

Merl. D. Quixote valente, eſta que vês he a tua amada Dulcinéa., que por teu reſpeito a quero deſencantar; mas ha de ſer levando Sancho Pança trezentos açoutes bem puxados.

Sanch. Diga-me, Senhor Merlim, que tem o meu cú com o deſencanto da Senhora Dulcinéa?

Merl. Aſſim o diſpõe os Aſtros, e os fados o determinão.

Sanch. Pois entenda que ficará encantada para ſecula ſeculorum, que livre eſtá que eu me açoute por ninguem.

D. Quix. Sancho, coração de pedra, alma de cantaro, entranhas de pedernal, não te movem aquellas lagrimas? Leva os açoutes por tua vida, tem laſtima daquella flor, que apenas naſceo no jardim da belleza logo encontrou deſmaios nos encantos.

Sanch. A'que d'ElRei, digo que me não quero açoutar; açoute-ſe Voſſa Mercê já que he penitente de amor.

D. Quix. Meu Sancho, meu fiel amigo, deixa-te açoutar; iſſo que vem a ſer? Não negues huma couſa que eſtá na tua mão.

Sanch. Na minha mão nego, no meu cú mais depreſſa.

Fidalga.

Fidalga. Quem não he para aturar treze açoutes, menos aturará o pezo do gov de huma Ilha; ide, que fois para poi villão-ruim: que fazeis vós em fazer o vos pede huma Dama afflicta?

Sancb. Senhora, não tem remdio? Se nafci ra ſer deſgraçado venhão eſſes açoutes diabos: ai, deſgraçada Ilha, que tanto cuſta! Ah Senhor Diabo, haja-ſe com c paixão comigo, que eu lhe prometto ſe eſcapo deſta hum cú de ſorvas com mc ras de paparraz. Ai! hum, dous, vinte cú da minha alma! *Leva Sancho os aço.*

D. Quix. Calla-te, Sancho, calla-te, que j vai; és fiel companheiro.

Sancb. Sou hum dardo para elle, valha-o ſei que diga. Olhe, Senhora Dulcinéa, taes tenho as bebas para mor de Voſſa M

Merl. Já Dulcinéa eſtá deſencantada, graç Sancho Pança.

Fidalgo. Para bem vos ſeja, Senhor D. (xote, o deſencanto da Senhora Dulcinéa

D. Quix. Será para que Voſſa Grandeza tenha huma criada para o ſervir.

Fidalga. Ora Sancho Pança, na verdade fizeſtes huma acção a mais louvavel qu póde conſiderar, digna de ſe eſtampar cortiça com letras de alvaiade: logo lo vos mando ſer Governador deſſa Ilha; que eſpero de vós me façais bons ſervi pois ſois homem de eſperanças.

Sancb. Serviços de eſperanças são verdes, enu que a Ilha ſerá nas Caldas.

D. Quix. Sancho, vê que vás a governar; olha que deves ter diante dos olhos a Juſtiça.

Sanch. Sim Senhor, eu logo a mando pintar, e a porei diante dos olhos.

D. Quix. Não te corrompas com dadivas.

Sanch. Eu me ſalgarei para me não corromper.

D. Quix. Sancho, em duas palavras: Amar a Deos, e ao teu proximo como a ti meſmo.

Sanch. Amen.

SCENA IV.

Mutação de Sala de azulejos. Sahem varias danças, hum Meirinho, hum Eſcrivão, e dizem: Viva o noſſo Governador Sancho Pança.

Sanch. EM fim, não há couſa neſta vida que ſe não vença com trabalho. He poſſivel que me veja eu feito Governador! De verdade parece-me que eſtou ſonhando. Ora o certo he que não ha couſa como ſer eſcudeiro de hum Cavalleiro andante! Ah ſô Meirinho, endireite eſſa vara, e não ma troça á juſtiça; ſaiba Deos, e todo o Mundo que me quero pôr recto com a ſua eſpada.

Meir. Ora já que Voſſa Mercê fallou em eſpada, e Juſtiça, diga-me, porque pintarão a Juſtiça com os olhos tapados, eſpada na mão, e balança na outra, pois ando com eſta dúvida, e ninguem ma póde diſſolver, e ſó Voſſa Mercê ma ha d'explicar como ſabio em tudo?

Sanch. Que me faça bom proveito; dai-me ar-

tenção, Meirinho. Sabei primeiramente q
iſto de Juſtiça he couſa pintada, e que
mulher não ha no Mundo, nem tem carn
nem ſangue, como v. gr. a Senhora Dulcir
del Toboſo, nem mais, nem menos; j
rém como era neceſſario haver eſta figura
Mundo para meter medo á gente grande, (
mo o papão ás crianças, pintárão huma m
lher veſtida á tragica, porque toda a Juſti
acaba em tragedia, tapárão-lhe os olho
porque dizem que era veſga, e que me
hum olho por outro; e como a Juſtiça ha
de ſahir direita, para não ſe lhe enxergar eſta fa
lhe cobrirão depreſſa os olhos. A eſpada
mão ſignifica que tudo ha de levar á eſpad
que he o meſmo que a torto, e a direito.
Doutores que fallão neſta materia não dec
rão ſe era eſpada colobrina, loba, ou de
liga; mas eu de mim para mim entendo q
deſta eſpada a folha era de papel, os ter
de Infantaria, os cópos de vidro, a m
de craveiro, e o punho ſecco; na outra m
tinha huma balança de dous fundos de n
lancia como a dos rapazes; não tem fi
nem fiador, mas com tudo dá boa conta
ſi, porque eſta moça ſe não tem quem a
ſencaminhe he mui ſizuda. Algum dia po
eu lêr de ponto neſta materia, porque
poſſo dizer que criei a Juſtiça a meus
tos; mas as Cavallarias do Senhor D. Quix
fizerão-me com que techaſſe os livros, e
ſembainhaſſe as folhas.

Me

Meir. Já entendo o enigma; posso agora mandar vir os feitos para a Audiencia?

Sancb. Oh magano! Feitos na Audiencia! Aqui he Secreta? Como se chama esta Ilha?

Escr. A Ilha dos Lagartos.

Sancb. Pois quando a crismatem mudem-lhe o nome, e chame-se a Ilha dos Panças em memoria da minha barriga. Pergunto mais: a quanto está a canada de vinho?

Meir. A seis vinteis.

Sancb. Logo, logo com pena de morte se ponha a dez reis; não quero que por falta de vinho deixe de haver bêbados na minha Ilha; mandai vir as partes para a Audiencia.

Sahe hum homem.

Hom. Senhor Governador?

Sancb. Que quereis ao Senhor Governador?

Hom. Senhor Governador peço Justiça.

Sancb. Pois de que quereis que vos faça Justiça?

Hom. Quero Justiça.

Sancb. He boa teima! Homem do diabo, que Justiça quereis? Não sabeis que ha muitas castas de Justiça? Porque ha Justiça direita ha Justiça torta, ha Justiça vesga, ha Justiça cega, e finalmente ha justiça com velidas, e cataratas nos olhos?

Hom. Senhor, seja qual for, eu quero Justiça, Senhor Governador.

Sancb. Huma vez que quereis Justiça: O' lá, ide-me justiçar esse homem em tres páos.

Hom. Tenha mão, Senhor Governador, que eu não peço Justiça contra mim.

Sanch. Pois contra quem pedís Juſtiça ?
Hom. Peço Juſtiça contra a meſma Juſtiça.
Sanch. Pois que vos fez a Juſtiça ?
Hom. Não me fez Juſtiça.
Sanch. Atéqui ao que parece, o voſſo requerimento he de Juſtiça ; ora andai, dizei de voſſa Juſtiça em tres dias.
Hom. Iſſo he muito ſummario.
Eſcr. Senhor, não ſaberemos o que pede eſte homem ?
Sanch. Homem, que he o que pedís ?
Hom. Peço recebimento, e cumprimento de Juſtiça.
Sanch. E de que comprimento quereis a Juſtiça ?
Hom. Seja do comprimento que for, que eu com tudo me contento.
Sanch. O' Meirinho, ide á gaveta da minha papeleira de chorão da India, e entre varias bugiarias que lá tenho tirai huma Juſtiça pintada que lá eſtá, e dai-a a eſte homem, e que ſe vá embora.
Hom. Senhor, eu não quero Juſtiça pintada.
Sanch. Pois beberrão, não ſabeis que não ha neſta Ilha outra Juſtiça ſenão pintada ? O' Meirinho, lançai-me eſte bebado pela porta fóra, que nenhuma juſtiça tem no que pede.
Hom. Vio-ſe maior injuſtiça ! *Vai-ſe.*
Sabe o Meirinho trazendo prezo hum homem.
Meir. Senhor, eſte Taverneiro foi agora apanhado neſte inſtante deitando agoa em huma pipa de vinho ; que ſe lhe ha de fazer ?
Sanch. Agoa em vinho ! Ha maior inſolencia !

O'

O' homem do diabo, e não te cahio hum raio neſſa mão? Logo ſeja enforcado ſem appellação, nem aggravo, tenho dito.

Tav. Senhor, eſte Meirinho mente.

Sancb. Iſſo he outra couſa; huma vez que o Meirinho mente, ide-vos embora; mas ouvís? Mandai-me hum almude deſſe vinho, que quero ver ſe tem agoa.

Tav. Viva Voſſa Mercê muitos annos. *Vai-ſe.*

Sahe huma Mulher.

Mulh. Senhor Governador, venho queixar-me a Voſſa Mercê de huma inſolencia.

Sancb. Como pede, ide-vos embora.

Mulh. Se Voſſa Mercê ainda me não ouvio como já me deſpacha?

Sancb. Pois eu não poſſo deferir ſem ouvir-vos?

Mulh. Senhor, foi o caſo: Eu ſou huma moça donzella, e ſolteira, fui peccadora, cahi na tentação do diabo; hum magano.... já Voſſa Mercê me entende, e agora diz que não quer caſar comigo.

Sancb. Pois não caſeis vós com elle, que eſſe he o maior deſpique que ha neſta vida.

Mulh. Senhor, eu quero caſar, mas elle não apparece, ſupponho que fugio.

Sancb. O' lá, metão eſſa Mulher na cadêa com huma corrente ao peſcoço, e grilhões aos pés, bem carregada de ferros até apparecer o homem com quem ella quer caſar.

Mulh. Senhor, iſſo he contra a Juſtiça, veja Voſſa Mercê que eu ſou huma mulher que nunca fui preza.

Sancb.

Sanch. Tenho feito de conta; que mais?

Hom. Que indo eu andando, andando, andando.

Sanch. Ainda não acabaſtes de andar? Arre lá com tal andar! Sois mui bom para andarilho.

Hom. Indo pois andando.

Sanch. Andai, homem, iſſo já eſtá dito, não me façais eriar apoſtemas, que os inſtantes que tardo em dar execução á juſtiça, são eternidades de penas que me encaixais nas ilhargas.

Hom. Quando eu, eis que hia andando manſo, e pacifico ſem fazer mal a ninguem, eſtava hum burro atado a huma porta, quiz paſſar, pedi-lhe licença, não me reſpondeo; tornei-lhe a pedir com palavras cortezes, e levantando os pés do chão peſpegou-me com duas pelotas de ferro bem na boca do eſtomago, de ſorte que me fez deitar a bóſta pela boca. Eſte he, Senhor, o caſo; ſupplico a Voſſa Mercê que não fique ſem caſtigo eſte inſulto.

Sanch. Não ficará por certo, e juro á fé de eſcudeiro andante, e pelas ramélas de minha muito deſprezada Mulher a Senhora D. Thereza Pança, que ha de ver o Mundo o exemplar caſtigo de tanta culpa.

Hom. Ai, Senhor Governador, aqui, aqui bem na boca do eſtomago he todo o meu mal.

Sanch. Vêde lá não ſeja iſſo fome? A graça he que ſe aſſim como o eſtomago tem boca, tivera dentes, que o tal burro lhe deitava os dentes fóra. Dizei-me, homem: eſſe jumento

to que vos deu os couces de que tamanho ſerá?

Hom. Eu não tenho aqui com quem o comparar.

Sancb. Olhai bem para mim; ſerá da minha eſtatura?

Hom. He o que póde ſer.

Sancb. Bem eſtá; pois vá o Meirinho com voſco, e cheguem-ſe ao burro de manſinho, e digão-lhe: prezo da parte do Senhor Governador; e bem atarracado o tragão aqui perante mim.

Vão-ſe o Meirinho, e o Homem, e trazem o burro.

Meir. Eis-aqui o delinquente prezo, que me cuſtou bem a agarrallo.

Hom. Senhor Governador, eſte hè o agreſſor, e eſte he o que me ferio, ponha-lhe a lei ás coſtas.

Sancb. Vejão Voſſas Mercês quem anda perturbando a Républica! Dize, burro de Satanás: que mal te fez eſte homem para o maltratares deſta ſorte? O diabo do burro não reſponde, certos são os touros! Elle que ſe calla commetteo o delicto, aſſim como nós aqui eſtamos. Como te chamas, burro? De quem és? Donde moras? Quem he teu pai? Que dizes? A nada o burro ſe move; deve ſer burro velho, pois ſe cerra á banda, e não quer fallar. Ó' Meirinho, vós conheceis acaſo eſte burro, que ſois mais veterano neſte Paiz?

Meir. Com que Voſſa Mercê ſe eſtá fazendo de

de novas? Voſſa Mercê não conhece que eſte he o ſeu burro, ou o ruço por alcunha? Iſto he mal permittido, que talvez o burro fiado em Voſſa Mercê ande fazendo eſtes inſultos. Agora veremos a ſua Juſtiça. *á parte.*

Sanch. Ha maior deſgraça! Ai, burro da minha alma, quem te diſſera a ti que eu havia de ſer o meſmo que te ſentenciaſſe? Por iſſo ao entrar me deitou huns olhos como quem me dizia que me houveſſe com elle com compaixão. Não tem remedio, hei de ſentenciarte; o que poderei fazer he não dar execução á ſentença. O' lá, ninguem ouça iſto. *á p.*

Hom. Senhor, deſpache-me Voſſa Mercê, quando não farei hum deſatino.

Sancho. Para que ſaiba o Mundo a minha inteireza, e incorruptibilidade, oução todos, que ainda com ſer o burro meu lhe dou a ſentença ſeguinte.

Vai dictando Sancho a ſentença.

Viſto eſte burro, accuſação do Author, provas dadas por huma, e outra parte, moſtra-ſe, que hindo o Author roçando-ſe pelo pé delle Réo burro, que por nome não perca, alçando o pé eſquerdo deſpedio hum couce, que pregando na barriga delle Author, ſalvo tal lugar, o eſtendeo como hum cação; e porque conſta da fé do Meirinho que preſente eſtá, e não me deixará mentir, que o dito Réo burro trazia eſcondido no pé huma ferradura de ferro, e como ſemelhantes armas ſejão prohibidas, e defezas, por ſerem armas cur-

cuttas, mando que elle dito Réo burro seja desferrado, e vá passear sem albarda pela feira das bestas, exposto á vergonha dos mais burros seus camaradas, para que se lhe faça a face vermelha, por me constar que he burro de vergonha. Item, que não possa ser pai de burrinhos, nem que se deite a lançamento. Item, que seja lançado á margem na Cotovia, onde não comerá senão relva, ou cascas de melão, e melancia, como burro de Agoadeiro, e pagará as custas, e todas as perdas, e damnos em que o condemno, &c. Ilha dos Panças alagartados, &c.

Todos. Viva o nosso Governador Sancho Pança, viva para exemplo dos Ministros, e honra das Ilhas.

Sancb. Bem folgo que vejais a minha inteireza, pois com ser o burro meu, e tendo-lhe tanto amor, não foi este bastante para deixar de fazer Justiça. Agora quero escrever huma carta a minha Mulher. O' Escrivão, escrevei lá; ponde em sima a Cruz dos quatro caminhos, e huma alampada accêza.

Escr. Senhor, para que he a alampada?

Sancb. Sois asno? Donde vistes vós Cruz sem alampada?

Escr. Está posta,

Carta que vai dictando ao Escrivão.

Sancb. Minha Thereza, já sabereis que vos diria o diabo que estou feito Governador em corpo, e alma; mas com me ver levantado do chão hum covado não he razão que o meu amor

amor conjugal vos falte com o debito de mí-nhas letras, (tres pontos, e quatro vingulas) porque vós bem ſabeis que quando no taboleiro do goſto eſcolho o trigo do voſſo carinho, lanço fóra a eſvilhaca da ingratidão; pois joeirando as finezas fica crivado o peito da correſpondencia; porém indo meu amor á atafona dos extremos, alli ſe desfazem em pó as caricias do coração; e furrando-me o atafoneiro da diſtancia as maquias da voſſa viſta, peneirão os meus olhos lagrimas, e com ellas amaſſando a farinha da mágoa no alguidar da ſaudade, levão em creſcimento o ſuſpiro, até que tendendo-ſe na taboa dos rigores vai para o forno das penas, e alli ſe coze com o fogo do deſejo; e dando ao moço a merendeira do pezar, guardo o pão azedo de voſſa lembrança no armario de minhas memorias. (ponto de interrogação.) Em fim, Mulher, tenho determinado que andeis em coche vós, e minha filha, a quem peço ſe lembre que tem hum pai Governador. Ahi vos mando eſſes caramujos, e eſſe ſacco de arêa, que he o que há neſta Ilha; graças a Deos, que ainda nos dá mais do que merecemos. O burro fica bom, e ſe recommenda com muitas lembranças, e diz, que hajais eſta por voſſa, que não vos eſcreve por ter huns cravos em huma mão, que lhes fez hum ferrador em humas bulhas que tiverão. Vêde ſe preſto para alguma couſa, que vo-la hei de fazer. Ilha dos Lagartos. Voſſo Ma-

ri-

rido, ſe quizeres. Sancho Pança, Governador.

Eſta Carta ſerá logo entregue.

Meir. Sim Senhor. Ora baſta já de deſpacho; não queremos que Voſſa Mercê ſe eſfalfe; nem tudo ſe ha de levar ao cabo; venha Voſſa Mercê jantar, que o Conſelho deſta Ilha tem preparado hum magnífico banquete para Voſſa Mercê nas caſas da Camera.

Sancb. Meirinho, jantar de Camera ſerá de couſa que já foi jantada, e aſſim vêde lá o que dizeis.

Meir. Se Voſſa Mercê o não quer na Camera ſerá aqui meſmo, e vamos, que depois havemos hir rondar a Ilha.

Sancb. Vamos nós reconhecer os pratos, e daime de jantar, ſeja aonde for, porque o ventre *non patitur moras.*

Meir. Vamos. *Vão-ſe.*

SCENA V.

Mutação de Sala. Eſtará huma meza mal ordenada com huma garraſa em ſima; eſtarão hum Medico, e hum Cirurgião, dous Rebecas, e hum Rebecão, e ſahem Sancho, Meirinho, e o Eſcrivão.

Sancb. QUem te diſſera a ti, pobre Sancho Pança, que da ruſtica choupana de tua Aldêa havias de chegar a tanta honra! Sem dúvida, que o apparato deſta meza he digno de jantar nella hum abſoluto Principe?

Se

Se iſto he no preparatorio, que ſerá na
dea! Ai, esfaimado Sancho Pança, deſta
tirarás o ventre de miſeria; quem me dera
neſta occaſião ſete bocas, dez gorgomillo
quatro ordens de dentes, e oito bandulh
para devorar, e engolir tanta comezana!

Meir. Senhor Governador, ſente-ſe Voſſa Mer

Sanch. O' meu rico Meirinho do meu coraçá
dizei-me quem são eſtes dous bigorrilhas?

Meir. Eſte he o Medico, e eſte he o Cir
gião, que ambos coſtumão aſſiſtir nos b
quetes que ſe dão aos Governadores por gr
deza, e eſtado.

Sanch. Eu lhe perdoára o eſtado, com tan
que a grandeza ſó fora no comer. E que
são eſtes de cabelleira loura muito bulliçoſo

Meir. Eſtes são os que tangem varios inſtr
mentos em quanto ſe come para excitar o a
petite.

Sanch. Eu eſcuſo acepipes para comer, pois
tenho para ſeis bois.

Tocão os inſtrumentos muito deſafinados.

Meir. Que tal tangem?

Sanch. Eſſa tocata he de rigor, parece feita p
ſolfa.

Med. Senhor Governador, ora por vida ſi
que nos faça a honra de comer; faça-nos e
te goſto por quem he.

Sanch. Não he neceſſario tanto rogo; eſte M
dico tem feição. *á part*

Med. Primeiramente, Senhor Governador, l
de Voſſa Mercê comer com parcimonia.

Sanch.

Sancb. Parcimonia he couſa de comer?

Med. Parcimonia he comer com temperança.

Sancb. Iſſo de temperos pertence ao coſinheiro.

Med. Temperança por outro nome he o meſmo que comer pouco, e com regra; pois conforme a melhor opinião dos modernos, o muito comer eſtraga a natureza.

Sancb. Ainda eſta he peior! Ora digo-vos que ſois hum aſno. O comer muito he proveitoſo para a barriga, porque ſe enche; pois conforme a melhor Filoſofia *non datur vacuum in rerum natura*, e aſſim hei de comer.

Cirurg. Senhor Governador, com licença de Voſſa Mercê, antes que coma he preciſo fazer huma diligencia do meu officio da Cirurgía.

Sancb. Entendo que eſte banquete tem algum apoſtema que o Cirurgião quer tambem meter a tenta; vamos lá, que he iſſo?

Cirurg. Quero endireitar-lhe o peſcoço, tenha-o ſempre direito, não o troça quando comer, porque facilmente póde quebrar alguma veia.

Sancb. Não me deixareis comer como eu quizer? Que tendes que eu coma torto, ou direito? Vós cuidais que eſta he a primeira vez que eu como na minha vida?

Med. Senhor, huma couſa he comer como eſcudeiro, e outra como Governador; e como tal queremos que Voſſa Mercê coma como manda a arte Medica, e Cirurgica; pois a conſervação da ſua vida nos importa em muito, como unico refugio em que ſe eſtriba a noſſa eſperança.

Sancb.

Sanch. Seja o que vós quiſereis, e deixai-me comer; venha a ſopa.

Med. Iſſo he ſopa? Nada, fóra! Não coma Voſſa Mercê ſopa, que he muito nutritiva, geradora, damnoſa, ſanguinaria, e lhe póde reſultar hum eſtupor.

Sanch. Com que a ſopa faz eſtupor? Vós he que ſois o eſtupor da ſopa. Hei de comella, mas que me dem duzentos eſtupores.

Med. Requeiro a Voſſa Mercê da parte da ſaude, que não coma ſopa, que neſta Ilha a ſopa prova muito mal.

Sanch. Iſſo he porque voſsês não ſabem provar bem a ſopa.

Med. Ora Senhor Governador, deixe Voſſa Mercê iſſo, pois não falta comer em que Voſſa Mercê ſe poſſa fartar; coma eſſe prato de aſſado.

Cirurg. Não, com licença de Voſſa Mercê, Senhor Doutor, tambem agora não he lícito que o Senhor Governador coma aſſado, que lhe póde ferir a garganta, pelo torrado do forno, e pela acrimonia do molho.

Med. Pois não coma aſſado ſe a Cirurgia aſſim o manda.

Sanch. Com que voſsê, Senhor Doutor, he Juiz da conſciencia da minha barriga? Eſtá galante hiſtoria dizer lá o bigodes do Cirurgião, que o aſſado faz mal á garganta!

Meir. Senhor Governador, o que os Senhores dizem tudo he para ſeu bem, e elles que o dizem bem o entendem.

Sanch.

Sancb. Meirinho, eu ſempre ouvi dizer que quem te dá o oſſo não te deſeja ver morto, e eſtes Fyſicos não ſó me não dão a carne, mas tambem me não dão o oſſo, e ſenão dizei-me, para que me convidárão eſtes Senhores ſe me não deixão comer?

Med. Eſſa he boa! Nós lhe prohibimos o que he nocivo; ahi não faltão manjares para Voſſa Mercê comer.

Sancb. Ora eſtá bem, vamos comendo eſtas perdizes.

Med. Tá tá; perdizes por nenhum caſo, ſão perniciofas á vida do homem.

Sancb. A'que d'ElRei, Senhores: há quem tal diga da perdiz, que ſe come com a mão no nariz, por ſer tão excellente, que he neceſſario apertar-ſe o nariz para que não entre por elle?

Med. Senhor Governador, dê-me attenção. A perdiz, como diz Averróes, he muito indigeſta: *Omnis ſaturatio mala, perdix autem peſſima.*

Sancb. Ora Senhores, deixem-me já por caridade comer aquelle prato de vaca, para conſolação deſta pobre pança; pois ſempre ouvi dizer a meu Amo, que *vacare culpæ, magnum eſt ſolatium.*

Med. Olhe Voſſa Mercê, Senhor Governador, não duvidamos que a vaca he generoſo alimento, porém como Voſſa Mercê ainda não comeo couſa alguma, não he licito que coma vaca eſtando em jejum, porque a vaca he

alimento mui forte; e como o eſtomago eſtá fraco, peleja o forte com o fraco, e he forçoſo que fique o fraco vencido, e do vencimento póde reſultar a morte mui facilmente.

Sanch. Viſto iſſo tambem eſtou inhabilitado para comer vaca?

Med. Por ora ſim.

Sanch. Que por ora, ſe eu por inſtantes me eſtou deſmaiando com fraqueza? Deixem-me comer aquelle prato que alli eſtá, que morro com fome.

Med. Senhor, eſtá louco? Quer comer pratos? Não vê que he de eſtanho, e que lhe póde fazer huma grande obſtrucção na barriga?

Cirurg. Ui, Senhor, eſtanho não he bom para o eſtomago, nem derretido quanto mais cru.

Sanch. Ora iſto he já pouca vergonha; hei de comer o que eu quizer, pois ſou Governador em chefe com mero mixto imperio neſta Ilha, e ſeus arredóres.

Med. Senhor, tenha mão.

Sanch. Sim, tenho mão para vos dar muita bofetada a vós, Medico de ourinas, e a vós, Cirurgião de trampa.

Meir. Senhor, não coma, que lhe póde fazer mal, que o dizem os Senhores.

Sanch. Se o comer faz mal, tambem o não comer o faz, e ſe hei de morrer de não comer, quero morrer comendo: Morra Martha, morra farta.

Haverá grande bulha ſobre o comer, ou não comer.

Med. Acudão todos, que o Senhor Governador ſe quer matar por ſuas mãos.

Re-

Rebecas. Senhor, pague-nos Voſſa Mercê, que aqui eſtivemos para tanger rebecas.

Sanch. Iſſo era pagar os açoutes ao verdugo.

Todos. A'que d'ElRei ſobre o Governador, que nos não quer pagar.

Cirurg. A'que d'ElRei ſobre o Governador, que ſe quer matar pelas ſuas mãos.

Sanch. A'que d'ElRei, que me querem matar á fome.

Meir. Vamos rondar a Ilha, que he já noite.

Sanch. Não quero rondar, leve o diabo a Ilha; há aqui perto alguma taverna?

Eſcr. Ora vamos, que ao depois ſem que o Medico, nem o Cirurgião faibão, lhe daremos bem que comer.

Sanch. Vêde lá o que dizeis.

Eſcr. Tenho dito, e fie-ſe em mim.

Sanch. Ora vamos rondar; mas eſperai, e ſe acharmos alguns Marujos que nos quebrem os narizes, que conta havemos dar de nós?

Meir. Por iſſo meſmo, para os prender.

Sanch. Iſſo he o meſmo que quebrar hum olho a mim para tirar dous a meu contrario; não Senhor, deixe Voſſa Mercê patuſcar a quem patuſca; já que o não podem fazer de dia deixemo-los patuſcar de noite que he ſua, e ninguem lha póde tirar por força.

Meir. Vamos, Senhor, ſenão daremos com Voſſa Mercê fóra daqui.

Sanch. Vamos, mas olhe que lhe digo, que eu vou como quem vai para a forca.

436647

SCENA VI.

Mutação de caſas. Eſtarão alguns rebuçados; e ſe canta o oitavado, e ſahem Sancho, e os Meirinhos rondando.

Sanch. AGora me lembra o meu tempo, quando eu namorava a minha Thereza, iſſo erão canas! Dei-lhe huma vez hum deſcante que fazia bailhar as tripecinhas: o demo da rapariga era eſquiva como não ſei que; huma vez pedi-lhe que me deixaſſe beijar-lhe a mão, e virou-me o rabo com tanta galantaria, e gentileza, que lho beijei cuidando que era a mão; cantava-lhe o meu oitavado do Inferno, que era como eſtar hum homem com as vozes do meu canto a dar c'o corpo á ſola.

Meir. Vamos prender eſſes maganos.

Sanch. Deixai-os, Meirinho.

Meir. Senhor, iſto he hum deſaforo, andar deſinquietando as moças honradas que eſtão em caſa de ſeus pais.

Sanch. Dizeis bem: O' lá, ó Senhores eſquinados, voſsês bem podem namorar ſem deſinquietar as raparigas.

Eſcr. Voſsês não tem reſpeito á Juſtiça? Váoſe logo embora.

Sanch. O' filhos, não deis eſcandalo á viſinhança, nem deis motivo a diſturbios com voſſos divertimentos, quando não farei Juſtiça.

Hom. Vamos dar outro deſcante pela parte do quintal.

Meir.

Meir. Alli eſtá hum vulto naquella eſquina; reconheça Voſſa Mercê quem he.

Sanch. Como o hei de reconhecer, ſe elle eſtá embuçado?

Meir. Por iſſo meſmo.

Sanch. Ah Senhor, deſembuce-ſe lá, olhe que o quero reconhecer; ai, que já o reconheci!

Meir. Quem he?

Sanch. He hum homem que eſtá embuçado.

Meir. Pergunte-lhe quem he, da parte do Senhor Governador.

Sanch. Quem he, da parte do Senhor Governador?

Hom. Que lhe importa?

Sanch. Não diſſe eu que ſe havia de agaſtar? Voſsês não querem tomar o meu conſelho.

Meir. Torne-lhe a perguntar.

Sanch. Quem he, da parte d'ElRei?

Hom. He a perra que o pario.

Sanch. Ai, que he minha Mãi! Mas ella já morreo; ſerá a ſua alma que me vem ver. Diga por vida ſua, quem he?

Hom. Sou ſua avó torta.

Sanch. Mente, magano, que minha avó não era torta, nem na minha geração houverão tortos; torto ſerá voſsê.

Meir. Venha prezo da parte d'ElRei.

Hom. Digo que não quero ir prezo.

Sanch. Voſsê não quer ir prezo? Olhe bem o que diz.

Hom. Não quero, tenho dito.

Sanch. Pois vá-ſe embora.

Meir.

Meir. Que quer dizer não quero ir prezo ? Venha logo.

Sanch. Meirinho , vós sois terrivel ; se o homem não quer ser prezo , para que o havemos levar contra sua vontade ? Não vêdes que póde dar huma força de nós.

Meir. Ora isso he já pouca vergonha ! Ha de vir desta sorte.

Hom. Venha para cá , que eu o enfiarei.

Puxão pelas espadas , e foge Sancho.

Sanch. Pés para que te quero ! Lá vai o Meirinho c'os diabos ; de boa escapei eu ! *Vai-se.*

Meir. Ah Senhor Governador ?

Sanch. Não deixaráõ a este pobre Governador lograr o seu governo descançado na cama com as pernas para o ár.

Meir. Senhor Governador ?

Sanch. Mudos sejais vós todos os dias da vossa vida ; arre lá com o salvaginha ! Bate que parece que piza esparto.

Escr. Vossa Mercê não ouve , Senhor Governador ?

Sanch. Isso he tollice , pois se eu ouvíra não houvera responder ?

Meir. Ora ouça , que estou batendo.

Sanch. Com a motinada do bater não ouço nada.

Meir. Pois já não bato , ouça Vossa Mercê.

Sanch. Huma vez que não bateis entendo que não quereis entrar.

Escr. Vossa Mercê parece que não ouve ?

Sanch. Não poderei ser surdo se quizer ? Olhem que está boa.

Meir. Senhor , que está a Ilha cercada de inimigos , acuda Vossa Mercê.

Sanch.

Sancb. A Deos, minhas encommendas; lá vai o pobre Sancho Pança deſta bolada.

Eſcr. Senhor, venha defender a Praça, ſaia-nos a governar como bom Capitão.

Sancb. Mandai cantar a Ladainha de todos os Santos, e vereis como ſe vão.

Meir. Ora iſto he já pouca vergonha, lá vai a porta dentro.

Sahe Sancho.

Sancb. Eſperem, que eu lá vou para fóra. Voſsês eſtão aqui há muito tempo?

Meir. Ha mais de duas horas.

Sancb. Porque não fallavão? Eu adevinho? Pois que temos?

Eſcr. Eſtamos perdidos.

Sancb. Alguem nos achará.

Meir. Inimigos na Ilha; acudamos a defendella.

Sancb. Pois façamo-nos ſeus amigos, e dizei-lhe que entrem.

Eſcr. Pelejemos, Senhor.

Sancb. Iſſo he mais; eu ſou cá eſpadachim? Não baſta que elles briguem?

Meir. Senhor, que já elles ahi vem, vamos ſahir-lhe ao encontro.

Sancb. Tomara-me não encontrar com ſemelhante gente; vão voſsês brigar ſe quizerem, que eu fico governando a Ilha.

Eſcr. Senhor, que vem paſſando tudo a cutélo, defendamo-nos.

Sancb. Iſſo he outra couſa. O' lá, todos os noſſos Soldados ſe ponhão em ala com as máos atadas para trás, para que logo ſejão de-

degollados, e quando os inimigos vierem ninguem lhes faça mal; deixem-lhe tomar a Ilha, que mais val tomada que perdida.

Meir. Vamos, Senhor.

Sahem alguns homens.

Todos. Morra Sancho Pança. Vitoria.

Sanch. Morra muito embora, com tanto que me não matem.

Todos. Eſte he o Governador, venha prezo.

Cahe Sancho no chão.

Sanch. Eu quero morrer antes que me matem.

Todos. Elle eſtá morto, enterre-mo-lo.

Sanch. Peior eſtá eſta; quem lhe diſſe a elles que eu queria que me enterraſſem?

Todos. Levemo-lo a enterrar.

Sanch. Não, eu não ſou morto de ceremonias, eu hirei meſmo por meu pé.

Todos. Peguem nelle.

SCENA VII.

Mutação de jardim aonde eſtarão o Fidalgo, a Fidalga, e D. Quixote.

D. Quix. SEnhora Excellentiſſima, Fidalguiſſimo Senhor, não ſei aonde pertendem chegar voſſas grandezas com tantas liberalidades, quantas são as com que tratão a hum Cavalleiro andante! Algum dia saberei pagar tantos beneficios, pois tambem os Senhores não ſe livrão de eſtarem encantados.

Fidalga. Senhor D. Quixote, ainda fazemos pouco, ſegundo o que merece hum Cavalleiro andante como Voſſa Mercê. *Fi-*

Fidalgo. Se a minha caſa não eſtivera tão empenhada, Voſſa Mercê víra o noſſo primor.

Sahe Sancho.

Sancb. O diabo leve a Ilha, e mais quem me mandou para ella.

Fidalgo. Que he iſſo, Sancho Pança? Que conta me dais da minha Ilha?

Sancb. Aonde eſtá a galantaria de me mandar Voſſa Reverencia a ſer Governador de huma Ilha arreita a inimigos? Elles lá ficáo a paz, e a ſalvo, e eu vim fugindo a unha de burro.

Fidalgo. Pois não a ſoubeſte defender.

Sancb. Defendi-a até a ultima gotta de ſangue, e até me fiz morto a ver ſe elles fugião, mas os malditos não tem medo de defuntos.

D. Quix. Vai-te, cobarde gallinhola; iſſo he o que aprendeſte do meu valor ha tantos annos na eſcóla da minha milicia? Não te hei de ver mais a cara. Que ſe ha de dizer de mim ſe tu dás má fama do meu valor?

Fidalga. Senhor, os accidentes da fortuna não ſão deſluſtres do valor; iſto podia acontecer ao mais valente.

Sancb. Iſſo eſtava eu para o dizer agora, e tirou-me da boca o que eu já tinha entre os dentes.

Sahe hum Eſcudeiro.

Eſcud. Senhor D. Quixote de la Mancha, a Senhora Condeſſa Trifalde pede licença para fallar a Voſſa Mercê.

D. Quix. Dizei-lhe que entre, com licença dos Senhores.

Cond.

Cond. Senhor, aos pés de Voſſa Mercê buſca remedio huma deſgraçada Condeſſa, á qual vive encantada ha vinte annos com tal extravagancia dos encantadores, que tendo eu o melhor carão me fizerão creſcer na cara as maiores barbas que nunca ſe vírão em homem algum, e aſſim ſó o voſſo valor me póde deſencantar.

Sancb. Eſta he mulher de bigode.

D. Quix. Senhora, menos rogo, que eſſe baſtava para vos deſencantar.

Cond. Pois eu chamo hum cavallo no qual ſubireis á região etherea a deſencantar-me, e voſſo criado Sancho Pança ha de ir nas ancas.

Sancb. Senhora Condeſſa Trifraldas, eu ſempre ouvi dizer que o dar vinha nas ancas do prometer; eu já eſtou deſenganado do que dão de ſi eſtes deſencantos; com que, ſem que me paguem não vou, mais que me frijão.

Cond. Dou-te huma joia, que val mil moedas, que tambem eſtá encantada.

Sancb. Pois eu vou deſencantar a joia, e meu Amo a voſſa barbaridade.

Canta a Condeſſa Trifalde a ſeguinte

ARIA.

As nuvens com ventos
Soberbos, violentos,
Me tragão voando
Hum bello cavallo,
E nelle montado
Dom Quixote vá.
Tambem Sancho Pança
Chegue a montallo;
Porque deſta ſorte
Se veja a mudança
Do roſto, que he morte,
Se barbas ſe dá.

Nas

Nas ultimas clauſulas da Aria deſce o cavallo, e montão D. Quixote, e Sancho Pança.

Sancb. Não lhe aperte muito o freio, que he doce da boca.

D. Quix. Já paſſámos a região aeria.

Sancb. Aerio eſtá Voſſa Mercê. Eſte cavallo anda, que parece que voa. Para a carga! Eſte cavallo como vai pelo ár tem muita ventoſidade.

D. Quix. Eſta he a região do fogo, já eſtamos perto.

Cabe o cavallo com D. Quixote, e Sancho.

Sancb. Eſta he a região da terra; ai, que quebrei as coſtellas! Ai, Senhora Condeſſa, ou Senhora alcofa, aonde eſtão as moedas?

Cond. Senhor D. Quixote, já eſtou deſencantada, vivais muitos annos; Sancho Pança, as moedas hão de vir para o tempo dellas; a Deos.

Sancb. Há maior inſolencia! Tu és aſno, Sancho? Pois leva, leva. Senhor, eu me reſolvo a ir para a minha Aldèa ſangrar-me, e purgar-me; pois tenho levado tantas quédas de deſgraça, ſem que pudeſſe ter quéda com a fortuna.

D. Quix. Senhores, Voſſas Grandezas me hão de dar licença, que não he razão eſteja aqui tanto tempo ſem ir deſencantar outras peſſoas, viſto ter já deſencantado eſta Condeſſa.

Fidalga. Não poſſo eſtorvar a Voſſa Mercê eſte louvavel exercicio das ſuas Cavallarias.

Fidalgo. Viva mil annos o Senhor D. Quixote por tantos deſencantos.

D. Quix.

D. Quix. Senhores, iſto em mim ſempre foi obrigação. Sancho, vai ſellar os cavallos.

Sancb. Vamo-nos já deſta caſa encantada.

SCENA VIII.

Mutação de boſque. Sahem Sansão Carraſco, D. Quixote, e Sancho, os dous primeiros a cavallo.

Carr. AGora veremos ſe deſte ſegundo deſafio tenho a fortuna da minha parte, e darei quanto poſſuo ſe chegar a vencer agora a eſte D. Quixote, para ver ſe lhe poſſo tirar da cabeça a eſte louco a loucura que tem emprendido. Eu te prometto que tu fiques deſenganado, e por eſtes par de annos não montarás a cavallo. Oh ſe quizera a ventura que agora o encontraſſe! Mas ſe me não engana a viſta, lá vejo vir hum Cavalleiro; elle he ſem dúvida, apreſſar-me quero. (*Sabe D. Quixote.*) Se ſois Cavalleiro andante brigai comigo.

D. Quix. Como, ſe o ſou? Não ſó comvoſco brigarei, mas com mil de vós.

Sancb. Máo, iſto he caſo penſado, e rixa velha.

Carr. Inveſti, Cavalleiro.

D. Quix Inviſto. *Cabe D. Quixote.*

Sancb. Oh deſgraçado, aqui vierão ter fim as tuas Cavallarias andantes! Ah Senhor, não o mate por vida ſua, deixe-o para tronco dos Cavalleiros andantes.

D. Quix. Eſtou vencido; nem ſempre a fortuna me havia de ſer favoravel. *Carr.*

Carr. Pois eſtais vencido, mando-vos que não tomeis armas por eſpaço de dez annos, e vos recolhais a voſſa caſa.

Sancb. Oh nunca ta mão doa! Bem hajas.

D. Quix. Como bom Cavalleiro devo obedecer; dizei-me quem ſois?

Carr. Eu ſou Sansão Carraſco a quem venceſtes já huma vez; agora quizerão os Aſtros que eu vos venceſſe, para que vos recolhais em paz para a voſſa caſa, que aſſim mo pedio voſſa Sobrinha.

Sancb. Ora, Senhores, acabou-ſe a valentia de D. Quixote, graças a Deos! Tirei bom fruto delle; bem me diſſe a minha filha ao deſpedir-me. Com que agora dando fim a eſta verdadeira Hiſtoria hirei cantando.

Tão alegres que viemos,
E tão triſtes que tornámos:

Canta o Coro como no principio.

F I M.

ESO-

ESOPAIDA, OU VIDA DE ESOPO, OPERA,

QUE SE REPRESENTOU no Theatro do Bairro Alto de Lisboa no mez de Abril de 1734.

ARGUMENTO.

ESopo Filosofo, sendo cativo, ou escravo de Zeno, foi vendido a Xanto, Filosofo Atheniense, o qual estimou muito a Esopo por ser gracioso, e sabio. Este servindo a seu Senhor Xanto em a Cidade de Athenas, veio sobre a mesma Cidade ElRei Cresso de Lidia com hum grande exercito. Foi insinuado pelo Oraculo de Jupiter, que Esopo como sabio fosse o Director da defensa dos Athenienses, e com seus ardís os livrou, dando o Povo a Esopo a liberdade em beneficio da Patria. Casa Periandro com Filena, filha de Xanto. ElRei Cresso pre-

premeia os grandes merecimentos de Esopo, fazendo-o Governador da Cidade, e levanta o cerco. O mais se verá em o contexto da Historia.

INTERLOCUTORES.

Cresso,	Rei de Lidia.
Zeno,	Filosofo, Senhor de Esopo.
Xanto,	Filosofo.
Periandro,	Discipulo de Xanto, amante de Filena.
Ennio,	Discipulo de Xanto.
Temistocles,	Senador.
Filena,	Filha de Xanto.
Euripedes,	Mulher de Xanto.
Geringonça,	Criada de Euripedes.
Esopo,	Filosofo.
Soldados, e Coro.	

SCENAS DA I. PARTE.

I. Mutação de Praça com casas, e huma feira com gente.
II. Mutação de Camera.
III. Mutação de Sala.
IV. Mutação de Camera.
V. Mutação de Mar.
VI. Praça. Mutação de noite.
VII. Mutação de Exercito.
VIII. Mutação de Templo.

SCE-

SCENAS DA II. PARTE.

I. *Mutação de Selva.*
II. *Mutação de Arraial.*
III. *Mutação de Selva.*
IV. *Mutação de Camera.*
V. *Mutação de Arraial.*
VI. *Mutação de Pateo eſcuro.*
VII. *Mutação de Camera.*
VIII. *Mutação de Arraial.*
IX. *Mutação de jardim.*
X. *Mutação de Sala.*

PARTE II.

SCENA I.

Depois de cantar o Coro deſcobre ſe a Praça com fonte, e haverá como huma feira com grande concurſo de homens, e mulheres, e hirão ſahindo Zeno com os dous Eſcravos, e Eſopo mais atrás.

Zen. NOTAVEL dia de feira para hum homem ganhar com eſtes tres eſcravos ſequer duzentos por cento, que não he uſura! Oh queira Jupiter que não chova! Não me dirás, Eſopo, já que és tão prezado de reſpondão, porque quaſi ſempre em todas as feiras chove?

Eſop. Iſſo tem pouco que ſaber, porque como quaſi ſempre as feiras ſe fazem nos Rocios, por força ſe hão de molhar, ou rociar as feiras.

Zen. Que depoſitaſſe a Providencia em vaſo tão toſco huma alma tão perfeita como a deſte Eſopo!

1. *Eſcr.* Para que nos trará noſſo Patrão hoje á feira? Iſto he novidade.

2. *Eſcr.* E o que mais me faz deſconfiar he o veſtir-nos com roupas novas, e trazer-nos mui Franças. Que dizes, Eſopo, que ſerá iſto?

Eſop. De ſorte, meus amigos, que ſegundo a

Hom. He huma folha velha.

Eſop. Folhinha velha, iſſo he do anno paſſado, não me ſerve para eſte; quero huma folhinha para eſte anno que vem, com hum eclipſe de eſtocadas.

Hom. Não me entende? Digo que tem aqui huma eſpada velha.

Eſop. Peior; eu não quero ſenão huma eſpada nova, e vem cá o Senhor á feira com huma eſpada velha!

Hom. Vá-ſe dahi, que não entende de eſpadas, ahi tem rócas, vá comprallas.

Eſop. O homem não tem ſizo. *á parte.* Pois fia voſsê de mim, que não entendo de eſpadas? Pois ſaiba que meu pai foi hum ferro velho, e quando me gerou na bainha de minha mãi naſci eu tão eſpadaúdo, que cuidou a Comadre que era eu hum peixe eſpada, e por final, que com poucos dias de naſcido me punhão á cabeceira huma eſpada núa por amor das bruxas.

Hom. Paſſa fóra, carcunda; onde levas a merenda ás coſtas?

Eſop. A das coſtas he minha, e a que eſtá mais abaixo he para voſsê.

Outr. Fóra Poeta.

Eſop. Olha tu, não te faça huma finalefa na cara, e hum Poema de pés quebrados.

Zen. Valha-te o diabo, maldito, não te callarás, que és aqui a fabula do povo?

Eſop. Pois ſe eu ſou a fabula do povo tambem o povo he a fabula de Eſopo.

Mulh.

Mulb. Aqui tem boas couves, menino; merque comigo.

Esop. Deveras, que a menina das couves não he máo repolho para a panella do amor.

Mulb. Olhai quem falla em amor! Tira-te lá; espantalho, não me enguices a venda.

Esop. Eu nunca vi Venus com venda. Vem vossês, esta couveira me ha de enterrar no cemiterio dos seus olhos, que são dous valentes cameiros.

¶. *Escr.* Dize-lhe dessas.

Esop. Xiton, que ahi vem nosso Patrão direito como hum fuso; esperem, esperem, que elle lá vai para a feira das bestas. Ah Senhor, aonde vai? Tambem Vossa Mercê se quer vender?

Zen. Que dizes, bruto?

Esop. Que? Arre para cá, não se troque Vossa Mercê, ao depois não o poderemos conhecer, e quando não ponha hum sinal na orelha, e vá-se.

Zen. Como te tenho por bobo, tens licença para tudo.

Sahem Xanto, Periandro, e Ennio com vestidos talares.

Xant. Nesta mesma variedade confusa se alimenta a potencia visiva.

Periand. Senhor Mestre Xanto, sobre isso da potencia visiva tinha eu hum argumento, e muito forte.

Xant. Periandro, fique-vos de advertencia, que nem todo o lugar he para todas as cousas;

nas

nas praças vende-ſe, e nas Aulas argumenta-ſe.

Ennio. Diz bem o noſſo Meſtre; vós, Periandro, ſois terrivel.

Periand. E vós, Ennio, tambem me quereis reprehender? He o que me falta!

Zen. Senhor Filoſofo, Voſſa Mercê por ventura quererá comprar algum deſtes eſcravos?

Xant. Eu ſó venho comprar hum jumento para a nora da minha quinta.

Eſop. Eu nunca vi Filoſofo com quinta. *á p.*

Xant. Porém ſe com tudo mo accommodar no preço, não ſe me dá de comprar hum eſcravo. Anda tu cá; que ſabes fazer?

1. *Eſcr.* Tudo.

Xant. E tu?

2. *Eſcr.* Eu tudo ſei fazer.

Periand. Quem tudo ſabe, nada ſabe.

Xant. E tu, monſtro, que ſabes fazer?

Eſop. Nada, graças a Deos.

Xant. Homem, (ſe he que o és) he poſſivel que não ſaibas fazer couſa alguma?

Eſop. Senhor, não ſe admire Voſſa Mercê, que como eſtes meus companheiros tomárão por ſua conta o fazer tudo, não ficou para mim nada.

Periand. Que diz Voſſa Mercê da repoſta, Senhor Xanto?

Xant. Eſtá com ſubtileza: Oia dize-me; como te chamão?

Eſop. A mim chamão-me como me querem chamar; não ha meia hora que huns me chamárão Poeta, e outros carcunda.

Xant.

Xant. Pergunto o teu nome.

Eſop. Eu, Senhor, com perdão de Voſſa Mercê chamo-me Eſopo.

Xant. Donde naſceſte?

Eſop. Do ventre de minha mãi.

Xant. Não me entendes? Em que lugar naſceſte?

Eſop. Tambem não me diſſe minha mãi ſe me pario em lugar alto, ou baixo; mas cuido que foi ahi a algures ao pé de alguma couſa.

Periand. Ennio, o eſcravo tem atacado ao Filoſofo noſſo Meſtre.

Xant. Ou és mui ſimples, ou mui velhaco; pergunto-te, de donde és natural?

Eſop. A'que d'ElRei, Senhor, eu ſou legitimo, não ſou natural.

Xant. Valha-te Deos; aonde he a tua patria?

Eſop. Iſſo he outra couſa; ſou de donde me vai bem, que ahi he a minha terra.

Xant. Na verdade, que me tem admirado as repoſtas deſte eſcravo! Hei de comprallo por todo o dinheiro, ainda que minha mulher ſe enfade. Quanto quer por Eſopo?

Zen. Pois não quer eſtes dous que são perfeitos, e ſó lhe agradou eſte bruto? Mas como Voſſa Mercê vinha comprar hum jumento, levando a Eſopo tudo vem a ſer o meſmo.

Xant. Eu, Senhor, não compro as perfeições do corpo, mas ſim as da alma.

Zen. Huma vez que Voſſa Mercê aſſim o quer, todas as vezes que me der dez moedas leve-o.

Xant. Aqui as tem.

Eſop. Que diabo eſtarão fallando huns com os

outros; apontando para mim? Eu eſtou vendido aqui. *á parte.*

Xant. Eſopo, anda comigo, que te comprei.

Zen. Eſopo, vai com o Senhor Xanto, que a elle te vendi.

Eſop. Não diſſe eu que eſtava vendido? Vamos, Senhor Xanto Filoſofo; mas ſaiba que ambos vamos vendidos.

Xant. De que ſorte?

Eſop. Eu, porque Voſſa Mercê me comprou, e Voſſa Mercê porque não ſabe o que leva em mim.

Xant. O que eu levo em ti bem o ſei.

Ennio. Vamos, vamos para caſa, que he tarde.

Eſop. A Deos, a Deos, meus amados companheiros, deſpeçamo-nos depreſſa antes que as lagrimas tenhão noticia da noſſa deſpedida, que ſe ellas o ſabem logo virão aos cardumes. A Deos; olhai, ſe voſsês fugirem não ſeja para Braga, que he má terra para cativos.

Amb. Eſcr. A Deos, amigo.

Zen. Eſopo, não te deſpedes de mim?

Eſop. Como Voſſa Mercê me deſpedio de ſi para ſempre, não queira outra vez deſpedir-ſe. Vamos, Senhores.

SCE-

SCENA II.

Mutação de Camera. Sabem Filena, e Geringonça.

Filen. FAllaſte a Periandro?

Ger. Por mais que andei daqui para alli não o pude ver.

Filen. Valha-te o demo, maldita, que não tens preſtimo para nada; como hei de paſſar daqui até á noite ſem ſaber de ti, meu Periandro? Tu, mofina, tens a culpa de minhas ancias.

Ger. Se são da madre, caſe-ſe, e deixe-me já com taes amores; porque Voſſa Mercê me tem aqui para terceira da ſua correſpondencia.

Filen. Perdoa-me, Geringonça, que o amor me tem quaſi louca. Oh quem me dera ſaber eſcrever, para todos os dias ter novas tuas, meu querido Periandro!

Sahe Euripedes.

Eurip. Como he iſſo de meu querido Periandro?

Ger. Temos o caldo entornado.

Filen. Mofina de mim, que minha mãi me ouvio!

Eurip. Com que voſſê já tem queridos? Eſtá muito bem, teu pai o ſaberá, deſavergonhada.

Filen. Eu não ſei o que Voſſa Mercê diz.

Eurip. Não ſabes o que eu digo? Pois eu ſei o que tu fazes; por iſſo vós, minha filha, andais ſempre contando os buracos ás rotulas, porque todo o fogo tendes no peito: Ah ve-

velhaca, ſonça, ſolapada! Com que o Senhor Periandro hè o voſſo amante? Por iſſo elle tomou por Meſtre a teu pai, para ter pé de vir aqui todos os dias.

Filen. Olhe, minha mái.... porque eu.... quando.... ſim....

Eurip. Que diabo dizes? Que fállas, que nem atas, nem deſatas? Reſta-me agora, que te queiras deſculpar.

Filen. Pois eu que fiz? Olhe que eſtá boa!

Ger. Eu vou-me çurrando, que eſta trovoada ha de parar em agoa. *Vai-ſe.*

Eurip. Iſto me faz deſeſperar; tu pódes negar o que eu vejo, e o que agora te ouvi?

Cantão Euripedes, e Filena a ſeguinte

ARIA A DUO.

Eurip. Ingrata filha!
Filen. Brava máiſinha!
Eurip. Sempre doudinha
Te hei de encontrar!
Filen. Sempre doudinha
Me ha de chamar?
Eurip. Tu com amores!
Filen. Eu! Não ha tal.
Eurip. Para que negas?
Filen. Eu! Não ha tal.
Eurip. Eu bem ouvia,
Que lhe dizias,
Que lhe querias,
E que morrias;
Tudo ſei já.
Filen. Baſta máiſinha

De

De conſumir-me.
Ai, ouça cá.
Eurip. Ai, guarda lá.
Amb. Não quer ouvir-me?
Filen. Ai, ouça cá.
Eurip. Ai, guarda lá.

Sahem Xanto, Periandro, e Eſopo, que ficará como eſcondido.

Xant. Eſopo, eſpera aqui detrás deſta cortina.
Eſop. He mui boa ſala vaga!
Xant. Amada Euripedes, tardei muito?
Eurip. Iſſo he do coſtume antigo; donde vem a eſtas horas, tamanhão?
Eſop. Ella he deſta caſta? Boas novas para o pai da criança. *á parte.*
Xant. Ora não te agaſtes, que ſe tardei, arrecadei.
Eurip. Que arrecadei? Que he o que me trazes da feira?
Filen. He para mim, paiſinho?
Eurip. Sim, tudo ha de ſer para ella, não ha de ſer ſenão para mim.
Xant. Pois ſaibamos, para quem ha de ſer?
Amb. Para mim.
Xant. Pois lá ſe avenhão com elle, ahi o tem.

Sahe Eſopo.

Eurip. Que horrivel fantaſma!
Filen. Que enorme eſpectaculo! Fujamos, minha mái.
Eurip. Ai, Senhores, que eſtou para me deſmaiar; ai, que elle ſe vem chegando! A'que d'ElRei!

Eſop.

Eſop. Ora eu não cuidava que êra tão feio; que metia medo!

Sabe Geringonça.

Ger. Que gritos são eſtes, Senhora? Mas ai; coitada de mim, que demonio tão feio!

Periand. Boa a veio Voſſa Mercê fazer, ella lhe dará o recado.

Eurip. Deite-me eſſe monturo pela porta fóra; não o quero em caſa, nem hum inſtante.

Xant. Maldito de todos os diabos, agora eſtás mudo? Dize-lhe alguma couſa com que ſe deſenfade, e ſe alegre.

Eſop. Supponha Voſſa Mercê que ſe me ſecou a proza, e que eſtou na hora do burro.

Xant. Dize-lhe alguma couſa ſequer.

Eſop. Já que me puxa pela lingua deixê-a agora comigo. Parece muito mal, Senhora Euripedes, que Voſſa Mercê ſe agaſte com o Senhor ſeu marido, por lhe comprar hum eſcravo feio; pois que queria? Queria hum ſervo gentil-homem para ficar cativa delle? Queria hum rapagão roliço, alvo, e louro, olhos azues com corpo á Ingleza, e pernas á Franceza, para que logo meu Senhor com tal ſervo ficaſſe veado? Ora cuide em ſi, e ſaiba eſtimar-me, que eu lho ſaberei merecer.

Eurip. Ai, ſó iſſo me fizera agora rir; és engraçado, já te vou perdendo o medo.

Xant. Tu não ſabes as prendas de Eſopo; eu te prometo que goſtes delle.

Eurip. Vem cá Eſopo, chega-te para mim.

Eſop. Agora tambem não quero, que tenho me-

medo de Voſſa Mercê. A'que d'ElRei, que taraſca! Quem me acode, que me deſmaio?

Eurip. Ora anda cá, façamos as pazes, olha bem para mim; és mui feio!

Eſop. Iſſo he mercê que Voſſa Mercê me faz.

Filen. A cara parece hum mono.

Eſop. Ora não me liſongee.

Ger. Ai, Senhora, cá lhe vi huma corcova atrás.

Eſop. Valha-te o demo a lingua, que me deſcobriſte huma falta, que ninguem a havia ver ſe tu o não diſſeras.

Eurip. Ainda mais eſſa temos, he corcovado!

Eſop. Bem podem montar em mim, que ainda que ſou corcovado não faço corcovas.

Xant. Deixem ao pobre Eſopo, que aſſim como he tem muito preſtimo.

Eurip. Que habilidades tens, Eſopo? Sabes cantar?

Eſop. Qual he o cativo que não ſabe cantar al ſon del remo, y de la cadena?

Eurip. Sabes tanger?

Eſop. Sei tanger bois muito bem.

Eurip. Sabes lêr?

Eſop. Não Senhora, eſcrever ſim.

Filen. Meu pai, eu quero que Eſopo ſeja meu Meſtre, e que me enſine a lêr, e a eſcrever.

Xant. Sim, Eſopo, tu has de enſinar a eſta rapariga a lêr, e a eſcrever, ahi ta entrego.

Eſop. Teſtemunhas me ſejão todos, que o Senhor Xanto me entrega a ſua filha, ao depois não ſe queixe, e ella não tem máos bigodes! *á parte.*

Periand.

Periand. Ora Eſopo, conta-nos alguma couſa da tua vida, que ha de ſer célebre.

Eſop. Senhor, a minha vida he mais larga que comprida.

Eurip. Dize, Eſopo, dize alguma couſa.

Eſop. Ora vá de hiſtoria, gerou-me meu pái, e foi couſa para ver, que tanto que meu pai me gerou, logo minha mái ſe ſentio prenhe, e ficou tão ſoberba, que tudo lhe enjoava, engordou tanto, que em nove mezes ſe fez como huma bola; em fim, ſe não pare arrebenta; derão-lhe as dores, e ao primeiro puxo ſahio eſte criado de Voſſa Mercê, e logo fui tão cortez, que cahi proſtrado aos pés de minha mái; pois ſó a eſta devia pagar as parias, porque não falta quem diga que minha mái me pario de hum ſó parto, podendo-me parir de dous, que eu tinha corpo para tudo; e he de advertir, que naquelle tempo as mulheres erão as que parião, e não como agora, que pare quem quer: notou-ſe no meu naſcimento, que eu naſcêra nú, e em pelle, e como naſcia para ſer eſcravo, logo ſe me vio o ferrado. Tanto que eu naſci, como minha mái era muito amante dos filhos, logo me mandou engeitar; em fim, fui creſcendo aos palmos, e apenas tinha ſete annos logo comecei a fallar tão perfeitamente, que não ſe me entendia palavra; toda a minha vida foi ſempre prodigioſa, de ſorte, que já anda em livros por todo o Mundo, e agora me dizem, que ſe eſtá repreſentando no Baitro Alto.

Periand.

Periand. Notavel he a tua vida!

Xant. Eſopo, aqui te entrego eſta caſa, e te faço meu mordomo.

Eurip. Vamos, Filena.

Filen. Periandro, logo fallaremos, não te auſentes. *Vão ſe.*

Periand. Aqui ficarei eſperando por eſſe Sol, que me anima. Ai, amor, quando has de favorecer a hum amante das tuas aras, que nos ſuſpiros que exhala accende as chammas nos ſacrificios que vota?

Sahe Filena.

Filen. Periandro, ſeguramente podemos fallar, pois todos lá ficão dentro rindo-ſe com Eſopo, que ſem dúvida amor o trouxe aqui para que ſeja o terceiro de noſſos amores.

Periand. Eſſa fortuna a devo eſtimar para o melhor acerto da noſſa correſpondencia; e porque agora fallámos de amor, eſcuta, Filena, a fraze das melhores expreſsões.

SONETO.

MInha amada Filena, doce emprego,
De amoroſos enleios labyrintho,
São taes as ancias que amoroſo ſinto,
Que ſem morrer mil vezes não ſocégo.
Em mar de pranto miſero navego
Quando amante naufrago; porém minto,
Porque eu meſmo o martyrio já conſinto,
Pois buſco as penas morto, as luzes cégo.

Oh

Oh morra já minha alma enternecida!
Oh viva alegre nessa luz serena!
Contente aspiro tão ditosa lida;
Pois consegue esta dor, que me condemna;
Hum triunfo a teus olhos cada vida,
Cada morte huma gloria á minha pena.

Filen. Periandro, as tuas finezas por encarecidas, me parecem mais lisonjas que realidades, e assim appello para o tempo, que só este será o fiador da tua constancia; porque sendo tu firme eu não deixarei de ser leal.

Periand. Formosa Filena, ainda duvídas da minha lealdade? Não tens lido nos caracteres de meus suspiros as firmezas do meu amor? Não vês no espelho das minhas lagrimas a imagem dos meus extremos? Pois seguro-te, meu bem, que a pezar de tudo hei de ser sempre firme, constante, e leal.

Canta Periandro a seguinte

ARIA

Primeiro verás, Filena,
Enregelar-se o fogo,
Mover-se o duro monte,
Cahir esse horizonte,
Que em meu amante rogo
Se encontre o variar.
Se pois amor ordena,
Que adore essa belleza,
Será minha firmeza
Eterna em te adorar. *Vai-se.*

Filen. Escuta, Periandro; meu bem, aonde vás?

Sa-

Sahe Eſopo.

Eſop. Que hei de eſcutar? Que he o que diz?

Filen. Ai! Es tu, Eſopo? A bom tempo vieſte.

Eſop. Sim vim a bom tempo, mas eu lhe empatei o coſimento.

Filen. Meu Eſopo, tenho hum favor que te pedir; ſe o fazes, terás de mim quanto quizeres.

Eſop. Diga, diga, não gaſte tempo, que póde vir ſeu pai: Eu aſſim tolamente lhe vou querendo bem. *á parte.*

Filen. Bem ſabes, Eſopo, que não há peito tão iſento, que não ſinta as violencias do amor.

Eſop. Que mais?

Filen. Iſto ſuppoſto, ſaberás que quero bem...: não ſei como to diga.

Eſop. Eu eſtou vendo que ella ſe namorou de mim, e tem pejo de mo dizer. *á parte.*

Filen. Porque bem ſabes, Eſopo, que o amor he cégo, e em nada repara.

Eſop. Que mais claro mo ha de dizer? A pobreſinha não ſabe como ſe explique; ora eu a ajudarei a dizer: Senhora, bem ſei que o amor he cégo, e he monſtro, e que para catirar as almas, como cégo, não repara em qualidades, e como monſtro não ſe lhe dá de perfeições; quer Voſſa Mercê dizer, que apenas me vio logo ſe rendeo, e que eſtala de amor por mim; ſe he iſſo eſteja deſcanſada, que lhe quero tambem muito, muito.

Filen. Sempre eſtás com gracinhas; pois logo em ti havia empregar o meu amor?

Eſop. Olhe Voſſa Mercê, pois achava eu que não era nenhum deſpropoſito, porque me tinha logo aqui á mão dentro de caſa ſem o ir buſcar á rua.

Filen. Eu quero bem a Periandro, e como lhe não poſſo fallar as vezes que quero, tu has de ſer o medianeiro da noſſa correſpondencia.

Eſop. Iſſo por outra fraze vem a ſer alcoviteiro. Não he nada!

Filen. Pois que dizes?

Eſop. Senhora, em mim eſtá mal o officio de camaleão; iſſo não ſe acha em mim.

Filen. Meu Eſopo, olha que to hei de agradecer, e Periandro tambem.

Eſop. Senhora, tudo ſe póde fazer ſem que perigue o meu credito, e o ſeu amor, e poderemos ambos ficar bem.

Filen. De que ſorte?

Eſop. Deſta ſorte: eu o que poderei fazer he levar-lhe algum recado ao Senhor Periandro, ou eſcrever-lhe alguma carta em ſeu nome, e fazer tudo o que Voſſa Mercê me mandar; mas ſer alcoviteiro, iſſo por nenhum modo.

Filen. Aceito o favor que me fazes.

Eſop. Ah tyranna, não baſta comer-me o amor, mas ainda me eſfregas com zelos? Pois por vida de Eſopo, que...

Filen. Quero pois, Eſopo, que digas a Periandro, que ao pôr do Sol....

Sahe Xanto.

Xant. Que fazes ahi, Eſopo?

Eſop. Eſtava para dar liçáo á menina, e ella não queria.

Filen.

Filen. Bem remediou. *á parte.*

Xant. Iſſo tem tempo; Filena, vai para dentro.

Filen. Que não podeſſe dizer a Eſopo o recado para Periandro! Ao depois lho direi. *á p. vai-ſe.*

Xant. Eſopo, és capaz de guardar hum ſegredo?

Eſop. Conforme a parte aonde eu o puzer.

Xant. Bem ſabes que ſou teu Senhor, e que ſe me fores leal terás a liberdade, e aſſim ſaberás que eu ſou fragil.

Eſop. Iſſo ſei eu, diga o mais.

Xant. E que em materias de amor todos são loucos; porque amor tem duas vendas, huma nos olhos, outra no entendimento.

Eſop. Rico amor, ſerá eſſe com duas vendas.

Xant. Com que, não ſei que diabo de feitiços me fez eſta criada, para eu lhe querer bem.

Eſop. Ora tenha vergonha; hum Filoſofo namorado de huma trapalhona, e mondongueira? Em que conſiſte a ſua Filoſofia? viſto iſſo todos ſomos huns!

Xant. Olha tu, tambem o amor he Filoſofia das almas, aónde com argumentos de finezas ſe prova o ſyſtema da conſtancia.

Eſop. Viſto iſſo eu tambem ſou Filoſofo; pois quando quero bem, logo he a concluir.

Xant. Quem duvída que ſe tens amor, que tambem és Filoſofo?

Eſop. Ora acabe com iſſo, que eu de mim para mim me tinha por Filoſofo, mas não o queria dizer com vergonha.

Xant. Com que, Eſopo, eu morro por Geringonça.

Eſop. Quem he Geringonça?

Xant. He eſta criada de caſa.

Eſop. Olhe Voſſa Mercê, agora ſei que tem bom goſto, pois ſó o nome de Geringonça lhe baſta para ſe querer; o certo he, que todo o amor he geringonça.

Xant. Dizes bem; porém como minha mulher Euripedes tem terrivel condição, e não ſei ſe já preſume alguma couſa, he-me preciſo tratar iſto com mais cautéla, e aſſim tu has de ſer o meu remedio.

Eſop. Purgativo, ou vomitorio?

Xant. Purgativo não, ha de ſer vomitorio; porque lhe has de dizer, que á noite me falle no jardim, e em tanto tu ficarás divertindo a tua Senhora.

Eſop. Senhor, iſſo ninguem tal faz, ſevandijar Voſſa Mercê hum jardim com huma criada; e então aonde havia Voſſa Mercê fallar a huma Senhora?

Xant. Não vês tu que a neceſſidade não tem lei por amor, e o jardim por mais retirado he o melhor lugar?

Eſop. Pois ſe a neceſſidade não tem lei, por amor deſſa neceſſidade falle-ſe á criada em huma ſecreta que he parte privada.

Xant. Ora deixa diſparates, iſto te encommendo lhe digas; olha não o ſaiba viva alma.

Eſop. Eu lhe prometo que ninguem o ſaiba.

Xant. Mas ella ahi vem, eu me retiro, por me não achar aqui minha mulher, e dize-lhe tu o que te diſſe; Eſopo, ſegredo, que importa. *Vão-ſe.* *Sa-*

Sahe Geringonça.

Ger. He poſſivel, Eſopo, que ainda não tiveſſe huma hora para me fallares?

Eſop. He poſſivel, Geringonça, que ainda não tiveſte huma hora para me fallares?

Ger. Eſopo, ouve-nos alguem, que te quero communicar hum ſegredo?

Eſop. Ui, Senhores! Eu cuido que eſtou prezo neſta caſa, pois ſempre eſtou em ſegredo. *á p.*

Ger. Dize, poſſo fallar?

Eſop. Se não tens eſtupor na lingua bem pódes fallar.

Ger. Pois ſabe, que apenas te vi, quando logo me furtaſte o coração, me roubaſte as potencias, e me ganhaſte a liberdade.

Eſop. Daqui a pór-me na forca não vai nada; mulher, eu furtei-te alguma couſa?

Ger. Ah ladrão das almas!

Eſop. Ladrão das almas? Eu nunca andei com a bacia.

Xant. Não he nada, a moça namorou-ſe de Eſopo! *á parte.*

Ger. Eſopo, eu perdida por ti de amor! Como ha de ſer iſto?

Eſop. Se eſtás perdida de amor perde tambem as eſperanças; mas dize-me, mulher do diabo, que achaſte em mim para me quereres bem? Namorou-te eſte feitio?

Ger. O meu amor tem mais de pezo que de feitio.

Eſop. Namorou-te eſta calva?

Ger. Não vês que a occaſião he calva, e tu foſte a occaſião do meu amor? *Eſop.*

Eſop. E eſtas pernas zaimbras são tambem occaſião de tu me quereres bem?

Ger. Forão os arcos por onde o amor deſpedio as ſettas.

Eſop. Tudo eſtá muito bem; mas parece-te bem eſta corcova?

Ger. Eſſa corcova foi o monte de Venus aonde achei a minha buena-dicha; mas para que te canſas, ſe para o meu goſto és hum Adonis, e hum Narciſo?

Eſop. Ora tomem-ſe lá com eſte Adonis, e com eſte Narciſo!

Ger. Ora Eſopo, para què te canſas, quem o feio ama, formoſo lhe parece.

Canta Geringonça a ſeguinte

ARIA.

Tens tal dengue, tens tal graça,
Que aſſim meſmo corcovado,
Eſcalvado,
Arreganhado,
Me namora eſſe rigor.
Ai, amor, que linda traça
Para me render, achaſte,
Se em Eſopo cabeçudo,
Narigudo,
Barrigudo,
Tenho poſto o meu amor.

Eſop. Mulher, requeiro-te da parte de Deos, que em me quereres bem não ſabes o que fazes; vai-te dahi, que quem ſe namora de mim he capaz de ſe namorar de hum burro.

Ger. Tu me deſprezas? Olhem a que chegárão os

os meus peccados ! Vejão quem ! Hum calvo !

Eſop. Qual calvo ; não vês que eſta calva foi a occaſião do teu amor ?

Ger. Tu me deſdenhas , zaimbro ?

Eſop. A'gora zaimbro , são os arcos por onde amor deſpedio as ſettas.

Ger. Tu mo pagarás , corcovado.

Eſop. Iſto não he corcova , he o monte de Venus.

Ger. Vai-te dahi , cão com trambolho. *Vai-ſe.*

Eſop. Vaite , cadella com almorreimas.

Sahe Xanto.

Xant. Eſcravo deſaventurado , porque não diſſeſte o que mandei dizer a Geringonça ?

Eſop. Como o havia de dizer , ſe Voſſa Mercê me diſſe que o não ſoubeſſe viva alma ?

Xant. Iſſo não ſe entendia com Geringonça.

Eſop. Tenha mão , agora o colho. Voſſa Mercê me diſſe que o não ſoubeſſe alma viva ; *atqui* que Geringonça he alma viva ; *ergo* Geringonça por ſer viva alma o não havia ſaber.

Xant. Não te quizera tão Filoſofo agora.

Eſop. Como Voſſa Mercê me diſſe que amor era Filoſofia , quiz tomar bem a lição.

Xant. Tal eſtou de raiva , que te matára agora , não te aconteça outra ; quando te mandar fazer alguma couſa faze-a como te mando.

Eſop. Eu o farei.

Xant. Andar , não tem remedio : ouves tu , á manhã tenho de dar hum banquete aos meus diſcipulos , e te encommendo me ponhas na meza a melhor couſa do Mundo.

Eſop.

Eſop. Encommende-me couſas de comer, que diſſo darei eu melhor conta. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Mutação de Sala, e ſahirão Periandro, e Ennio.

Periand. ENnio, vós tambem ſois convidado para o banquete de Xanto noſſo Meſtre?

Ennio. Os favores particulares, Periandro, ſerão ſó para vós; porém os públicos ſerão para todos.

Periand. Eu não vos entendo.

Ennio. Homem, vós quereis tapar o Ceo com huma joeira? Pois bem público he que vós andais namorado de Filena, e ſendo eu voſſo amigo, e condiſcipulo, recateis de mim couſa que he tanto do voſſo goſto?

Periand. Não me crimineis de não vos ter revelado eſte negocio, pois bem ſabeis que o ſegredo he alma do amor; e tanto o deſejo recatar, que tomára de mim meſmo encobrillo; he verdade que eu amo a Filena, porque a ſua formoſura póde cativar o mais livre alvedrio; mas com amor tão lícito, que não paſſa os limites da modeſtia.

Ennio. Como lhe podeis fallar, tendo huma mãi de tão terrivel condição?

Periand. Quiz a fortuna trazer para iſſo a Eſopo, que he o mais fino alcoviteiro do Mundo.

Ennio. Ui! Tem mais eſſa habilidade?

Periand.

Periand. He Juiz do officio, e Padre Meſtre na materia.

Sahe Eſopo.

Eſop. Voſſas Mercês vierão a converſar, ou a comer? Ora vamos, que a ſopa eſtá eſperando.

Ennio. Vamos ver os teus coſinhados. *Vai-ſe.*

Periand. Eſopo, que novas me dás de meu bem?

Eſop. A boas horas me pergunta pelo ſeu bem, ao meſmo tempo que me eſtá a boca do eſtomago gritando, que quer comer.

Periand. Pois falla-me ao depois. *Vai ſe.*

Deſcobre-ſe huma meza, e ſe birão aſſentando a ella Xanto, Ennio, e Periandro, e os mais que puderem.

Xant. Vamo-nos aſſentando ſem ceremonia, que nos banquetes não há Meſtre, nem diſcipulos. Mandei a Eſopo que me puzeſſe neſta meza a melhor couſa do Mundo, veremos com que elle ſe deſempenha.

Periand. Com alguma parvoice; ſe Voſſa Mercê ſe fiou da ſua eleição ficaremos em jejum.

Ennio. Vamos nós comendo o que eſtá na meza pelo fim pelo não, que elle já tarda.

Sahe Eſogo com hum prato.

Eſop. Eis-aqui a melhor couſa do Mundo.

Xant. Deſcobre, e veremos.

Eſop. He hum prato de linguas.

Xant. Hum prato de linguas? Como? Pois iſſo he a melhor couſa do Mundo?

Eſop. Qual he a dúvida que a melhor couſa do Mundo he a lingua? Que couſa mais neceſſaria no homem, que a lingua! Sem lingua nin-

ninguem póde fallar, ſem fallar ninguem ſe entende. A lingua he alma dos conceitos, he o corrector dos commercios, he a taramella das portas da boca, he a prancha dos comeres, he o eſgaravatador das gengives, he a zaragatoa dos beiços, o planeta do ceo da boca, e o badallo da campainha. Com a lingua ſe lambe hum prato, com a lingua faz o Arrieiro a célebre cantiga, &c. em fim, a lingua do cão he o melhor remedio das chagas, e o linguado o melhor peixe dos mares. Não ſei que mais queria dizer, que o tinha debaixo da lingua.

Xant. Nada nos dizes de novo, que bem ſabemos que a lingua he oraculo do homem; porém havemos ſó comer linguas?

Eſop. Senhor, muitos comem do que falláo.

Periand. Eſopo fez o que lhe mandárão, como bom ſervo.

Xant. Huma vez que a melhor couſa do Mundo ſão as linguas, traze-me agora aqui a peior couſa do Mundo.

Eſop. Com muito goſto; eu venho já. *Vai-ſe.*

Periand. He láſtima que ſeja cativo quem tem tão livre o juizo para diſcorrer.

Ennio. Não he eſſa a primeira ſemrazão da natureza.

Xant. Que diabo fazes, Eſopo?

Eſop. Eis-aqui a peior couſa do Mundo. *Sahe.*

Xant. Que he iſſo, que trazes?

Eſop. Outro prato de linguas.

Xant. Pois como? Se a melhor couſa do Mundo

do são as linguas, como agora as linguas são a peior couſa do Mundo?

Eſop. He Filoſofo, e não ſabe que ſendo huma lingua boa a melhor couſa do Mundo, a peior he huma lingua má? Huma lingua má he o eſtrago da honra, ella he a mái dos mexericos, o pai dos enredos, a irmá das diſcordias, a perturbadora da paz, o clarim da guerra, a ſarna do ſocego, a carepa das conſciencias, o deſpertador das vinganças, e o inſtrumento da alcovitice; não he aſſim, Senhor Xanto?

Xanto. Dizes bem, eu te perdoo a peça; e pois não ha outro remedio, vamos comendo eſſas linguas, e bebendo duas pingas: ora lá vai á ſaude de Voſſas Mercês. *Bebe.*

Eſop. Iſſo me parece bem; accendão-ſe no templo da barriga as alampadas de Baco.

Periand. Lá vai á ſaude da Senhora Euripedes. *Bebe.*

Eſop. Tem razão, vá a virar.

Ennio. Periandro, lá vai, já me entendeis. *Bebe.*

Periand. Vá, eu correſpondo. *Bebe.*

Eſop. Eu com eſta garrafa hirei fazendo as razões: lá vai, ou cá vem á ſaude dos meus achaques.

Xant. Que achaques tens?

Eſop. Agora tenho gotta. *Bebe.*

Periand. Ennio, noſſo Meſtre não eſtá todo trigo.

Xant. Mui valente foi Hercules Thebano! Eſopo, vamos queimar eſtes cáes.

Eſop. Ai, ai, que eſtá puxado!

Periand.

Periand. Apoſtemos nós que Voſſa Mercê não ha de beber hum tonel de vinho.

Xant. Sou capaz de beber o mar, tenho dito.

Eſop. Não zombem com elle, que não ſó beberá o mar, mas tudo quanto ſe lança na praia.

Periand. Ora quanto apoſta Voſſa Mercê que não bebe o mar?

Xant. Apoſto tudo quanto poſſuo.

Periand. Eſtá apoſtado, venha final.

Xant. Eſte annel.

Periand. Eſtá feito, quando ha de ſer iſſo?

Xant. Quando quizeres.

Eſop. Vão fallando, que eu vou bebendo.

Xant. Eſopo, leva eſſa lingua a Geringonça, que com ella lhe explico o meu amor.

Eſop. Aſſim o farei: Eſopo, hoje pódes beber francamente.

Xant. Viva Baco, e morra o Mundo. *Levantão-ſe.*

Eſop. Morra o Mundo, e abraze-ſe Troya.

Periand. Ambos eſtão mui bebados.

Ennio. Eſtou envergonhado de ver eſta láſtima! Niſto parão os banquetes!

Eſop. Eſtou tão alegre que o corpo me pede folia.

Xant. E a mim cóleras, e iras, e parece-me que ouço inſtrumentos bellicos.

Eſop. Eu cuido que são bandurras; ellas são, não são? Sim são, eſcute, eſcute, são, são, ellas são, pois cantemos.

Can-

Canta Eſopo o ſeguinte

RECITADO.

Lá vai á ſaude dos Senhores,
E em ſuaves licores
Matarei a cruel melancolia,
Em doce hydropeſia:
A pezar do pezar, e do cuidado
Veſtir quero a minha alma de encarnado.

ARIA.

Nas guerras de Baco
Sem chuço, ou bauneta
Com eſta trombeta
Toco a degolar, tan, taran, tan, tan,
E ao ſom deſte ſom, torom tom, tom;
Tudo terá fim, tirim, tim, tim,
Proſtrando as cavernas
De tantas tavernas,
Porque dellas poſſa
Baco triunfar.

SCENA IV.

Mutação de Camera. Sahem Euripedes, e Geringonça.

Eurip. GEringonça, que fizeſte até agora?
Ger. Eſtive na coſinha dando ordem ao banquete, e o negro Eſopo me deu tanta preſſa, que andei atarantada.
Eurip. O diabo levára os banquetes. Que ha de ſer, ſe o tonto de meu marido deu-lhe hoje na birra fazer brodios, e niſſo tem conſumido o dote que me deu meu pai.

Ger.

Ger. Ai, Senhora, tambem Voſſa Mercê agora não tem razão; elle que gaſta, nem que brodios faz? Eu, ha hum anno que aqui eſtou, não vejo entrar neſta caſa mais que chicharos, e nabos.

Eurip. Oh deſavergonhada, eſſa he a fama que deitas da minha caſa? Viſte caſa mais farta? Ainda a ſemana paſſada comprei dez reis de pepinos, e já não ha nenhum.

Ger. A minha barriga o ſente.

Eurip. Bem ſei que o teu mal não he outro, velhaca!

Sahe Eſopo com hum prato na mão.

Eſop. Aqui tens, Geringonça, eſte prato de linguas, que te manda meu Senhor, e mais que não póde comer ſem ti.

Eurip. Que dizes? A Geringonça, ou a mim? Eſtás bebado?

Eſop. Como lho hei de dizer? Soletreando? A Geringonça em Geringonça.

Ger. Senhora, elle cheira muito a vinho, não ſabe o que diz.

Eurip. Aſſim o creio, moſtra que he para mim.

Eſop. He huma balla, he para Geringonça, que meu Senhor lho manda meſmo a ella, e por final me diſſe lhe diſſeſſe que com eſta lingua explicava o ſeu amor.

Ger. Não te calarás, infame?

Eſop. Tira-me tu a lingua, que eu me calarei.

Eurip. Pois que tem teu Senhor com Geringonça para lhe mandar preſentinhos?

Eſop. Eu, Senhora, não ſei, mas o que ſei he

que

que dizem as más linguas, que meu Senhor he barregão, ou barregana, não ſendo ſenão camelão.

Eurip. Não te entendo.

Eſop. Senhora, mais claro; meu Senhor quer-ſe fazer moço com a moça.

Eurip. Já te entendo.

Eſop. Ora graças a Deos, que já me entendeo.

Ger. Eu eſtou tonta!

Eurip. He bem feito iſto, atrevida? Tu deſinquietando-me o meu homem! Ha maior deſaforo!

Ger. Eu, Senhora? Não ha tal. Eſopo mente.

Eſop. Lá ſe avenhão, que eu me vou eſcafedendo. *Vai-ſe.*

Eurip. Oh perra, tu me dás zelos? Anda cá, que te hei de moer. *Dá-lhe.*

Ger. A'que d'ElRei, que me mordeo no nariz.

Eurip. Aqui te hei de fazer em picado com os dentes.

Ger. Ai que me matão!

Há huma bulha, e ſahe Xanto.

Xant. Valha-te Deos, mulher! Sempre has de guerrear com eſta coitadinha!

Eurip. Ainda acode por ella, magano, atrevido, ſem honra, nem vergonha? Voſsê namorando-me a moça! Voſsê mandando-lhe pratinhos da meza?

Xant. Quem tal diſſe, mulher?

Eurip. Quem o diſſe? Ainda ha de negar que o mandou por Eſopo? Ora chame-o, e verá.

Xant. O' Eſopo? Eſopo?

Den-

Dentro Eſop. Eſtou na tinta; aſſim ſou eu aſno que apareça agora.

Xant. Não me ouves, Eſopo? O' Eſopo?

Eſop. Eſtou zingando.

Xant. Ora eu te hirei buſcar, mais que eſtejas no Inferno. Donde eſtás maldito?

Eſop. Se eu quizera dizello então não me eſcondêra.

Xant. Anda para cá, inſolente, que fazias ahi eſcondido?

Eſop. Eſtava jogando as eſcondidas; tambem a gente ha de brincar. *Sabe.*

Xant. Ei-lo aqui. Ora dize: eu mandei a Geringonça algumas linguas?

Eurip. Tu não diſſeſte?

Eſop. Senhor, eu não quero meter a mão entre duas pedras; olhem, por iſſo eu ſou inimigo de enredos.

Eurip. Tu não mo diſſeſte?

Eſop. Senhora, eu que tenho com iſſo? Eſtá galante! Voſſas Mercês lá brigão, lá tem ſeus ciumes, e eu então he que hei de pagallo?

Eurip. Como he iſſo? Tu o não negues; baſta, fique-ſe com a ſua mocinha, Senhor Xanto, que eu me vou para caſa de meu pai. Eſtou ardendo! *á parte.*

Xant. Senhora, não ſe vá de caſa por vida ſua.

Eſop. Deixe-a ir, que he huma boca menos em caſa.

Eurip. Por eſtas, bribantão, que eu me verei vingada.

Xant. Falle bem, aliàs....

Eurip.

Eurip. Ainda me indignas mais? Hei de arrancar-te eſſas barbas.

Cantão Euripedes, e Xanto a ſeguinte

ARIA A DUO.

Eurip. Velho caduco,
Xant. Brava inſolente,
Eurip. Tu com deſvélos
Com huma michélla?
Xant. Calte, ſerpente,
Não grites mais.
Eurip. Hei de gritar.
Xant. Ques-te callar?
Eurip. A'que d'ElRei,
Que meu marido
Com torpes zelos
Me quer matar.
Xant. Calte, ſerpente,
Não cuide a gente,
Que faço tal.
Eurip. Por eſtas, velhaquete,
Que me hei de ver vingada.
Xant. O' louca arrebatada,
Que me has de tu fazer?
Eurip. Hei de me ir para caſa de meu pai.
Xant. Para caſa te irás de Satanás. *Vai ſe Eur.*

Eſop. E foi-ſe como hum foguete de rabo; porém eu hei de levar os eſtouros.

Xant. E agora, Eſopo, que mereces tu que te eu faça?

Eſop. Mereço hum bom premio.

Xant. O premio ha de ſer eſte; toma, velhaco. *Dá-lhe.*

Eſop. Não aceito, tire-ſe para lá.

Xant. Vès, infame, que por amor de ti ſe foi minha mulher de caſa?

Eſop. Senhor, cuidava eu que Voſſa Mercê me havia de agradecer o afugentar-lhe de caſa hum dragão, huma vibora, e hum baſiliſco, que era aqui o veneno deſta caſa, e ſobre fazer-lhe eſte bem, ainda Voſſa Mercê ſe agaſta, e ſenão veja: he certo que Voſſa Mercê queria fallar a Geringonça no jardim eſta noite; e que melhor occaſião podia Voſſa Mercê ter do que indo-ſe de caſa a Senhora ſua mulher, pois agora ſem ſuſtos, nem ſobreſaltos póde fallar com ella, não ſó no jardim, porém em ſima do telhado. Com que, Senhor, por bem fazer mal haver.

Xant. Bem ſei tudo iſſo; mas que dirão os parentes de minha mulher?

Eſop. Peior ſerá quando Voſſa Mercê perder tudo quanto poſſue.

Xant. De que ſorte?

Eſop. De que ſorte? Não ſe lembra que prometeo no banquete beber o mar, e ſe o não fizeſſe, que perderia toda a ſua fazenda?

Xant. Eu diſſe tal couſa?

Eſop. E por final que deu o ſeu annel; com que Voſſa Mercê ha de beber o mar, ou livrar toda a ſua fazenda.

Xant. Mal haja o banquete, e mal haja o vinho, e mal haja eu que me embebedei.

Eſop. Voſſa Mercê cuida que todos ſabem embebedar-ſe? Ora aqui eſtou eu, que tambem

me

me embolquei, mas com tanta prudencia, que não me meti a apoſtar, nem a não apoſtar.

Xant. Já não tem remedio, o ponto eſtá, como me hei de eu haver; porque confeſſar que eſtava bebado, he injúria, e grande ignominia; beber o mar he impoſſivel, perder os meus beus impraticavel; que farei neſte caſo, Eſopo?

Eſop. Matar-ſe com hum pouco de veneno, e com iſto ſe acaba tudo.

Xant. O' Jupiter, para quando guardais os raios?

Eſop. Ha de dizer iſſo a Baco, e não a Jupiter.

Xant. Meu Eſopo, agora he que eu quero ver as tuas habilidades; ſe tu me livras deſte empenho, eu te dou a liberdade.

Eſop. Pois, Senhor, para quando são as ſuas Filoſofias? Aſſentemos nós, que a Filoſofia não ſerve ſenão para argumentar, e quebrar a cabeça.

Xant. Pois homem, para eſta occaſião he que eu quero que me valhas, tens a liberdade, já to diſſe.

Eſop. Promette-me a liberdade? Veja lá o que diz.

Xant. Prometto.

Eſop. Levante o dedo para o ár.

Xant. Não ſó o dedo, mas toda a mão.

Eſop. Ora pois, ande comigo, que o tirarei deſſe mar, e o porei em porto ſalvo.

Xant. Vê lá o que dizes.

Eſop. Ande, ande, que mal ſabe com quem vai. *Vão-ſe.*

SCENA V.

Mutação de mar. Depois de ſe dizer dentro o que ſe ſegue, ſahirão Periandro, Ennio, e os mais que poderem.

Dentr. VAmos ver a Xanto beber o mar.
Outr. Vamos para a praia, andem depreſſa, para tomarmos lugar.

Sahem Periandro, e Ennio.

Periand. Confeſſo-vos, Ennio, que já eſtou arrependido da apoſta; porque bem ſei que Xanto não ha de beber o mar.
Ennio. Deixai, que iſſo he bom para ſe dar hum alegrão ao povo.
Periand. A gente vem concorrendo cada vez mais.

Sahem Filena, e Geringonça com os roſtos cubertos.

Ger. Senhora, ahi o que eſtá de gente para ver as habilidades do Senhor ſeu pai!
Filen. O caſo he, Geringonça, que meu pai eſtá mui caduco, e Eſopo ainda o faz mais tonto do que he. Vês tu a aſneira de dizer que ha de beber o mar?
Ger. Lá eſtá Periandro, e Ennio.
Filen. Já os vi, tem ſentido, e não os percas de viſta.
Ger. E ſe nos conhecerem aqui?
Filen. He impoſſivel entre tanta multidão de gente, e mais vindo nós disfarçadas.
Periand. Muito tarda eſte bebedor dos mares.

Sa-

Sahem Xanto, e Eſopo, e todos darão muitos gritos, e rizadas.

Tod. Victor, lá vem o bebedor dos mares.

Eſop. De que ſe riem? De que fazem algazarras? Pois ſaibão que o Senhor Xanto não ſó he capaz de beber o mar, mas tudo quanto lhe mandarem beber.

Xant. Eſopo, que he o que determinas fazer? Não vês eſte povo alvoroçado, e o meu credito em balanças?

Eſop. Eu ſerei o fiel deſſas balanças, e verá quanto péza o meu talento.

Periand. Senhor Xanto, por Voſſa Mercê ſe eſperava, vamos a iſto.

Xant. Eſopo, e agora que hei de dizer.

Eſop. Valha-o mil diabos, não tema, tenha valor. Moradores de Athenas, o Senhor Xanto, meu Senhor, aqui vem para beber os mares, como apoſtou, e aſſim primeiro que o faça quer deſencarregar a ſua conſciencia; pois bebendo o mar, como com o favor de Deos o ha de fazer, porque tem barriga para tudo; eisque bebido o mar, por força o ha de ourinar; e ourinando-o ha de alagar toda eſta terra, e morreráõ todos afogados.

Periand. Para tudo ha remedio, depois que Xanto beber o mar, torne a ourinallo na meſma praia, e hirá o mar para o ſeu meſmo lugar.

Xant. Eſtá bem; e ſe os peixes me entrarem pela goela, como ha de ſer iſſo?

Eſop. Não diga aſneiras; pois para não engolir os peixes podia beber o mar por hum funil;

nil : eſſa não he a dúvida , o caſo he , que prometeo beber o Senhor Xanto ?

Periand. Prometteo beber o mar.

Eſop. Pois bem , como a apoſta foi de beber o mar ſómente , mandem fechar todos os rios que vão dar ao mar ; porque de outra ſorte beberá , não ſó a agoa do mar , mas tambem a dos rios , o que não he da apoſta.

Periand. Como he poſſivel fechar quantos rios vão dar ao mar ?

Eſop. Se Voſſas Mercês não podem fazer hum impoſſivel , tambem meu Senhor não póde fazer outro impoſſivel.

Ennio. Tem razão Eſopo.

Xant. Fechem os rios , e eu beberei o mar, para que eſtou prompto.

Periand. Iſſo he impoſſivel , desfaçamos a apoſta.

Xant. Desfaçamos.

Todos. Victor Xanto.

Outr. Victor Eſopo.

Eſop. Victor eu , e victor amigos.

Xant. Anda , que te quero dar a liberdade , pois me livraſte deſte empenho. *Vai-ſe.*

Eſop. Vamos a caſa de hum Tabellião para paſſar-me a carta de alforria ; vou tão contente ! *Vai-ſe.*

Filen. O' Geringonça , não te deſcubras , que ahi vem Periandro chegando-ſe para nós.

Ger. Diz bem , vejamos o que faz.

Periand. Senhoras , querem hum criado para as acompanhar ? Não lhe merece repoſta o meu rendimento ? Só com acenos me dizem que não.

Valha-me Deos, eu eſtou perdido pelo brio deſta moça! Hei de ſeguilla. Não te vás, formoſa Venus, que ſem dúvida naſceſte agora das eſcumas deſſe mar, para abraſar os corações; ſe como a Deidade te adoro, não deſprezes as victimas de hum coração; deſcobre eſſe roſtinho, que como Sol ſe quer nublar neſſa importuna nuvem; não importa que me cégues com raios, ſe amor já me cegou com delicias.

Filen. Huma vez que queres que me deſcubra, aqui me tens.

Ger. E a mim tambem. *Deſcobrem-ſe.*

Periand. Que he o que vejo? Eſtou corrido! Cuidavas, Filena, que te havias de ir ſem que me fallaſſes?

Filen. Queres agora dizer, que ſabias que era eu falſo, ingrato, inconſtante? Eſſes ſão os teus extremos? Eſſas as tuas finezas? Tão depreſſa te mudaſte?

Periand. Filena, não tens razão; eu bem ſabia que eras tu; mas como eſtavas galanteando comigo, eu tambem quiz fingir que não te conhecia, ſómente para te ouvir; e quando iſto não fora, ahi verás que quando cheguei a amar, ſempre foi a ti, e não a outrem; pois ainda que te não conheceſſe, não ſei que ſimpatico influxo me arrebatava o coração, que te eſtava querendo.

Filen. Sempre me offendeſte na imaginação, de que eu era outra.

Periand. Meu bem, meu amor, nem por pen-

ſa-

ſamento te offendi, e ſe acaſo me não crês, deixa-me ſepultar neſſe mar, que ſó aſſim verás que mais quero a morte, que viver nos deſagrados de teus olhos.

Filen. Tem mão, que eu não quero finezas mortas; deixa-me, Periandro, deixa-me lamentar as tuas falſidades ao ſom da minha mágoa.

Canta Filena a ſeguinte

ARIA.

Neſſe líquido elemento,
A pezar de meu tormento,
Vejo, ó falſo, o teu retrato;
Pois que tanto ſe parece
Na inconſtancia a eſſe mar.
Donde eſtá, tyranno ingrato,
A conſtancia que dizias?
Donde a fé que prometias?
Pois não ſabes ſer amante,
Por mudavel, inconſtante,
Leve o mar o teu amor. *Vai-ſe.*

Periand. Eſpera, Filena, não te vás com tanta celeridade; porém hei de ſeguir-te a pezar da tua ligeireza, que ſe amor te formou das pennas azas, tambem ſaberei fazer deſſas azas pennas. Geringonça, detém a Filena.

Ger. Fez muito bem; voſsês são falſos, e ſe querem dourar, pois ſoffrão eſtes deſprezos. *Vai-ſe.*

SCE-

SCENA VI.

Praça. Mutação de noite, e ſahe Eſopo.

Eſop. COm a turba multa da gente me perdí de meu Senhor Xanto, e iſto he já noite; aonde acharei a eſte maldito? Eſtará em alguma taverna? Pois aqui mora hum Tabellião, e de nota, que ſabe fazer bem as cartas de alforria; elle aqui ha de vir, que eſte he o Tabellião da caſa: Ora graças a Deos que já não ſerei ſingelo, ſenão forro, e eu forrado poderei com mais liberdade dizer a Filena o meu amor; pois tenho o demo da bogia preza no cepo de meu coração, e eu lhe farei taes monarias, que ella ſaiba onde a bugia tem o rabo; porém lá vem quem quer que he.

Sahem Meſſenio, e Guardas.

Meſſ. Quem vem ahi?

Eſop. Eu, Senhor, não vou, venho.

Meſſ. De donde vém?

Eſop. Eu venho da geração de meu pai por aſcendencia.

Meſſ. Que armas traz?

Eſop. Ainda o Rei de Armas me não abrio as minhas.

Meſſ. Voſsê faz-ſe tollo? Buſquem-no ahi, a ver ſe leva alguma faca.

Eſop. Senhores, ſe eu venho a pé, como hei de trazer faca?

Meſſ. Buſquem-no bem.

1. *Hom.* Aqui tem huma couſa na algibeira.
Meſſ. O que he?
Eſop. Iſſo he hum corno que trago aqui por amor do quebranto: Ui, Senhores, Voſſas Mercês querem buſcar lá por detrás.
2. *Hom.* Sim, para ver ſe traz algum ferro lá eſcondido.
Eſop. A'que d'ElRei, Senhores, as minhas nadegas não são de contrabando; buſquem embora, que ahi não ha ferro, ferrado ſim.
Meſſ. Que trouxa he eſſa que traz ahi nas coſtas? Tirem-lha fóra, e vejamos.
Eſop. Se Voſſas Mercês ma tirarem, digo que são valentes.
1. *Hom.* Ella eſtá atada de ſorte, que a não podo tirar.
Meſſ. Que he iſſo que levas ahi?
Eſop. Não he nada, he huma corcova para ſervir a Voſſas Mercês.
Meſſ. Apoſtemos que és Eſopo?
Eſop. Com que ſó Eſopo he corcovado?
Meſſ. Dize, para onde vás?
Eſop. Eu não ſei para onde vou.
Meſſ. Aſſim reſponde á Juſtiça? Levem-no prezo.
Eſop. Vejão Voſſas Mercês ſe diſſe eu bem que não ſabia para onde hia; pois na verdade que eu não ſabia que hia para a cadeia.

Sahe Xanto.

Xant. Donde ſe eſconderia eſte Eſopo, que tenho andado quebrando os narizes ſem poder topar com elle? Alli eſtá a Juſtiça, vou-me retirando.

Meſſ.

Meſſ. Quem vem lá?
Xant. Amigos.
Meſſ. Que amigos?
Xant. Sou Xanto Filoſofo.
Meſſ. Senhor Xanto, veio Voſſa Mercê a boas horas.
Eſop. A boas horas veio Voſſa Mercê, ás aveſſas.
Xant. Senhor Meſſenio, que fez Eſopo, pois o tem prezo?
Meſſ. Por não fallar com cortezia á Juſtiça.
Xant. Voſſa Mercê, Senhor Meſſenio, por quem he, ha de ſoltar a Eſopo; pois bem ſabe que he bobo, e chacorreiro, e ſe alguma couſa reſpondeo ſeria por graça.
Meſſ. Baſtava ſer couſa de Voſſa Mercê para o ſoltar. Soltem a Eſopo.
Eſop. Pó diabo, como fede! Os esbirros devião ſoltar algum prezo.
Xant. Voſſa Mercê viva mil annos, Senhor Meſſenio, pela galantaria que me fez de ſoltar a Eſopo.
Eſop. Voſſa Mercê viva mil annos pela galantaria que fez em prender-me.
Meſſ. Vamos correndo o bairro. *Vão-ſe.*
Eſop. Ora Senhor, aqui mora hum Tabellião; vamos, para me fazer a carta de alforria.
Xant. Qual alforria?
Eſop. Eiſa agora he bonecra! Voſſa Mercê não me diſſe, que ſe o livrava de beber o mar, ficando com credito, e honra, que me havia de dar a liberdade?
Xant. Aſſim o diſſe, não o nego; mas eu já te dei a liberdade. *Eſop.*

Eſop. De que fórma?

Xant. Quando eu aqui cheguei eſtavas prezo; e por amor de mim te ſoltárão; logo já te dei a liberdade, e tenho cumprido a minha palavra.

Eſop. Eſſa não ſabia eu; aſſim ſe pagão os beneficios? Mas eu tive a culpa. Deixára-o eu beber o mar, que quando nada podia ficar hydropico com muita facilidade; e não fora eu taralhão, que o livrára deſſa entaladura; porém eu me vingarei.

Xant. Olha, Eſopo, ſe me trouxeres minha mulher para caſa com alguma induſtria, eu te darei a liberdade.

Eſop. Meta-me aqui o dedo na boca, para vêr ſe o mordo: *nó es la burla para dos vezes.*

Xant. Anda para caſa, não te agaſtes. *Vai-ſe.*

Eſop. Vou feito hum vinagre. *Vai-ſe.*

SCENA VII.

Mutação de Exercito. Tocão tambores, e clarins, e ſahirão Creſſo Rei de Lidia, e Temiſtocles a cavallo.

Tem. INvicto Creſſo Rei da Lidia, aonde intentas paſſar com os triunfos? Sem dúvida queres eſcurecer o nome, e valor do meſmo Marte.

Rei. Temiſtocles, quando os homens, como eu, chegão a deſembainhar a eſpada, ha de ſer para conquiſtar o Mundo: Já toda a Aſia me obedece, e a maior parte da Europa, agora me falta avaſſalar eſta pequena parte da Gre-

Grecia, e seja de todas esta a primeira que sinta o raio da guerra, pois degollada a cabeça, o corpo logo se prostra.

Tem. Os Athenienses, Senhor, são tão déstros nas armas, como nas letras, e bastava haver nella tantos sabios para ser difficil render-se; que o bom conselho he o que dá as victorias, maiormente tendo lá hum homem a que chamão Esopo, que dizem que he astucioso, e de grandes ardis.

Rei. Quem faz caso de hum homem á vista de hum Exercito? Que gente temos?

Tem. Sincoenta mil homens de Infantaria, e vinte e quatro de Cavallaria, fóra os vivandeiros, e gastadores.

Rei. Toca a passar mostra, que quero reclutar as tropas, e batalhões, e delles escolher poucos, e bons, para ir sobre Athenas, e a mais gente fique para se empregar em outras Praças com os Cábos que eu nomear.

Tem. Toca a passar mostra.

Hirão sabindo os Soldados ao som da caixa.

Rei. Temistocles, vinde tomar as ordens, e chamar os Cábos a conselho.

SCENA VIII.

Deſcobre-ſe hum Templo, e no fim delle eſtará huma eſtatua de Jupiter, ao pé da qual ha de haver huma Aguia com tres raios nas unhas, a qual ſe ha de mover a ſeu tempo, e cantará o Coro, e ao meſmo compaſſo hirão ſahindo Meſſenio, Xanto, Periandro, e Eſopo, o qual dançará, e depois que ſe cantar tocarão tambores.

Eſop. AQui nos correm a caixa.
Meſſ. Que novidade he eſta?
Xant. Iſto he caſo nunca viſto!

Sahe Ennio.

Ennio. Senhores, toda a Cidade eſtá alvorotada á viſta de hum poderoſo Exercito com que ElRei Creſſo de Lidia vem deſtruindo os campos, e já á viſta das noſſas muralhas; e tu, Meſſenio, como General das Armas ſahe a defender-nos.

Meſſ. Eu vou, e verá ElRei Creſſo o meu valor.

Eſop. Sempre tive agouro com eſte Jupiter. Valha o diabo a ElRei Creſſo, que no melhor que eu eſtava fazendo hum contratempo, nos veio fazer hum paſſapié daqui fóra.

Meſſ. Vamos, Senhores.

Xant. Eſperai, pois já que eſtamos aqui no templo de Jupiter, conſultemos o ſeu Oraculo, e o que elle nos diſſer obraremos.

Periand. Aconſelhou como ſabio.

Meſſ.

Meſſ. Pois Xanto, pergunta tu, que como douto o farás melhor.

Eſop. Meu Senhor falla aos Joves como ninguem.

Xant. Grande Oraculo de Jupiter, como reſiſtiremos a ElRei Creſſo de Lidia?

Eſop. Pois aquillo tinha muito que dizer? Tudo he opinião neſte Mundo.

Haverá como terremoto, é eſtrondo.

Eſop. Irra, que terremoto! O Templo parece que ſe vem abaixo! Eſte Jupiter ſerá gago, que tanto lhe cuſta a fallar?

Canta-ſe o Recitado ſeguinte, como em repoſta do Oraculo de Jupiter.

RECITADO.

Ao mais livre de vós, e ao mais eſcravo
Conſultai, que he hum Oraculo vivente,
E vereis claramente,
Do que ſaber quereis o deſengano.
Elle ſerá o remedio deſte damno;
E para que o ſaibais com mais clareza,
Deſſa Aguia reparai na ligeireza.

Voa a Aguia aſſima dita, e ſe põe ſobre a cabeça de Eſopo, que cabirá por terra, e depois ſe hirá pôr como eſtava.

Eſop. Voſsês não vem a paſſara que anda voando de verdade?

Xant. A Aguia de Jupiter voando! Iſto he novidade! E vai direita para Eſopo.

Tod. Que portento!

Eſop. Xó diabo. Paſſa fóra.

Xant. Deixa, não enxotes, tollo, olha que he ſacrilegio,

Eſop.

Eſop. Com que por ſer de Jupiter deixarei que me tire hum olho; e mais de que, eu ſei por ventura ſe he Aguia, ou corvo? E iſto com tres raios nas unhas, que me chamuſque o cabello.

Xant. Quem ſerá o venturoſo ſobre quem ſe ponha eſta Aguia.

Eſop. Eu ſou o venturoſo deſgraçado; xó, a'que d'ElRei!

Voa outra vez a Aguia, e torna para o meſmo lugar, e levanta-ſe Eſopo.

Periand. Sêm dúvida, que Jupiter quer que Eſopo ſeja o Oraculo.

Meſſ. Pois reſponda Eſopo.

Xant. Que ha de dizer hum eſcravo?

Eſop. Eu não tenho dúvida em deſcifrar eſte enigma da Aguia; mas ha de ſer com condição, que me hão de dar a liberdade.

Tod. Dê-ſe a liberdade a Eſopo.

Meſſ. Xanto, dá a liberdade a Eſopo, quando não lha dará o povo, e ficará livre.

Xant. O que hei de fazer por força, quero fazer por vontade. Eſopo, eſtás liberro.

Eſop. Agora ſim. Nobres Athenienſes, dai-me attenção, que fallo ſerio. Bem viſtes que a Aguia de Jupiter ſe pôz ſobre a minha cabeça; a Aguia he o ſymbolo dos Imperios, e eu era eſcravo, e iſſo quer dizer, que o Imperio d'ElRei Creſſo nos quer avaſſallar, mas como depois diſſo o eſcravo conſeguio liberdade, tambem Athenas terá a meſma fortuna ſe ſeguir os meus conſelhos.

Xant.

Xant. Bem deſcifrado enigma!

Tod. Viva Eſopo, e elle ſeja o director deſta guerra.

Xant. Eſopo, aquella caſa he tua, ainda que liberto eſtás não te apartes de mim.

Eſop. Algum diabo, que eu me vá de caſa eſtando nella a Senhora Filena, a quem entro agora a ſervir, e a moſtrar-me ſeu amante ás eſcancaras. Xanto, vamos, que hoje vos faço a honra de ſer voſſo hoſpede.

Tod. Viva Eſopo noſſo libertador.

Eſop. Não gabem a porca antes de paſſar o marrão.

Tod. Vamos a pelejar.

Canta o Coro, e ſe dá fim á primeira Parte.

PARTE II.

SCENA I.

Mutação de Selva, e no fim haverá hum Palacio donde eſtará a mulher de Xanto, e ſabe Eſopo.

Eſop. VEnho deitando o bofe pela boca fóra, bofe, que ainda depois de liberto não tenho huma hora de ſocego; pois meu patrão eſtá ateimado a que lhe leve para caſa a mulher que lhe fugio; a iſto venho eu com tanto perigo, porque os inimigos não tardaráõ muito em vir; ſe me agarrão, lá vai Eſopo c'os diabos: como trarei eu eſta maldita mulher para caſa, que huma mulher teimoſa he peior que hum cancro, que não tem cura? Mas alli vejo huma quinta, e ſe me não engano lá eſtá huma mulher, e pelo fartum da cólera he a Senhora Euripedes, pois agora a ella lhe árderá o rabo. Há por aqui quem venda alguns perús, patos, gallinhas, coelhos, e outras couſas comeſtiveis?

Eurip. Eſopo, que he iſſo, que buſcas? Anda cá. He poſſivel que me não vieſſes ver até agora?

Eſop. Ai, Senhora, confeſſo-lhe que não tenho tido huma hora de meu com o caſamento de meu Amo, o Senhor Xanto.

Eurip.

Eurip. Como he iſſo? Xanto caſa? Pois eu já morri?

Eſop. Provera Deos. *á parte.* Sim Senhora, caſa o Senhor Xanto com a mais linda rapariga que ha neſta terra. Apenas Voſſa Mercê ſe foi de caſa eſcumando como huma cadella de fila, quando logo forão tantos os caſamentos que ſahirão a meu Amo, que iſſo foi huma couſa nunca viſta; ajuntárão-ſe na porta tantas mulheres todas a gritar: a mim, a mim; outras dizião: eu, eu. Então acabei de ver quanto valia hum Filoſofo. Meu Amo vendo que chovião nelle mulheres como na rua, mandou que ſubiſſem todas, e que o levaſſem por oppoſição, viſto eſtar vago o eſtrado de Voſſa Mercê; foi couſa para ver, o cómo ellas ſe oppunhão humas ás outras! Qualquer dellas ſabia bem da Arte de amar, porém Geringonça, (que tambem entrava no concurſo) levou a palma em vida; e como meu Amo eſtava affeiçoado de Geringonça, ella foi a que triunfou, e com effeito eſtá teúda, e manteúda em caſa; á manhã ſe faz o caſamento, para o que venho a apennar todas as aves de penna; a deos, Senhora. Há por aqui quem venda alguns perús, patos, ou gallinhas?

Eurip. Eſpera, Eſopo, olha cá o que te digo.

Eſop. Se tem alguns perús para vender venhão, que os quero comprar.

Eurip. Elle pagará o pato. Ha maior deſaforo! Que eſte magano de meu marido não baſta

namorar-ſe da criada, mas tambem caſar com ella? Eſtou huma vibora.

Eſop. Eu o creio.

Eurip. Xanto caſar-ſe com outra mulher! Iſto he crivel?

Eſop. Pois ſe elle eſtá vivo não ſe fora Voſſa Mercê de caſa.

Eurip. Eſpera, Eſopo, que eu vou comtigo perguntar a eſſe inſolente ſe ha de caſar com outrem eſtando eu viva?

Eſop. E tão viva que tem o eſpirito no corpo.

Eurip. Se apanhára agora aquelle velhaco lhe havia daz muito couce; eſtou ardendo com zelos! Montanhas, como não cahis ſobre mim para ſepultar-me?

Eſop. Eſpere, ſe quer que caia hum tronco ſobre o ſeu corpo iſſo farei eu.

Eurip. Deixa-me, Eſopo, que eſtou zeloſa.

Eſop. Parece que lhe ardeo o rabo.

Canta Euripedes a ſeguinte

ARIA.

A vibora inſana
Dos zelos com ira
Penetra tyranna
O peito, que eſpira
Nas ancias da dor.
Frenetica morro,
Afflicta ſuſpiro,
Languente reſpiro,
Nos zelos de amor. *Vaiſe.*

Eſop. A' fé que ella vem para caſa; ora já logrei o meu intento; mas que ouço? Tambores?

res? O inimigo já vem chegando, vamos a defender a Praça.

Toca o Tambor.

SCENA II.

Mutação de Arraial, e no fim eſtará hum Caſtello com gente de guerra, e ſahem ElRei Creſſo, Temiſtocles, e mais Soldados.

Tem. SOberbos, e arrogantes são os muros de Athenas! Parecem inconquiſtaveis!

Rei. Por iſſo meſmo ſerá Athenas o alvo de minhas iras militares: Se vos parecem ſoberbos, e arrogantes eſſes muros, logo os vereis reduzidos a lamentavel eſtrago. O' Athenas, ou tu te has de render, ou eu hei de ficar ſepultado debaixo de tuas muralhas.

Tem. Senhor, o bom Capitão deve ſer prudente, e não temerario.

Rei. A prudencia he capa dos medroſos; o emprender impoſſiveis he principio de triunfar: vá Volantim á Praça, e diga aos Athenienſes, que quem ſe acha neſta campanha he ElRei Creſſo de Lidia, a cujo valor ſe tem fugeitado todo o Peloponeſſo, que me acho com a flor de minhas tropas, que ſe ſe quizerem fugeitar com capitulações honroſas, pagando-me hum leve tributo eſcuzarão de experimentarem os rigores da guerra, e hum aſſalto rigoroſo, e quando não, não ficará pedra ſobre pedra.

Hirá hum Volantim ao muro, e dará o meſmo recado, ao que reſpondem da muralha.

Meſſ. Dizei a ElRei Creſſo de Lidia, que Athenas, como Soberana, nunca reconheceo Superior, e que o ſeu exercito não nos aſſombra; pois os de Athenas brigamos com dobradas armas, que são as do entendimento, e as da guerra, e aſſim, que nós reſiſtiremos até morrer.

Rei. Notavel reſolução?

Canta o Rei a ſeguinte Aria, e Recitado, e depois dá-ſe o aſſalto.

RECITADO.

Animo pois, Soldados valoroſos,
Caſtiguemos a barbara ouſadia
De Athenas temeraria,
Sentindo o inſenſivel
De Mavorte feroz a furia horrivel.

ARIA.

A fábrica altiva
De tanto edificio
Cruel ſacrificio
De Marte ſerá.

O fogo que accende
Bellona no peito,
O muro desfeito
Em cinzas fará.

Rei. Valoroſos Soldados, neſte primeiro aſſalto conſiſte a honra, e o valor. Toca a inveſtir. *Toca-ſe, e ſe dá o aſſalto, arrimando duas eſcadas, por onde ſubirão alguns Soldados a brigar com os da Praça, e ſe lançará ao meſ-*

meſmo tempo algum fogo. Depois de alguma reſiſtencia, entre as vozes dos Soldados, dirá o Rei.

Rei. Toca a recolher, ſuſpenda-ſe o aſſalto, que morrem muita gente.

SCENA III.

Mutação de Sala, onde eſtarão Xanto, Ennio, e Periandro, e haverá como huma grande cadeira no fim.

Xant. NÃo he razão que pelo exercicio das armas ſe ſuſpenda o das letras, e aſſim em quanto pelejão os Soldados no muro, não quero eſteja ocioſo o diſcurſo nas Aulas; ſentemo-nos, e vá de argumentos.

Sahe Eſopo.

Eſop. Ai, quem me acode, que morro?

Xant. Que tens? Que te ſuccedeo?

Eſop. Venho eſfalfado de brigar com os inimigos, que derão hum aſſalto na Praça.

Periand. Pois vencemos?

Eſop. Eu, ſuppoſto lá me achaſſe, não vi couſa alguma.

Periand. Como? Iſſo implica.

Eſop. Não implica; de ſorte, que eu hia para ver o aſſalto, quando me diſſe hum Soldado, que era todo huma nata, e eſtava de ſentinella: ſe quer ver ha de pagar á porta, e quiz a minha deſgraça, que não levava dinheiro; e como me vírão ſem laia derão-me logo huma baixa redonda.

Periand.

Periand. Bom director têmos para eſta guerra! Entendo, Eſopo, que ſe tu fazes das tuas, que todos ficaremos cativos d'ElRei Creſſo.

Eſop. Se iſſo aſſim for pegue Voſſa Mercê no Senhor Jupiter, e dê-lhe muito açoute; pois elle foi o que me alcovitou para ſer General deſta guerra.

Xant. E que novas me dás de minha mulher?

Eſop. Ainda eſſa he peior guerra, porque he huma guerra porca; pois quando ſe encoleriza, tocando com as vaquetas das pernas no tambor da ſua paciencia, cada palavra hê huma balla, e cada ſaliva hum perdigoto.

Xant. Pois homem, vem para caſa, ou não?

Eſop. Eſteja deſcançado, que ella logo vem; porém (ainda que mal pergunto) hoje há aqui Conclusões?

Xant. Há huma conferenciazinha; e tu, Eſopo, tambem has de argumentar.

Eſop. Quem defende?

Periand. Eu defendo tres pontos.

Eſop. Quaes são, que eu tambem quero meter o meu bedelho?

Periand. As queſtões são curioſas.

Eſop. Diga, que tambem ſou curioſo.

Periand. O primeiro ponto he: Que o maior indicio do amor he o andar hum amante triſte. O ſegundo ponto he: Que o amor para ſer perfeito ha de ſer cégo. E o terceiro definir que couſa he o amor.

Xant. Eu preſido, argumente Ennio, e Periandro.

Eſop. Na terra dos cégos quem tem hum olho he

he Rei. Argumente o Senhor Ennio, que eu eſtou já pullando para eſgrimir a eſpada da eloquencia.

Ennio. Ora contra o primeiro ponto, em que ſe affirma, que o maior indicio do amor he andar triſte hum amante, argumento aſſim: A triſteza he indicio do deſgoſto, o amor he o maior goſto; logo não póde ſer a triſteza indicio de hum goſto, qual he o amor.

Xant. Repita.

Periand. Nego, que o amor ſeja o maior goſto.

Ennio. Provo: Se o amor não fora goſto todos o aborrecerião, e como todos procurão o amor, logo o amor he goſto.

Periand. Todos appetecem o amor com vontade conſtrangida, concedo, com vontade livre, nego.

Xant. Admiravelmente; porque a vontade forçada não he vontade.

Eſop. Iſſo ſe acaba com a experiencia; vamos ás Galés, e faça-ſe anatomia em hum forçado, para ver ſe tem a vontade livre.

Ennio. Contra.

Eſop. Ora calle-ſe, que não ha de levar a melhor de ſeu Meſtre, pois ainda que diga huma aſneira ſempre ha de vencer. Deixe-o agora comigo, que hei de baqueallo: *Faciat mihi dicendi veniam, Pater Magiſter barbatus, & enamoratus cum Mixela ſua, contra punctum corridum ſic argumentor*: Se o indicio maior do amor foſſe a triſteza, *non tangeretur violam Barbeirus viſinhum meum, ad namorandam*

dam cachopam; *ſed ſic eſt*, que a viola he ſignificativo da alegria: *ergo Barbeiro ad namorandam fregonam non uſaretur* de couſa alegre.

Periand. Nego a menor, que ſeja a viola ſignificativo da alegria, pois ás vezes nella ſe tangem ſons triſtes.

Eſop. Non poteſt eſſe: *argumentor ita*: Não haverá Barbeiro, que *ad namorandam*, *vel bichancreandam fregonam non tangat* oitavado; *atqui* que o oitavado he ſom folgazão; *ergo amor inginbatur* com couſa alegre.

Xant. Diſtingo: o oitavado he ſom folgazão, *ut vulgò* o arrepia, concedo, porém ſe he o oitavado molle, nego.

Eſop. Tudo o que he molle ſe arrepia; o cabello ſe arrepia, porque he molle, *ergo* o oitavado molle, e o arrepia ſe não podem ſeparar, por ſerem *ejusdem furfuris*. Eſte argumento não tem reſpoſta, aſſim o diz Galeno: *Omne molle arripiatur*, ou *ſurripiatur*, como diz a Gloſſa.

Xant. Ora calte, que não dizes nada.

Eſop. Olhem Voſſas Mercês, ſempre hum exemplo aclara muito hum calcanhar; vá fóra da fórma: Se a triſteza fora ſignificativo do amor, ſeguir-ſe-hia que o burro era a mais amante creatura; pois he certo, que não há animal mais triſte, melancolico, e ſorumbatico, do que o burro, e aſſim, ou Voſſa Mercê me ha de conceder que o burro he amante, ou ha de negar que a triſteza não he final de quem tem amor. *Quid dicis ad hæc?*

Xant.

Xant. Digo que tens razão.

Ennio. Victor Eſopo; boa paridade?

Eſop. Pois eu não o diſſe por paridade; o certo he que eu ſou hum grande talento.

Ennio. Contra o ſegundo ponto das Conclusões, que diz, que o amor para ſer perfeito ha de ſer cégo; o amor reſide na vontade, o entendimento he o faról que guia a vontade; logo ſe a luz do entendimento allumiára a vontade, nunca o amor ſeria cégo.

Periand. Reſpondo, que neſſe caſo tambem o entendimento eſtá cégo. Se o entendimento eſtá ſem luz, como póde guiar a vontade?

Eſop. Eſpere, eſpere, que agora lhe ſalto nas ancas: *totus amor eſt albarda*: *atqui* que albarda *eſt* enxerga; *ergo* o amor ha de enxergar.

Xant. Quem te diſſe a ti que o amor era albarda?

Eſop. *Ui*, Senhor, deſde que me entendo, ou antes de me entender, ſempre no berço me embalárão com aquella cantiga:

O amor he huma albarda,
Que ſe póem em quem quer bem;
Eu por não ſer albardado,
Não quero bem a ninguem.

Xant. Iſſo he queſtão de nome, vamos ao terceiro ponto, que he definir o amor.

Periand. Agora defina Eſopo o que he amor, que nós lhe argumentaremos.

Xant. Dizes bem, ouçamos o que diz, e vejamos o ſeu juizo.

Ennio.

Ennio. Bem eſtá, que elle tem grande juizo; aſſim o tivera eu.

Eſop. O meu juizo já andou demandado em Juizo; mas eu por lhe fartar a vontade me ſubo á magiſtrál, e definirei o amor.

Tod. Ora ouçamos a Eſopo, chiton.

Sobe Eſopo á cadeira, e aſſentando-ſe nella diz:

Eſop. Vulcano, aquelle célebre Ferreiro, a quem a Gentilidade hypotecou o dominio do fogo, foi marido de Venus, (ainda que outros dizem que Venus he que foi ſua mulher) valha á verdade, que eu com iſſo me não meto; o que eu ſei he, que eſtando Venus ao pé de huma bigorna em que Vulcano eſtava batendo hum ferro em braza, e ſobre eſte deſcarregando o martello, eis-que falta huma faiſca, préga-ſe na barriga de Venus, e como á queima róupa atea-ſe o incendio na camiſa; mas quiz não ſei quem, que como Venus era filha do mar alto, o fogo a não pudeſſe abrazar, fazendo-lhe huma empolla na barriga. Cuidado, Senhores, com o fogo, principalmente junto da formoſura; porque a belleza he iſca, que com qualquer fogo ſe atea, he mécha, que com qualquer iſca pega, he polvora, que com qualquer faiſca eſtoura; bem ſe vio no preſente caſo, mas não parou ahi o eſtrago, porque a tal empollaſinha, ainda que dizião os Medicos, não he nada, não he nada, ella em nove mezes creſceo de tal ſorte, que parecia hum tambor. Vendo-ſe a formoſa Venus em tanto perigo, man-

mandou chamar tres velhas ſuas conhecidas, e inſignes meſinheiras. (Erão ellas mulheres muito honradas no ſeu corpo, e nos ſeus adornos mui Parcas.) Cada huma conforme a ſua antiguidade foi-lhe apalpando a barriga; a primeira velha diſſe: Senhora, a barriga de Voſſa Mercê tem tal quentura, que me perſuado que tem nella hum incendio. Diſſe a ſegunda: Pois eu ſe me não engana o tacto, acho a barriga de Voſſa Mercê tão dura, que *cuido* tem dentro della hum calháo. Reſpondeo a terceira velha: Com licença das Senhoras Comadres, cuido que o que Venus minha Senhora traz na barriga he hum bicho, pois pelos ſaltos que dá nella aſſim me atrevo a affirmar. Palavras não erão ditas, quando eſtoura Venus pelas ilhargas, e ſahio como huma pelota hum rapaz cégo de ambos os olhos, com aljava ao hombro, e na mão hum arco, e pondo-ſe logo em pé diſſe a criança: Não quebrem a cabeça, que o que minha mãi tinha na barriga era o Amor, que ſou eu. Vendo as velhas eſte prodigio, diſſe a primeira: Não cuides, Cupido, (que o rapaz logo trouxe o nome comſigo) não cuides que me déſte quináo, pois tanto montava dizer que Venus tua mãi tinha na barriga hum incendio, que o ter amor; porque amor, e incendio tudo he o meſmo. A quantos amantes na tyrannia de hum deſdem fáz o amor ſeu foguete, e de rabo, quando dá as coſtas aos carinhos, por mais que buſca pé para

diſparar nãs meninas dos olhos o foguete de lagrimas que chora? Todas as arvores de geração são eſgalhos da arvore do fogo do amor, donde cada bomba he hum pomo, e cada folha hum traque, porque todo o amor acaba de eſtouro. Para as Damas he o amor brazeiro, para as criadas chaminé, para os velhos borralho, para os moços eſquentador, para os aſnos fogo ſalvagem, para os lacayos fogo lento, para os tafuis fogo viſté lingoiça, para os pretos tição, para os rapazes fogueira, e para todos Inferno. Diſſe a boa da minha primeira velha; quando a ſegunda, inchando o gorgomillo, e encreſpando as cordoveas diſſe: Pois na verdade, que me não enganei em dizer que Venus tinha hum calháo na barriga; pois nenhuma outra couſa he o amor ſenão huma pedra, e ſenão vejão: A cabeça do amor he pedra de porco eſpinho, pois pica os penſamentos amoroſos, a teſta he marmore de que ſe lavrão as eſtatuas da auſencia com o buril da memoria, os olhos são eſmeraldas, côr da eſperança com que engana, a boca rubim pelo ſanguinolento, a garganta pedra hume pelo que aperta, o peito diamante, porque hum amor ſó com outro amor ſe lavra, os braços por victorioſos, pedras victorinas, as máos pedra lipis pelo que cauterizão, e finalmente o rabo pedra bazar. He o amor pelo forte rocha viva, quando proſtra, pedra de raio, quando engoda, pedra de aſſucar, quando attrahe, pedra iman,

iman, quando experimenta finezas, pedra de tocar, quando vence impoſſiveis, a melhor pedreira, e quando doura aggravos, pedra filoſofal. Para as mulheres pedras de eſtancar ſangue, para os homens pedra de funda, para quem foge, ou as amólla rebollo, para os Barbeiros pedra de affiar, para as coſinheiras pedra de ferir lume, para os mochilas pedra da rua, para os marujos lancho da praia, para os meninos confeito ſeixinho, para os goloſos pedra de cevar, para alguns pedra cordeal, e para todos pedra de eſcandalo. Ainda não tinha bem acabado de dizer a ultima ſyllaba, quando a outra velha abrindo a caixa da boca tirou o caxundé da eloquencia, e já quaſi enfurecida diſſe: Suppoſto, Senhores, que eu ſeja mulher, não hei de ficar vencida, porque ſe affirmei que Venus tinha na barriga hum bicho, não diſſe mal; pois que couſa he o amor, ſenão hum bicho, hum animal, e hum lagarto? E ſenão pergunto: que he o amor, ſenão huma hydra de ſete cabeças, que nem o mais valente Hercules pôde vencer? He camaleão, que ſe ſuſtenta com o vento das liſonjas, he tarantula, que com os deſcantes cura o ſeu veneno; quando diligente, he ſantopea, quando ſe atea, aranha, quando com viſta mata, lince, quando cega, toupeira, quando deſdenhoſo, ouriço, quando timido, lebre, quando valente, tigre, quando fiel, cachorro, quando menino, leſma, quando arraſtado, cobra, quando trombu-

budo, elefante, quando neſcio, camello, quando furioſo leão, e quando pára, cendeiro. He o amor para as Damas arminho que regala, para as Freiras cãoſinho que affaga, para as velhas dragão que mete medo, para os mancebos cavallinho da alegria, para os velhos cavallo canſado, para as coſinheiras gata borralheira, para as fêas cão de arame, para os valentes anta, para os Granadeiros lontra, para os çapateiros bezerro, para os caſados touro, para os pacientes cabrão, para os aſnos burro, que dá couces na alma, e finalmente bogio, porque a todos prega o mono. Para prova deſta verdade perguntai a eſſes amantes ò que fazem, para explicar o ſeu amor? Sabeis o que fazem? Fazem hum bicho; porque o meſmo he fazerem hum bicho, que dizerem que tem amor, pois o amor he bicho. He o amor bicho de concha, que no mar de Venus ſe gerou; he bicho de ſeda, que transformando-ſe em borboleta ſe parece com o amor nas azas; he bicho de coſinha, que tempera os genios mais aſperos, he ſabichão, porque a todos engana. Quando nos embebeda, bixaninha gata, quando nos mete medo, bicharoco, quando nos chupa o ſangue da bolça he bicha, e finalmente he bicho carpinteiro, que não póde eſtar quieto com os ſeus bicharocos. E concluio a velha toda eſta arenga, fazendo hum horrendo, e eſpantoſo bicho, dizendo: quem, Voſſa Mercê, Senhor Cupido? Eſſa he boa! Eſta he a de-

fi-

o do amor que lhe derão as tres ve-
, vindo a concluir que o amor he féra,
, e pedra ; féra nos eſtragos, raio nos
idios, e pedra na dureza ; e quem qui-
mais vá á ſua caſa.

Por certo, que definiſte bem o amor, e premio da tua ſabedoria terás o grão de utor em Filoſofia.

ind. Juſto he que laureemos a Eſopo.

io. Eſopo merece todas as honras de Sabio.

it. Has de ſer Meſtre do Curſo que ſe ha e abrir para o anno.

ip. Iſſo he pulha; Meſtre do Curſo! Muito hei de gaſtar em alfazema, e alecrim para perfumar a Aula, que cheirará, que ſerá hum deſamparo.

Kant. Porém antes de tomares o grão has de reſponder a huma pergunta ſolta, que he coſtume Academico.

Eſop. Quem pergunta ſaber quer; ora vá.

Kant. Dize, Eſopo, porque razão chamão aos corcovados Poetas?

Eſop. Sic querit, & reſpondeo: chamão aos carcundas Poetas, porque os Verſiſtas deſte tempo são Poetas, mas he cá para trás das coſtas.

Periand. Boa reſpoſta!

Ennio. Boa agudeza!

Eſop. Ahi eſtá ella muito á ordem de Voſſa Mercê.

Kant. Ora eu te conſtituo Doutor, Eſopo, pela authoridade que tenho da Républica.

Sahe Filena.

Filen. Quem eſtá aqui?

Periand. Quem ha de ſer, ſenão quem adora; não ſó o idolo de tua formoſura, mas até as paredes do templo, onde te elevas Deidade?

Filen. Se ſoubera que eſtavas aqui não paſſára por eſta ſala.

Periand. A tanto chega o teu odio, que nem ver-me deſejas?

Filen. Não poſſo reſponder, porque minha mái já veio para caſa, e lhe vou fallar.

Periand. Eſpera, que te não has de ir ſem primeiro fazermos as pazes, pois ſem razão vejo que eſtás contra mim.

Filen. Não quero admittir deſculpas, que hão de ſer tão falſas como tu, que as pertendes dar; deixa-me, Periandro, que vou ver minha mái.

Periand. Eſcuta ſequer hum breve inſtante, Filena, as queixas de hum amante afflicto; não queiras que de todo acabe deſeſperado aos golpes de huma mágoa.

Filen. Por me não deteres mais dize o que queres dizer.

Periand. Pois eſcuta.

Canta Periandro a ſeguinte

ARIA.

Ingrata, não ſei porque
Podendo eu ſer feliz,
Fazes com teu rigor,
Que chegue a enlouquecer.
Cruel Deidade, vê
Que ainda que infeliz,

Em

Em mim ſe acha amor,
Que puro ſabe arder.

Filen. Compadecida da tua mágoa buſcarei hora em que com mais vagar te deſculpes, e eu me ſatisfaça. *Vai-ſe.*

SCENA IV.

Mutação de Camera, e ſahe Eſopo com hum papel na mão.

Eſop. GRande pezo tenho ſobre as minhas coſtas! Não baſtava eſta corcova, mas ſobre ella ainda hum amor como hum inchaço? Eu confeſſo que ſim tinha amor á menina, porém depois que a vi hontem cahindo-lhe a baba pelos cantos da boca, ainda fiquei mais abrazado; vejão agora a aſneira deſte meu amor, em que havia achar motivo para ſe atear! Eu tomára declarar-me com ella; ſe pegar muito bem, quando não pouco ſe perde, mas eu acho de mim para mim, que ella não ha de ter dúvida a ſer minha amanta, pois já agora ſou Doutor; e ella que mal lhe eſtará levar em capello a minha contubernia amoroſa?

Sahe Filena.

Filen. Eſopo, ha dous dias que me não dás lição; ora vamos a iſſo.

Eſop. Ora digão agora Voſſas Mercês ſem paixão, quem ſe não ha de namorar daquella cara, que parece pintada a oleo de linhaça?

Filen. Vamos á lição, ſe queres, ſenão vou-me.

Eſop.

Eſop. Quero, quero, antes porque quéro por iſſo não quero. Olhe, menina, ninguem corre atrás de nós, tempo tem a lição, converſemos hum pouco primeiro.

Filen. Ora converſemos, que eu góſto muito das tuas graças.

Eſop. Mais entendo eu, que goſta das minhas deſgraças.

Filen. Das tuas deſgraças? Como?

Eſop. Bem, já eſtou metido na tramoia; eu começo a explicar-mé: como eſtá o Senhor ſeu pai dos flatos?

Filen. Que tem cá as tuas deſgraças com os flatos de meu pai?

Eſop. Iſto foi hum entreparente; mas o caſo he que as minhas deſgraças Voſſa Mercê.... quando.... hoje.... á manhã.... eu eſtou fóra de mim! Não digo couſa com couſa!

Filen. Que dizes, que te não entendo?

Eſop. Agora, agora, eu me explico: De ſorte, que eu.. não.. não.. de maneira.. que Voſſa Mercê... não... ſim.... não.... eſpere.... faça Voſſa Mercê de conta.....

Filen. Que hei de fazer de conta? Tu eſtás bebado?

Eſop. Não eſtou bebado por vida minha; ora eſpere, que eu me explico neſte

SONETO.

Ora aſpiro, ora temo, ora duvido;
Ora grave, ora meigo, ora ſevero;
Ora engeito, ora peço, ora não quero;
Ora páro, ora tenho, e ora envido:

Ora

Ora inculto, ora monſtro, ora Cupido;
Ora prompto, ora tímido, ora féro;
Ora livre, ora eſcravo, e ora impéro;
Ora amante, ora ingrato, ora ſentido;
Ora morro, ora vivo, ora me afogo,
Ora rio, ora choro, ora me aſſanho;
Ora já, ora não, e ora logo.
Ora envido, ora perco, e ora ganho;
Ora incendio, ora neve, e ora fogo;
Eſtranho variar de amor eſtranho!

Filen. Tens dado mais horas que hum relogio, e em tantas não te pudeſte explicar.

Eſop. Pois Senhora, nas horas deſſe relogio apontava o moſtrador do meu enleio, quando a formoſura de Voſſa Mercê me tem feito em quartos, e por inſtantes morrendo na repetição dos golpes.

Filen. Sim? Pois que he?

Eſop. He o coração que eſtá a bater.

Filen. Pois iſſo que tem? A todos faz o meſmo.

Eſop. Será, mas eu acho que o meu coração não cabe na pelle, porque tem dentro....

Filen. O que tem?

Eſop. Tem â, â, â....

Filen. Se não paſſas do A, pouco ſabes; que he o que tens, que eſtás gago?

Eſop. Quero dizer amor, e não me chega a lingua. Ora eſcute, que cantando me explicarei; pois já que o amor he Tarantula, como diſſe hum diſcreto, que fui eu, com a muſica curarei o veneno do coração.

Can-

Canta Eſopo a ſeguinte

ARIA.

Sabes tu quem me atormenta?
De manſinho, aqui em ſegredo:
He... mas ai, que tenho medo!
Ora eu digo reſoluto,
Es tu meſma, ingrata, tu.
Tu fabricas eſte enredo
Aos meus olhos, que lamentão
O rigor daquelle monſtro,
Que anda cégo, nú, e crú.

Filen. Com que te namoraſte de mim? Vivas muitos annos, que eu diſſo não me offendo.

Eſop. Sim, mas eu queria....

Filen. Que querias?

Eſop. Eu ſei! Queria que me correſpondeſſe tambem, que nos eſcreveſſemos de parte a parte, ainda que ſempre fallamos; queria que me déſſe mais hum coração de azeviche com huma fitta da ſua anagoa, e a fitta havia ſer verde para eu lhe fazer huns verſos, onde havia fallar em eſperança. E indo nós aſſim andando, ao depois o tempo daria de ſi alguma couſa; pois que diz? Sim?

Filen. Valha-te o diabo, mofino, que ſempre has de eſtar de pachorra! Vamos á lição, anda, que ao depois quero me notes huma catta para Periandro, que hei de eſcrevella pela minha propria mão, e da minha letra, tal, e qual.

Eſop. Com que não há que deferir ao meu requerimento, e ſobre não ſer admittido, como aman-

amante, hei de ſer alcoviteiro ? Iſſo não ha lei que o mande ; e ſe Cupido tal ſouber he capaz de deixar cahir hum raio ſobre mim ; porém nem tudo ſe leva de hum jacto : eu hirei colhendo favores ás furtadellas ; ora ande, menina, eſcreva lá.

Filen. Dize de vagar, e que á manhã me falle ; eſcolhe tu o lugar que for mais ſeguro.

Vai ditando Eſopo, e eſcreve Filena.

Eſop. Meu bem Eſopo, de quem ſó fio os ſegredos do meu coração, diga o quanto eſte ſe abraſa nas chammas do amor ; não lhe poſſo dizer mais, nem menos, que aos bons entendores pouco lhe baſta : á manhã á noite eſpero vello no pateo eſcuro para o enxergar melhor, o qual cahe para a eſtrebaria do cavallo de meu pai. Deos te guarde, que te não quéro dar quebranto. Muito ſua pelo ſovaco. Ponha hum F. com hum E. atrás.

Filen. Ha de ſer P. e não E. E não vês tu que ſe chama Periandro ?

Eſop. He o que me faltava, querer a Diſcipula enſinar ao Meſtre ! Diga lá o A, B, C.

Filen. A, B, C, D, E, F.

Eſop. Baſta, páre ahi ; não vê, tollinha, que o E. eſtá atrás do F, e não o P ? Ponha, ponha como lhe digo.

Filen. Tens razão, eu ponho.

Eſop. Ao menos a carta he toda para mim lida neſta fórma.

Lê Eſopo, virgulando como aſſima.

Eſop. Meu bem Eſopo, de quem ſó fio os ſegredos do meu coração. *Filen.*

Filen. Não quero, has de lêr aſſim : . Meu bem, virgula, Eſopo de quem ſó fio, &c.

Eſop. Não faço caſo de pontos, e virgulas, que já ſe não uſão. Ai, que ahi vem ſeu pai!

Filen. Pois dá a carta a Periandro. *Vai-ſe.*

Eſop. Não a darei ſenão a mim, que eu daqui em diante hei de ſer o teu Periandro. *á p.*

Sahe Xanto.

Xant. Eſopo, que eſcrito he eſſe que ahi tens?

Eſop. He a carta da menina.

Xant. Como vai ella com o lêr?

Eſop. Admiravelmente; já dá eſcritos com a maior facilidade do Mundo.

Xant. Sendo tu ſeu Meſtre, não duvido que eſteja tão adiantada.

Eſop. Ah Senhor, que ſe ella tomára bem as minhas lições, talvez que eſtivera hoje n'outro eſtado.

Xant. São raparigas, querem brincar. Ora Eſopo do meu coração, depois que veio eſte tigre de minha mulher para caſa ainda não pude mais fallar a Geringonça, e importa fallar com ella couſa de grande empenho; eſtimára qne á manhã á noite nos viſſemos no pateo da eſtrebaria; Eſopo, peço-te iſto como amigo, a Deos, que me não poſſo deter. *Vai-ſe.*

Eſop. Eſte pateo da eſtrebaria que diabo terá para os amantes? Porém ſó na eſtrebaria merece eſtar quem he amante.

Sahe Geringonça.

Ger. Ora, Eſopo, tu fazes zombaria de mim?

Eſop.

Eſop. Doutor de quando em quando.

Ger. Que ande eu morrendo de amores por ti, e que tu tão ſecco, tão deſpegado, e deſdenhoſo me faças deſprezos?

Eſop. Mulher, ou tição do Inferno, não me deixarás? Como queres que te queira bem ſe não acho por onde te pegue! Não vês que és huma coſinheira, e eu ſou hum Doutor?

Ger. Tu és Doutor?

Eſop. Quando nada; porque? Não me viſtes logo na cara o reſplendor doutoral? Vê tu agora ſe eſtá bem a hum Doutor caſar com huma coſinheira? Já ſe tu foras Doutora, tranca; porém huma criada chirle, fedendo a adubos, *non ſufretur in rerum natura.*

Ger. Ai, tu ſabes latim?

Eſop. In totum, ite, ite ad temperandas panellas.

Ger. Agora te quero mais; olha, que importa que tu ſejas Doutor? Não vês que o cavallo alimpa a egoa?

Eſop. Ergo cavalus ſum ego?

Ger. Não entendo o que dizes, falla-me como d'antes.

Eſop. Non poſſum, quia in hac hora venit mihi flatum filoſofandi.

Ger. Donde aprendeſte iſſo tão depreſſa?

Eſop. Venit ab alto, & non te importat.

Ger. Que o achaſte na porta?

Eſop. Não ha maior deſeſperação! Queres tu tambem agora aprender Latim? Mulher, como to hei de dizer? Não te poſſo querer bem.

Dei-

Deixa-me; quanto mais me ſegues, mais me perſegues. Arre com a ſarna!

Ger. Que ſoffra eu eſtes deſprezos!

Canta Geringonça a ſeguinte

ARIA.

Vou-me embora, Eſopo ingrato;
Já te deixo, pois não quero
Teus repudios aturar.
Tu deſprezas o meu trato,
Sem olhar, que te venero?
Pois amor me ha de vingar. *Vai-ſe.*

Sahe Meſſenio.

Meſſ. Eſopo, eſtamos perdidos.

Eſop. Porque, alguem nos buſca?

Meſſ. Sahio do Exercito d'ElRei Creſſo hum Soldado a deſafiar hum dos noſſos, e que á manhã o eſperava no campo ſó por ſó, e com armas iguaes; e quando não, que incorreriamos em pena de cobardes; e o peior he, que não há quem queira aceitar o deſafio, porque os melhores Cábos, e Soldados eſtão doentes das feridas das ſettas, e aſſim pois Jupiter te eſcolheo para Director deſta guerra, dize o que faremos.

Eſop. O caſo ainda aſſim he de barbas; mas por vida de Eſopo, que eu meſmo hei de ſahir em peſſoa ao deſafio.

Meſſ. Tu, como? Se não ſabes jogar as armas, e os inimigos são déſtros nellas?

Eſop. Voſſa Mercê, Senhor Meſſenio, eſtá enganado; quem lhe diſſe que eu não ſabia jogar as armas? Ainda não ha muitas horas que jo-

joguei a minha eſpada com hum Tambor ao jogo das chapas.

Meſſ. Não te ponhas com graças, dá remedio a couſa de tanto empenho.

Eſop. Pois Senhor, tenho dito, eu meſmo ſahirei, eu poſſo fazer mais, que dar o conſelho, e executallo? Ora ande, que na guerra val mais a induſtria que o valor.

Meſſ. De ti tudo ſe eſpera. *Vão-ſe.*

SCENA V.

Mutação de Arraial, e apparecerá a Praça, e a hum lado ElRei Creſſo com alguns Soldados, e no meio do Theatro Temiſtocles com eſpada, e rodéla.

Rei. JA' que fizeſte o deſafio vê lá como te ſahes delle, não nos deſacredites.

Tem. Tão poucas experiencias tenho dado do meu valor em tantas campanhas, para que agora Voſſa Mageſtade deſconfie de mim?

Rei. Bem ſei que és bom Soldado, e valoroſo, mas nem ſempre a fortuna póde ſer favoravel; queira Jupiter que triunfes, que a tua gloria ſerá a minha.

Tem. Venha quem vier, venha o mais valente Soldado dos Athenienſes, que do primeiro revés o hei de deſcabeçar. O' lá da Praça, não vem eſſe valente?

Ha-

Haverá huma porta na muralha da Praça por onde ſahirá Eſopo com capacete, eſpada, e rodéla, e dirá dentro o que ſe ſegue.

Dentr. Eſop. Já vou, eſpere, que me eſtou apolvilhando. Cuidado não me fechem a porta do muro, que importa.

Sahe Eſopo.

Eſop. Ora ſalve Deos a Voſſa Mercê.

Tem. Voſsê he o do deſafio?

Eſop. Cuido que ſou eu, ſe me não engano; arre lapas! Que ſerá iſto, que me não poſſo ter nas pernas! Eſtava eu manſo, e pacifico, quem me meteu em deſafios? Ah D. Quixote, aonde eſtás, que aqui eras tu gente!

Tem. Ora pois, vamos a iſſo depreſſa.

Eſop. Ui, Senhor, que preſſa tem Voſſa Mercê? Morra eu de cutiladas, mas não quero morrer de afogadilho. Com licença de Voſſa Mercê, já venho.

Faz que ſe vai, e torna a voltar.

Tem. Aonde vás?

Eſop. Vou mudar de camiſa, que entendo que eſtou mijado com alguma couſa mais.

Tem. Bom contrario tenho eu! Deſta vez logro o triunfo, meçamos as armas; eſtão iguaes.

Medem as eſpadas.

Eſop. Eſtão iguaes? Não há tal.

Tem. Como não?

Eſop. A ſua eſpada tem punho de prata, e a minha de cabello. Não, Senhor, hão de ſer humas iguaes, ou eu não hei de brigar.

Tem.

Tem. Iguaes ſe entende do meſmo comprimento ; bem parece que iſto não he terra de Soldados, mas ſim de Filoſofos.

Eſop. Tu o amargarás na concluſão. *á parte.*

Tem. Pois eſtão as armas iguaes , agora partamos o Sol.

Eſop. Que parta o Sol ? Quer-me voſsê partir o ſol da India com os dentes ? Quem parte o Sol melhor me partirá a cabeça.

Tem. Bem eſtamos , toquem os clarins a inveſtir.

Eſop. Mande antes dobrar os ſinos, porque eu deſta vez aqui fico enterrado.

Tocão huma marcha com as trompas.

Rei. Que farão os dous , que tanto tardão a inveſtir ?

Tem. Ora vamos.

Eſop. Pois vamos ? A Deos até á manhã.

Tem. Briguemos , quando não vou dando.

Eſop. Dê, dê, que eu farei queixa a ſua Mãi. E que fará agora Geringonça ? *á parte.*

Tem. Ora já te não poſſo aguardar , que nas dilações periga o meu crediro. *Inveſte.*

Eſop. Eſpere, eſpere, tenha mão , que já não póde brigar.

Tem. Porque ?

Eſop. Porque o ajuſte foi ſer com armas iguaes; quanto a iſſo não ſe me dá.

Tem. Não ſe te dá das armas ? Pois em que te fias ?

Eſop. Fio-me na coura.

Tem. Pois ſe as armas eſtão iguaes , que mais falta aqui para a lei do duelo ?

Eſop.

Eſop. O deſafio foi, que havia ſer ſó por ſó.

Tem. Sós eſtamos.

Eſop. De burro; iſſo he não ſer valente, voſsê com gente de eſcolta atrás? Aonde eſtá ahi a graça? Não ſabe, que *nec Hercules contra duo*, quanto mais quem não he para ſer criado de Hercules?

Tem. Eu venho ſó, e não trago nenhum comigo. *Volta-ſe.*

Eſop. Quer agora negar o que eu eſtou vendo? Olhe para trás, e verá com os ſeus olhos: ahi! hum, dous, tres, dezanove, ſincoenta.

Ao voltar Temiſtocles a cara dá-lhe Eſopo huma cutilada, e deitará a fugir para a Praça, e cahe Temiſtocles.

Eſop. Agora que ſe vira reviro eu. Zumba. *Vai-ſe.*

Tem. Ah traidor, que me mataſte! Traição, traição.

Rei. Que foi iſſo, Temiſtocles? Tu ferido deſſa ſorte?

Tem. Que ha de ſer? Hum traidor, que dizendo-me que eu trazia gente de eſcolta, hindo a virar a cara me deu huma cutilada.

Dentro. Viva Eſopo, Eſopo viva. Victoria.

Rei. Com que Eſopo foi o que veio ao deſafio? Ainda eſtou mais picado!

Tem. Veja Voſſa Mageſtade ſe diſſe eu bem, que Eſopo nos havia de fazer a guerra.

Rei. Pois juro que daqui em diante apertarei mais o cerco, ſó para apanhar ás mãos eſte velhaco de Eſopo; anda curar-te na minha tenda. *Vão-ſe.*

SCE-

SCENA VI.

Mutação de columnas, ou pateo eſcuro azulejado, e no fim eſtará huma porta, e ſahe Euripedes.

Eurip. VEnho como tonta! Iſto he o que quer que he; eſtando eu no melhor do ſomno não acho na cama o meu marido, vou á cama de Filena tambem o não acho, nem Eſopo apparece; tenho corrido toda a caſa de alto abaixo ſem ver a nenhum, até me obriga a vir por eſte pateo; entrei na eſtrebaria, nada encontro! Que diabo ſerá iſto! Mas eu cuido que ſinto pizadas, eu me retiro para eſte canto, que hoje haverá ſerra Heſpanha. *Retira-ſe.*

Sahe Filena.

Filen. Aqui mandei que eſperaſſe Periandro, e Eſopo me diſſe que elle já aqui eſtava; mas eu não ſei por onde ponho os pés, e tenho dado mil quédas; pois com o eſcuro da noite não ſei por onde venho, nem por onde pizo; ai, amor, a quanto obrigas!

Sahe Xanto.

Xant. Agora acabo de ver que he cégo o amor, pois como cégo venho ás apalpadellas por tantos corredores até chegar a eſte pateo, que ha de ſer eſta noite a campanha do amor em que quero fallar a Geringonça.

Filen. Mas eu cuido que alli vem gente; quem ha de ſer, ſenão Periandro?

Xant. Sinto pizadas, e o vulto, ſe me não engano, para mim ſe vem chegando; ſem dúvida he Geringonça; que eſpeto, que lhe não fallo? Vem embora, pois tu és a luz que me traz cégo a fallar-te: tanto tardaſte?

Filen. A voz he de meu pai, eu eſtou perdida! Ora quando os velhos tem amor, que farão os moços! Eu vou-me retirando; há maior deſgraça, que quando buſco a Periandro encontro meu pai! *Vai ſe.*

Xant. Com o eſcuro não atino aonde ella eſtá.

Vai Xanto chegando para onde eſtá Euripedes, e ſabe Eſopo.

Xant. Oh cá eſtás tu? Pois agora já poderemos fallar.

Eurip. Ai, he o Senhor Xanto? Pois eu me callo até que elle ſe declare bem, que quero ver a quem buſca.

Eſop. Eſta caſa pareee-me encantada, pois deſde a meia noite que ſahi de ſima, até agora eſtive ſem atinar com o pateo. Valha-te o diabo pateo, que a tantos fazes parear! Ora aqui eſtou eu no meio do campo; venha agora Filena a deſafiar-me, e veremos como ſe porta comigo. E o velho fica logrado, que eu não dei o recado a Geringonça.

Xant. Minha Geringonça, não ſabes que morro por ti? Pois como me deſprezas?

Eurip. Meu dito, meu feito! Ora quero fingir-me Geringonça.

Xant. Não reſpondes, amores?

Eurip.

Eurip. Como quer que o queira ſe Voſſa Mercê quer tanto á Senhora Eur pedes?

Xant. Valha o diabo Euripedes, que por ſua cauſa não me declaro teu amante! Tomára que já morrêra, para caſar comtigo.

Eurip. Há quem iſto ouça? Eu quero disfarçar ainda.

Eſop. Muito tarda Filena! Donde eſtará eſta bogia? Mas parece-me que já a eſtou vendo vir tique tique, com a ſua anagoa de franjas, çapatinho de teſſúm, o cabello deſgrenhado, cuberta com a ſua capona. Mas ai, que agora me lembrou huma couſa, que ſe ella me abraçar poderá topar com a minha corcova, e por ella conhecer-me pelo tacto! Pois bom remedio, em tal caſo direi que me abrace pelas gambeas, que he hoje o rigor da França; mas ſe me não engano ahi vem gente, e o pizar he de mulher.

Sabe o burro, que vai para Eſopo.

Ella he ſem dúvida, que a conhece o nariz pelos aromas que exhala; e como vem ſerena! Ora fingir-me quero, Periandro: Vem cá, Planeta da quarta eſféra, vem, formoſa Venus, a mitigar o febricitante ardor de meu peito com o aſſucar queimado dos teus carinhos; não me dizes nada? Eſtás muda? Sem dúvida que o teu pudor te embarga as vozes na Chancellaria do peito. *Zurra o burro.* Calte, calte, não te ſuffoques; coitadinha da minha menina, como eſtás rouca! Eſtou tão contente! Deſta vez hei de dar duas figas ao amor.

Xant. Muito te reſiſtes, ingrata Geringonça!

Eurip. Quero apurar bem a paciencia.

Eſop. Ora agora, meus amorinhos, meu feiticinho, dá-me eſſa mão de jaſmim, ou eſſe pé de cravo, para pôr, e diſpôr no canteiro de meu coração. *Zurra.* Falla de manſinho, não ouça teu pai; ſempre me vás a fugir? Olha cá, queres tu caſar comigo? *Zurra.* Sim? Pois havemos ſahir a furto, deixa eſtar; mas tua mái não o ſaiba.

Xant. Ora iſto he já deſeſperação.

Faz que pega nella.

Eurip. Retire-ſe lá; quem he?

Eſop. Menina, não gaſtemos mais tempo, ajuſtemos o noſſo amor; ora dá-me hum abraço, anda, não ſejas burra.

Ao ir Eſopo abraçar o burro dá-lhe eſte dous couces, e aos gritos de Eſopo ſahirá Geringonça com huma candeia accêza.

Eſop. A'que d'ElRei que me matas! Ingrata, com iſſo pagas o meu amor?

Ger. A'que d'ElRei, ladrões no pateo? *Sahe.*

Eurip. Guarde Deos a Voſſa Mercê, Senhor Xanto, pois que vai?

Xant. Iſto he encanto; mofino homem, que ha de ſer de mim!

Eſop. Ui, Filena converteo-ſe em burro! Andou diſcreta para a não conhecerem. O' Filena, torna-te outra vez em gente, que com a baralhada que aqui vai ninguem repara.

Ger. Eu eſtou paſmada! Que diabo he iſto, que vejo!

Eurip.

Eurip. Que diz agora, velhaco, magano? Pois quer que eu morra para caſar com Geringonça? A'que d'ElRei ſobre eſte magano!

Eſop. E o velho como eſtá réo!

Xant. Não te poſſo reſponder; vou matar-me antes que me mates. *Vai-ſe*

Eurip. Peguem-me neſſe magano.

Ger. Ai, Senhora, deixe o triſte velho, bem lhe baſtão os ſeus achaques.

Eurip. Ainda acodes por elle, velhaca? *Vai-ſe.*

Ger. Não ſou amiga de ouvir pendencias. Eſopo, que fazes aqui ao pé do burro?

Eſop. Calte, que não he burro, he Filena, que eſtá disfarçada para a não conhecerem. Não me dirás; para que trouxeſte agora eſſa candeia, pois com ella fizeſte tantos deſarranjos?

Ger. Com que eſſa he Filena?

Eſop. De que te eſpantas? Nunca ouviſte dizer, que Venus ſe converteo em gata? Pois que muito que Filena ſe converta em burro? Pois por certo que não he Venus melhor do que ella.

Ger. Pois dá-lhe hum abraço.

Sahe Filena gritando.

Filen. Venhão acodir a meu pai, que eſtá para ſe enforçar na grade do leito, por não aturar as guerras de minha mãi.

Ger. Eſopo, fica-te com o teu burro. *Vai-ſe.*

Eſop. Ora ſó eſta a mim me ſuccede! Que eſtiveſſe eu eſfalfando-me em dizer finezas a hum burro! Sem dúvida levei dous couces, cuidando que levava dous peſcoções.

Filen.

Filen. Andem acodir a meu pai, que ſe enforca.

Eſop. Deixe-o enforcar, que eu tambem vou fazer o meſmo. Arre com a cancaburrada da noiteſinha! Olhem, não ha couſa mais fiel que o nariz, por iſſo lhe fédia o baſo a cevada; mas como tinha o nariz cégo de amor, cuidei que me cheirava a beijoim.

Filen. Anda, não te detenhas, que meu pai eſtará já enforcado a eſtas horas.

Eſop. Iſto não ſão horas de ſe enforcar ninguem, e ſenão vamos, e verá. Ah ingrata, não te perdoo o ſuſto deſta noite, que toda foi huma burrada.

Cantão Euripedes, Eſopo, e Geringonça a ſeguinte

ARIA A 3.

Eurip. Calte, calte, marafona,
Calte, infame bribantona,
Senão vou ſaltando em ti.

Ger. Que fiz eu, Senhora, que?
Porque aſſim ſem mais, nem mais,
Tão cruel me trate aſſi?

Eſop. Deixe a moça; ouves tu?
Não lhe digas chus, nem bus;
Té paſſar-lhe o frenesí.

Eurip. Hoje aqui te hei de matar.

Ger. Hoje aqui não hei de eſtar.

Eſop. E eu aqui hei de ficar.

Eurip. Pois que os zelos,

Ger. Pois que a dor;

Eſop. Pois que amor,

Tod.

Tod. Já me faz deſeſperar.
Eurip. Não te quero mais em caſa,
Vai-te, vai-te para fóra.
Ger. Saiba Deos, e todo o Mundo
A innocencia em que me fundo.
Eſop. Calte filha, alimpa o ranho,
Toma o manto, e vai-te embora,
Tod. Que os enredos deſte pateo
Não ſe podem aturar.

SCENA VII.

Mutação de Camera. Sabem Xanto, e Eſopo.

Xant. ESopo, ouve-me por tua vida.
Eſop. Senhor, eu confeſſo-lhe que já eſtou arrependido, e arrenegado, nem quero ouvillo, nem quero nada deſta caſa; vou-me embora.
Xant. Pois porque?
Eſop. Ui, Senhor, he zombaria andar aqui em huma roda viva, Eſopo de dia, Eſopo de noite, como ſe eu fora algum bonecro de cortiça! Huma caſa de enredos, e hum enredo ſem fim! Voſſa Mercê libidinoſo, e ſua filha rude, ſem tomar as minhas lições, e ſobre tudo huma mulher brava; haverá reſiſtencia, que tal poſſa ſoffrer? Pois....

ARIA.

Ver o tigre de minha Ama,
Quando em cólera ſe inflamma,
Dizer ao marido amante:
Venha cá, velho bribante,
E o velho paciente Com

Com voz baixa, e tremebunda
Lhe diz: calte lá, ſerpente;
Quando diz de lá Filena:
Mái, não ſeja impertinente,
Tenha modo, e tenha ſizo;
Mas confeſſo, que com rizo
Me faz iſto eſcangalhar.
E que o miſero carcunda,
Vendo tanta barafunda,
Tal ſe atreva a tolerar!
Sahe Meſſenio.

Meſſ. Que ſeja poſſivel que eſtejas a cantar, Eſopo, quando eſtamos na maior afflicção!

Eſop. Pois que? Temos outro deſafio?

Meſſ. Não vês o miſeravel eſtrago em que eſtá eſta Praça, com hum cerco ha tantos tempos, ſem nos vir ſoccorro de parte alguma, e já não ha comer para os Soldados? Neſtes termos dize, o que havemos de fazer?

Xant. Senhor, eu ſou de parecer, que nos entreguemos, que não ha reſiſtencia a hum poder tão grande.

Eſop. Calle-ſe lá, não ſe meta aonde o não chamão. Ah Senhor Meſſenio, Jupiter, que me nomeou para General bem ſabe o que fez, que elle não ſe engana comigo; mande Voſſa Mercê eſcolher hum par de Soldados, os que lhe parecerem mais valentes, e a cada hum dê huma ſaia, e huma mantilha, e que ſe preparem com armas curtas, e eſperem por mim á boca da noite no poſtigo da muralha, que eu lá eſtarei, e que façáo o que eu diſſer. *Meſſ.*

Meſſ. Que intentas fazer?

Eſop. Logo o ſaberá; andem comigo, que são huns fonas.

Xant. Queira Deos, Eſopo, que acertes.

SCENA VIII.

Mutação de Arraial. Deſcobre ſe a Praça com o cerco dos Soldados, ElRei, e Temiſtocles.

Rei. NOtavel conſtancia tem moſtrado os Athenienſes neſte ſitio; pois a pezar de todo o meu poder ſe reſiſtem valentes!

Tem. Eu entendo, Senhor, que cedo capitularáõ; pois ſegundo as informações que deu hum Soldado que fugio da Praça, eſtá já ſem mantimentos, com que cedo lograremos a victoria.

Rei. Tomára haver ás máos eſte Eſopo, que ſó por elle aperto o cerco da Praça; mas não vês abrir-ſe o poſtigo da muralha?

Sahe do poſtigo Eſopo veſtido de mulher, e da meſma ſorte alguns Soldados com alguns cutélos, que ao depois puxaráõ por elles, e diz dentro Eſopo o ſeguinte.

Dent. Eſop. Não me fechem a porta, que aliàs perderemos o pezo, e o feitio.

Meſſ. Vai deſcanſado, Eſopo, que aqui fico eu, e Jupiter permitta que te não ſucceda alguma.

Eſop. Quando eu der hum aſſobio fazer o que tenho dito, e fingir falla de mulher. *Sahem.*

Tem.

Tem. Quem vem lá?

Eſop. Senhor Soldado, que já foi quebrado, ſomos humas afflictas mulheres, que queremos fallar a ElRei Creſſo, ou da Lidia.

Rei. Aqui me tendes, que he o que quereis?

Eſop. Voſſa Mageſtade ſaiba que eu ſou huma donzella, (ſalvo tal lugar) que com eſtas companheiras ſahimos da Praça, ou para melhor dizer nos lançárão á margem.

Rei. E porque vos expulsárão?

Eſop. Eu ſei? Senhor, Voſſa Mageſtade, ſe algum dia foi mulher bem ſaberá das noſſas mazéllas; mas pelo que me diſſe hum Tio meu Tambor, que ſe lançava a gente inutil para a guerra, porque comiamos o comer dos Soldados.

Rei. Pois tanta falta ha de mantimentos!

Eſop. Ai, Senhor, iſſo não ſe falla; eu hontem comi huma frigideira de lendeas, por não ter outra couſa; eſta minha companheira, parindo hontem hum filho huma viſinha ſua, o comeo, e ainda lhe lambeo os beiços; pois agoa! Só dos olhos bebemos as lagrimas. Em fim, Senhor, nós eſtimamos muito que nos deitaſſem fóra para enchermos a barriga; pelo que vos pedimos, Senhor, que nos mandeis dar de cear, e agaſalhar, e adverti, que a clemencia nos Principes he a melhor pedra que adorna a ſua Coroa.

Rei. Temiſtocles, agaſalhai eſſas mulheres, que eu me vou recolher. *Vaiſe.*

Tem.

Tem. Suppoſto que o eſcuro da noite mal me deixa perceber as feições deſta moça, pelo metal da voz, e pelo modo me tem cativado. *á parte.*

Eſop. Pois havemos dormir no campo, Senhor Soldado?

Tem. No campo não, mas na minha barraca ſim, pois me compadeço de vós, e na voſſa companhia ſuavizarei as aſperezas de Marte, aſſim o permitta o amor.

Eſop. Amor? Ai que graça! He nome eſſe, que nunca ouvi. Eſtou bem aviado ſe o Soldado me namora. *á parte.*

Tem. Ora dizei-me; que faz lá eſſe magano de Eſopo? Ainda he vivo?

Eſop. Coitado de Eſopo! Anda bem achacado, e já eſtá quaſi louco com huma teima notavel, dizendo que he mulher, e não homem.

Tem. Tão grande juizo havia de dar volta; pois ſinto que ſuppoſto me enganaſſe no deſafio, com tudo ſei que he homem de prendas.

Eſop. Com que Voſſa Mercê he o do deſafio? Ora conſole-ſe com as diſpoſições do Ceo.

Tem. Ora, meu amor, eu mando accommodar as tuas companheiras, e tu vem para a minha barraca.

Eſop. Para a ſua barraca? Iſſo não.

Tem. Ora anda.

Eſop. E a minha reputação?

Tem. Vem ſegura, que os cavalheiros tem honra, e piedade.

Eſo

Eſop. Pois olhe, neſſa certeza me fio; porém tambem me ha de fazer o favor de mandar retirar todos os Soldados para as ſuas tendas.

Tem. Dizes bem, eſpera aqui, que eu mando aquartellar a gente, que ſupponho que os da Praça não ſe atreverão a ſahir. *Vai-ſe.*

Eſop. Iſſo he certo; tomárão elles bem páo. O' lá, companheiros fiéis, cuidado, accommetter com valor, e ir dando a troxe moxe, que os apanhamos na cama.

Sahe Temiſtocles.

Tem. Todos já ſe recolhêrão, anda comigo.

Eſop. Eu não vou ſem as minhas companheiras; ó lá, agora. *Aſſobia.*

Inveſtem as mulheres a Temiſtocles, e mais Soldados, entre os quaes haverá pendencia, e ſe recolhem pelo poſtigo do muro, e quando Eſopo ſor achará a porta fechada.

Tem. Acudão todos, traição, traição, que são homens, e não mulheres.

Eſop. Dar a matar, morrão eſtes cães.

Tod. Morrão os traidores.

Eſop. Vamos, que já vem muitos.

Sold. Vamos para a Praça. *Vão-ſe.*

Eſop. Não fechem a porta, que ainda falto eu para entrar.

Dentr. Não póde ſer, que já os inimigos vem de envolta com os noſſos.

Eſop. Se vem de envolta não ha que temer, que são crianças, abra depreſſa.

Dentr.

Dentr. Não ha ordem.

Tem. Dá-te á prizão, ſenão mato-te.

Eſop. Ai, meu bem, não me leves preza, que eu vou por vontade.

Tem. Ainda te finges mulher, velhaco?

Tod. Morra eſſe traidor.

Sabe o Rei.

Rei. Que alvoroto foi eſte?

Tem. Senhor, as mulheres erão homens disfarçados, que vierão com armas, e apenas nos apanhárão recolhidos fizerão logo algum eſtrago nos noſſos, que pudera ſer mais, e todos fugirão, e ſó apanhámos eſte.

Rei. Dize quem és?

Eſop. Eu ſou ninguem.

Tem. Agora conheço que és Eſopo.

Rei. Confeſſa a verdade.

Eſop. Senhor, eu ſou Eſopo, que peço perdão a Voſſa Mageſtade da minha deſcortezia.

Rei. Velhaco, inſolente, tantas me tens feito, que agora te mandarei enforcar.

Eſop. Olhe, Senhor, que eu ſou nobre, e não poſſo morrer enforcado.

Rei. Ou poſſas, ou não poſſas, heide-te matar, e ſó o deixarei de fazer ſe me fabricares huma torre no ár.

Eſop. Aceito, dê-me a ſua palavra, e juntamente me ha de dar os materiaes.

Rei. Prometto tudo, pois vejo que tu não has de fazer a torre no ár, e aſſim ſempre te venho a matar; vamo-nos, e levem-no prezo para que não fuja.

Eſop.

Eſop. Ai, amada Athenas, que não ſei ſe te verei mais! A Deos, Filena, a Deos. *Vai-ſe.*

SCENA IX.

Mutação de jardim com eſtatuas, e cantará o Coro huma Copla, e ſabe Filena.

Filen. SO' a muſica me diverte neſte amoroſo tormento em que vivo; pois ſobre não poder fallar a Periandro, que ſupponho Eſopo lhe não deu o recado, agora ſei que Periandro vai tambem a pelejar pela falta que ha de Soldados. Oh que batalha ſente o meu coração! E por ver ſe acaſo podia divertir a minha mágoa, vim a eſte Jardim, cujas eſtatuas eſtão feitas com tal artificio, que repetem fielmente o écco que huma peſſoa articula; divirtamo-nos cantando.

Canta Filena a ſeguinte Copla em éccos.

Em tanta pena prepara para ara,
O peito, quando ſe inflamma flamma ama,
Huma fineza amoroſa moroſa roſa,
Que amor em prantos derrama rama ama.

Sabe Periandro.

Periand. Mudas eſtatuas, que vivamente pronunciaes o que articula hum amante peito; já que pela minha boca me não atrevo a dizer o que ſinto, por me não ſoffocar a pena, dizei pela voſſa, o que ſem remedio choro.

Canta Periandro a ſeguinte Copla.

Neſta frondoſa floreſta reſta eſta,
Quero, pois que o mal conſpira pira ira,

Di-

Dizer-te, que por amar-te marte arte,
Eſte prado me convida vida ida,

Filen. Amado Periandro, bem ſei que vens a deſpedir-te, ou a dobrar-me os tormentos; com que he certo que partes para a guerra?

Periand. Bem ſabes, Filena, que nunca me deſejei apartar de teus olhos hum inſtante; porém os ſoberanos preceitos ſe devem obedecer, maiormente por não caber em mim a nota de covarde.

Filen. Dizes bem; melhor he parecer valente, que pouco amante.

Periand. Não deixa de amar-te quem buſca a Marte, aſſim, minha Filena, as vozes deſta deſpedida ſejão as eloquencias do pranto.

Cantão Periandro, e Filena a ſeguinte

ARIA A DUO.

Periand. Filena idolatrada,
Filen. Querido bem deſta alma,
Periand. A Deos, que já me auſento,
Filen. A Deos, oh que tormento!
Periand. Que eu vou a pelejar.
Filen. Que eu fico a ſuſpirar.
Periand. Mas ai, Filena amada,
Filen. Ai, Periandro amante,
Periand. Que temo na partida,
Filen. Que temo neſta ida,
Amb. No pranto a vida dar.

Vão ſe.

SCE-

SCENA X.

Mutação de Arraial, e Caſtello, e haverá huma taboa com quatro balauſtres, e em cada hum hum Corvo, e Eſopo dentro da dita taboa irá voando, e ſabem ElRei, Eſopo, e outros.

Dentr. VAmos ver a torre no ár, que faz Eſopo.

Rei. Eſopo, vê que niſſo eſtá a tua vida, ou a tua morte.

Eſop. Faremos muito por não morrer deſta vez.

Rei. Que ſignificão eſtes Corvos?

Eſop. São os meus Officiaes; ora pois, attenção, iça arriba; os Corvos não podem chegar aos eſpetos de carne, parecem Tantalos.

Rei. Notavel idéa! Já eſtá bem alto.

Eſop. Ora, Senhor, eu aqui eſtou prompto como diſſe, para fazer a torre no ár, mande-me os materiaes, cal, pedra, tijolo, madeira, e o mais que for preciſo para fabricar a torre.

Rei. Quem to ha de lá levar neſſa altura em que eſtás?

Eſop. Pois como me faltão com os materiaes que promettêrão, não eſtá da minha parte o deixar de fazer no ár a torre, como affirmei.

Rei. Aſſim he, deſce para baixo, que eu te perdoo a morte, pois da tua parte não faltaſte ao promettido.

Eſop. Eu não ſou tão tollo, que eſtando no ár, que agora mais que nunca, he livre, e eſtando á viſta de Athenas, deſça para baixo,

xo, aonde me podes eſtirar em tres páos; eu tomarei a liberdade por mim meſmo.

Com a tramoia vai Eſopo voando, e mete-ſe dentro na Praça.

Dentr. Aqui vem Eſopo pelo ár, iſto he novidade, e parece couſa de encanto! Viva Eſopo.

Rei. Voou para dentro da Praça; grande aſtucia!

Tem. Senhor, ſe não matarmos a Eſopo nunca conquiſtaremos eſta Cidade; bem vê já Voſſa Mageſtade como he ardiloſo.

Rei. Eſtou tão picado da peſſa, que agora meſmo a mando accommetter, e até me não entregarem a Eſopo não ha de ceſſar o combate; ó lá, toca a inveſtir, e dar hum aſſalto geral na Praça.

Toca, e ſe dá o aſſalto.

Dentr. Eſtamos perdidos! Entreguemo-nos.

Rei. Entreguem a Eſopo ſó, que não quero mais, quando não a todos mandarei paſſar á eſpada, ſem excepção de peſſoas.

Dentr. Entregue-ſe a Eſopo, que não he razão que por hum ſe pereão todos; entregue-ſe Eſopo.

Eſop. Ah tyrannos! Ah ingratos! Com iſſo me pagais o bem que vos tenho feito?

Deitão a Eſopo do muro abaixo por huma corda.

Rei. Anda cá, Eſopo, que mereces que te faça? Aſſim ſe engana aos Principes? Hoje has de ficar ſem vida.

Eſop. Pois, Senhor, antes que me mates ouve-me duas palavras ao menos.

Rei. Dize; mas ſem eſperança de perdão.

Eſop. Era huma vez hum villão, que vendo-ſe perſeguido de gafanhotos, pois toda a ſua lavoura deſtruião, começou hum dia a matallos, e como viſſe huma cigarra, tambem lhe quiz tirar a vida, ao que reſpondeo a cigarra: tenha mão Voſſa Mercê, que ſem razão me mata; pois eu não offendo as plantas da terra, antes com a minha voz alegro aos caminhantes; perdoou-lhe o villão, ouvindo taes razões. Aſſim da meſma ſorte, ó Rei, eu não ſou figura para te fazer oppoſição, nem que deſtrua o teu Reino, ſou ſim huma cigarra, que não tenho mais do que eſta voz, ou eſta induſtria com que tenho defendido (mais violentado, que por vontade) eſta Praça; e ſe hum villão perdoou a morte á cigarra, tu, que és hum Rei, porque me não perdoarás tambem?

Rei. Valha-te Deos por Eſopo! Já eſtás perdoado, quero ſer teu amigo daqui em diante, que os homens das tuas prendas são para eſtimar; pede o que quizeres, que tudo te hei de fazer.

Eſop. Peço, Senhor, que ajuſteis as pazes com os Athenienſes, e que ceſſem já eſtas guerras.

Rei. Aſſim o farei; ó lá da Praça? Abrão as portas, que pelos rogos de Eſopo tenho feito as pazes, e levanto o cerco.

Dentr. Viva ElRei Creſſo de Lidia; abrão-ſe as portas. *Entrão.*

SCE-

SCENA XI.

Depois de entrarem haverá mutação de Sala, e birão ſahindo todas as figuras.

Tod. VIva ElRei Creſſo de Lidia. Viva.
Rei. Nobres Athenienſes, a Eſopo dai os vivas, pois elle foi o que me pedio a paz. E aſſim porque não fique ſem premio hum homem de tanto juizo, e que deu tanto em que cuidar aos meus Soldados, mando que Eſopo ſeja em quanto viver, Governador deſta Praça em quanto ao político, e como a Rei lhe obedeção.
Eſop. Beijo as mãos a Voſſa Mageſtade pela honra que me faz.
Tod. Viva Eſopo, e viva ElRei.
Eſop. Viva até que morra. Agora com licença do Senhor Rei, quero caſar, para que ſeja meu padrinho; venha cá Filena.
Periand. Se Eſopo caſa com Filena. eſtou perdido!
Filen. A iſto ſó podião chegar as minhas deſgraças!
Xant. Que ſe viſſe Eſopo em tantas alturas! Couſas são da fortuna!
Eſop. Filena, pois ſempre amou a Periandro, caſem, que eu ſerei o padrinho, já que fuí o medianeiro.
Periand. Beijo-te os pés, Eſopo, pelo favor.
Filen. Ora conſoluio-ſe o noſſo amor.
Eſop. E pois Geringonça ſempre me quiz bem;

ha de ſer minha mulher: Geringonça, dá cá eſſa mão de almofariz, para com ella pizar a pimenta do meu affecto.

Ger. Lembrou-ſe Deos da minha pobreza, e honeſtidade.

Eurip. Já agora não andará Xanto com Geringonça com amorinhos.

Eſop. Senhores, iſto eſtá concluido, e com vodas ſe dá fim á vida de Eſopo, pedindo a eſte Auditorio perdão dos erros, repetindo o Coro os vivas deſta vitoria.

Canta o Coro.

F I M.

OS ENCANTOS DE MEDÉA, OPERA,

QUE SE REPRESENTOU NO THEAtro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Maio de 1735.

ARGUMENTO.

EMbarca-ſe Jaſon em Theſſalia na náo Argos, e parte para a Ilha de Colchos, empenhado na empreza, e conquiſta do Velocino de ouro; e chegando perto de Colchos deſembarca com Theſeo, e Soldados. Manda ElRei de Colchos ſaber a razão do deſembarque. He enganado ElRei. Recebe a Jaſon na ſua Corte. A Princeza Medéa, filha d'ElRei, e Creuſa Sobrinha do meſmo, ſe namorão de Jaſon. Concorre Medéa para o furto do Velocino com ſeus encantos, e com elles ſe livra do caſtigo de ſeu pai. Repudiada Medéa por Jaſon, eſte levando o Velocino, e juntamente a Creuſa, indo já embarcados para Theſſalia, Medéa zelóſa faz mover contra elles huma grande tempeſtade, e com ella retroceder a náo Argos outra vez a Colchos; onde o Rei offendido de Medéa caſa a Jaſon com Creuſa, dando-lhe o ſeu proprio Reino. Medéa ultimamente deſeſperada, por não ver a ſua offenſa, deſapparece pela região do ár. O mais ſe verá no contexto da Hiſtoria.

INTERLOCUTORES.

Jaſon, Sobrinho d'ElRei de Theſſalia, ſucceſſor do meſmo Reino.
Theſeo, Companheiro de Jaſon.
Etas, Rei de Colchos.
Telemon, General, e Miniſtro d'ElRei de Colchos.
Medéa, Princeza de Colchos.
Creuſa, Sobrinha d'ElRei de Colchos.
Arpia, Criada de Medéa.
Sacatrapo, Criado de Jaſon.
Guarda de Archeiros. Soldados. Coro.

SCENAS DA I. PARTE.

I. Mutação de Mar, e nelle a náo Argos, e montes ao outro lado.
II. Mutação de Sala Real com Throno.
III. Mutação de Camera com bofete.
IV. Mutação de Sala Real.
V. Mutação de Jardim com o Velocino.

SCENAS DA II. PARTE.

I. Mutação de Camera.
II. Mutação de Camera.
III. Mutação de Jardim, e hum monte movediço.
IV. Mutação de Montes.
V. Mutação de Sala.
VI. Mutação de Mar, e Montes.

PAR-

PARTE I.

SCENA I.

Mar, e Montes, a náo Argos, e della hirão deſembarcando Jaſon, Theſeo, Sacatrapo, e Soldados ao ſom de huma marcha, e dizem o ſeguinte antes de deſembarcarem.

Huns. A Maina, amaina.
Outros. Terra, terra.
Outros. Terra, á eſcota.

Theſeo. Toca a deſembarcar a Soldadeſca.

Vão deſembarcando, e canta Jaſon a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Felices Argonautas valoroſos,
Que rompendo o cryſtal do ſalſo argento,
A pezar das violencias de Neptuno,
Indignado, e ſoberbo,
Aportamos em fim com fauſto auſpicio,
Neſta inclyta Colchos ſoberana,
Onde ſe guarda o célebre theſouro
Do aureo Velocino, a cuja empreza
De noſſa amada Patria nos partimos;
E ſe quizera a ſorte,
Que com feliz progreſſo conquiſtaſſe
Eſte rico deſpojo
Para gloria immortal da Grega prole!

E aſſim, Soldados meus, em cujos peitos
Seu furor depoſita o meſmo Marte;
E tu, valente impávido Theſeo,
De quem tantas proezas canta a fama,
Agora, mais que nunca valoroſos,
Moſtrai o brio deſſe heroico braço;
Porque veja o Univerſo em tanta gloria
Alcançar-ſe a mais inclyta victoria.

ARIA.

Não vos mova neſta empreza,
Nem o aureo Velocino,
Nem de Colchos a riqueza,
Seja ſó voſſo deſtino
A cubiça do valor.
Que n'um peito, que ſe inflamma,
Por ganhar eterna fama,
O vencer he o bem maior.

Ao querer ir-ſe Jaſon ſahe Telemon.

Telem. Suſpende, galhardo mancebo, o paſſo, pois te trago hum recado da parte de meu Rei.

Jaſon. Dizei, que já vos attendo.

Telem. Etas, inclyto Rei deſte Reino de Colchos, tendo aviſo de haver aportado ás ſuas praias eſta armada, e deſembarcado em terra tantos Soldados ſem ſua licença, vos manda perguntar, ſe vindes de paz, ou ſe vindes de guerra, não porque tema as voſſas armas, mas ſim para prevenir, e dar o caſtigo á voſſa temeridade.

Jaſon. Valoroſo Soldado, dizei ao voſſo Rei, que a minha vinda a eſte porto foi caſual por impulſo de huma grande tormenta, e tempeſ-

ta-

tade, e assim lhe segurai, que venho de paz, e que pessoalmente irei á sua presença offerecer-me ao seu serviço.

Telem. Pois já que vindes de paz dai-me esses braços, e não vos dilateis; vinde ver ao meu Rei, que nisso terá a maior fortuna.

Abração-se, e vai-se Telemon.

Theseo. Sempre, Senhor, fizestes bem em encobrir-lhe o motivo da nossa vinda.

Jason. Theseo, em quanto descanção as armas he preciso que peleje com astucias o entendimento.

Sacatr. Senhor Jason, eu era de voto, (sem ser beato) que vossa Principeza mandasse que nenhum marujo saltasse em terra, porque esta gente, como vive no mar, he inimiga da terra, e assim he bem que não venhão de bordo *propter scandalum.*

Jason. Eu me admirava, Sacatrapo, que tu estivesses callado muito tempo.

Sacatr. Ao menos, Senhor, não me he necessario sacatrapo para me tirar a minha falla do bucho.

Jason. Theseo, dai ordem a mandar fazer quarteis, e levantar barracas, para accommodar os Soldados, deixando nos navios a guarnição necessaria, e fio da vossa militar experiencia disponhais tudo com acerto. *Vai-se.*

Thes. Já vou pôr em execução os teus preceitos.

Sacatr. Ah Senhor Theseo, antes que se vá diga-me por vida sua aqui, que ninguem nos ou-

ouvè, que diabo he iſto do Velocino de ouro, que tanto traz embelezado a meu Amo, que por eſſe reſpeito deixou a ſua caſa, fez tantos navios, aliſtou tanta gente; que ſerá iſto do Velocino?

Theſ. A ti que te importa ſabello?

Sacatr. Eſſa he boa! Pois não me ha de importar ſaber ao que vim?

Theſ. Aos Soldados como tu, não ſe dizem materias tão profundas, pois a ſua obrigação he ſó pelejar.

Sacatr. E ſe eu morrer na guerra não he bem que ſaiba o mal de que morro? Ora Senhor, diga-me já, que Velocino he eſte? Diga-mo já, ſenão olhe que lho ha de tirar hum ſacatrapo do bucho.

Theſ. Homem, ſabe que neſta Ilha de Colchos ha hum célebre jardim, no qual habita hum carneiro, cuja pelle he de ouro, e eſta todos os annos ſe toſquia, e ſempre lhe naſce outra pelle de ouro; a iſto he que chamão Velocino.

Sacatr. Senhor Theſeo, carneiro com pelle de ouro! Iſſo deve ſer pelle do diabo. Para iſſo he neceſſario vir com tantas armas? Ora queira Deos não venhamos nós buſcar lá, e vamos toſquiados.

Theſ. Não vês que eſte carneiro he o maior theſouro deſte Reino, e para conquiſtallo, ſe não for por induſtria ha de ſer á força de armas?

Sacatr. E de que tamanho ſerá eſſe carneiro?

Theſ. He como os outros.

Sacatr.

Sacatr. Pois ſe o dito carneiro he como os outros, não baſtava hum barco para o levar, e he neceſſario huma armada? E viſto iſſo apanhando-ſe o carneiro eſtá acabada a empreza?

Theſ. Ahi he que eſtá a difficuldade toda, porque hum feróz dragão he quem o guarda, e defende, para que o não furtem.

Sacatr. Quanto dáo cada dia a eſſe dragão por guardar eſſe carneiro?

Theſ. Ora já não poſſo aturar as tuas perguntas. *Vai-ſe.*

Sacatr. Pois ainda me faltavão duas couſas que perguntar; andar, ſerá outro dia. *Vai-ſe.*

SCENA II.

Sala Real com hum Throno, aonde eſtarão El Rei de Colchos, Medéa, e Creuſa aſſentados, e em pé a hum lado Telemon, e Arpia, e do outro Archeiros.

Rei. COm ſuſto, e admiração eſpero por eſte Embaixador.

Med. Eu o eſpero ſem ſuſto, e com muito alvoroço.

Telem. Senhor, o Embaixador ſómente eſpera que Voſſa mageſtade o mande entrar.

Rei. Pois dize-lhe que entre. Tu, Medéa, vê ſe pódes inveſtigar o intento deſte Eſtrangeiro, pois vejo o meu coração inquieto com alguma confuſão.

Vai-

Vai-ſe Telemon, e torna a ſahir com Theſeo, Jaſon, e Sacatrapo.

Jaſon. Inclyto Etas, Rei de Colchos, permitte-me a fortuna de beijar teus pés. *Ajoelha.*

Rei. Levantai-vos, nobre Eſtrangeiro, e fallai a minha filha Medéa com quem reparto o meu Reino.

Jaſon. Se as Deidades ſe não offendem dos ſacrificios, permittí, Senhora, que chegue a victima de meu rendimento a accender-ſe nas aras do voſſo reſpeito, dando-me a beijar a animada aſſucena deſſa mão. Não vi mais peregrina formoſura! *á parte. Ajoelha.*

Med. Aſſim não eſtais bem, levantai-vos. Que galhardo mancebo! *á parte.*

Rei. Dizei-me quem ſois, para que melhor ſaiba eſtimar com o voſſo nome a peſſoa.

Jaſon. Senhor, eu ſou Jaſon, Sobrinho d'ElRei de Theſſalia,

Levanta-ſe ElRei do Throno, e Medéa, e o Rei abraça a Jaſon.

Rei. Senhor, perdoai, ſe he que merece perdão huma ignorancia; porque a ſaber quem ereis, vos tratára como a Sobrinho de hum tão grande Monarcha, como he ElRei de Theſſalia, e aſſim os meus braços ſerão o Throno onde melhor deſcanſeis.

Jaſon. A minha maior fortuna foi o vir aos pés de Voſſa Mageſtade, que eſtimo mais eſſa dita, que o ſer Sobrinho d'ElRei de Theſſalia, que por não ter filhos me toca aquelle Reino, como primogenito de hum irmão d'El-

Rei. *Med.*

Med. Vós, Senhor, ſois digno de ſerdes Monarca de todo o Mundo. Não poſſo apartar os olhos delle. *á parte.*

Sacatr. Eſte Rei Etas já tem baſtante idade, he o *Ætas*, *atatis*; e Jaſon como ſe eſtá eſpinheando todo diante de Medéa, e mais elle, que he tuna nos oſſos. *á parte.*

Rei. Eſta, Senhor, he minha Sobrinha Creuſa, a quem podeis fallar.

Jaſon. Senhora, á viſta de tanto Sol era força me cegaſſem os raios. Ainda excede a Medéa na formoſura! *á parte.*

Creuſ. Sendo eſſes raios naſcidos de voſſa eſféra, por força hão de luzir, e cegar.

Rei. Inclyto Jaſon, mereça a minha attenção ſaber o motivo da voſſa viagem; pois ſendo vós hum Principe, algum grande motivo vos deve impellir a tanto exceſſo.

Jaſon. Como não ignorais, Senhor, as guerras que ha entre os Reis de Creta, e Corintho, por ganhar fama, e exercitar-me nas armas ſahi com eſta armada para ſoccorrer a ElRei de Corintho, tanto pela obrigação de parenteſco, como porque a fortuna ſe lhe vai moſtrando adverſa, e aſſim he neceſſario ſuſpender o impulſo da ſua roda com o pezo das minhas armas; pois ajudar aos que perſegue a fortuna, ſempre foi brazão dos Reis de Theſſalia, e huma grande tempeſtade me preciſou a arribar a eſte porto; mas agora vejo que ha tempeſtades que são bonanças.

Sacatr. Arre lá, como mente tão afoito, e nas bochechas de hum Rei! *á p.* *Rei.*

Rei. Só de hum generoſo peito podem ſahir tão heroicas acções. Trazeis bons Soldados?

Jaſon. Trago a flor de toda Theſſalia.

Sacatr. E nem por iſſo tivemos maré de roſas.

Rei. Que dizeis?

Sacatr. Digo que meu Amo trouxe a flor de Theſſalia, porque embarcou pela Primavera.

Jaſon. Não repareis, Senhor, que eſte criado he gracioſo, e o trago para meu divertimento, e por gaſtar bom humor.

Sacatr. Não ha dúvida que gaſto bom humor, pois tenho ſempre delle duas fontes ao torno.

Arpia. Ai, Senhora, que he galante o tal criado! Se eu não eſtivera aqui já me tivera eſcangalhado com rizo.

Jaſon. Como dizia, trago bons Soldados, e por Almirante ao valente Theſeo, cujo valor tem occupado todas as trombetas da fama. Theſeo beija a mão a ElRei.

Theſ. Por obediencia, e por affecto, diligente procuro tão grande ventura. *Ajoelha.*

Rei. Levantai-vos, esforçado Capitão, que certamente, primeiro que os olhos, vos conhecêrão os ouvidos, eſcutando a fama de voſſo valor.

Sacatr. Agora ſigo-me eu por meu legitimo turno. Senhor, Voſſa Reinadura me dê a beijar a ſua mão, ou quando não o ſeu pé, que tudo he o meſmo.

Rei. Aqui a tens.

Sacatr. Dá cá ſete. Ah Senhor, antes eu lhe beijára o annel do que a mão.

Rei.

Rei. Ahi o tens para o beijares á tua vontade.
Sacatr. Ai, Senhor, eu não o dizia por tanto, mas ſó o aceito por ſer prenda ſua. Famoſa pedra! Ah Senhor, eſte diamante he fino, ou falſo?
Jaſon. Retira-te bruto, baſta já de deſpropoſitos.
Rei. Jaſon, vem honrar-me eſte Palacio em quanto ſe concerta a tua armana. Ainda o meu coração não ſocega. *á parte.*
Med. Não me peza de que Jaſon fique em Palacio, porque..... mas não ſei o que digo. *á parte.*
Creuſ. Se eu tivera a fortuna, que Jaſon foſſe.... mas iſto he delirio. *á parte.*
Arpia. Pouco hei de poder ſe não pilhar o annel ao criado. *á parte.*
Sacatr. Huma vez que temos eſtalagem de Palacio, já não quero ſer Sacatrapo, ſenão vareta, para carregar bem o bacamarte do bandulho. *á parte. Vai-ſe.*
Rei. Anda, Senhor, não te detenhas.

ARIA A 4.

Rei. Vem Jaſon eſclarecido,
Vem, que vens a deſcanſar.
Jaſon. Quem ſe vê de amor ferido
Que mal póde deſcanſar.
Med. e Creuſ. Só quem vive ſem Cupido
He que póde deſcanſar.
Tod. Mas quem tem o meu cuidado
Que mal póde ſocegar.
Rei. Entra.
Jaſon. Eu vou; ó bello encanto,

Quem

Quem de ti ſe não apartára!

Creuſ. Eu me abraſo.

Med. Eu vivo ardendo.

Med.e Creuſ. Que a Jaſon já eſtou querendo.

Tod. Pois me dás enleio tanto
Eu prometto triunfar. *Vão ſe.*

SCENA III.

Camera com hum bofete, e ſahe Sacatrapo.

Sacatr. EU ando perdido por eſte Palacio, entrando; e ſahindo, ſem ſaber por onde entro, nem por donde ſaio, ſó com a coſinha não acerto; quero eſperar aqui até que venha alguem. Ora nós já temos annel de diamantes, já poderemos coçar o noſſo olho afoitamente; porque iſto de ter hum homem annel logo faz deitar as mãos de fóra, fazer palminhas ás crianças, jogar o çape na barba, tudo com a mão eſquerda, que nós que temos annel logo nos fazemos canhotos. Huma vez me lembra, que hum amigo meu tanto me quiz meter hum annel que tinha pelos olhos, que me meteo o annel, o dedo, e o braço até o cotovelo pelo olho dentro, até ſahir-me pelo outro olho; mas com tudo ſempre andarei com o olho ſobre elle, pois ſegundo ouvi dizer, ſei que neſta terra ha muita feiticeira.

Sahe Arpia.

Arpia. Quem eſtá aqui?

Sacatr.

Sacatr. Parece-me que ſou eu.

Arpia. Voſſa Mercê, Senhor Soldado, com que atrevimento entrou aqui no quarto da Senhora Infante Medéa?

Sacatr. Eu, Senhora, entrei aqui ſem atrevimento.

Arpia. Pois não ſabe que no quarto das Princezas ſe não entra?

Sacatr. Eu não tenho ſcieneia infuſa para ſaber tudo.

Arpia. Pois para onde hia?

Sacatr. A fallar a verdade, eu hia para a cóſinha, e quando me não precatei me achei aqui.

Arpia. Pois ſabe que mais? Que eſtá condemnado a cortarem-lhe os dedos dos pés, que he a pena que ſe dá a quem entra aqui, ſem que para iſſo lhe valha o ſer criado de Jaſon, que a elle meſmo ſe ha de fazer o meſmo ſe aqui entrar.

Sacatr. E a mim que ſe me dá que me cortem os dedos dos pés? Poupão-me o trabalho de cortar as unhas.

Arpia. Voſsê cuida que eu zombo, vá-ſe deſcalçando já, já, depreſſa, que eu chamo o algoz; ó lá de dentro?

Sacatr. O' Senhora enxota cadellas de Palacio, por vida ſua que não chame o algoz, e ſe iſto ſe remedêia com dar-lhe eſte annel, que he o que tenho, ahi o tem, e deixe-me em paz, pois vão-ſe embora os annéis, e fiquem os dedos.

Arpia. Pois ſaiba que por compaixão lho tomo; que eu não ſou amiga de fazer ſangue.

Sacatr. Ora Voſſa Mercê viva muitos annos, ainda em ſima de me levar o annel.

Arpia. Olhe, meu filho, não ſe deſconſole, que Deos lhe dará outro annel, trate primeiro da ſua ſaude, que diamantes ſão pedras; e para que lhe não ſucceda outra, eu tirarei hum paſſa-porte para poder entrar por onde quizer. Ouve, faça hum memorial, e dê-mo.

Sacatr. Tomára eu fazer hum total eſquecimento do annel, que cada vez que me lembra morro de ſaudades por elle.

Dentr. Arpia? Arpia?

Arpia. Ai, que ahi vem Medéa, eſconde-te ahi debaixo do bofete, para que te não veja aqui.

Sacatr. Ainda mais eſſa! Mas diga-me, Senhora, quem he eſſa Arpia por quem chamou Medéa?

Arpia. Sou eu.

Sacatr. Voſſa Mercê he Arpia meſmo por ſeu goſto, ou iſſo he alcunha?

Arpia. Pois que tem o nome de Arpia? Não he bonito?

Sacatr. Eu bem ſei que o nome de Arpia he hoje da moda, pois humas ſão Arpias na cara, e outras nas unhas, como v. gr. o meu annel nas unhas deſta Arpia.

Arpia. Anda, eſconde-te, que Medéa chamou.

Eſ-

Eſconde-ſe Sacatrapo debaixo do bofete, e ſahe Medéa.

Med. Arpia, eu venho louca de amor por Jaſon, pois apenas o vi logo me arrebatou todos os ſentidos, de ſorte que enlouqueço.

Arpia. Não he neceſſario chegar a tanto extremo, pois com os encantos de tuas magicas pódes fazer com que te queira.

Sacatr. Não he nada; a menina he feiticeira!

Med. Para que Jaſon me queira não hei de uſar de máquinas, nem magicas, que iſſo era violentar-lhe a vontade, que ſem ella não póde haver perfeito amor.

Arpia. Pois então como ha de ſer?

Med. Explicar-lho, ſeja como for.

Arpia. E ſe elle te deſdenhar?

Med. Então perder as eſperanças, morrerei logo, e comigo o meu amor.

Arpia. O melhor he diſfarçar iſſo.

Med. Como o hei de diſfarçar, ſendo huma ſetta, que ſempre me eſtá penetrando o coração?

Sacatr. Pois beba agoa de mangericão, que logo ſe ha de achar boa.

Med. Atreves-te tu a ſaber ſe me tem inclinação?

Arpia. Eu tenho boas mãos para eſſes unguentos, deixe-o por minha conta; mas eu cuido que ahi vem elle.

Med. Pois eu eſcondo-me aqui, que quero obſervar a minha morte, ou a minha vida. *Eſconde-ſe.*

Sahe Jaſon.

Jaſon. Senhora, eſtimára que fizeſſeis preſente á Infante Medéa, que Jaſon vem render-ſe aos ſeus pés, e beijar as ſuas mãos.

Arpia. Sei que ha de eſtimar tão grande fortuna.

Sacatr. Jaſon aqui! Sem dúvida irá ſem dedos nos pes, *ſicut & nos* manqueja de hum olho.

Arpia. Ora, Senhor, nós as velhas ſempre ſomos curioſas de ſaber; não me dirá, que lhe tem parecido eſta terra?

Jaſon. Por certo, que he huma grande Corte, e baſtava ſer Oriente de tantos Soes, quantos nella reſplandecem.

Arpia. Não ha dúvida que o da Senhora Medéa excede a todos os Aſtros.

Sacatr. Que fora ſe elle víra o Sol da India!

Jaſon. Quem póde duvidar que minha Senhora Medéa he a Fenix da formoſura?

Arpia. Certamente que eſtava aqui hum bom caſamento, porque ella he a herdeira deſte Reino, e vós, Senhor, tambem o ſois do voſſo, e tudo ſe podia ajuntar; e que lindos filhos terião!

Jaſon. Se eu me não achára indigno deſſa honra, talvez que a procurára; mas não quero incorrer na cenſura de Faetonte.

Sahe Medéa.

Med. Jaſon, quem ſente he força que ſe queixe, que para amar baſta ter alma. Já pódes entender, que quando huma mulher da minha eſtéra ſe chega a explicar, grande he o ſeu amor; pois quando o incendio he exceſſivo,

não

não ſe póde conter nos limites do edificio, que logo não ſaia pelas janellas.

Sacatr. Ah bom arrocho!

Jaſon. Belliſſima Medéa, ſe fora certa tanta ventura, pudera-me julgar o mais feliz homem do Mundo.

Med. Se niſto eſtá a tua felicidade, feliz te pódes chamar, e para melhor me explicar, retira-te, Arpia, e aviſa-me quando vem alguem.

Arpia. Eu vou, Senhora. Amor os ajude.

Vai-ſe.

Med. Se promettes correſponder-me com o meſmo amor, ſeguro-te, que te pódes chamar feliz; pois verás que por teu reſpeito faço mudar os montes de ſeu lugar, ſeccar-ſe o mar, confundir todos os quatro elementos, fazendo que tudo te obedeça, e até te farei Senhor do célebre Velocino, para cuja conquiſta em vão ſe tem fatigado tanto militar concurſo; porque forças humanas o não podem conquiſtar, pois o defende hum horrivel Dragão encantado, ſendo eſte Velocino o theſouro mais rico que ha no Mundo.

Sacatr. Huma vez que lhe falla nos Velocinos, ahi o tem manſo como hum borrego.

Jaſon. Tudo iſſo para mim não vale tanto como a felicidade de ſer teu eſpoſo, porque em ti ſe contém a maior riqueza.

Med. Promettes, Jaſon?

Jaſon. Prometto, Medéa.

Med. Vê lá o que dizes.

Jaſon. Por todos os Deoſes do Firmamento,

e

e por todas as Deidades do Cocito te juro ſempre ſer-te firme, e amante.

Canta Medéa a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Pois vê lá o que dizes, não me enganes,
Nem meu ardor, ſacrílego, profanes,
Que quem te ſabe dar riquezas tantas,
A morte dará, ſe a fé quebrantas.

ARIA.

Felice ſerás,
Jaſon, ſe conſtante
Te moſtras amante
A tanto querer,
A tanto adorar.
Por iſſo verás,
Se acaſo conſpiras
A ſer inconſtante,
Sahir deſſe abyſmo
As furias, as iras,
As chammas, os raios,
Até que em deſmaios
Te veja eſpirar. *Vai-ſe.*

Sacatr. Pegue-lhe lá com hum trapo quente.

Jaſon. Eu eſtou confuſo!

Sacatr. Pois faça o ſizo.

Jaſon. Medéa ao meſmo tempo que ſe moſtra extremoſa, me ameaça com tantas iras! Bem aviado eſtou eu ſe me deſcuidar em adoralla; mas como póde o meu amor deixar de ter deſcuidos, ſe em Creuſa tenho todo o meu cuidado? Bem ſei que Medéa he huma Eſtrella, mas ſe vejo que Creuſa he hum Sol, antes hei de ſeguir os raios deſte, que os reſplandores daquella; quem me mandou a mim prometter ſer ſeu eſpoſo? Oh Deoſes, que fiz eu!

Sacatr. Fez huma aſneira.

Jaſon. Mas ai, que alguem me ouvio! Se ſeria Me-

Medéa? Quero ver ſe aqui eſtá alguem, ſeria illuſão do entendimento; porém ſe Medéa me promette dar o Velocino, unico objecto da minha empreza, ſeria ignorancia perder eſta oçcaſião; mas muito maior covardia ſerá violentar a inclinação que tenho a Creuſa pela ambição de ganhar o Velocino; que farei neſte caſo?

Sacatr. Comer a iſca, e cagar no anzol.

Jaſon. Iſto já he mais que illuſão, a voz ſahio da parte daquelle bofete; quem eſtá ahi? Falle, ſenão o matarei.

Sacatr. Como bateo no mato caçou-me. *Sahe.*

Jaſon. Que fazias ahi, Sacatrapo?

Sacatr. Se me pergunta pela verdade, eu não o ſei.

Jaſon. Sem dúvida eſtavas ahi para furtares alguma couſa.

Sacatr. Antes eſtou aqui, porque me furtárão certa couſa.

Jaſon. Que te furtárão?

Sacatr. Foi o caſo: Que apenas puz os pés neſta caſa, eis ſenão quando marro de narizes com Arpia, eſſa negregada, e farruſcada velha, e tanto que me lombrigou o annel que me deu ElRei, me diſſe que tinha incorrido em pena dedal, iſto he, que ſe me havião cortar os dedos dos pés, excepto os joanetes, ſó por haver entrado no quarto das Princezas; eu como amo aos meus dedos dos pés, como ſe naſceſſem da barriga de minh mái, pelos não ver ſeparados daquella boa

união

união que tivemos sempre, tapei-lhe a boca com o annel, e ella lambeo-lhe os dedos, e lambeo-me o annel; e vendo que vinha Medéa, mandou-me meter debaixo daquelle bofete, aonde estive até agora chorando, e carpindo o meu annel; e como ainda o tenho diante dos meus olhos, são os meus dous anneis de agoa.

Jason. Visto isso, ouviste tudo quanto passei com Medéa?

Sacatr. Provera a Deos que o não ouvisse.

Jason. Pois que te parece o que succede?

Sacatr. Eu não sei de razões de estado, mas o que digo he que a Senhora Medéa he huma fina feiticeira, e a tal Arpia huma refinada bruxa, e confesso, que quando Medéa cantando diz: as furias, as iras, as chammas, os raios, que se me arrepiárão os cabellos.

Jason. Eu bem sei que Medéa he magica, e como tal me pertende dar o Velocino de ouro, que he hum carneiro com pelle do mesmo ouro.

Sacatr. Não tem que me explicar, que eu em materia de Velocinos já posso lêr de cadeira.

Jason. Porém eu vivo tão namorado de Creusa, que não se me dera de perder o que me offerece Medéa, só por alcançar o thesouro de Creusa.

Sacatr. Senhor, em duas palavras: amar a Medéa por ceremonia, até lhe gadanhar o Velocino, e ir conquistando em todo o caso o Velocino de Creusa.

Jason.

Jaſon. Iſſo eſtá bem; mas ſe Medéa me ameaça, ſe eu for inconſtante ao ſeu amor, como ha de ſer?

Sacatrap. Tambem ha contra-feitiços, ſendo que eu não creio muito em bruxas.

Jaſon. Tu, Sacatrapo, ſe tiveres occaſião, has de explorar o peito de Creuſa, e ſe a vires inclinada ao meu amor, dize-lhe o quanto lhe quero, porém com muito ſegredo, que Medéa o não preſuma, pois a todos nos importa iſſo; e levando nós o Velocino havemos ter muito ouro.

Sacatr. Eu de todo eſſe carneiro não quero mais do que o rabo, porque tendo eu eſſe, eſcaparei de ficar com o meu na ratoeira; e vós, Senhor, ao que entendo, ficareis com as orelhas.

Sahe Theſeo.

Theſ. Senhor, he neceſſario cuidar no fim para que viemos; pois os Soldados aventureiros eſtão já deſeſperados por ganhar fama na empreza do Velocino, e os de menos qualidades, pela ambição do deſpojo.

Jaſon. Theſeo, não cuides que me deſcuido, e ſabe que já o temos concluido.

Theſ. De que ſorte?

Jaſon. Anda, que o ſaberás depreſſa, e darás o teu conſelho.

Sahe Creuſa.

Creuſ. Daqui ſe vai Jaſon; que quereria no quarto de Medéa? Já me deſengano, que tenho amor, pois tenho zelos. E tambem o criado

aqui

aqui eſtá! Que maior indicio! Aí, infeliz Jaſon, ſe a Medéa entregas o teu peito!

Sacatr. Senhora Creuſa, eu não ſou Antipoda, para que eſconda de mim o bello Sol de ſeu roſto.

Creuſ. Que fazias ahi, Sacatrapo, tu, e teu Amo?

Sacatr. Ambos eſtavamos aqui perdidos, eu no labyrintho de Palacio, e meu Amo perdido no labyrintho de amor.

Creuſ. Bem ſei que Medéa he o attractivo que o arrebata.

Sacatr. Meu Amo ſe gaſta ás punhadas, porém, Senhora, não he Medéa a cauſa de ſeu enleio, porque mais Medéas ha na terra.

Creuſ. Para que o negas? Pois já iſſo he notorio, e aqui não ha quem poſſa merecer as attenções de Jaſon, ſenão Medéa?

Sacatr. Porque? Voſſa Magnificencia não era muito capaz para iſſo? Ora o caſo eſtá galante!

Creuſ. Eu não ſou Princeza.

Sacatr. Deſſa maſſa ſe fazem; aqui eſtou eu, que com o favor dos Aſtros eſpero ſer o Grão Turco.

Creuſ. Fica-te embora, já que eſtás galanteando.

Sacatr. Senhora minha, aqui debaixo de ſegredo natural, (que legitimo nunca o houve) digo-lhe a Voſſa Serenidade, que Jaſon adora terniſſimamente a Voſſa Magnificencia, e ſei eu que deſeja ſer ſeu eſpoſo, e não ſe declara com medo de Medéa; porque diz que

o

e ha de trasfegar ſe elle lhe for inconſtante, que a mulher he hum demonio em carne; pois ainda quando acaricía tem tão má carinhá, que mais arranha do que affaga.

Creuſ. Dizes iſſo devéras?

Sacatr. Com veras, reveras, e tataraveras.

Canta Creuſá a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Oh mal haja Medéa, e ſeus encantos,
Pois esfria de amor incendios tantos,
De Jaſon uſurpado o alvedrio
Com rigor tão ímpio,
Que com falſas tyrannas indecencias
Dos Aſtros quer mudar as influencias.

ARIA.

Que intente adorar-me
Jaſon, e não poſſa,
Querendo roubar-me
Medéa o meu bem!
Que injuſto tormento!
Que féro rigor,
De hum mal tão violento,
Que allívio não tem! *Vai-ſe.*

Sacatr. Ah Senhora, eſpere, dê-me a reſpoſta; e foiſe ſem dizer aqui eſtou eu! Que diabo terá eſte Jaſon, que todos o querem? O maldito parece que tem mandinga! Só eu não acho na verdade quem me queira! Pois por certo que não he o diabo tão feio como o pintão; porque eu, graças a Deos, ſou mui bem eſtreado, bem tirado das canellas, ſou beiçudo, e tenho unhas machas, ſou no andar miu-

do

do, e finalmente o meu todo ſe compõe de muitas partes, e com tudo não ha huma alma perdida, que ſe namore de mim; mas iſto ſerá porque eu me não namoro nunca dellas, mas eu prometto daqui em diante namorar a troxe moxe, que alguma cahirá no laço.

Canta Sacatrapo a ſeguinte

ARIA.

He o amor, que huma alma engole,
Sabão molle;
Pois com elle quem ſe esfrega,
Cabra céga,
Eſcorrega,
Cahe aqui, cahe acolá.
Aſſim huma alma namorada,
Esfregada,
Enſaboada,
Que tropeços não fará!

SCENA IV.

Deſcobre-ſe huma Sala, e ſahem ElRei, e Telemon.

Rei. TElemon, não poſſo deixar de fazer reparo neſta vinda de Jaſon tão intempeſtiva; pois ſegundo me diſſerão, nenhuma tempeſtade teve para arribar a eſte porto, antes cuido que elle veio muito de propoſito com algum pernicioſo intento; e como tu ſabes que eſte Velocino he o objecto de toda a Grecia, talvez intentará Jaſon, diſſimulando

do o veneno com alguma induſtria, roubar-me o meu grande theſouro do Velocino, e aſſim manda-lhe dobrar as guardas, e ter a Soldadeſca prompta para qualquer invasão.

Telem. Senhor, que te aſſuſta, e ſobreſalta? Para que he dobrar as armas, e guardas, ſe o Velocino bem guardado eſtá com o Dragão que o defende?

Rei. Com tudo como o Dragão he encantado, póde haver arte que o deſencante, e aſſim faze o que te digo, que a prevenção he filha da prudencia.

Sahe Medéa.

Med. He incomparavel a alegria que tenho de me ver amada de Jaſon; porém aqui eſtá El-Rei meu pai?

Rei. Medéa, a bom tempo vieſte.

Med. Pois que ordena Voſſa Mageſtade de huma obediente filha?

Rei. Has de ſaber que me tem cauſado grande ſuſto a vinda de Jaſon; pois ſuſpeito que o ſeu fim ſerá roubar-me o Velocino, e aſſim, já que na ſciencia magica és tão peregrina, quizera que penetraſſes o ſeu deſignio, e ſabido elle, buſcar o remedio ao ſeu atrevimento, e á minha deſconfiança.

Med. Não lhe dê iſſo cuidado a Voſſa Mageſtade, pois prometto breviſſimamente ſabello, ainda que peſſoalmente deſça ao tenebroſo Reino de Plutão, e aſſim deſcanſe Voſſa Mageſtade, e não ſe afflija, nem ſobreſalte, que ainda quando o Velocino não eſtiveſſe bem guar-

guardado com o Dragão horrivel, se necessario fora, virião em defensa do Velocino todos os Dragões, e serpentes da Libia, e todas as féras, e monstros do Averno, para que se segure o Velocino, e o teu receio.

Rei. Dá-me os braços, Medéa, pois de ti espero todo o meu socego. *Vai-se.*

Telem. Guarde Jupiter a Vossa Alteza. *Vai-se.*

Med. Quiz desvanecer-lhe o penſamento, porque ao menos não sinta o mal, antes de o padecer; pois Jason ha de ser senhor do Velocino, ainda que rompa os vinculos da natureza, e os da arte.

Sahe Sacatrapo correndo atraz de Arpia.

Sacatr. O' velha bruxa, larga o meu annel.

Arpia. A'que d'ElRei, que me mata! Quem me acode?

Med. Tende mão; que desaforo he este na minha presença?

Arpia. Senhora, que ha de ser? Este maldito homem, que me quer matar.

Med. Se não foras criado de Jason, aqui te sepultaria vivo pelo atrevimento.

Sacatr. E ha lei, que mande que aos criados de Jason se furtem os anneis?

Med. Pois quem te furtou o annel?

Sacatr. Essa Senhora Arpia, que com subtil artiadura me surripiou o annel que me déu ElRei, como Vossa Infanteza bem vio.

Med. He aquillo assim, Arpia?

Arpia. Ai, Senhora, foi huma pessa que lhe fiz, só pelo ver desesperar.

Sacrat.

Sacatr. Senhora, o annel he que era peſſa de Rei, mas o que me fez foi latrocinio formal.

Med. Pois Arpia, eſcuſe de fazer eſſas peſſas, e dê logo o annel a ſeu dono.

Arpia. Pois eu para que o quero? Tome lá. Calte, que tu mo pagarás, toma. *á parte.*

Sacatr. Moſtra cá, que já lhe tinha perdido a poſſe, e a eſperança tudo junto.

Sahe Jaſon.

Jaſon. Belliſſima Medéa, como todo o meu allívio conſiſte em ver-te, não eſtranhes os exceſſos do meu amor.

Med. Se tu me adoras não vendas por fineza o que he obrigação de quem ama. Ai, Jaſon, ſe ſerão verdadeiros os teus extremos!

Jaſon. Medéa, em hum peito nobre não cabem affectos fingidos, antes cuido que os fingimentos eſtão da tua parte.

Med. Muito me eſcandalizas. Dizes iſſo devéras?

Jaſon. Quaſi eſtava para dizer que ſim.

Med. Que motivo tens para iſſo?

Jaſon. Bem ſabes que tenho goſto de ver o Velocino de ouro, ſó para admirar eſte prodigio da natureza, e com tudo não tenho merecido eſſe favor, podendo-me tu fazello, e quem ama verdadeiramente, procura ſempre dar goſto ao ſeu amante.

Med. Se eſſa he a queixa que tens de mim, verás como depreſſa te ſatisfaço; toma eſſe annel.

Sacatr. Que annel, Senhora?

Jaſon. Calte neſcio.

Arpia.

Arpia. Calte animal.

Sacatr. Cuidava que lhe dava o meu annel; pois entendo que ninguem tem annel ſenão eu. Guardeo bem, veja que eſta Arpia he inclinada a anneis, quando não ficará ſem dedos.

Med. Toma pois, Jaſon, eſte annel, que com elle farás tudo quanto quizeres por eſpecial virtude deſſe chryſolito; vai com elle ao jardim encantado, feliz habitação do Velocino, e ſuppoſto eſteja cercado de muralhas de bronze, e dentro o defenda hum Dragão, tudo vencerás com a virtude deſte annel; e ainda que ſem tu o teres na tua mão, podia eu pela minha fazer tudo, quero, para que vejas o quanto te amo, que a ti te entrego o depóſito de minha ſciencia magica; porque he proprio de quem extremoſamente ama entregar com a vontade o entendimento.

Jaſon. Pois de que ſorte ha de ſer iſto?

Med. Deſta ſorte.

Deſce huma nuvem, e nella vão arrebatados Jaſon, e Medéa.

Sacatr. A Deos, Jaſon, para ſecula ſeculorum.

Arpia. Que te parece iſto? Não he galante?

Sacatr. He mui boa galantaria, mas eu lhe não acho graça: Ora diga-me, Senhora Arpia, e Medéa ſabe fazer deſtas habilidades?

Arpia. Como ninguem; porém tal Meſtra teve ella.

Sacatr. Apoſtemos que foi Voſſa Mercê a Senhora Meſtra?

Arpia. Eu fui a Meſtra de Medéa, que a enſi-

ſinei deſde criança á arte magica, a que voſsês os neſcios chamão feitiçaria, e o demo da rapariga tomou tão bem as liçõés, que hoje me póde dar ſeis, e ás, e a mão.

Sacatr. Tão entabolada eſtá ella no jogo da couſa?

Arpia. Como lho hei de dizer? Faz couſas nunca viſtas, e algumas com galantaria, que he para ver, e admirar.

Sacatr. A Voſſa Mercê ainda lhe lembra alguma couſa do tempo que era Meſtra?

Arpia. Qual, filho, os annos tudo conſomem, pois no meu tempo andava eu nas palmas.

Sacatr. Melhor fora que o Carraſco lhe andaſſe nas coſtas; mas certamente que a Voſſa Mercê ainda lhe ha de lembrar alguma galantaria?

Arpia. Qual, iſto eſquece muito ſe ſe não traz ſempre entre as mãos.

Sacatr. Por iſſo me ha de lembrar o annel, que o trago entre os dedos.

Arpia. Pois cuidavas que aquillo do annel era verdade? Foi huma peſſa que te quiz fazer.

Sacatr. Pois porque era peſſa, por iſſo eu tambem por peſſa o diſſe a Medéa; mas não diſfarcemos, faça alguma magicaſinha pequenina, couſa galante.

Arpia. Ora por te fazer a vontade ahi vai huma primoroſa: Por arte de berliques, berloques, que com eſta boſetada te ſalte fóra a cabeça do corpo.

Dá lhe huma bofetada, e ſalta a cabeça de Sacatrapo, que andará pelo ár dando de quando em quando algumas cabeçadas em Arpia.

Sacatr. Ai, minha cabeça, que a tenho por eſſes áres!

Arpia. He para ver ſe has de fazer queixa a Medéa, que te furtei o annel.

Canta Arpia a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Não to hei de fazer por mais que o peças:
Pois quero que padeças
Por dous annos ſequer eſte tormento,
Caſtigando teu louco penſamento.

ARIA.

Oh quanto já me alegra
Ver eſſe movimento,
Que he bem, que leve o vento
Cabeça, que he tão vã.
Se em ti, por neſcio, e tollo,
Cabeça não havia,
Não julgues tyrannia
Tirar-ſe o que não ha.

Sacatr. Ora encaixa-me a cabeça, que eu te dou o annel, ſem que tu mo furtes.

Arpia. Agora ſim, eu ta encaixo.

Põe-lhe a cabeça, e foge.

Sacatr. Eſpera, que mo has de pagar, por vida de Sacatrapo. *Vai-ſe.*

SCE-

SCENA V.

Jardim, aonde eſtará o Velocino, que he hum Carneiro de ouro, e ao ſom do Coro, e inſtrumentos, ſahirá Jaſon pela Sala de fora a cavallo no Pégaſo, que trará azas, e depois entrará no Jardim, aonde tambem eſtará hum Dragão lançando fogo, e com elle brigará Jaſon.

CORO.

Se amor he hum encanto,
Que inflamma
Na chamma
Tyrannico ardor,
De ver não me eſpanto
A hum peito
Desfeito
A encantos de amor.

Jaſon. HOrroroſo Dragão, eſpantoſo aborto do Abyſmo, a pezar das ſombras, e do furor que conſpiras, hei de domar a tua furia, cegando-te primeiro com as luzes do chryſolito deſte annel, e ao depois tirando-te a vida com o penetrante deſta eſpada, ſepultando-te finalmente nas entranhas da terra.

Mata ao Dragão, que com urros ſe meterá por hum buraco do Tablado, donde ſahirão chammas de fogo, e a eſſe tempo ſe deſapéa do cavallo, que voando tomará diverſo caminho, e ao meſmo tempo deſcerá Medéa em huma

nuvem, que vindo fechada ſe abrirá, e della ſahirá Medéa.

Jaſon. Inclyta, e famoſa Medéa, agora conheço o teu amor.

Med. Se pelas obras exteriores conheces o meu amor, que fora ſe víras o interno de meu coração. Ahi tens, Jaſon, o Velocino que tanto deſejas.

Jaſon. Que admiravel prodigio da natureza! Já achei o que buſcava.

Med. Que te parece eſte Jardim?

Jaſon. Occupa toda a admiração: Quem me dera que Sacatrapo viſſe iſto!

Med. Se iſſo deſejas aqui te vem já; Sacatrapo? Sacatrapo?

Vem voando hum Dragão pelo ár, e lança pela boca a Sacatrapo no Tablado.

Sacatr. Senhora, Senhora: mas aonde eſtou eu!

Jaſon. Que he iſſo, Sacatrapo, tu aqui?

Sacatr. Ah Senhora Medéa, eu eſcuſo eſtas gracinhas, que iſſo toca ao Senhor Jaſon, que para me eu divertir lá tenho a minha Arpia, que toca a degollar muito bem.

Jaſon. Quiz que tambem tu te achaſſes na empreza do Velocino de ouro.

Sacatr. Não baſta intentar a empreza, he neceſſario tambem fazer a preza; mas diga-me, qual he o Velocino?

Med. He aquelle; não o vês?

Sacatr. Ai, como he galante! Tó, tó, Velocino, vem cá, paſſa aqui, tó, tó.

Jaſon. Homem, elle não he cão, he carneiro.

Sacatr.

Sacatr. Elle será carneiro, mas a mim me parece cão pelo gozo que tenho de o ver.

Jaſon. E he cerro, Medéa, que he de ouro a pelle deſte carneiro?

Med. De ouro he, e tirando-ſe-lhe huma pelle lhe naſce outra tambem de ouro.

Sacatr. Meu Amo eſtá, que não cabe na pelle, o ponto eſtá, Senhora Medéa, que o tal carneiro em ſe apanhando daqui fóra não mude a pelle.

Med. Niſſo pódes eſtar deſcançado.

Sacatr. E eu que tenho com iſſo? A meu Amo he que Voſſa Infanteza ha de paſſar eſſa carta de ſeguro, porque quando muito elle comerá o carneiro, e a mim me dará os pés, que he o meſmo que dar-me dous couces depois de tanto trabalho.

Jaſon. Não lhe puxes pela lingua, ſenão nunca ſe callará.

Med. Pois ſe he fallador trate de o não ſer daqui em diante; porque ſe diſſer a alguem o que aqui paſſamos o matei certamente.

Sacatr. A'que d'ElRei, Senhores, eu pédi a alguem, que queria ſaber de jardins, nem de Velocino, nem de badallo? De ſorte, que eſtava eu começando a jantar, eis ſenão quando de improviſo me vejo engolir de huma Serpente, que era o Golia dos Gigantes Dragões, e como lhe não fiz bom coſimento vomitou-me neſte jardim, e então digo eu agora, para que me forão chamar, ſe ſabião que eu era linguarado?

Jaſon.

Jaſon. Ora calte por vida tua. E certamente, Senhora, que cada vez me vejo mais obrigado ás voſſas finezas.

Med. Não he muito, Jaſon, que eu applauda a tua entrada neſte jardim, quando até as arvores, e troncos inanimados te ſabem feſtejar; e para que o vejas, attende: Plantas, arvores, e flores, ſahi das entranhas da terra, e vinde applaudir a Jaſon.

Sahem por quatro eſcotilhas quatro arvores.

Jaſon. Effeitos são da tua ſabedoria, eu eſtou paſmado!

Sacatr. E eu com o queixo cahido!

Med. Ainda não pára aqui o teu applauſo; arvores, tranſformai-vos em Nimfas, e applaudi a Jaſon, cantando, e repetindo as minhas vozes.

Sacatr. A mulher he capaz de fazer huma fallada!

Canta Medéa, e repetem os éccos.

Med. Dizei o incendio voraz, voraz.
Que em meu peito abraſa amor, amor.
Quando por Jaſon ſe inflamma flamma.
N'um puro, e ſuave ardor. ardor.

Jaſon, e Med. O' Nimfas, dizei-lhe,
Que já no meu peito
Em ancias desfeito
Tod. Voraz amor inflamma ardor.

Canta Jaſon, e repetem os éccos.

Jaſon. Dizei, que em dita feliz feliz.
Vive em mim conſtante ardor, ardor.
Pois já Medéa me inſpira pira.
Mil ſacrificios de amor. amor.

Jaſon, e Med.

Jaſon, e Med. O' Nimfas, dizei-lhe,
Que já no meu peito
Em ancias desfeito
Tod. Feliz incendio inſpira amor.

Sacatr. Ora eu ſem ſer Narciſo verei ſe acho algum écco que me reſponda; ora lá vai, Senhora Medéa.

Med. Dize, que ellas te reſponderáõ.

Canta Sacatrapo o ſeguinte.

Dizei ſe do Velocino
Hei de ter ſequer hum pello.

Zurrão dentro.

Sacatr. Oh! Zurrárão? Andar, ſe não tive éccos achei burro, iſto agora he que he magica, pois que as Nimfas ſe tornárão em burro. Ah Senhora Medéa, he iſto jardim, ou eſtrebaria?

Med. Para ti todo o lugar he eſtrebaria.

Sacatr. Iſſo he pôr as couſas no ſeu lugar; mas já que Voſſa Infanteza quiz fingir eſte jardim, não fez mal em fabricallo no lugar da eſtrebaria, que entendo em minha conſciençia que as eſtatuas são os burros do Senhor ſeu pai.

Med. Jaſon, ainda paſſa a mais o meu amor, pois verás que por ti faço com que eſſas Nimfas, em que falta o animado, em teu applauſo te formem huma contradança, e aſſim os paſſaros, as agoas, e o Zefiro a entoem, e as Nimfas bailem.

Tocão huma contradança, e deſcem as Nimfas dos ſeus lugares, e danção.

Jaſon. Que dizes agora a iſto, Sacatrapo?

Sacatr.

Sacatr. Deixe-me, Senhor, que me eſtou embasbacando; pois vejo que quem faz bailar troncos tambem fará bailar as tripecinhas.

Jaſon. Não goſtas de contradança?

Sacatr. Não, Senhor, porque fui ſempre contra a dança.

Jaſon. Medéa, não ſei com que te hei de gratificar tantas finezas, quantas por mim tens feito. Sacatrapo, não deixes ficar o Velocino. *á parte.*

Med. Adorado Jaſon, ſe já conheces o meu amor, peço-te que não ſejas ingrato a tantos extremos.

Jaſon. De que ſorte queres que te ſegure a minha conſtancia?

Med. Com a meſma conſtancia com que meu peito te adora.

Jaſon. Aſſim o prometto.

Med. Ditoſa já me poſſo chamar com tal ventura.

Jaſon. E eu feliz. Ai, Creuſa, quando verdadeiramente ſem ſuſtos deſcanſarei em teus braços, pois ſó tu me roubaſte os meus ſentidos! Sacatrapo, leva o Velocino, não o deixes. *á parte.*

Sacatr. Aſſim era eu aſno.

Med. Vamos, Jaſon.

Jaſon. Medéa, vamos.

Med. Mas eſperai; que terei, que tão ſobreſaltado tenho o coração? *á parte.*

Jaſon. Que te ſuſpende, Medéa?

Med. Ai, Jaſon, dize-me: eſtarei certa na tua promeſſa? *Jaſon.*

Jaſon. Vive deſcanſada, Medéa; que não faltarei á minha palavra.

Sacatr. Não haja deſconfiança de parte a parte, que eu fico por fiador, e principal pagador, e aſſim dizei, Nimfas, e publicai de Jaſon, e Medéa a bella attenção, dizendo todos.

C O R O.

Se amor he hum encanto,
Que inflamma
Na chamma
Tyrannico ardor;
De ver não me eſpanto
A hum peito
Desfeito
A encantos de amor.

Fim da primeira Parte.

PAR

PARTE II.

SCENA I.

Camera. Sahem Jaſon, e Theſeo.

Theſ. AInda não creio, Jaſon, que ſem derramar ſangue conquiſtámos o Velocino.

Jaſon. Confeſſo-vos, Theſeo, que quando niſto imagino parece-me que eſtou ſonhando.

Theſ. E ſegundo, Senhor, me contaſte, entendido que debalde viriamos a eſta conquiſta com armas, ſe não forão as magicas de Medéa, que tanto te ama.

Jaſon. A's vezes póde mais Cupido que Marte, pois mais poderoſo foi ſempre o amor, que o odio; e certamente Theſeo, que com ter a certeza na magica, de que havia triunfar do Dragão que guardava o Velocino, com tudo a viſta, e o aſpecto delle poderia cauſar temor ao coração mais deſtemido.

Theſ. E agora para que nos dilatamos mais neſta terra? Vamo-nos embora antes que ſe ſaiba o roubo do Velocino, e nos cuſte ſuſtentar com a eſpada o que ganhámos ſem ella.

Jaſon. Aſſim he, Theſeo, mas as couſas não ſe fazem como ſe dizem. Bem ſabes as finezas que Medéa tem obrado por mim, e que com o pretexto de ſer eu ſeu eſpoſo, he

que

que me facultou a entrada no jardim, e aſſim parece vileza, e ingratidão o deixalla; além diſſo, como ſabes que he magica, poderá vingar-ſe em nós, que huma mulher eſcandalizada, e poderoſa he muito para temer. Aſſim pertendo encobrir, que por Creuſa he que me detenho. *á parte.*

Theſ. Segue o teu parecer, que algum dia te pezará não ſeguir o meu conſelho. *Vai-ſe.*

Jaſon. Se eu eſtou louco de amor como hei de ter entendimento para acertar? Pois quando o amor vive no peito he força que deſfaleça o juizo.

Sabe Sacatrapo.

Sacatr. Eilo lá fica no porão enxuto, e bem acondicionado.

Jaſon. O que?

Sacatr. O Velocino, a quem eſtive acompanhando até agora, que lhe confeſſo não poſſo apartar-me delle, e entendo que o tal carneiro tambem he feiticeiro.

Jaſon. Não te quizera ver tão ſeu amigo, que és capaz de tirar-lhe alguma gadelha em achando occaſião.

Sacatr. Senhor, ſempre ouvi dizer que era bom tomar a occaſião pelos cabellos; mas eu ſe a achar a tomarei pelas unhas, que he mais ſeguro.

Jaſon. Pois já que és tão occaſionado não tornarás a brincar com elle.

Sacatr. Já o remedio he tarde, pois já cá dizimei o que quer que he. *á parte.* E ſabe,

Se-

Senhor ; que mais ? Apoſto que o não ſabe.

Jaſon. Dize.

Sacatr. Que o tal carneiro ſabe latim.

Jaſon. Deixa-me com diſparates.

Sacatr. Ainda eſſa he peior, baſta que lho diga eu, que o tal Velocino he hum Calepino enquadernado em carneira, e ſenão veja; perguntei-lhe eu (por acaſo) de *ego mei mihi* o accuſativo de ſingular ? Eis ſenão quando me reſponde logo *mé*. Eu quando tal ouvi dizer diſſe comigo: Tambem ſe a ti te não falla o diabo nas tripas, mal por mim.

Jaſon. Seja o que quizeres, vamos ao caſo.

Sacatr. Vamos ao Occaſo, e vamos ao Oriente.

Jaſon. Pudeſte fallar a Creuſa, e ſignificar-lhe o quanto lhe quero ?

Sacatr. Deixando circuitos, e epiſodios; apenas tu, Senhor, te apartaſte de mim, quando logo Creuſa veio nas tuas ancas, e eu tanto que a vi ſó por ſó comigo, confeſſo que tive medo, e quiz chamar áque d'ElRei.

Jaſon. De que tiveſte medo ?

Sacatr. Senhor, aſſim como as fêas fazem fugir, tambem as formoſas aſſombrão; e como não ha Sol ſem ſombra, ella foi o Sol, e eu o aſſombrado dos ſeus raios; pois cada olho era hum caga-lume, cada face hum carbunculo que andava nas mãos do Anatomico da belleza, cada cabello era hum raio, cada peſtana hum cometa, e hum coriſco cada nariz.

Jaſon. Tantos narizes tem ella ?

Sacatr.

Sacatr. Sim ; Senhor , e tão bellos como os ſeus narizes.

Jaſon. Vamos adiante.

Sacatr. Iſſo he o que queria ? Pois ouça mais ; fui eu , e como logo nos olhos a vi com geito para me ouvir , que fiz ? Fui de manſinho abrindo a boca pé por pé , e lhe eſcarrei na bochecha o recado que me deu , tim tim por tim tim.

Jaſon. E quando lhe fallaſte em mim alterou-ſe ?

Sacatr. Não ſei , porque lhe não tomei o pulſo ; mas ſe pelos olhos ſe conhece quem tem lombrigas , ella tanto que lhe fallei em Jaſon foi tanta a lombriga que deſtilou pelos olhos , que aſſentei logo que a Senhora Creuſa eſtava mordida da bicha de Cupido.

Jaſon. Vamos á conclusão da hiſtoria.

Sacatr. Senhor , em conclusão argumentei-lhe rijamente ſobre o ponto , e vendo-ſe convencida começou a querer fugir do argumento ; mas eu que na ponte dos aſnos ſou hum lince , que fiz ? Mudei-lhe o argumento , e logo a colhi no laço.

Jaſon. Acaba , antes que acabe comtigo.

Sacatr. Pois demos por acabado , que eu não poſſo acabar comigo o ſer Laconico.

Jaſon. Pois em que ficou ?

Sacatr. Ficou em pé ſobre os çapatos.

Jaſon. Tu eſtás zombando ?

Sacatr. Zombaria fóra ; ella lhe não pezou de ouvir o recado , ainda que lho dei bem pe-

za-

zado, e começando a fazer biquinhos, como quem queria chorar, deſtemperou em cantar huma Aria, e virou-me as coſtas; eu ainda aſſim fui atrás della, e perguntando-lhe pela reſpoſta, virando-me o roſto para mim mui ſizuda, e mui grave, fez-me huma careta, e çafou-ſe, e ficou çafada.

Jaſon. De toda eſſa arenga venho a concluir que achaſte Creuſa inclinada ao meu amor.

Sacatr. A's vezes quando ſe abaixava, não há dúvida que ſe moſtrava inclinada; porém, Senhor, com que eſtamos? Eu acho de mim para mim, que ella ſe ha de reſolver a querer, e ſó lhe digo que teve bom goſto.

Jaſon. Pois não he mais formoſa que Medéa?

Sacatr. Iſſo não he queſtão, porque ſe Medéa encanta, tambem Creuſa enfeitiça.

Jaſon. O' Sacatrapo, ſe eu alcanço os favores de Creuſa não tenho mais que deſejar.

Sacatr. Pois Senhor, entendamo-nos, falla devéras, ou eſtá zombando? Eu cuidei até agora que iſſo de Creuſa era chacara.

Jaſon. Não he ſenão realidade, pois a amo com todas as veras.

Sacatr. Ui, Senhor, quando eu cuidava que conquiſtado o carneiro terias jazigo, vejo agora que depois de alcançado ainda te metes pela terra dentro. Deixa a Creuſa, Senhor, e pois temos o carneiro nas garras, embarquemo-nos antes que o mar ſe encreſpe em carneiros.

Jaſon. Por iſſo meſmo, porque tenho ſeguro o Ve-

Velocino, por iſſo quero tambem a Creuſa, e aſſim vai outra vez, e dize-lhe, que ſe ſe reſolve a vir comigo para Theſſalia, que ſerá minha eſpoſa, e ſubirá comigo ao Solio da Mageſtade, que por direito ſe me deve.

Sacatr. Ai, Senhor, que muito temo os encantos de Medéa.

Jaſon. Não vês que ella me deu o annel, depóſito da ſua ſciencia, e com elle não temo magicas?

Sacatr. Eu, Senhor, não ſe me dá que ſe torne em carváo a pelle de ouro, que eu ſempre hei de forrar a minha pelle.

Jaſon. Sacatrapo, máos á obra, e ſe me trazes boas novas terás boas alviçaras. *Vai-ſe.*

Sahe El Rei.

Rei. Vós não ſois criado de Jaſon?

Sacatr. Criado dé Voſſa Reinadura.

Rei. Aonde eſtá, que lhe quero fallar?

Sacatr. Eſtá tomando o freſco na trapeira.

Rei. Oh, agora te conheço. Tu não és Sacatrapo, aquelle a quem dei o annel?

Sacatr. Sim, Senhor; mas foi tal a minha deſgraça, que a Senhora Arpia, fallando mal, deu em ſe affeiçoar do annel, e tanto andou até que mo lambeo.

Rei. Ora não te agaſtes, que não te faltaráõ anneis.

Sacatr. E ſó ſinto o não tello por ſer prenda de Voſſa Reinadura.

Rei. Só eſte me poderá dizer o que eu pertendo. *á parte.* Dize-me, de que ſerves a Jaſon,

ou que prendas são as tuas para que elle te eſtime tanto ?

Sacatr. Senhor, depois que perdi o annel já não tenho prendas.

Rei. Dize-me ſe és Militar, porque talvez te deixe ficar em meu Reino; pois Jaſon, que te eſtima tanto, por alguma couſa he.

Sacatr. Eu ſervi, Senhor, na campanha deſde a idade de ſinco annos. Tive todos os poſtos, porque eu tive poſto de pé, poſto de joelhos, poſto de bruços, poſto de coſtas poſto de gatinhas, e ſe a neceſſidade era grande tive poſto de cocaras; porque, Senhor, has de ſaber que eu depois de roto fui Soldado, dahi paſſei a cabo de ſovella, e quando nada em dous dias me vi feito Coronel de hum regimento de Igallico.

Rei. Só reparo que teu Amo com tantos ſervíços te não fez Governador de alguma Praça.

Sacatr. Iſſo não era neceſſario, porque a mim me não faltão Praças.

Rei. Ora meu Sacatrapo, hoje na tua boca conſiſte a tua fortuna, pois ſe me dizes o que te quero perguntar, te darei huma renda com que poſſas paſſar alegremente.

Sacatr. Senhor, fortuna de boca, e premio de mãos são couſas de pouca duração.

Rei. Promettes-me dizer o que pertendo ſaber? Olha que has de ſer bem premiado.

Sacatr. Diga, Senhor, que hum intereſſeiro a tudo eſtá offerecido.

Rei. Para que failes com mais clareza, he bem,

bem, que te allumie o brilhante deſte annel.

Sacatr. Iſſo he ceremonia, para nós não he neceſſario. Não o ſaberá Arpia. *á parte.*

Rei. Dize-me pois; que veio Jaſon buſcar a eſte porto, pois ſei de certo que não teve tormenta?

Sacatr. Verdade he que os Pilotos eſtão diſcordes neſta materia; porque huns aſſentão que foi tormenta, outros dizem que fora calmaria, com que niſſo ha opiniões.

Rei. Dar-ſe-hè caſo que vieſſe Jaſon roubar-me o Velocino?

Sacatr. O Velocino, não Senhor, mas hum carneiro de ouro ſei eu, que já o tem nas unhas.

Rei. Que dizes?

Sacatr. Bem; ſe Voſſa Reinadura ſe ha de enfadar, então não fallo falla.

Rei. E como póde elle tirar eſſe carneiro, eſtando tão bem guardado?

Sacatr. Senhor, do contado come o lobo; dizem que foi por arte magica.

Rei. Apoſto eu que andou por ahi minha filha Medéa?

Sacatr. Não Senhor, Medéa não, quem fez as mexidas dizem que foi huma filha de Voſſa Reinadura.

Rei. Eſſa meſma he Medéa.

Sacatr. Eu, Senhor, como não me meto com as vidas alheias, não me importa quem foi, nem quem não foi.

Rei. Baſta, não quero ſaber mais. Ha homem

mais infeliz ! Que vieſſe hum pirata traidor a roubar-me a joia mais ſingular de todo o Mundo, e que minha propria filha foſſe a medianeira do meu eſtrago ! Não ſei como me não mato por minhas mãos.

Sacatr. E faria muito bem, que o caſo he para iſſo.

Rei. Não ſei como não perco a paciencia vendo roubado o meu Velocino !

Canta o Rei a ſeguinte

ARIA.

Qual leoa embravecida,
Que ſe vê deſtituida
Do filhinho tenro, e caro,
Que com furias, e bramidos
Fere a terra, e rompe o ár.
Aſſim eu ſem Velocino,
Ando louco, eſtou ſem tino,
Pois que hum vil pirata avaro,
Deſte bem me fez privar.

Sacatr. Ah Senhor, aonde hei de aſſentar a minha renda ?

Rei. Calte, perfido traidor, em ti, como parcial deſſe barbaro, e fementido Jaſon vingarei a minha cólera.

Corre atrás de Sacatrapo.

Sacatr. A' que d'ElRei contra elle meſmo. *Vai-ſe.*

SCE-

SCENA II.

Antecamera. Sahem Medéa, e Arpia.

Arpia. QUe tens, Senhora, que andas tão melancolica eſtes dias? Se já te vês amada de Jaſon, que mais deſejas?

Med. Não digas amada, burlada ſim.

Arpia. Iſſo ſerá deſconfiança, porque o amor iſſo tem, que em quanto menino he confiado, e deſconfiado quando velho; e por iſſo não faltou quem diſſeſſe que o amor morava na correaria.

Med. Pois dize-me, Arpia, não he para deſconfiar ver que Jaſon depois de tantas finezas que por elle tenho obrado, depois que lhe entreguei o Velocino, pondo-me em notavel perigo ſe meu pai o ſouber; em fim, depois que o fiz ſenhor abſoluto de meu alvedrio, o vejo tão tibio, e tão pouco ſolicito, que ſe paſsão muitos dias ſem ver-me? Vê tu ſe tenho razão, e motivo baſtante para deſconfiar.

Arpia. Senhora, quem a mandou pagar adiantado? Chore-o agora na cama, que he luga quente.

Med. Tomára eu ſaber qual he a cauſa do ſeu deſvio.

Arpia. Dar-ſe-ha caſo, que tenha outro emprego?

Med. E qual havia ſer a attrevida, que ſabendo que Jaſon me adorava, havia querer oppôr-ſe ao meu amor?

Arpia. Iſſo não ſe leva por oppoſição.

Med. Pois quem preſumes tu que ſerá?

Arpia. Senhora, eu nunca tive preſumpções, e muito menos agora, que ſou velha.

Sahe Creuſa.

Creuſ. Medéa, toda a Corte tem eſtranhado o teu retiro, e triſteza; ſe ſe póde remediar dize-mo, que o mal communicado he menos ſentido.

Med. Ai, que minhas triſtezas, Creuſa, naſcem de cauſas tão occultas, que ninguem as póde penetrar.

Creuſ. Não são tão occultas, que ſe não ſaiba que he por cauſa de Jaſon.

Med. Ai, Prima, como tu o ſabes já to não poſſo negar. Confeſſo-te que amo a Jaſon, e como elle ſabe o meu extremo, deſpreza as minhas finezas.

Creuſ. Alviçaras, coração, que já pódes reſpirar com ſocego. *á parte.*

Med. Vê tu como poderei eſtar vendo-me deſprezada depois de querida?

Creuſ. Deſpreza-o tu tambem, e verás como elle te buſca; porque o repudio he o incentivo maior para avivar a chamma do amor, e faze iſto, e verás que te não engano.

Med. Eſtou para tomar o teu conſelho, mas temo que Jaſon eſcandalizado me deixe por huma vez.

Creuſ. Se elle te deixa amando-o, que importa que te deixe aborrecendo-o.

Med. Não me falles em deixar a Jaſon, que he impoſſivel. *Arpia.*

Arpia. Senhora Creuſa, he bem que a Senhora Medéa lhe ſucceda tudo iſto, porque ſempre lhe préguei que ſe não fiaſſe de Eſtrangeiros, e mais de Jaſon, que ſempre tive azár com eſte homem, pois baſta ſer Soldado para ſer vandoleiro.

Med. Não digas mal de Jaſon, que em fim ſempre lhe quero, e lhe tenho muito amor.

Arpia. Ainda ſe não póde deſenganar, que em quanto morrer por elle não ha de ter vida alegre? Minha Senhora, perdoe-me dizer-lhe iſto, nenhuma mulher entrega todo o ſeu peito ao amor, e a razão he eſta.

Canta Arpia a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Em materias de amor, Medéa bella,
He neceſſario haver muita cautela,
Que amor aſſim zombando entra brincando,
Porém depois chorando
Faz hum peito biquinhos,
Que em ſuſpiros acabão taes brinquinhos.

ARIA.

A Cupido, que he menino,
Dá-ſe o leite, e não o peito,
E ſe acaſo com effeito
Quer o peito, ponha azebre,
Para amor ſe deſmamar.
Mas ſe acaſo amor he fogo,
Não o atice no ſuſpiro,
Porque a chamma em facil gyro
Mais ſe atêa no aſſoprar. *Vai-ſe.*

Sa-

Sahe Jaſon ſem ver as duas.

Jaſon. Não quero ſó fiar de Sacatrapo o recado de Creuſa, quero ver ſe acho occaſião de me explicar com ella meſma, ainda que experimente as ſuas iras. Mas que vejo! Alli eſtá o meu bem, e o meu mal.

Med. Jaſon, entendo, como ha tanto que me não vês, que já me não conheces, e cuido que tu és o deſconhecido.

Jaſon. Quem ſe vio em maior labyrintho!

Creuſ. Jaſon como me vê aqui não ſabe o que reſponda. *á parte.*

Med. Se por não achares deſculpa emmudeces, razão tens; mas não ſei que razão póde haver para ſer ingrato?

Jaſon. Medéa, aonde não ha culpa, não póde haver deſculpa. Que terrivel lance! *á parte.*

Med. Pois não he culpa o ſer ingrato a tantos extremos? Dize-me, porque me não vês?

Jaſon. Quem vê com os olhos do amor, por força não ha de ver, porque o amor he cégo.

Creuſ. Logo tu não vês a Medéa, porque lhe tens amor?

Jaſon. Não ſei o que reſponda..... Digo que o ver no amor he improprio.

Med. Entendo que te não explicas com pejo de Creuſa; pois ſabe que Creuſa tudo ſabe, e tem eſtranhado muito a tua ingratidão.

Jaſon. Ainda eſta he peior! *á parte.*

Creuſ. Explica-te, Jaſon, não te acovardes, que eu ſou de ſegredo.

Jaſon. Pois talvez que por Creuſa me não explí-

plique; queira amor, que me entenda. *á parte.*

Creuſ. Pois ſe he por amor de mim eu me auſento.

Jaſon. Não me entendeo. *á parte.*

Med. Pois eu não quero que ſe vá Creuſa, que não quero que meu pai me ache ſó comtigo, e diante della quero que confeſſes a tua ingratidão para que te corras. Dize, tens achado em meu amor alguma variedade?

Jaſon. Não.

Med. Não juraſte de me querer ſempre?

Jaſon. Sempre jurei.

Creuſ. Pois tu coſtumas faltar ao que promettes?

Jaſon. Oh que deſeſperação!

Canta Jaſon a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Quem, (oh Deoſes!) ſe vio em tanto enleio,
Pois tremulo receio
Em mal tão violento,
Explicar meu interno ſentimento.

ARIA.

Roto lenho, que impellido
De infeliz vaga procella,
Quaſi a piquè ſubmergido,
Vendo ao longe a praia bella,
Sem que a ella
Poſſa naufrago aportar.
Eu aſſim na dor violenta,
Sinto huma aſpera tormenta,
Sem que poſſa minha idéa
Por Medéa
Livremente publicar.

Sahe El Rei.

Rei. Jaſon, como os teus Soldados abuſão da franqueza da minha hoſpedagem, commettendo latrocinios, e fazendo diſturbios, peço-te que lhe mandes tirar as armas, pois entre amigos são eſcuſadas, porque aſſim ſe evitaráõ tantos eſcandalos. Verei ſe logro o meu intento. *á parte.*

Jaſon. Sinto que os meus Soldados, Senhor, ſejão inſolentes, mas eu prometto caſtigallos. Oh, que a bom tempo veio El Rei! *á parte.*

Rei. Pois advertte que ſe não tirão as armas, que eu lhas mandarei tirar.

Jaſon. Tudo o bom ſe fará. Aqui he preciſo diſſimular. *á parte. Vai-ſe.*

Rei. Creuſa, vai para dentro.

Creuſ. Já te obedeço. *Vai-ſe.*

Med. Em negra hora veio meu pai, pois queria apurar a falſidade de Jaſon. *á parte.*

Rei. Quero moſtrar-lhe que ignoro o que me contou Sacatrapo. *á parte.* Medéa, como tu ficaſte de ſaber o intento com que Jaſon veio a eſta terra, e até agora não me tens dado reſpoſta, eu a venho procurar.

Med. Se os Oraculos do Averno já me tiveſſem reſpondido ſobre os intentos de Jaſon, já to tivera revelado; porém como os Oraculos emmudecem, he certo que a noſſa pergunta não merece reſpoſta por ſer ſem fundamento, pois ſegundo collijo, cuido que nem Jaſon ſabe que no Mundo ha Velocino.

Rei. Ah inhumana filha, que agora conheço

o

o teu fingimento! *á parte.* Viſto iſſo poſſo eſtar ſeguro que Jaſon não vem buſcar o Velocino?

Med. Bem póde perder já eſſe receio.

Rei. Ainda aſſim o meu cuidado ſó terá allívio, fazendo que ſe vá daqui Jaſon, que com effeito logo dou ordem a iſſo.

Med. Iſſo he aggravar a quem te não offende.

Rei. Eſtá conhecido o damno, e já que a ti te parece impolitica o expulſar a Jaſon, promettes tu ficar por fiadora de que elle me não ha de roubar o Velocino?

Med. Prometto.

Rei. E ſe elle o roubar a que pena tè ſujeitas?

Med. A que me mates.

Rei. Pois olha que hei de executar a penna ſem que te valha o ſeres quem és.

Sahe Telemon.

Telem. Senhor, já os Soldados eſtão promptos, e tudo preparado, vè o que ordenas.

Rei. Vem comigo, que eu te aviſarei o que has de fazer. Medéa, lembra-te da fiança. *Vai-ſe.*

Med. Não tenhas deſconfiança. Eu cuido que já meu pai ſaberá alguma couſa; mas quem lho havia de dizer! O peior he que eu ſou a fiadora do Velocino. Mas que importa que perca a vida, ſe eu morro na ingratidão de Jaſon? Porém agora que o Sol totalmente ſe ſepultou no tumulo cryſtallino do Oceano, e já a Lua começa a ſahir, hirei conſultar nos ſeus argentados raios a cauſa da mudança de Jaſon. Mas aqui vem gente.

Sa-

Sahe Sacatrapo.

Sacatr. Agora me diſſe meu Amo, que aqui ficava Creuſa, que não perdeſſe tempo para dar-lhe o recado; mas iſto he noite fechada, e eu não atino com o caminho; mas chiton, que aqui eſtá alguem, e o vulto he feminino pelo ruge ruge das ſaias, e pelo ringe ringe dos çapatos; ſe ſerá Creuſa?

Vão andando hum para o outro, e topão-ſe.

Med. Quero averiguar quem he.

Sacatr. Quem he da parte de Jaſon? Diga ſe he gente, ou ſe he mulher?

Med. Eſte he Sacatrapo. Que quererá aqui? Iſto he novidade a eſtas horas! *á parte.*

Sacatr. A mim me mellem ſe eſta não he Creuſa; he Creuſa?

Med. Quero fingir; ſou Creuſa, mas tambem quero ſaber quem he que me buſca?

Sacatr. Não o diſſe eu? O meu faro de noite he hum farol.

Med. Diga quem he, ſenão vou-me.

Sacatr. He Sacatrapo em peſſoa, que te vem trazer hum recado de Jaſon.

Med. Eſtá deſcuberto o enigma; Sacatrapo, deixa-me, que tenho eu com Jaſon?

Sacatr. Se não tem, poderá ter; olhe o que lhe quero dizer por vida ſua.

Med. Não tenho que ouvir.

Sacatr. Eu lhe darei que ouvir; ora eſcute hum nadinha.

Med. Ora dize depreſſa.

Sacatr. Mande trazer huma bugia accèza pelo ra-

rabo, porque ás eſcuras não atino com á boca para fallar.

Med. Dize, ſenão vou-me.

Sacatr. Eſtá feito, fallarei pelos narizes. O caſo he, Senhora Creuſa, que depois que lhe fallei aquelle dia da parte de meu Amo, lá lhe diſſe o que Voſſa Magnificencia me reſpondeo.

Med. Todavia iſto já he muito antigo! *á parte.*

Sacatr. E aſſim aqui me envia outra vez por ſeu Embaixador extraordinario com amplos poderes de ajuſtar comtigo o ſeu caſamento; pois em ſumma diz Jaſon, que por ti morre de amor deſde que te vio; e aſſim ſe tu quizeres caſar, que he o meſmo que ſeres ſua eſpoſa, ou ſua mulher, que te levará comſigo para Theſſalia, onde ſerás Rainha, e andarás em coche a quatro; pois para iſſo já toda a armada eſtá ſobre o ferro eſperando occaſião para nos çafarmos á chucha callada.

Med. Ah traidor Jaſon! E dize-me; Então ha de deixar a Medéa?

Sacatr. Porque, elle a pario?

Med. Ainda aſſim parece ingratidão.

Sacatr. Qual ingratidão, Senhora, não me quer crer? Elle nunca teve amor a Medéa.

Med. Pois quem o obrigava a fazer tantos extremos por ella?

Sacatr. Nunca ouvio dizer, que quem ama a Beltrão, ama o ſeu cão; pois meu Amo amava a Medéa por amor do Velocino, e como eſte já o tem na mão acabou-ſe o amor.

Med.

Med. Já me vai faltando a paciencia ; porém para a perder de todo apuremo-la mais. Com que tanto aborrece a Medéa ?

Sacatr. Ai , Senhora , quem não ha de aborrecer huma feiticeira ! Eu pelo menos a deſejo pôr em hum barril de polvora , ou na boca de huma peſſa ; e pôr-lhe o fogo para que não houveſſe fumo de tal demonio.

Med. Calte , não te ouça ella.

Sacatr. Qual ouvir , a eſtas horas eſtá ella buſcando alguma tripa de lobo para os ſeus ingredientes ; porém , Senhora , tudo quanto diſſe ſe recopila nos quatro elementos do amor , que são os ſeguintes.

Canta Sacatrapo a ſeguinte

ARIA.

Pagar ao correio , Deixar a Medéa ,
Amar a Jaſon , Segredo , e chiton.

Sahe Arpia com huma véla.

Arpia. Muito alegres noites. Ai , cá eſtá Sacatrapo !

Sacatr. Ai , que he Medéa com quem eſtive fallando ! Eſtou perdido !

Med. Agora Sacatrapo , para que vejas o meu primor , quero premiar o teu trabalho , e que leves a reſpoſta a Jaſon.

Sacatr. Olhe , deixe-me ir embora , que he o melhor premio que me póde dar.

Arpia. Eſpera , tollo , aceita o que te dáo , não ſejas deſcortez.

Sacatr. Eu te dou o que ella me ha de dar Ah Senhora , deixe-me ir alli fóra , que eu já venho.

Med.

Med. Eſpera. Baſta que Jaſon ama a Creuſa?
Sacatr. Quem podia dizer tal? Iſſo he quiméra.
Med. E baſta que tu és o ſeu terceiro?
Sacatr. O' lá, iſſo agora he mais comprido!
Med. Ora dirás a teu Amo que Creuſa lhe manda dizer que eſteja certo que lhe ha de pagar a ſua fineza.
Sacatr. Sim, Senhora. A Deos, Senhora.
Med. Eſpera, que te não has de ir ſem levares as alviçaras.
Arpia. Senhora, que he iſto que te ſuccede com Sacatrapo?
Med. Que ha de ſer? He o que traz os recados a Creuſa; por iſſo Jaſon me deſdenha, porque nella emprega o ſeu amor.
Arpia. E tu fiando della o teu peito?
Med. Oh Arpia, quando em tal imagino não ſei como não deſeſpero! Porém em quanto nelles não poſſo executar o meu furor, em ti vil, infame, inſolente Sacatrapo, hei de vingar a minha ira, ſepultando-te nas entranhas da terra, até chegares ao coração do Abyſmo.
Vai Medéa ſepultando pouco a pouco a Sacatrapo por huma eſcotilha do Tablado.
Sacatr. Senhora Medéa, não me enterre, eſpere pelos gatos pingados, que eu lhe deſcobrirei muita couſa; antes que me mate deixe-me diſpôr deſte annel que me deu agora ſeu pai.
Med. Não tenho mais que ſaber, vai a ſer paſto dos Dragões.
Sacatr. Ai de mim! *Deſapparece.*
Arpia. Ai, Senhora, que culpa tem o Criado?

Med.

Med. Eſpera, e verás: Sacatrapo? Sacatrapo?
Torna a ſubir Sacatrapo com cara de burro.
Sacatr. Aonde eſtou eu?
Arpia. Ai, que linda cara que tens!
Sacatr. Parecerei deſenterrado.
Arpia. Sabes o que vejo? Que te enterraſte com cara de gente, e reſuſcitaſte com cara de burro.
Sacatr. Cara de burro? He verdade? Cá eſtão as orelhas. Ah Senhora Medéa, não achou outra cara menos cara para me pôr, ſenão cara de burro? Pois por certo que eu não tenho cara de aſno.
Med. He para não levares recados a Creuſa.
Sacatr. Senhora, tire-me ſequer as orelhas, que eu ſem ellas bem poſſo ſer burro, que aſſim ha muita gente.
Arpia. Ora Senhora, ſe os meus ſerviços valem alguma couſa, peço-lhe que tire a cara de burro a Sacatrapo, que aſſim como aſſim, ficando com a que tinha, fica com a que tem. E o annel o que brilha! *á parte.*
Sacatr. Ah Senhora Medéa, deſemburre-me por vida ſua.
Med. Pois vai buſcar a tua cabeça aonde a perdeſte.
Deſce Sacatrapo, e torna a ſubir com cara de gente.
Sacatr. Queira Deos, que eſtando a minha cabeça em terra não venha grellada.
Med. Arpia, não eſtou em mim até me não vingar de Jaſon. *Vai-ſe.*
Arpia. Ora parabem lhe ſeja, Senhor Sacatrapo, o ver-ſe reſtituido á ſua antiga fórma.

Sa-

Sacatr. Pois com ver-me com miolſo de burro, com tudo eſtava em meu perfeito juizo.

Arpia. Olha, Sacatrapo, para fugires de ſemelhantes deſgraças, bom era ſaber o que eſtá para te ſucceder, e te livrares, aſſim, moſtra cá a mão, que te quero dizer a buenadicha, pois bem ſabes que neſta ſciencia ninguem me excede.

Sacatr. Iſſo não me parece fóra de conta; eis-ahi a mão direita, que a eſquerda eſtá occupada com o annel, e dize tudo quanto cabe na arte.

Arpia. Ah, o que tens de embaraços na vida! Vês eſta linha Mathematica?

Sacatr. Aonde eſtá?

Arpia. Eſta que corre direita.

Sacatr. Pois que tem?

Arpia. Diz que ainda has de ter muito dinheiro, que te ha de vir por huma herança de hum teu avô.

Sacatr. Iſſo he mentira, que eu já não tenho avô; ſalvo ſe for meu avô torto.

Arpia. Vês eſſoutra linha atraveſſada? Pois não he nada. Diz, que has de vir a ter daqui a mui poucos annos hum poſto muito honrado na tua terra, que te has de ver em grandes alturas.

Sacatr. Oh minha Arpia, veja que poſto ha de ſer?

Arpia. He hum tal poſto, que a todos has de pôr o pé no peſcoço.

Sacatr. Pois o que he?

Arpia. Carraſco mór.

Sa[illegible]

Sacatr. Pois então ſeguro tenho o pôr-te o pé no peſcoço.

Arpia. Ai, mofino homem, que cá te encontrei com huma deſgraça!

Sacatr. Huma ſó?

Arpia. Não vês eſta figura de unha na palma da mão?

Sacatr. Tu pintas as figuras como queres.

Arpia. Não he couſa de cuidado; diz, que has de morrer enforcado por ladrão.

Sacatr. Talvez que eſcapé para Carraſco para te enforcar a ti; e dize, achas lá o annel que me furtárão, e a cabeça de burro?

Arpia. Não, que iſſo forão peſſas. Ora moſtra cá a mão eſquerda.

Sacatr. Qual? A do annel? Ahi não póde haver dúvida na ventura, pois já tem o annel.

Arpia. Pois eu to ſacarei de outra ſorte. *á part.* Deixemos iſſo; ſabe que ſe tu me pagares te darei huma empreza melhor que a do Velocino de ouro.

Sacatr. Se iſſo fora couſa boa não eſtivera guardada para mim, e já meu Amo a tivera na algibeira.

Arpia. Não, que iſto he hum ſegredo, que ſó eu o ſei, e he huma tal couſa, que ficarás rico para ſempre.

Sacatr. Pois olha, eis-aqui eſte annel que me deu ElRei eſta tarde, e val muito bem trezentos e vinte reis; he hum diamante bruto engaſtado em ouro buçal, e ſe me diſſeres iſſo to darei.

Arpia.

Arpia. Pois ſabe, que na quinta de Creuſa, debaixo da terra eſtá huma eſtribaria, na qual eſtá hum burro, que caga dinheiro.

Sacatr. Eu já ouvi fallar niſſo do burro caga dinheiro, que minha mãi o contava, quando eu era pequeno; porém eu ſempre tive iſto por hiſtoria.

Arpia. Não te digo eu, que todos tem noticia deſſe burro? Pois ſei, que ninguem o vio, e cuidão, que he fabula, o qual eſtá encantado, aſſim como o Velocino.

Sacatr. Se tambem tiver algum Dragão, que o defenda, já renuncio a empreza.

Arpia. Não tem Dragão, e ſó tem por guarda huma formiga.

Sacatr. Se he huma formiga, não tenho medo; porque eu me veſtirei de armas brancas com eſpada, e rodella, e logo a matarei.

Arpia. Levarás duas piſtollas tambem.

Sacatr. Só reparo, que ſendo eſta empreza do burro caga dinheiro tão facil, não te tenhas tu aproveitado deſſe dinheiro, para comprares mais de dous centos de anneis, e não andares olhando para as mãos, e dedos dos Sacatrapos.

Arpia. Eſſa he a deſgraça, e a minha ventura, ou deſventura, que a chore com lagrimas de ſangue; porque has de ſaber, que o Magico, que encantou eſſe burro, prohibio, que as mulheres o podeſſem deſencantar pela fragilidade do ſexo.

Sacatr. E que antipatia tem o ſexo das mulheres com o ceſſo do burro?

Arpia. Isso saberá o Magico.

Sacatr. Olha tu, que mais depressa me parece, que isso será alguma burra; porque essas são as que cagão dinheiro?

Arpia. He hum burro tão macho, como tu és.

Sacatr. Pois, Arpia, tu me seguras ser isso verdade?

Arpia. Não o duvides, que eu tenho visto muitas vezes; e quando me vou chegando para elle, desapparece, e foge o burro de mim, porque sou mulher.

Sacatr. Em fugir de ti não parece elle ser burro: quasi que estou inclinado a darte o annel.

Arpia. Bem o pódes dar afoitamente, que ainda te faço favor; e para que te descubra todo este enigma, quando fores á empreza, te hei de dar hum capello meu, que foi de minha avó, o qual quem o põem, ninguem o vê, e póde ir por onde quizer, e entrar em toda a parte, sem ser visto; e assim hirás com elle á conquista do burro caga dinheiro, e o poderás trazer a paz, e a salvo, sem de ninguem seres visto, nem cheirado.

Sacatr. Eu não duvido, que de ninguem seja visto, pela viciosa virtude desse capello; mas que o que caga o burro seja dinheiro, e não seja cheirado, não póde ser.

Arpia. Calte, que es hum cendeiro.

Sacatr. Arpiissima Senhora, dê-me attenção: se eu hei de ser invisivel, porque hei de levar o capello, está muito bem; mas o burro, que não tem capello, por força ha de ser visto.

Arpia.

Arpia. Não, tollo, que o burro de ſua natureza he inviſivel. Tu ſó o has de vêr; porque és o ſeu deſencantador.

Sacatr. Pois huma vês, que he iſſo, ahi eſtá o annél, e venha o capello.

Arpia. Anda. Muito tollo he eſte Sacatrapo! Já temos dous anneis. *á parte.*

Sacatr. Oh burro do meu coração, ſe tu cagas dinheiro, não ſerás burro, ſerás o verdadeiro pai do Velocino. Deſta vês fico de melhor partido do que Jaſon. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Jardim, e hum monte movediço. Sahe Creuſa.

Creuſ. SUſpenſa me tem eſte amor de Jaſon, e eſtes enleios de Medéa, e não ſei, aonde ha de parar iſto! Bem ſei que Jaſon me quer; más por amor de Medéa ſe não atreve a explicar. Oh deſgraçado amor, que vives opprimido a violencias do encanto de huma tyranna!

Sahem Jaſon, e Theſeo.

Jaſon. Tu, Theſeo, fica eſperando á porta deſta quinta de Crèuſa, que eu a quero levar furtada hoje, e logo nos hiremos embarcar, para o que tem prompta a eſcolta dos Soldados, que te diſſe, que quando não ſeja por bem, á força de armas hei de lograr o meu intento, e zombarei dos intentos, e encantos de Medéa.

Theſ. Vai deſcançado, e fia do meu valor, que hei de deſempenhar a empreza. *Vai-ſe.*

Chreuſ. Ahi ſinto gente: quem ſerá?

Jaſon. Ahi eſta Creuſa: ditoſa occaſião!

Creuſ. He Jaſon: Guido, Jaſon, que vens errado, porque aqui não mora Medéa.

Jaſon. Se aqui não mora Medéa, namora Jaſon, belliſſima Creuſa. Peregrino attractivo de meu coração, não procuro ſignificar-te neſta occaſião o fino de meu amor, que para o abonar de extremoſo, baſtante fiador tenho eu nos meus ſuſpiros, os quaes mudamente exhalados já terão chegado a teus ouvidos; e para que vejas, que tambem com obras te ſei querer, venho dizer-te, que has de embarcar comigo eſta tarde para Theſſalia, aonde com a fortuna de ſer teu eſpoſo, lograrás a ventura de ſeres Rainha.

Creuſ. De vagar, Jaſon; tanta couſa junta faz ſuſpender o diſcurſo. Como queres que me fie de ti, ſem eu ſaber, ſe o teu amor he verdadeiro?

Jaſon. De que ſorte queres que to moſtre?

Sahe Medéa, e retira-ſe a hum lado.

Med. Venho ao longe ſeguindo a Jaſon. Mas que vejo! Elle cá eſtá com Creuſa! Oh não ſei como não morro com zelos! Porém quero obſervar o ſeu intento.

Creuſ. As meſmas finezas, que agora me dizes, algum dia as diſſeſte a Medéa, e com tudo a deixaſte.

Jaſon. Ainda que quiz a Medéa, não foi obriga-

gado do amor; mas ſim porque ella me prometteo dar o Velocino, que foi o que me trouxe a eſta terra.

Med. Ah traidor Jaſon!

Creuſ. Não ſei, Jaſon, ſe te creia.

Jaſon. Parece, que offendes ao meſmo amor, ſe não dás credito aos meus extremos.

Canta Jaſon o ſeguinte

RECITADO.

Não duvides, amor, deſta conſtancia,
Pois com firme jactancia
Te adoro de tal ſorte,
Que ſem temer a morte
Deſſa Medéa barbara homicida,
Não duvido entregar-te a propria vida.

ARIA A DUO.

Jaſon. Meu bem, de que ſorte
Me has de pagar
Meu inclito ardor?
Creuſ. Amando até morte,
Pois ſempre has de achar
Firmezas no amor.
Jaſon. Vê lá não me enganes.
Creuſ. Vê lá não profanes.
Amb. Meu inclito ardor.
Creuſ. Pois promettes ſer conſtante,
Eſſa mão, Jaſon, me dá.
Jaſon. Nunca ás leis de hum fino amante
Meu affecto faltará.
Creuſ. Que farei, ſe te mudares?
Jaſon. Que farei, ſe me faltares?
Amb. Em raio me abraze a furia do amor.

De-

Sabe Theſeo, e Soldados.

Theſ. Jaſon, que deſcuido he eſte? Como te detens aqui, vindo ElRey contra ti com hum poderoſo exercito?

Jaſon. Oh que a bom tempo vieſte, amigo Theſeo; pois confuſo, e turbado, me conſiderava de todo perdido.

Theſ. Aonde eſtá Creuſa, para nos embarcarmos?

Jaſon. Não ſei della.

Theſ. Pois que foi iſto?

Jaſon. Não ſei mais, que ouvir dizer...

Dentr. Arma, arma, guerra, guerra.

Theſ. Já nos não podemos retirar ſem batalha, pois os inimigos nos cercão.

Jaſon. Pois animo; Soldados; como valoroſos defendamos a honra, e a vida.

Ao ſom de huma marcha ſahe o exercito de ElRei, e ſahe eſte, e Telemon, e ſe põe huns, e outros em forma de peleja.

Rei. Morra Jaſon, toca a inveſtir.

Telem. Toca a inveſtir, e morrão eſtes traidores.

Inveſtirão os dous exercitos, e o de Jaſon ſe vai retirando, e o do Rei ſempre ſeguindo-o, e vão-ſe.

Jaſon. Retiremo-nos pouco a pouco, que a fortuna ſe nos moſtra adverſa.

Rei. A'vante, Soldados, que elles ſe retirão.

Vão-ſe.

Sabe Sacatrapo com capello, eſpada, e rodella, e haverá hum cavallo em pé a hum lado.

Sacatr. Eſta empreza do burro caga dinheiro não he tão facil como a pintou Arpia; pois pene-

trando á quinta de Creuſa, tudo quanto encontro são horrores, tudo o que ouço sáo tambores, e quanto vejo tudo sáo corpos mortos: que ſerá iſto? Mas eu cuido que a feroz formiga, que guarda o burro, deſpedaçou eſtes cadaveres; mas eu como ſou inviſivel, pelo privilegio deſte capello, bem poſſo triunfar glorioſamente, não ſó deſta formiga, mas de quantas ha nos celeiros, e confeitarias; porém alli eſtá o burro, ſe me não engano. O certo he que Arpia fallou verdade; mas eu cuido que he hum cavallo ginete, e Arpia diſſe que havia ſer burro em carne, e em oſſo; porém tanto monta ſer burro, como cavallo, pois tudo tem quatro pés; o ponto eſtá em que cague bem dinheiro. Agora, valoroſo Sacatrapo, he tempo de moſtrar ao Mundo o brio de teus avoengos; não tenhas medo de inveſtir á furibunda formiga, exercendo valente o teu valeroſo eſpirito. Animoſamente me hirei chegando ao burro, e deſafiando a formiga.

Canta Sacatrapo a ſeguinte.

ARIA.

Formiga feroz — Não fujas veloz
Inveſte, e verás, — Da ira voraz,
Que te hei de imprimir — Mas ſe fugires
Na cara hum gilvás. — Favor me farás.

Ao querer chegar para o cavallo, ſahem dous Soldados.

1. *Sold.* Priſioneiro, priſioneiro.

Sacatr. Com quem fallará eſte Soldado? Deve de eſtar doudo, pois eſtá falando ſó. 2.

2. *Sold.* Dê-se á prizão.

Sacatr. Uy! Parece que fallão comigo: não devem saber, que eu sou invisivel.

Sold. Levemo-lo, ainda que seja de rastos.

Sacatr. Tenha mão, Senhor Soldado, que vossa mercê me não póde ver, porque eu sou invisivel.

Sold. Pois assim mesmo invisivel o levaremos.

Sacatr. Espere, espere: já que diz, que me vê, como estou eu vestido?

Sold. Estás com hum trapo pela cabeça á maneira de capello.

Sacatr Dar-se-ha caso, que Arpia trocasse o capello de sua avó pelo seu?

Sold. Rende-te já, senão mato-te

Sacatr. Senhor, huma vez que não sou invisivel, já estou rendido de bruços, pernas, e orelhas.

Ao levarem Sacatrapo, tocão hum tambor, e tornão a sahir Jason, e Theseo com alguns Soldados, e dizem dentro o seguinte.

Dentr. Victoria por ElRei.

Jason. Roto, e desbaratado está o nosso exercito! Que faremos, Theseo.

Thes. Morrer como valerosos, que maior afronta he cahir nas mãos do vencedor.

Sacatr. Não se admire; Senhor Jason, que tambem a mim me não valeo o ser invisivel, para deixar de ser visto, ainda que muito mal visto destes Senhores.

Jason. Sacatrapo, que capello he esse?

Sacatr. Isto he, que estou viuvo, porque me mor-

morreo a eſperança do burro caga dinheiro.

Dentr. Victoria, victoria, guerra, arma, guerra.

Tornão a ſahir em tom de marcha ElRei, Telemon, e Soldados.

Rei. Dá-te á prizão, Jaſon.

Jaſon. Não em quanto tiver alentos o coração

Rei. Não vês o teu exercito desbaratado? Como ainda pertendes reſiſtir?

Jaſon. Ainda reſiſto, pois ainda tenho alentos.

Sacatr. Iſſo me parece bem, Senhor Jaſon, morra Marta, e morra farta.

Brigão, e ao meſmo tempo pela Sala de fóra ſahirá Medéa em hum carro tirado por Dragões, a qual cantará o que ſe ſegue, e ficará tudo ás eſcuras, e indo retirando-ſe o exercito de Jaſon, ſe correrá a corrediça, que dividirá os dous exercitos, ficando o de ElRei no Threatro, e iſto em quanto paſſa Medéa, e canta a ſeguinte

ARIA.

Med. Suſpende o furor
Irado Mavorte,
Não ſinta elle a morte,
Pois lhe tenho amor.
Ao ſuſpiro funeſto
De triſtes lamentos
Soccorrão propicios
Os quatro elementos. *Vai-ſe.*

Rei. Para onde fugirão os inimigos?

Telem. Parece, que a terra os tragou.

Rei.

Rei. Não reparas, que ſe tornárão em oppacas ſombras as claras luzes do Sol?

Telem. Iſto he couſa de encanto, ao que parece.

Rei. Claro eſtá, que he encanto, e de Medéa. Ah tyranna filha!

Telem. E que havemos fazer agora?

Rei. Manda tocar a recolher as tropas, pois que eſtão perdidas com a grande eſcuridade.

Telem. Toca a recolher. *Vai-ſe*

Torna a ficar claro o Tablado, e ſe vai Telemon, e Soldados, fica ElRei, e ſabe Creuſa.

Creuſ. Confuſa, e perdida venho por eſtes montes, ſem ſaber aonde eſtou, depois que a tyranna Medéa me apartou dos braços de Jaſon. Ay amor, quando terão fim os teus encantos?

Rei. Creuſa, tu aqui neſta campanha?

Creuſ. Não vos admireis, Senhor, que não ſei aonde eſtou.

Rei. Pois quem te trouxe aqui?

Creuſ. Os encantos de Medéa voſſa filha por cauſa de Jaſon.

Rei. Não me digas mais; já ſei que eſſa tyranna, e impia Medéa, vive namorada de Jaſon, e com as ſuas máquinas lhe entregou o Velocino.

Sacatr. Pois ainda agora o ſabe? Mas Jaſon não tem culpa de aceitar o que lhe dão.

Sahe Medéa.

Med. Aonde ſe recolheria Jaſon? Pois cuida-

do-

doſa da ſua vida o ando buſcando; que ſuppoſto ſeja ingrato, não poſſo negar o amor, que lhe tenho.

Rei. Tambem tu Medéa, vens a recolher os deſpojos da batalha?

Med. Cuidadoſa, Senhor, da voſſa vida, venho a buſcar-vos.

Rei. Ah fementida filha, que com tanta tyrannia contra teu pai fabricas aleivoſias! Já ſei, tyranna, que adoras a Jaſon, e que tambem lhe entregaſte o Velocino, ficando tu por ſua fiadora, ſobpena de perderes a vida, e aſſim....

Cantão a ſeguinte.

ARIA A 3.

Rei. Em ti pois, cruel Medéa,
Vingar quero a minha dor.

Creuſ. Pois, ó Rei, he tempo agroa,
Executa o teu rigor.

Med. Pai injuſto! Infiel tyranno!
Que delicto he ter amor?

Rei. Meu furor vingar-ſe trata.

Creuſ. Executa o teu rigor.

Med. Que delicto he ter amor?

Rei. Deſta ſorte, Hydra humana,
Meu eſtrago hei de vingar.

Rei. Sentirá Jaſon tambem
O meu barbaro furor.

Creuſ. Mal teu golpe a lei reparte;
Pois Jaſon que culpa tem?

Med. Tendo a culpa de adorar-te,
Tenha a pena de traidor.

Tod.

Tod. Sinta o golpe, e chore a pena
Quem me quer tyrannizar.

No fim da primeira parte da Aria, na segunda repetição, birá o Rei para matar a Medéa, e subirá do chão huma torre, sobre a qual se porá Medéa.

Med. Vê agora de que sorte has de vingar com iras o teu estrago.

Rei. Que he o que vejo! Eu te prometto, infiel Medéa, que me saiba vingar de ti, a pezar dos teus encantos.

Med. Aleivosa Creusa, algum dia eu me vingarei de ti.

Creus. Tarde, ou nunca poderás.

SCENA V.

Sala. Sahe Sacatr. arraſtando huma arca.

Sacatr. MUito peza a caixa de Arpia! Ella parece que tem dentro bem miollo, que tanto custa a empurralla! Mas como he caixa da velha, já vejo que senão ha de mover com tanta facilidade. Sem duvida esta Arpia logrou-me, dizendo, que me dava hum burro caga dinheiro, e hum capello, que me fazia invisivel; mas tudo foi ás avessas, porque o burro foi o invisivel, e eu o visivel para poderem prender-me. Não ha maior desaforo! Que huma bruxa me mamasse os meus anneis, e eu ficasse chupando no dedo! Pois não ha de ser assim, que eu lhe hei de

de arrombar a ſua caixa, e ſacar-lhe os anneis, e tudo o mais, que achar nella; para o que, o melhor remedio ſerá arrombar-lhe a fechadura. Algum dia era eu bom official de gazûas. Ora lá vão os tampos dentro com mil diabos.

Ao abrir da caixa, ſahirão algumas cobras, que inveſtirão a Sacatr.

Sacatr. Mas que vejo! Ay quem me acode! Oh miſeravel Sacatrapo, que aqui vieſte dar a tua oſſada? A que delRei, não ha quem me acuda? Não ha quem ponha cobro neſtas cobras? Ay que me matão!

Sahe Arpia.

Arpia. Que tens, Sacatrapo?

Sacatr. Que hei de ter? Não vês eſtas eſpadas colobrinas, que me eſtão atraveſſando

Arpia. Ay Sacatrapo, não tenhas medo, que são humas cobrinhas muito galantes, que coſtumão brincar com os taralhões de dous pés.

Sacatr. Seja o que for, tira me as cobras, Arpia, e baſta que fiques tu, que es huma ſanguixuga.

Arpia. Ora eu as tiro; ó lé, minhas meninas, ide para dentro.

Vão as cobras para dentro da caixa.

Sacatr. Vê bem, ſe ſe forão todas?

Arpia. Já ſe forão, não ſejas medroſo.

Sacatr. Agora, como ſe forão as cobras, já não ſou medroſo.

Arpia. Porém tomára ſaber, com que licença vieſ-

vieſte penerrar os profundos arcanos dos eſcaninhos deſta arca?

Sacatr. Não eſtejamos com arcas encouradas: eu vinha buſcar os meus anneis, já que me enganaſte com o burro caga dinheiro, que tudo foi huma borra, e o teu capello maſcaborra, que em conſciencia mos deves reſtituir.

Arpia. Uy, que dizes Sacatrapo? Iſto não póde ſer, mais que me prégues: baſta que não achaſte o burro?

Sacatr. Não ſó o não achei, mas eu fui o achado, porque não fui inviſivel.

Arpia. He que deviás pôr o capello ás aveſſas; que ſe o pozeras ás direitas, nem cégos te verião?

Sacatr. Supponho, que toda a virtude deſſe capello he ás aveſſas: o que eu ſei he, que fui viſto, que me levárão priſioneiro, e que eſcapei com a barafunda da briga, e aſſim te peço á boamente, que me reſtituas o meu annel, bruxa, feiticeira, e encantadora.

Arpia. Oh maroto, marujo, mariola, ſe me falar mais em anneis hei de chamar as cobras; ó minhas meninas, vinde, e ſahi a caſtigar eſte magano.

Sacatr. Eſpera, Arpia; tem mão, que tudo te perdo-o.

Arpia. Pois ajuda-me a pôr a caixa em ſeu lugar; que eu não poſſo ſó, que tenho a eſpinhella cahida.

Sacatr. Pois eu pouco poderei, que tambem ſou

ſou potroſo, e adevinho quando ha de chover.

Arpia. Só não adevinhaſte, que havião chover cobras ſobre ti?

Sacatr. Como o achaque he antigo, o reportorio he velho, e já não governa; e menos na conjunctura preſente, que eſtava o Sol no ſigno de Eſcorpião, com influxos do Cancro deſſa cara.

Arpia. Anda; empurra a caixa, e de vagar não ſe quebrem os meus tarécos.

Sacatr. Olha, pelo menos tens hum movel bem movediço: não te desfaças delle, porque poſto a juro cobrarás bons redditos.

Arpia. Anda, levanta: ai minha eſpinhella!

Sacatr. Segura bem: ai minha geba! *Vão-ſe.*

Sahe Creuſa.

Creuſ. Confuſa, afflicta, e quaſi ſem alma venho, ſem ſaber de Jaſon, depois que de meus braços mo levou a tyranna Medéa: e depois da batalha, que teve com ElRei, não ſei ſe morreria nella, e iſſo ſerá o mais certo; pois vejo, que não apparece. Ai querido Jaſon, ſe a tua morte he certa, a minha ſerá infallivel! Que como a ambos nos anima huma alma, por força nos ha de ſeparar huma morte.

Canta Creuſa a ſeguinte Aria, e

REGITADO.

Sórte minha cruel, fado inhumano,
Até quando, tyranno,
Ceſſará o rigor de tuas iras,

Pois que vejo conſpiras
A huma alma em triſte abyſmo
O ſuſto, a dor, a magoa, o parociſmo?

ARIA.

Se a Parca enfurecida
Te uſurpa a doce vida,
Te hirá buſcar eſta alma,
Só para te animar.
Vem pois, amor querido,
Que o terno meu gemido
Ao teu cadaver frio
Alentos póde dar.

Sabe Jaſon.

Jaſon. Minha Creuſa, rompendo impoſſiveis, atropellando difficuldades, cuberto com o manto da noite, venho buſcar-te, para que te embarques comigo, pois tudo eſtá prompto, e ſó por ti ſe eſpera; aſſim não te dilates, antes que nos perſintão.

Creuſ. Meu amor, não ſei encarecer-te a alegria, que tenho de ver-te; pois te julgava morto na batalha, vendo que não apparecias.

Jaſon. Hum peito armado de amor póde reſiſtir aos golpes de Marte.

Creuſ. Como entraſte aqui, ſem temeres as iras de ElRei?

Jaſon. Se por amor de ti morrêra, que melhor fortuna quizera? Porém não teme perigos hum coraçaõ amante.

Creuſ. Muitas finezas te devo.

Jaſon. Folgo que o conheças: vamos, meu bem.

Creuſ. Vamos Jaſon. *Vão-ſe.*

SCE-

SCENA VI.

Montes, e mar. Sahe Theſeo.

Theſ. OS Soldados eſtão embarcados, e ſó Jaſon ainda não veio !. Sem duvida me dá cuidado a ſua tardança.

Sahe Jaſon, trazendo á Creuſá pela mão, e Sacatrapo com huma mala ás coſtas.

Jaſon. Amada Creuſa, já que a noite, e o ſilencio nos favorecem, embarquemo-nos depreſſa, antes que as guardas nos ſintão.

Creuſ. Com o ſuſto, e ſobreſalto, te não ſei reſponder, querido Jaſon.

Theſ. Vem, Jaſon, que já me tinhas com cuidado.

Jaſon. Theſeo, não póde ſer menos.

Sacatr. Ora, Senhores, todos ſacárão o ſeu precioſo, ſó a minha miſeria ſacou neſta mala Sacatrapos.

Jaſon. Anda Creuſa. *Vai ſe.*

Creuſ. Vamos, Jaſon: fica-te embora, Colchos. *Vai-ſe.*

Sacatr. A Deos Ilha de Colchos, ou Cocles, ou Ilha dos Tortos, que me parece, que me viſte em jejum; pois tantas deſgraças em ti padeci. Fica-te com Satanás, Medéa. Os diabos te levem, Arpia, a ti, e ao teu capello, que ainda levo atraveſſado na garganta o burro caga dinheiro; e finalmente a Deos, meus queridos anneis, que herpes dem nos dedos de quem os trouxer.

Corre-ſe a corrediça de montes, e apparece o mar, e nelle huma náo com algumas figuras dentro, e Sahe Medéa.

Med. Nem Jaſon, nem Creuſa encontro. Mas que vejo! A náo de Jaſon largando as vélas ao vento, já quaſi deſapparece! Ah fementido, ah traidor ingrato Jaſon! Deſta ſórte pagas as minhas finezas? Se buſcas amor conſtante, deixa a Creuſa; e leva-me a mim. E pois os ventos te enſurdecem as minhas vozes, Sereyas canoras, ſahi deſſe mar, e ſuſpendei com affagos a meu ingrato amante, acompanhando os ſuſpiros de huma infeliz.

Appareceráõ as Sereyas ſobre as ondas do mar. Canta Medéa a ſeguinte.

ARIA.

Jaſon ingrato, attende,
Pára, pára,
Suſpende o teu retiro;
E ſe te leva o vento,
O vento te trará de meus ſuſpiros.

Med. e Ser. Farei por detello,
Na rapida fuga
Em remora o canto
Corrente o meu pranto
E iman o clamor.

Jaſon. Em grande perigo eſtamos; pois Medéa para ſuſpenderme, convoca em ſua defenſa as Sereyas.

Theſ. Serás outro Ulyſſes.

Sacatr. Pois, Senhor, as Sereyas náo ſe fizerão ſó para os Ulyſſes, que como ellas eſtão no mar,

mar, qualquer peſcador as póde encontrar, e muito melhor ſendo por encanto.

Jaſon. Pois uſarei da meſma aſtucia de Ulyſſes, mandando tocar tambores, e clarins, para confundir os canoros eccos das Sereyas; e quando não, ainda cá levo o annel, que Medéa me deu, para desfazer os encantos.

Sacatr. Se eu cá tivera o meu annel, fizera outro tanto.

Canta Medéa.

Aonde vás, tyranno?
Eſpera, eſpera;
Attende as minhas fragoas,
Pois ſe aguas te levão.
Meus olhos te trarão com turvas agoas.

Med. e Ser. Farei por detello *Clarins*, e
Na rapida fuga *tambores.*
Em remora o canto
Corrente o meu pranto,
E iman o clamor.

Jaſon. Soldados valeroſos, não ceſſem os bellicoſos inſtrumentos.

Sacatr. Metamos hum prégo accezo por cada ouvido, que he bom remedio para não ouvir.

Canta Medéa.

Não fujas, inhumano;
Ouve, ouve
Eſtas finas jactancias;
E ſe outro amor te leva
Te trarão deſte amor as ternas ancias.

Med. e Ser. Farei por detello *Com trombas*,
Na rapida fuga, *e tambores.*

Em

Em remora o canto
Corrente o meu pranto,
E iman o clamor.

Tod. Boa viagem.

Cantão só as Sereyas, ſem trompas.

E pois a canora ſuave harmonia,
Não pôde atrahir, nem ſoube mudar
De hum peito traidor a vil tyrannia,

Com tromp. Receba-nos Thetis nos braços do mar. *Vaõ ſe.*

Tod. Boa viagem.

Sacatr. Vencemos as Sereyas tambem como gente.

Tod. Boa viagem.

Med. Pois, ingrato, e cruel tyranno, não te has de jactar de que triunfaſte das Sereyas; e já que com carinhos te não poſſo mover, agora ſerá com rigores: O' Proſerpina, ó Deidades furibundas da Lagoa Stygia, movei os elementos todos, para caſtigar a hum fementido traidor: rayos, ſahi deſſas nuvens, e abrazai aquella náo.

Eſcurece-ſe o Theatro com trovões, e ſahe hum rayo de cima, que birá para o navio.

Med. Mas não, não, rayos, não abrazeis a Jaſon, baſta que me abraze a mim o rayo de amor.

Torna o rayo para onde ſahio.

Med. Mas para que me canſo em fazer finezas por hum ingrato, ſe iſſo he augmentar troféos ao ſeu triunfo! Ondas, ventos, furias,

e

e mares, vingai por huma vez as injúrias de Medéa, e as tyrannias de Jaſon. *Vai-ſe. Haverá tempeſtade, trovões, e relampagos.*

Tod. Miſericordia! Alija tudo ao mar.

Sacatr. Lá vai a mala cos diabos! Pois gabo-lhe eu, que o Tubarão, que a engolir, não leva camiſas para dez annos.

Tod. Miſericordia.

SCENA VII.

Arvores recortadas.

Dentr. AO monte, ao valle, á ſelva, tó, tó.

Sahem ElRei, Telemon, e Arpia.

Rei. Suſpenda-ſe o exercicio da caça, até que deſcanſe o coração deſte cuidado: Telemon, que novas me dás de Jaſon?

Telem. Saberás, Senhor, que Jaſon furtivamente eſta madrugada ſe embarcou, e Creuſa tambem com elle, e leva o Velocino.

Arpia. Tambem Medéa não apparece, Senhor.

Rei. Haverá mais pena para hum coração afflicto!

Dentr. Jaſon. Deoſes, piedade!

Dentr. Med. Deoſes, rigores!

Rei. Que vozes tão encontradas são eſtas, que ſe elcutão ao meſmo tempo iradas, e piedoſas! Vai, Telemon, examinar o que he.

Sa-

Sahem por humas partes Jaſon, Creuſa, Theſeo, e Sacrapo, e por outra Medea.

Jaſon. Deoſes, piedade!

Med. Deoſes, rigores!

Jaſon. Mas que vejo! Aonde eſtou eu?

Rei. Mas que vejo! Eſte he Jaſon!

Arpia. Aquelle he Sacrapo!

Creuſ. Que he iſto, Jaſon? Eſtamos outra vez em Colchos?

Theſ. E nas mãos de ElRei.

Jaſon. Eſtou confuſo! Como póde ſer iſto, quando eu cuidei que eſtava em Theſſalia?

Sacrap. Não diſſe eu, que eſte carneiro nos havia enterrar? E agora, Senhor Jaſon?

Med. Cuidavas ingrato, que havias triunfar de mim!

Creuſ. Ha maior deſgraça!

Jaſon. Rei, e Senhor, ſe hum naufrago peregrino póde mover a compaixão, peço-te, que te doas da adverſidade da minha fortuna: ahi tens o teu Velocino, e tambem a....

Rei. Baſta, Jaſon.

Sacrap. Se eu levára o burro caga dinheiro, tambem o reſtituia agora com lingua de palmo.

Rei. Jaſon, para que vejas, que os Reis de Colchos ſabem perdoar injurias, aſſim perdoando as que me tens feito, quero que caſes com Creuſa, minha ſobrinha, e te dou em dote o Velocino.

Med. Para iſto trouxe outra vez a Jaſon? *á part.*

Rei. E caſtigando aggravos, já que Medéa, indigna filha, infiel traidora, conſpirou contra mim,

fim, entregando a Jaſon o Velocino, morrerá encerrada em huma torre, pois ella me offendeo mais, do que Jaſon.

Med. Pois não lograrás, o teu intento *á parte.*

Jaſon. Proſtrado a teus pés, te rendo as graças de tanto beneficio: Agora ſim, amada Creuſa, que já te poſſo chamar minha.

Creuſ. Ainda não creio a minha fortuna.

Sacatr. Senhor, já que és tão liberal, peço-te, que me caſes com Arpia, e me dês em dote o burro caga dinheiro.

Arpia. Mamou-a, Senhor Sacatrapo. Babáo.

Rei. Celebrem-ſe as vodas de Jaſon, e Creuſa, e vá Medéa para a torre.

Med. Pois antes que, ó pai cruel, executes o teu rigoroſo intento, e eu veja com meus olhos lograr-ſe eſte ingrato Jaſon com Creuſa, deſeſperada vagarei pela região do ar, já que na terra me falta ſoccorro.

Voa Medéa em huma nuvem, e canta o

CORO.

Se amor he hum encanto,
Que inflamma, &c., *como a pag.* 243.

FIM.

AMFL

AMFITRIÃO,
OU
JUPITER, E ALCMENA,
OPERA,

QUE SE REPRESENTOU NO THEATro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Maio de 1736.

ARGUMENTO.

JUpiter, marido da Deoſa Juno, por goſar da formoſura de Alcmena, mulher de Amfitrião, General dos Thebanos, ſe transforma em Amfitrião por conſelho de Mercurio, Embaixador dos Deoſes, tomando eſte tambem a forma de Saramago, criado de Amfitrião, para ajudar, que Jupiter conſiga o ſeu intento, por meio dos ſeus enganos; o que Jupiter conſegue, introduzindo-ſe em caſa de Alcmena com o nome de Amfitrião, acompanhando o Mercurio, que toma o nome de Saramago, eſtando Amfitrião auſente de Thebas, contra ElRei dos Thelebanos, donde vindo victorioſo, por ter morto ao meſmo Rei, Jupiter lhe uſurpa o triunfo, com que em Thebas o eſperavão, ficando juntamente laureado Jupiter dentro do meſmo Senado com a illuſão da figura, e nome de Amfitrião, o qual voltando para a Cidade de Thebas, já na ſua propria caſa, he prezo por Tireſias, Miniſ-

niſtro de Thebas, juntamente com Alcmena, e condemnados á morte por induſtria, e vingança da Deoſa Juno, que ſe diſfarça com o nome de Flérida em caſa de Amfitrião; mas em fim, como innocentes do impoſto delicto, são livres de ſerem ſacrificados, por declaração de Jupiter, que ſuſtenta o engano até o fim, e deixa em Alcmena por ſua deſcendencia o eſclarecido, fortiſſimo, e nunca vencido Hercules. O mais ſe verá no contexto da Obra.

A Scena ſe repreſenta em Thebas.

INTERLOCUTORES.

Amfitrião, *Marido de Alcmena.*
Jupiter, *Marido de Juno.*
Mercurio, *Criado de Jupiter.*
Tireſias, *Miniſtro de Thebas.*
Polidaz, *Capitão Thebano.*
Saramago, *Criado de Amfitrião, Gracioſo.*
Alcmena, *Mulher de Amfitrião.*
Juno, *Mulher de Jupiter.*
Iris, *Criada de Juno.*
Cornucopia, *velha*, *Criada de Alcmena.*

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Sala Empyrea de Jupiter.*
II. *Camera.*
III. *Praça com portico.*
IV. *Selva com reſpaldo de Palacio.*
V. *Sala.*
VI. *Selva com reſpaldo de Palacio, e depois no meio hum arco triunfal, e deſte para diante viſta de caſas, e para traz de Selvas até o fim.*
VII. *Sala Senatoria.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *Ante-Sala.*
II. *Camera.*
III. *Sala.*
IV. *Boſque.*
V. *Jardim com fonte.*
VI. *Carcere.*
VII. *Templo de Jupiter.*
VIII. *Sala Empyrea de Jupiter.*

PARTE I.

SCENA I.

Sala Empyrea de Jupiter, aonde eſtará eſte aſſentado em hum Throno, e Mércurio mais abaixo, e depois ſe tiraráõ do Throno, e Jupiter trará na mão huma eſtatua de Cupido, que ſe dividirá a ſeu tempo.

CORO.

O Numen ſupremo
Do Olympo ſagrado,
Suſpira abraſado
De hum cego furor.
Que paſmo! Que aſſombro!
Que voe tão alto
A ſetta do amor!

Jupit. CEſſe a canora harmonia, que fórma o alterno movimento dos celeſtes globos; que he razão emmudeção as conſonancias, quando a maior Deidade ſe lamenta: não moduleis os ſupremos attributos de minha divindade; cantai, ou para melhor dizer, chorai em diſſonantes melodias o irremediavel de minha magoa, a violencia de meu tormento, e o inſoffrivel de minha dor.

Mer-

Merc. Jupiter Soberano, a quem não admira ver, que a maior deidade, que admirão as esféras, enlute com suspiros as diafanas luzes do Firmamento! Se em teu poder existem os raios, porque não castigas a causa sacrilega de teus pezares?

Jupit. Ai Mercurio, que este raio, que ignominiosamente adorna a minha omnipotente dextra, he o que agora se fulmina contra o meu peito! Não he esta aquella trisulca chamma, que devorou a soberba dos Ancelados, e Thifeos; he sim a fragoa de todos os raios, a furia de todas as furias, e o estrago de todos os estragos; e para melhor dizer, he o simulacro de Cupido, cuja voadora setta, penetrando as eminencias do monte Olimpo, sacrilegamente atrevida, chegou a penetrar a immunidade de meu peito; e assim, como offendido, e lastimado, já que nesse Rapaz tyranno, neste Monstro, nesse Cupido, não posso vingar o mal, que padeço, quero ao menos na sua estatua debuxar as linhas da minha vingança.

Merc. Explica-me, Senhor, a causa de tanto excesso, que supposto sejas o mais sabio de todos os Deoses, tambem não duvidas, que sou Mercurio inventor das subtilezas, e estratagemas; e assim já que o teu entendimento se acha preoccupado de hum frenetico delirio, com maior razão poderei eu acertar na cura de teus males.

Jupit. Pois attende Mercurio.

Can-

Canta Jupiter a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Eu vi a Alcmena, ai Alcmena ingrata!
Aquella, cujo aſſombro peregrino
Foi remora attractiva, que attraindo
A iſenção de toda eſta divindade,
Por ella em vivas chammas
Extremoſo ſuſpiro,
Querendo amante em languidos deliquios
Sacrificar-me todo nos altares
Defta melhor, mais bella Citherea;
E por mais, que publico em triſte pranto
Tanto amor, tanto incendio, extremo ranto;
Nem por iſſo Cupido compaſſivo
Alivio facilita ao meu tormento,
Antes, porém, mais barbaro, e tyranno,
Por vingar-ſe talvez de meus poderes,
Difficulta o remedio ás minhas ancias;
E pois, cruel amor, falſa Deidade,
O ſuſpiro, que exhalo, não te abranda,
O impulſo feroz de meus rigores
Saberá caſtigar-te, lacerando
Teu ſimulacro,
Que em átomos partido, *Deſpedaça*
Dos ventos ſerás rápido deſpojo. *a eſtatua.*
Sinta pois (ai de mim!) a minha ira,
Quem contra o Deos Tonante aſſim conſpira.

ARIA.

De amor todo abrazado
Me ſinto quaſi louco,
E afflicto pouco a pouco,

Me vai faltando a vida,
Me vai matando a dor.
Ah querida ingrata Alcmena;
Quanto ſuſto, e quanta pena,
Me provoca o teu rigor!

Merc. Ora Senhor, ſe Alcmena he a cauſa; porque ſuſpiras, e ſó deſejas conſeguir a delicia de ſua formoſura, verás como alcanças, o que procuras.

Jupit. De que ſórte?

Merc. Eu te digo, dá-me attenção: Bem ſabes, Senhor, que Amfitrião marido de Alcmena ſe acha occupado na guerra dos Thelebanos contra ElRei Teréla, e parecia-me, que tomando tu a fórma de Amfitrião, fingindo teres já chegado da guerra, podias fielmente, ſem experimentares os rigores, e deſdens de Alcmena, conſeguir della, o que deſejas; porque vendo ella em ti copiada a imagem, e figura de ſeu eſpoſo Amfitrião, como a tal te facilitaria o meſmo, que agora como a Jupiter te nega.

Jupit. Só tu, Mercurio, com as tuas ſubtilezas podias dar em tão ſubtil idéa, pois com ella já poſſo chamar-me venturoſo; e para principiar a ſello, já me vou disfarçar na fórma de Amfitrião, e depôr a mageſtade de meus raios: oh quem diſſera, que para eu alcançar a formoſura de Alcmena, deixe os reſplandores do Olympo!

Merc. Para que ſe logre melhor a empreza, eu tambem irei comtigo disfarçado na figura do cria-

criado de Amfitrião, chamado Saramago, ajudar-te a lograr o teu intento.

Jupit. Não deixo de agradecer-te, Mercurio, que por amor do meu amor tomes a figura de hum lacaio ſqualido, e ſordido.

Merc. Senhor, o officio de Corretor nunca eſteve mal a Mercurio; quanto mais, que para ſervir-te, deſejo transformar-me ainda na mais vil creatura.

Jupit. Pois não dilatemos a empreza; vamos, Mercurio, e ſeja eſta noite o dia de minha ventura.

Merc. Vamos, Jupiter, a levar hum paſſa-tempo na terra.

Jupit. Já não ſe me dá, que repita feſtivo o celeſte Coro; pois que já poſſo cantar o meu triunfo.

Canta o Coro como no principio.

O Numen ſupremo
Do Olympo ſagrado, &c.

SCENA II.

Sahem Alcmena, e Cornucopia.

Cornuc. SEnhora Alcmena, eu não cuidei, que voſſa mercê era tão extremoſa, nem que tomaſſe as penas tanto a peito.

Alcmen. Se tu, Cornucopia, ſouberas ſentir auſencias, ainda acharias diminuto o meu ſentimento, pois apenas lograva nos braços de Amfitrião as delicias do mais venturoſo hymeneo,

quando Marte mo levou dos olhos para a guerra dos Thelebanos ; mas ai, Amfitrião querido, que ſe foſte para a guerra, em outra maior me deixaſte ; pois no combate das memorias, e nos repetidos golpes das ſaudades, me vejo quaſi ſem alentos.

Cornite. Ai, Senhora, baſta de guerrear ; faça por hum pouco tregoas com o ſentimento, e quando não aparelhe-ſe, que em dous dias morrerá tiſica, e ética.

Alemen. Eu não ſou como tu, que na auſencia de teu marido Saramago não tens deitado huma lagrima ao menos ; mas o certo he, que as neſcias não ſabem ſentir.

Cornite. Antes quero ſer neſcia alegre, que diſcreta chorona ; e na verdade, que ſeria grande aſneira eſtar-me eu cá matando, fazendo mil choradeiras, e Saramago nelle tempo talvez que ſe eſteja regalando lá na guerra, comendo com os ſeus amigos o rico páo de munição ; pois não, minha Senhora, eu não quero morrer, ſenão quando Deos me matar.

Alemen. Iſſo não he teres amor a teu marido.

Cornite. Pois eu que hei de fazer ? De duas huma, ou hei de ſentir mais, que voſſa merce, ou não ; ſentir mais he impoſſivel ? ſentir menos não he brio meu ; e aſſim entre o mais, e entre o menos, me deixo ficar aſſim nem mais, nem menos.

Alemen. Olha, neſcia, quando para ſentir eſta auſencia, não foſſe baſtante o mal da ſaudade,

baſ-

baſtava imaginar, em que na guerra eſtão em continuo perigo, onde he mais certa a morte, do que a vida.

Cornuc. Ai, Senhora, deſſa me rio eu; ſegura eſtou de que o meu Saramago haja de morrer na guerra.

Alcmen. E que certeza pódes ter diſſo?

Cornuc. Porque eu ſempre ouvi dizer, que as ballas trazião ſobreſcrito; e eu ſei muito bem, que o meu Saramago nunca ſe carteou com ballas.

Alcmen. Ora vaite daqui, que eſtás mui louca.

Cornuc. Digo-te iſto, ſó para ver ſe alivias a tua ſaudade.

Alcmen. Eſte mal ſe não cura com palavras: deixa-me, Cornucopia, que a minha pena ſó acha alivio no pranto.

Cornuc. Ora a culpa tenho eu, em dizer-lhe, que não chore: chore, chore, até rebentar, que eu vou-me meter na cama, que eſtou pingando com ſomno. *Vai-ſe.*

Alcmen. Querido Amfitriáo, já que a tyranna auſencia me impoſſibilita o ver-te, quero reproduzir-te nas lagrimas, que choro; que como eſtas são filhas do amor, talvez que nellas te encontre.

Canta Alcmena o ſeguinte

MINUETE.

Tyranna auſencia,
Que me roubaſte,
E me levaſte
Da alma o melhor.
Se auſente vivo
Já ſem alento,
Ceſſe o tormento
De teu rigor.

Ai de quem ſente
De hum bem auſente
A ingrata dor!
Se eras minha alma
(Ai prenda bella!)
Como ſem ella
Com alma eſtou!
Porém já vejo;
Que em meu delirio
Para o martyrio
Só viva eſtou.
Ai de quem ſente
De hum bem auſente
A ingrata dor!

Sabe Cornucopia.

Cornuc. Alviçaras, Senhora, alviçaras.

Alcmen. Que he iſſo, Cornucopia?

Cornuc. Que ha de ſer, Senhora? Ai, Senhora, alviçaras.

Alcmen. Alviçaras, de que?

Cornuc. Sabe que mais?

Alcmen. O que?

Cornuc. Pois ſaiba que.... Ai, Senhora, alviçaras, que ahi vem meu marido Saramago.

Alcmen. Ha maior loucura? Eſſas alviçaras pede-as a ti meſma.

Cornuc. Não, Senhora, que com elle vem o Senhor Amfitrião.

Alcmen. Que dizes? Iſſo não póde ſer.

Sabe Jupiter com a fórma de Amfitrião, e Mercurio com a de Saramago.

Jupit. Sim póde ſer, querida Alcmena, que os impoſſiveis ſó ſe fizerão para os que verdadeiramente amão. Dá-me os teus braços, que o ver-me deſcanſar nelles foi ſempre o meu deſejo. Ainda não creio o bem, que poſſuo! *á part.*

Alcmen. Amado Amfitrião, querido eſpoſo, permitte-me, que por hum pouco não creia

a fortuna, que alcanço; que a conſiderar ſer certa tanta felicidade, morrêra de alegria.

Merc. Muito bem ſe finge Jupiter, e melhor ſe engana Alcmena. *á parte.*

Alcmen. He poſſivel, que te vejo, Amfitriáo?

Jupit. Mais impoſſivel me parece a mim, Alcmena; pois ſempre me pareceo impoſſivel, que me viſſe em teus braços.

Alcmen. Bem ſei, que trazias muito arriſcada a vida entre os inimigos na guerra.

Jupit. Maior inimigo encontrava eu na guerra do amor, cujas ſettas, mais do que as lanças dos inimigos, me ferião o coração.

Alcmen. Não ſei ſe acredite eſſa liſonja?

Jupit. Liſonja chamas, ao que he realidade? Pouco conceito fazes do meu amor.

Alcmen. Sempre ouvi dizer, que dos quatro remedios contra o amor, hum delles era a diſtancia, e como te achavas auſente, bem poderia ſer, que ſe perdeſſe no caminho, por diſtante.

Jupit. Pois, Alcmena, por Jupiter Soberano te juro, que nem a diſtancia que ha do Ceo á terra, ſeria baſtante para fazer-me eſquecer de ti; e ſe te parece incrivel a minha fineza naquella diſtancia, affirmo-te, que ſempre intenſivo o meu amor ardeo em tão activos incendios, que do peito, aonde ſe accendêrão, quizerão paſſar, abrazando a meſma eſféra do fogo, ou ao Ceo das chammas, que he o meſmo Empyreo.

Merc. Bem o póde crer, Senhora Alcmena; e

mui-

muito mais ainda ; pois lhe affirmo , que o Senhor Amfitrião ainda não diz ametade do que he.

Alcmen. Só reparo , Amfitrião , que antes da tua auſencia , nunca te ouvi expreſsões tão finas ; e quando cuidei , que a guerra te fizeſſe menos terno , acho , que te fez mais amante ; e aſſim me parece , que mais vens da eſcóla de Cupido , que da paleſtra de Marte.

Jupit. Não ſabes , que o amor naſceo entre o eſtrepito das armas , ſendo o artifice deſtas o progenitor de Cupido ? Pois como póde o amor eſtranhar as armas , e aſperezas de Marte , ſe com ellas ſe embalava Cupido no berço , para creſcer o amor nós corações ? E ſe te parece , que antes da minha auſencia era menos amante , ſeria , porque como o bem depois de perdido , he que ſe eſtima , por iſſo , quando auſente te perdi , he que ſoube perder-me por ti , e achar hum verdadeiro amor , com que te idolatraſſe , e quando tudo iſto te pareça quimera , ſuppoem , Alcmena ; que não ſou aquelle Amfitrião paſſado , mas ſim outro Amfitrião mais amante.

Merc. Eu nunca vi a Jupiter tão derretido. *á part.*

Cornuc. Ai , Senhora , não apure mais ao Senhor Amfitrião , creia o que lhe diz ; que elle não he homem de duas caras.

Merc. Mal o ſabes tu.

Cornuc. E aſſim permitta-me licença de abraçar a meu amo , que eſtou chorando pelas barbas abaixo com goſto de o ver ; Ai meu Senhor , ben-

benza-o Deos; bons olhos o vejão; como vem bem disposto, claro, rozado, e resplandecente! Tome, tome duas figas, que lhe não quero dar quebranto.

Jupit. Nunca esperei menos do teu amor.

Cornuc. Saramago, nós logo fallaremos á nossa vontade.

Merc. Por isso estou já rebentando.

Alcmen. Saramago, tu não me fallas? Chegate cá.

Merc. Senhora Alcmena, sempre a boca falla tarde, quando madruga o desejo; pois desejo que vossa merce tenha cumprido o seu desejo na vista do seu Amfitrião tão desejado.

Alcmen. Sempre te agradeço o cuidado, com que fiel acompanhaste a teu amo.

Merc. Meu amo, Senhora, he tão amante, que todo se transforma em carinhos, para atrahir os corações.

Alcmen. Dize-me, Amfitrião, vens vitorioso de nossos contrarios?

Jupit. Claro está, formosa Alcmena, que me considero já vitorioso do maior inimigo: cheguei a Thebas, accommetteo me ElRei Teréla com hum poderoso exercito; investirão os nossos aos Thebanos, ainda que poucos, com tão marcial furor, que em menos de duas horas desbaratámos os contrarios; e para que fosse completo o triunfo, perdeo ElRei a victoria com a vida, ganhando nós o despojo com o laurel: enriquecêrão se os Soldados com o saque; no qual reservei esta

joia,

joia, que no elmo trazia ElRei Teréla; cujo primoroſo artificio ſó he merecedor de empregar-ſe em teu peito. Aceita-a, pois, que não ſerá a primeira vez, que ſe coroe Venus com os deſpojos de Marte. *Dá a joia.*

Alcmen. Tanto pela obra, como pela materia, he digna de eſtimação.

Cornuc. Ai, Senhora, que galante ſucriler! E como brilha! Parece-me hum cagalume.

Alcmen. Não dirás perilampo, que he mais proprio?

Cornuc Tanto faz perilampo, como cagalume; que tudo he o meſmo, mas ainda aſſim aquelle diamante verde he bem brilhante!

Jupit. Alcmena, vamos a deſcançar, que venho fatigado da jornada, e tenho de madrugada de voltar para o Arraial, aonde me eſperão os Capitães, para darmos entrada publica, como triunfantes; e como o meu amor impaciente não ſoffre dilações, quiz vir furtivamente eſta noite aliviar a minha ſaudade.

Alcmen. Já me admirava, Amfitrião, que foſſe completa a minha alegria: Vamos, Amfitrião. *Vai-ſe.*

Jupit. Vamos, Alcmena. Cruel amor, já triunfei de teus rigores. Mercurio, vigia não venha alguem. *Vai-ſe.*

Merc. Vai deſcançado, que eu rondarei o bairro.

Cornuc. Agora ſim, meu bello marido, meu querido Saramago, he tempo de nos racharmos com abraços: vem cá, filagrana animada;

vem

vem cá, meu brinquinho de junco, que te quero meter todo no meu coração.

Merc. Não seria melhor, que em lugar desses carinhos me désses tu de cear, que venho estalando com fome, e palavras não fazem sopas?

Cornuc. Tambem nosso amo traria bastante fome, e com tudo esteve dizendo a nossa ama tanta cousa galantinha, que faria derreter huma pedra.

Merc Com que he o mesmo nossos amos, do que nós? Elles casadinhos de hum anno, e nós ha hum seculo? Elles Senhores, e rapazes, e nós velhos, e moços? Elles dous jasmins, e nós dous lagartos? E finalmente elles com amor, e nós, ou pelo menos eu, sem nenhum?

Cornuc. Pois tu me não tens amor?

Merc. De tanto amor, que te tenho, me faz, que te não tenha nenhum; pois todo o extremo degenéra em vicio.

Cornuc. Eu não sei, que seja vicio o querer bem com extremo.

Merc. Olha: o querer pouco he asneira; o querer muito he parvoice; e como no amor não ha meio, ignoro o meio de te ter amor.

Cornuc. Ora o certo he, que peior he fazer festa a vilões ruins: por estas, que se tu souberas a mulher, que tens, que outra cousa fora: talvez, que se eu fôra alguma destas bonecrinhas enfeitadas, que me quizeras mais;

por

porém a culpa tenho eu, em não aceitar o que me davão nas tuas coſtas.

Merc. Irra! Quem he o que ſe atrevia a dar nas minhas coſtas?

Cornuc. Não digo iſſo; o que digo he, que tive a culpa de não aceitar, o que me davão por de traz de ti.

Merc. Pois ainda eſtás em tempo de aceitar o que eu dou por de traz.

Cornuc. Não me entendes? Digo, que não faltou, quem na tua auſencia me acenaſſe, não ſó com lenços, mas tambem com moedas.

Merc. Tanto mal fizeſte em não aceitares as moedas ao minimo aceno, que com ellas te fizerão.

Cornuc. Não que iſſo não eſtava bem á tua peſſoa, e muito menos á tua honra.

Merc. Pois o receber moedas he alguma deshonra?

Cornuc. Ai, appello eu! Deos me livre! Voſſe eſtá doudo?

Merc. Coitadinha, não te faças tão ariſca; ora dize-me: tu queres perſuadir-me, que achaſte quem te namoraſſe com eſſa cara?

Cornuc. Só tu poderas dizer iſſo da minha cara, na minha cara; pois olha, outros a beberião mais aguada.

Merc. Mais aguada ſim; porém mais untada, não.

Cornuc. Graças a Deos, he couſa, que nunca puz na minha cara: olhe, veja bem, cá não ha diſſo.

Merc.

Merc. Pois melhor fora, que te untaſſes.
Cornuc. Pois porque?
Merc. Porque ao menos com o ſolimão matarias eſſa cara, que tão matadora he.
Cornuc. Mais matador és tu, que eſtás a froxo no jogo do deſdem.
Merc. Valha-te o diabo, que nunca perdeſte a manha de preſumida! Não vês ao eſpelho eſſa cara de deſmamar meninos?
Cornuc. Quando tu me namoraſte para caſar, não viſte que eu era fea?
Merc. Cegou-me o diabo, porém não o amor.
Cornuc. Ora vai-te, que já não poſſo aturar os teus deſaforos; e agradece ſer iſto fóra de horas, quando não, eu te arrancára eſſa lingua; porém nós nos encontraremos. *Vai-ſe.*
Merc. Muito me deve Jupiter, pois por ſua cauſa aturo os deſpropoſitos deſta velha. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Praça com portico. Sahe Saramago, e canta a ſeguinte

ARIA.

Venho da guerra, e vou para caſa,
Venho da guerra, e vou para a guerra.
Se ha guerra na guerra,
Ha guerra na caſa,
A caſa da guerra
He a guerra da caſa;
Venho da guerra, e vou para a guerra,
Venho da guerra, e vou para caſa.

Re-

Repref. E quando nada eſtamos defronte dá noſſa caſa, que mal cuidei, que a tornaſſe a ver! Ah Senhores, grande couſa he o buraco da noſſa caſa, mais que ſeja esburacada, que mais val a caſa com buracos, do que o corpo com os das ballas; e pois ellas já paſſárão, ſem eu ficar paſſado, vamos ao caſo: Parece-me; que já eſtou vendo chegar eu á porta, e petiſcar no ferrolho, chegar á janella a minha Cornucopia, e apenas me vê, lançar-ſe logo da janella abaixo, e levalla o diabo de meio a meio; e alli ſe abraça comigo, e eu com ella, e affim todos juntos acharmos a Senhora Alcmena, e logo perguntar-me: que novas me dás do meu Amfitrião? E eu apreſſado lhe reſpondo: elle fica com ſaude com huma perna quebrada; e para livrar-te de ſuſtos, aqui me envia, que por eſta via te diga, que elle rebenta aqui até pela manhá, e que no entanto te vás divertindo com eſta joia, que foi delRei Teréla, a qual te manda por mim, que ſou muito fiel; e não ha duvida, que Alcmena, vendo a joia, e ouvindo a noticia, me mete á força na algibeira vinte dobrões; e ſe iſto ha de ſer affim, não te dilates, Saramago, ſe agora és Saramago verde na eſperança do premio, logo ſerás Saramago maduro na poſſe do fruto: Ora vamos andando para caſa, que já a Aurora em gargalhadas de luzes começa a rir-ſe com as coſſegas do Sol.

Ao

Ao ir ſe, ſabe da porta hum cão, que ladrará todas as vezes, que ſe vir eſte final * Ladra.

* Mão, mão, que he iſto? Ronda? Que eſcapaſſe eu da barafunda da batalha, e que ſó de malſins não poſſa livrar-me! * Pergunta quem ſou? Sou Saramago, que vou para caſa de minha ama, a Senhora Alcmena: * Que armas trago? Eu não tenho armas, que ſou mecanico: * Donde venho? E a elle que lhe importa? *** Tenha mão, a que delRei! Eſperem voſsês, que eu cuidei que era gente, e he hum cão! Ora vejão o que faz o medo! He cão, não ha duvida! Ai que he a cadella de minha mulher, que dormio fóra eſta noite rondando algum oſſo! Olhem a feſta, que me faz! Pois eu tambem hei de correſponder-lhe, que agora huma cadella não ha de ſer mais cortez do que eu.

Canta Saramago, ladrando ſempre o cão, a ſeguinte

ARIA.

Coitadinha da cadella,
Que faz ella?
Como pulla! Como falta!
Não te eſfalfes, anda cá,
Paſſa aqui, cadella tó.
Mas ai, ai, que me morden!
Paſſa fóra,
Toma perro, grunhe agora, *Grunhe o cão.*
Porque ſaibas quem eu ſou.

Ao

Ao ir entrar Saramago, ſabe Mercurio na fórma de Saramago.

Merc. Eſte he o criado de Amfitrião; quero eſtorvar lhe, que não entre: quem vem lá?

Saram. Quem lá vai? Mas que lhe importa a elle, que eu entre pela minha porta?

Merc. Porque eſta porta he minha, e por ella não ha de entrar ninguem, ſe não diſſer quem he; e aſſim, ou diga quem he, ou vaſe embora; e quando não hirá aos impurrões.

Saram. Eſtá galante impurração, perguntar-me o Senhor o que quero eu na minha caſa!

Merc. Qual caſa?

Saram. Eſta de alto abaixo, que he minha, pela merce, que me faz meu amo, o Senhor Amfitrião.

Merc. Qual Amfitrião? Eſte que agora veio da guerra?

Saram. Pois eu não ſei, que haja outro no Mundo.

Merc. Pois elle he teu amo?

Saram. Eſſe meſmo em carne viva.

Merc. Homem, entendo que eſtás ſonhando.

Saram. Não ha duvida que eu ſempre ſonho em fazer a vontade a meu amo o Senhor Amfitrião.

Merc. Homem inſenſato, ſabes o que dizes? Não vês, que eſſe Amfitrião he meu amo?

Saram. Ora ſou criado de voſſa merce: como póde ſer teu amo, ſe elle não tem outro criado, ſenão eu; e ſenão dize-me: como te chamas tu?

Merc.

Merc. Chamo-me Saramago.

Saram. Saramago? Peior he eſſa! E eu então que ſou, viſto iſſo?

Merc. Quem tu quizeres ſer.

Saram. Pois eu quero ſer Saramago, ainda que não queira.

Merc. Pois, magano, levarás dous murros, pelo atrevimento de tomares o meu nome.

Saram. Tenha mão, Senhor, veja que o *do*, *das*, ſe não dá pelos *nominativos*.

Merc. Pois dize-me na verdade quem és, ſe não vou deſandando outro murro.

Saram. Que quer voſſa merce, que eu diga? Se digo, que ſou Saramago, diz que minto; ſe digo, que o não ſou, tambem minto, e aſſim não quero, que me diga: *inter ambobus erraſti*.

Merc. Viſto iſſo, ainda tens para ti, que és Saramago?

Saram. Eu bem o não quizera ſer, ſó por dar goſto a voſſa merce.

Merc. Ora dize, não tenhas medo.

Saram. Direi, ſe fizer tregoas na guerra do murro ſecco.

Merc. Eu te prometto, dize, quem és?

Saram. Conhece voſſa merce Amfitrião?

Merc. Pois não hei de conhecer a meu amo?

Saram. Conheceo voſſa merce em caſa de Amfitrião hum criado eſgalgado, cara de piolho ladro, corpo de parafuſo, pernas de diſciplina, com hum pé de cantiga, e outro pé de vento?

Merc.

Merc. Não eſtou lembrado.

Saram. Era hum criado, muito mal criado, chamado Saramago.

Merc. O' patife, inſolente, aſſim me trata com tão vís vocabulos?

Saram. Não, Senhor, que eſſe era eu.

Merc. Aqui não ha eu, ſenão eu, já tenho alcançado quem és: ó lá, prendão eſte ladrão, que vem disfarçado roubar a caſa de Amfitrião.

Saram. De vagar, que cuidaráõ que he verdade: o ladrão he voſſa merce, que me furtou o meu nome.

Merc. Ainda replicas? Levarás nos narizes.

Saram. Ora, Senhor, tenho entendido, que não ſou nada neſta vida.

Merc. E eu que tenho com iſſo?

Saram. Pois, Senhor, já que me não baſtou ſer hum Saramago naſcido das ervas, para deixar de ſer envejado o meu nome, peçote, que ao menos me deixes ſer a tua ſombra, que com iſſo me contento.

Merc. Não quero, que a mim nada me aſſombra.

Saram. Pois, Senhor, tão mal aſſombrado ſou eu, que nem tua ſombra mereço ſer?

Merc. Quem he tão ladrão, que furta o meu nome, tambem furtará a minha ſombra.

Saram. Iſſo he bom para o diabo das covas de Salamanca.

Merc. Não gracejemos; diga, em que ficamos!

Sa-

Saram. Em que ficamos? Eu fico com os murros, e voſſa merce com o meu nome.

Merc. Pois vá-ſe embora, antes que faça chover ſobre elle hum diluvio de pancadas.

Saram. Pois a Deos, Senhor Saramago.

Merc. A Deos, Senhor couſa nenhuma.]

SCENA IV.

Boſque com reſpaldo de Palacio. Sahem Amfitrião, e Polidaz.

Amf. NA verdade, Polidaz, que não ha peior mal, que o da auſencia, pois ao meſmo tempo, que accreſcenta a ſaudade, tambem accreſcenta o tempo; porque havendo ſó tres mezes, que me auſentei de Thebas; de cujas muralhas eſtamos á viſta, parece-me, que ha tres ſeculos, que della me auſentei.

Polid. Amfitrião, não he porque o relogio do tempo ſe atraze; talvez ſerá porque o moſtrador de Cupido ſe adiante; e não he muito, que vivendo auſente da Senhora Alcmena, tua eſpoſa, os minutos te pareção eternidades; e agora que vitorioſo da auſencia, e dos inimigos, te vanglorîas, entrarás em Thebas duas vezes triunfante.

Amf. Ai, Alcmena, quem já ſe vira em teus braços!

Sahe Tireſias.

Tireſ. Invicto Amfitrião, ſempre triunfante ven-

cedor dos inimigos da Patria, em nome desta Republica de Thebas venho esperar-vos ao caminho para adiantar os parabens, a quem tão heroicamente tem adiantado o progresso da guerra; e assim para premio das vossas acções, e desempenho do nosso agradecimento, vos temos preparado hum notavel triunfo, donde coroado do vencedor louro, se accumulem os vivas ao vosso nome.

Amf. Generoso Tiresias, agradecendo a Thebas a honra, que me faz, e a vós a cortez benevolencia; a ella hirei prostrar-me, como obediente filho da Patria; e a vós já vos ofereço os braços, como symbolo do amor, e da benevolencia.

Tires. Polidaz amigo, quanto me alegro de ver-te!

Polid. Tudo merece a nossa amisade.

Tires. Permitte-me, Amfitrião, que vá noticiar á Senhora Alemena a tua vinda.

Amf. Não he necessario tanto excesso; pois já a esse fim mandei o meu criado Saramago.

Tires. Pois esperai aqui pelo triunfo, em quanto com os mais Senadores vos vamos esperar ao Senado. *Vai-se.*

Amf. Não posso desprezar tantas mercês.

Sahe Saramago.

Saram. Estou bem aviado! Não sou cousa nenhuma nesta vida! Tenho de tornar a nascer para ser alguma cousa.

Amf. Já mais has de perder o costume de tardar, e murmurar? Aonde estiveste até agora?

Sa-

Saram. Quem? Eu?

Amf. Pois com quem fallo eu, ſenão comtigo?

Saram. Pois ſupponha, que não falla comigo, porque eu não ſou eu.

Amf. Começa tu agora com diſparates ao meſmo tempo que quero me dês noticia de Alcmena.

Saram. Como poderei eu dar noticia da Senhora Alcmena, ſe eu não ſei noticias de mim proprio?

Polid. O moço he galante peſſa.

Amf. Saramago, que diabo tens, que eſtás fóra de ti?

Saram. Sim, Senhor, eſtou fóra de mim, porque outrem eſtá dentro em mim.

Amf. Explica-te, Saramago.

Saram. Já não ſou Saramago; não me quer entender?

Amf. Pois que és?

Saram. Sou couſa nenhuma: Vê? Vê-me voſſa merce aqui? Pois ſupponha que me não vê.

Amf. Explica-te por huma vez, ſenão te matarei.

Polid. Homem, falla, não deſeſperes a teu amo.

Saram. Por obedecer, ainda que ſou nada, fallarei hum nónada. Eis-que partido eu para a noſſa caſa, com o recado de voſſa merce para a Senhora Alcmena, a primeira couſa, que encontrei, foi a noſſa cadella, que com o rabo começou a explicar a ſua alegria;

donde inferi, que ha creaturas, que tem a lingua no rabo.

Amf. Vamos adiante.

Saram. Atrás ha de ſer, que ficamos no rabo; e o como eſte ſeja ruim de eſfollar, agora o verá: foi-me a cadella guiando, porque eu hia cégo com o eſcuro da noite; achei a noſſa porta aberta, e ao querer entrar por ella, mo impedio hum vulto mui avultado.

Amf. E viſte quem era?

Saram. Sim, Senhor.

Amf. Conheceſte-o?

Saram. Sim, Senhor, conheci muito bem.

Amf. Pois quem era?

Saram. Era eu meſmo.

Amf. Pois tu eſtavas fóra, e dentro ao meſmo tempo?

Saram. Ahi he que eſtá o enigma.

Polid. Enigma parece na verdade!

Amf. Pois que te ſuccedeo com eſſe vulto?

Saram. Que me não quiz deixar entrar; houve luta de parte a parte, e por fim de contas alombou-me os oſſos muito bem com hum rebém.

Amf. Quem ſeria o attrevido, que te fez tal couſa?

Saram. A tal couſa fiz eu, que de medo me eſtava eſcorrendo.

Amf. Dize a verdade, ſe conheceſte quem foi?

Saram. Oxalá que o não conhecêra.

Amf. Pois quem foi, o que te deo?

Saram. Fui eu meſmo.

Amf.

Amf. Ha tal loucura! Pois tu déſte em ti meſmo?

Saram. Sim, Senhor; e não de qualquer ſórte, ſenão a cahir, a derrubar.

Amf. Pois não entraſte a fallar a Alcmena?

Saram. Como havia entrar, ſe mo impedirão?

Amf. Quem te podia impedir, velhaco, embuſteiro?

Saram. He neceſſario que lho diga muitas vezes? Não lhe diſſe já, que fora eu, aquelle eu; aquelle eu, que já lá eſtava primeiro do que eu; aquelle eu, que me diſſe, que eu não era eu; aquelle eu em fim, que deu muito murro neſte eu: *Heu mihi!*

Amf. Polidaz, eſte criado eſtá louco.

Polid. Eu aſſim o entendo.

Saram. Porém, Senhor, ſó huma differença achei neſte eu, e eu; e he, que o eu, que lá eſtava, era mais valente do que eu, que aqui eſtou.

Amf. Reſta-me que tambem perdeſſes a joia, que mandei déſſes a Alcmena.

Saram. Não, Senhor, ainda cá vem a joia; e ſe ella ſe tornaſſe em duas, como eu, que máo fora?

Amf. Iſto he alguma couſa! Não ſei o que diga, e nem o que me adevinha o coração! Vamos, Saramago, a caſa, que quero averiguar, que he iſto, que dizes; Polidaz, eſperai aquí, que já venho.

Polid. Não tardeis, que póde vir o triunfo, que foi preparar Tireſias.

Sa-

Saram. Oh queira Jupiter, que tu tambem lá aches outro Amfitrião, assim como eu outro Saramago, para que te não rias de mim! *Vai-se.*

Polid. Debaixo daquelle tronco hirei esperar a Amfitrião. *Vai-se.*

Desce Juno em huma nuvem, e nella virá pintado não só o arco Iris, mas em figura a Ninfa Iris. Canta-se o seguinte

C O R O.

O Iris da paz
He o Iris da guerra;
Pois hoje se encerra
No arco do Ceo
O arco do amor.
Mas contra o teu arco,
Amor, se prepara
Meu impio furor.

Repres. Juno. De que me val ser eu a Deosa Juno, e esposa de Jupiter, se este mesmo esposo, se este mesmo Jupiter com seus desordenados intentos procura eclypsar as luzes de minha soberania, tomando a fórma de Amfitrião, para lograr os favores de Alcmena: E assim para vingar-me de ambos, disfarçada nesta humana fórma, estorvarei a minha injuria, e o meu ciume. Oh que sacrilego he o tormento dos zelos; pois nem as mesmas deidades se isentão de seu furor!

Iris. Soberana Juno, parece improprio da tua divindade esse sentimento; e pois, ainda que disfarçada, sempre sou a Ninfa Iris, symbolo da Concordia, agora, mais que nunca, verás os effeitos de minha virtude, serenando com os meus influxos o diluvio de tuas penas.

Juno. Por seres a Ninfa Iris, por isso quiz, que

que me acompanhaſſes, que para a guerra do amor era neceſſario trazer comigo a paz; e aſſim como fiel ſubdita ſaberás ajudar-me neſte empenho do meu ciume; e pois o amor he tão cégo, como odio, tu que vives iſenta deſtas paixões, poderás, ſendo Argos da minha affronta, obſervar as falſidades de hum eſpoſo, que me offende.

Iris. Já com a eſperança pódes reſpirar menos ſentida; não te deſanimes, que ſuppoſto tenhamos contra nós todo o poder de Jupiter, amor nos dará induſtria para vencello; que o amor ſempre triunfou de todos os Deoſes.

Juno. Verá Jupiter os damnos, que preparo, deſvanecido o ſeu poder, e victorioſa a máquina de minha vingança.

Canta Juno a ſeguinte.

ARIA.

A hum eſpoſo fementido
Se caſtiga o ſeu intento,
E verá no meu tormento
Seu tormento; pois prometto
Em ſeu damno me vingar.
Saiba pois o como offende
Minha propria divindade,
Que dos zelos a impiedade
Até os Ceos ha de chegar. *Vai-ſe.*

SCE-

SCENA V.

Sala. Sahem Jupiter, Alcmena, Mercurio, e Cornucopia: Jupiter na fórma de Amfitrião, e Mercurio na de Saramago.

Alcmen. AMfitrião, ſe tão depreſſa havias tornar, para que vieſte? Melhor me fora não experimentar a breve alegria de te ver, ſe logo havia ſentir o mal de perder-te.

Jupit. Já te diſſe, querida Alcmena, que me he preciſo achar-me eſta manhã no Arrayal, para publicamente entrar triunfante neſta Cidade; com que não he juſto, que por hum breve retiro moſtres hum tal ſentimento. Ai, Alcmena, ſe tu me diſſeras eſſas finezas, não como a Amfitrião, ſenão como a Jupiter! *á parte.*

Alcmen. Vivo tão reſentida do mal da auſencia, que qualquer retiro, que faças, me ſobreſalta o coração.

Merc. Senhor, veja que já he tarde, e que nos pódem achar menos lá no campo.

Cornuc. Calte atiçador da candêa da eſquivança; tão tarde he iſto?

Merc. Não vês, que já os gallos cantárão?

Cornuc. Tambem ſe tu foras mais amante, outro gallo me cantára.

Jupit. Deixa-me ir, Alcmena, que são horas.

Alcmen. Se eſperas, que eu te deixe ir, nunca irás. Vai-te, mas não te deſpeças; pois ca-

cada inſtante, que te não acho, cuido, que te perco.

Jupit. Não ſei com que poderei pagar-te tanta fineza, e amor!

Alcmen. Eſte amor naſce da minha obrigação.

Jupit. Pois quizera, que eſta fineza naſcêra mais do reu amor, que da tua obrigação.

Alcmen. A obrigação de amar ao eſpoſo ſupéra a toda a obrigação.

Jupit. Pois mais te devêra, que me quizeras mais como a amante, que como a eſpoſo.

Alcmen. Não ſei fazer eſſa differença, pois não poſſo amar-te como a eſpoſo, ſem que te ame como a amante.

Cornuc. Ai, Senhora, que diz muito bem o Senhor Amfitrião, pois entre eſpoſo, e amante ha muita differença.

Alcmen. Tomára ſabella, que ainda a não encontrei.

Cornuc. Pergunte-o, Senhora, a meu marido Saramago, que tanto ſe deſpedio de amante para comigo, que apenas o encontro hum marido eſpurio: marido ſem ſer amante he o meſmo que corpo ſem alma; que importa, que o matrimonio ligue o corpo, ſe o amor não une as almas? Aquelles carinhos, aquelles affagos, aquelles melindres, aquelle vir o Senhor Amfitrião fóra de horas, ſó para apagar a chamma da ſaudade no mar de ſeu pranto, que he ſenão amor? Pelo contrario, eſtes deſpegos, eſtas ſequidões, eſtes focinhos, que

que me faz esse meu bom marido, que he senão ser marido sem amor?

Jupit. Cornucopia [illegible].

Cornuc. São os olhos de vossa mercê.

Merc. A velha todavia não he tolla: vamo-nos, Senhor, que tu totalmente amanheceo.

Alcmen. Ai, Amfitrião, que agora mais que nunca se póde dar á madrugada o epitero de saudosa. *Chora.*

Jupit. Não chores, meu bem; não queiras, que hoje amanheça o dia com duas auroras.

Cantão Jupiter, e Alcmena a seguinte

ARIA A DUO.

Jupit. Alcmena, enxuga o pranto,
Reprime o teu suspiro.
Alcmen. Oh quanto, amor, oh quanto
Me afflige o teu retiro!
Jupit. Não chores, não suspires.
Alcmen. Não, meu bem, não te retires.
Amb. Senão verás que acabo
A impulsos do penar.
Jupit. Cesse o liquido lamento,
Cesse tanto suspirar.
Alcmen. Vendo a causa do tormento
Mal me posso consolar.
Amb. Oh que afflicto suspirar! *Vai-se Jupit.*

Merc. Cornucopia, *vale*, *vel valete.*

Cornuc. Que me dizes com isso?

Merc. Que assim se vai, quem se despede em Latim. *Vai-se.*

Cornuc. Vai-te c'os diabos, nunca tu cá tornes.

Sa-

Sahem Juno, e Iris.

Juno. Aquella ſem duvida he Alcmena; entre pois a minha induſtria a vingar os meus zelos.

Iris. E he boa occaſião para o teu intento.

Cornuc. Senhora, que mulheres ſão aquellas, que entrárão, ſem pedir liçença? *Entra Juno.*

Juno. Não eſtranhes, Senhora, que ſem licença, eu, e eſta criada minha, entremos aqui, quando a juſtiça da minha cauſa rompe a immunidade do maior ſagrado. *Chora, e ajoelha.*

Alcmen. Levantai-vos, Senhora; mereça eu ſaber a cauſa do voſſo ſentimento, para ver ſe encontrais em mim o remedio de voſſas penas.

Juno. Para que melhor conheças o que padeço, quero informar-te de quem ſou: Junto ás eminencias do monte Olympo; em hum lugar apraſivel, aonde em perpétuos verdores habita a Primavera, naſcî; que provéra a Jupiter não naſcêra, para que não foſſe objecto da inconſtancia da fortuna. *Chora.*

Cornuc. Até aqui, Senhora, parece que tem razão; mas eu não ſei o que ella diz.

Iris. Até aqui vai bem. *á parte.*

Juno. Meus pais, que erão os mais illuſtres daquelle povo, vendo que eu era o unico ramo, que florecia na ſua deſcendencia, tratárão de dar-me eſtado decente á minha peſſoa; para o que hum dia me fallárão deſta ſórte: Feliſarda, (que eſte he o nome deſta infeliz....)

Cor-

Cornuc. Feliſarda ſe chama? Ai, Senhora, que galante nome, para ſe pôr a huma cachorrinha!

Alcmen. Proſegui, Feliſarda, que com attenção vos eſcuto.

Juno. Diſſerão-me, pois, que eſcolheſſe eu eſpoſo igual ás minhas prendas; porque ſendo a eſcolha minha, a nenhum tempo me poderia queixar. Havia no meſmo monte Olympo hum mancebo galhardo, poderoſo, e muito juvenil.

Diz Amfitrião dentro o ſeguinte, e bate.

Amf. Abrão lá.

Alcmen. Parece que batêrão; vai ver, Cornucopia, quem he.

Vai Cornucopia dentro, e torna a ſahir com Amfitrião, e Saramago.

Cornuc. Ai, que he o Senhor Amfitrião, que já veio!

Amf. Alcmena, minha bella eſpoſa, dá-me os teus braços, em quanto mudamente o coração com ſuſpiros explica o alvoroço de ſua alegriar

Alcmen. Que he iſſo, Amfitrião? Tão depreſſa vieſte?

Amf. Eſtranho muito o modo, com que me recebes; parece-te, que vim depreſſa, depois de tão larga auſencia? Oh que evidente indicio do pouco que me amas!

Alcmen. Não te entendo: tu pódes formar queixas contra o meu amor? Não viſte eſta madrugada em derretidos chryſtaes naufragarem os meus

meus olhos ? Tu meſmo, admirado do meu extremo, não julgaſte por exceſſiva a minha fineza ? Pois como agora me criminas de pouco amante ?

Amf. Que he o que dizes, Alcmena ?

Saram. Máo ! Já iſto me vai cheirando a raposinhos.

Alcmen. Digo, Amfitrião, que quando eſta noite tive a fortuna de ver-te, que foi incomparavel o alvoroço de meu coração, como tu bem viſte.

Amf. Como póde iſſo ſer, ſe eu ainda agora chego da campanha, e logo torno para ella, para triunfar ?

Alcmen. Iſſo meſmo me diſſeſte ; e por iſſo ao romper da manhã te auſentaſte, dizendo, que por mitigar a tua ſaudade, vieſte eſcondido a ver-me.

Amf. Parece, que Alcmena perdeo o juizo.

Saram. Ainda bem, quanto folgo !

Cornuc. Iſto me parece couſa de encanto !

Juno. Sem duvida eſte he Jupiter, que vem disfarçado em Amfitrião : pois não logrará o ſeu intento. *á parte.*

Iris. Se tão bem ſe ſabe disfarçar, difficultoſa he a noſſa empreza. *á parte.*

Amf. Alcmena, entendo, que eſtás galanteando.

Alcmen. Eſtas não são materias para galantear.

Amf. Ora pois, fallemos ſerio, Alcmena.

Alcmen. Amfitrião baſta de brinco.

Amf. Com que queres capacitar-me, que eſtive comtigo eſta madrugada ?

Al-

Alcmen. Com que queres negar-me, que eſtiveſte comigo eſta noite, antes de amanhecer?

Amf. Que dizes a iſto, Saramago?

Saram. Não te diſſe eu que havia cá outro Saramago? Pois por força havia de haver outro Amfitrião.

Alcmen. Que dizes a iſto, Cornucopia?

Cornuc. Senhora, iſſo não he couſa que ſe diga.

Amf. Alcmena, vê bem o que dizes.

Alcmen. Digo, que todos de caſa pódem ſer teſtemunhas da minha verdade. Dize, Cornucopia, tu não viſte á Amfitrião cá eſta noite?

Cornuc. Ai, Senhora, voſſa merce crê, que o Senhor Amfitrião falla de véras? Não vê, que eſtá galanteando? Sempre voſſa merce foi amigo deſſas gracinhas? Ora não ſeja maligno.

Amf. O' Cornucopia, eu não zombo.

Alcmen. Se não crês a Cornucopia, pergunta-o a Saramago, que comtigo tambem veio.

Saram. Eu, Senhora? Appello eu! Arre, que teſtemunho!

Cornuc. Tu não eſtiveſte aqui? Não ceaſte comigo eſta noite?

Saram. Eu ſou tão pouco cioſo, que nunca cei em minha vida.

Juno. Não ſei o que diga a iſto! Quaſi eſtou para crer, que o Amfitrião, que primeiro veio, ſeria Jupiter: Oh que notavel enleio! *á parte.*

Amf.

Amf. Quero apurar os meus zelos. *á parte.* Ora já que affirmas, que eu cá eſtive, dize-me, o que fiz?

Alcmen. Tão depreſſa te eſqueceſte?

Amf. Tudo podia ſer, elevado no goſto de ver-te.

Alcmen. Pois eu o digo, ainda que o ſaibas: chegaſte hontem ás dez horas da noite, e depois que em reciprocos carinhos nos abraçamos....

Amf. Eſpera: pois tu me abraçaſte! Oh que tormento! *á parte.*

Alcmen. Pois não te havia de abraçar, depois de tão larga auſencia?

Amf. Eu te perdoára neſſa occaſião os braços; e que fiz depois?

Alcmen. Contaſte-me, o como venceſte a El-Rei Teréla, ficando desbaratado, e morto; e por final me trouxeſte eſta joia, que era do elmo do meſmo Rei.

Amf. Que dizes? A joia tu a tens?

Alcmen. Vê-la aqui no meu peito, que a eſtimo, como couſa tua.

Amf. Não ha duvida, que he a propria, que eu mandei por Saramago: O' Saramago, onde eſtá a joia, que eu te mandei déſſes a Alcmena?

Saram. Cá a tenho na algibeira metida na caixinha, da meſma ſórte que voſſa merce ma entregou.

Amf. Moſtra-a cá, que eſta, que tem Alcmena, toda ſe parece com ella.

Sa-

Saram. Valha-te o diabo joia! Aonde eſtás, que não appareces? Hui, agora eſta he galante! *Faz que a buſca.*

Amf. Que he iſſo? Não a achas?

Saram. Eſpere, Senhor; aſſim ſe acha huma joia?

Amf. Aonde a meteſte, que tanto te cuſta dar com ella?

Saram. Atei-a na fralda da camiza, e agora....

Amf. E agora que?

Saram. Bolaverunt.

Amf. Que dizes?

Saram. Que não acho a joia; tenho dito.

Alcmen. Como ha de achalla, ſe tu ma déſte, Amfitrião?

Saram. Eſſa he a verdade: De fórte, que voſſa merce deo a joia á Senhora Alcmena, e então quer que eu lhe dê conta della? He mui boa conſciencia eſſa!

Amf. O' velhaco, tu tambem me queres deſeſperar? Tu não vieſte com a joia, para a dares a Alcmena?

Saram. Sim, Senhor; mas parece-me que ao depois voſſa merce ma pedio, para a dar á Senhora Alcmena, minha Senhora.

Amf. Cala-te, embuſteiro, que tudo iſſo são traças tuas; tu mo pagarás.

Juno. Pelo que agora vejo, entendo que eſte he o verdadeiro Amfitrião. *á parte.*

Iris. Senhora, em boa eſtamos metidas! *á parte.*

Amf. Dize, Alcmena, que mais paſſei comtigo depois da joia? Dize.

Alc-

Alcmen. Depois fomos cear, e dahi a deſcanſar.

Amf. E com effeito fomos a deſcanſar? Iſſo he delirio, Alcmena?

Alcmen. Tu perdeſte a memoria, Amfitrião? Tão depreſſa te eſqueceſte, do que ha tão pouco tempo paſſámos?

Amf. Ai de mim, infeliz! Que he o que ouço!

Alcmen. Que te ſuſpende?

Amf. Suſpende-me ſaber, o que não queria ſaber. *á parte.*

Alcmen. De que te entriſteces? Fiz algum delicto em te venerar como a eſpoſo?

Amf. Cala-te, traidora, inimiga, que não fui eu aquelle, que no venturoſo thalamo deſcanſou comtigo.

Juno. Sem duvida foi Jupiter: Ai de mim, que já vim tarde! *á parte.*

Cornuc. Eis-aqui como ſuccedem as deſgraças!

Saram. Eis-aqui como ſe mata huma mulher a ſangue frio!

Alcmen. Meu amor, meu eſpoſo, meu Amfitrião, não poſſo capacitar-me, ſenão que eſtás galanteando.

Amf. Minha inimiga, minha tyranna, minha desleal, não poſſo crer, ſenão que iſſo, que dizes, foi algum ſonho, que tiveſte.

Alcmen. Eſta joia tambem a poſſuhi por ſonhos?

Amf. Eſſe he o maior indicio da minha afronta.

Alcmen. Eſſa he a maior defeza da minha innocencia.

Juno. Eſſa he a maior evidencia do meu ciume. *á parte.*

Iris. Eſſa he a maior certeza da noſſa confuſão. *á parte.*

Cornuc. Eſſa he a maior teſtemunha de que eſteve cá.

Saram. E eſſe he o maior teſtemunho, que ſe levantou.

Alcmen. Vem, Amfitrião, a meus braços; náo creias os delirios da fantaſia.

Cantão Amfitrião, Alcmena, e Juno a ſeguinte

ARIA A 3.

Amf. Deſengana-me, tyranna,
Quando náo a minha pena,
Falſa Alcmena,
Te condemna
A morrer, e ſuſpirar.

Alcmen. Deſengana-te, tyranno,
Louco eſpoſo, fiel amante,
Que eu conſtante
Triunfante
Teu engano hei de moſtrar.

Juno. Quem cuidára, que acharia
Na vingança, que hoje trato,
O retrato
De hum ingrato,
Que me faz aſſim penar!

Amf. Teme, ingrata, a ira ardente.

Alcmen. Nada teme huma innocente.

Juno. Tudo teme huma infeliz.

Amf. e Jun. Que eu com zelos,

Alcmen. Que eu ſem culpa,

Tod.

Tod. O meu brio hei de oſtentar.
Amf. Mas ſe he certa a minha offenſa
Sem detença
Terei modo de a vingar.
Alcmen. De ameaço tão injuſto
Não me aſſuſto,
Pois o Ceo me ha de livrar.
Juno. Eu que tenho o deſengano
No meu damno,
Muito tenho que penar.
Amf. e Jun. Que dos zelos a violencia,
Alcmen. Que a innocencia
Tod. Ha de ſempre triunfar. *Vão-ſe.*

Cornuc. Saramago, que loucura he eſta do Senhor Amfitrião?

Saram. Quando vires as barbas de teu viſinho a arder, bota as tuas de remolho.

Cornuc. E a que propoſito dizes iſſo?

Saram. Antes que te reſponda, quero primeiro fazer-te a devida contumelia, depois de tão grande auſencia: moſtra cá, Cornucopia, eſſes retrocidos amplexos com eſſes fétidos oſculos.

Cornuc. Ainda tens atrevimento, patife, inſolente, de me fallares? Já te queres chegar para mim?

Saram. Quando deixei eu de querer-te, e adorar-te, querida Cornucopia?

Cornuc. Não te lembra, que me diſſeſte, que eu era feia, e horrenda?

Saram. Eu podia dizer tal, quando eſſa tua cara, ſendo o alcatruz do affecto, he o repu-

xo das almas, que eſgotando a fineza do peito, banha o coração de finezas, para regar a chicoria da correſpondencia?

Cornuc. Voſſê não ſe lembra hontem á noite os deſprezos, que me fez?

Saram. Ai, ai, ai, *chibarritum me fecit*! com que eu tambem eſtive cá hontem á noite?

Cornuc. O' lé, tu parece, que vens conluiado com teu amo, para nos fazeres deſeſperar?

Saram. Pois achas em tua conſciencia, que eu eſtive cá hontem á noite comtigo?

Cornuc. Tu cuidas, que eu ſou tão neſcia como a Senhora Alcmena, que ſe lhe mettêrão em cabeça os delirios do Senhor Amfitrião?

Saram. Certo he, que ati nada ſe te mete em cabeça; a mim mais depreſſa, que ſou o deſgraçado marido.

Cornuc. Ora anda, vai cozer a vinhaça.

Saram. Ora dize-me! tambem tiveſte cá o teu Saramago, como a Senhora Alcmena o ſeu Amfitrião?

Cornuc. Pois porque? Tão caſada não ſou eu, como ella?

Saram. Viſto iſſo, largaſte as vélas ao vento do amor?

Cornuc. Deixa deſpropoſitos, e vamos dar ordem a almoçar.

Saram. Deixa-me, inimiga, traidora, falſa, fementida, inſolente, que não fui eu o com quem te emſaramagaſte.

Cornuc. Que dizes, Saramago?

Saram. Digo, embuſteira, que ſe não fora por

ſe

ſe acabar iſto em tragedia, que aqui te eſpicharia na ponta deſta eſpada, pelas pontas que me puzeſte.

Cornuc. Porque me havias matar? Porque eſtive com meu marido?

Saram. Qual marido?

Cornuc. Tu meſmo.

Saram. O' mulher, eu ainda que ſeja homem de muitas partes, não poſſo eſtar em duas ao meſmo tempo.

Cornuc. Pois quem foi o que eſteve aqui? Salvo ſeria o diabo por ti.

Saram. Por ti, falſa, petulante; como queres, que ſendo eu ſimples por natureza, me ache agora compoſto por artificio?

Cornuc. Dizes iſſo de todo o teu coração?

Saram. Por ora ainda não; pois primeiro te quero fazer alguns interrogatorios, como fez meu amo á Senhora Alcmena. Dize-me: que fizeſte com eſſe eu, quando aqui chegou?

Cornuc. Abracei-o muito bem primeiro.

Saram. Vamos ao mais, que iſſo he bacatélla, bacatélla.

Cornuc. Depois lhe diſſe mil finezas.

Saram. *Ad aliud*, que iſſo nem vai, nem vem.

Cornuc. Depois lhe dei de cear muito bem, e de beber muito melhor.

Saram. Calla eſſa boca, atrevida, que já não quero ſaber mais; baſta que eſſe atrevido inſolente comeo, e bebeo o que eſtava guardado para mim?

Cornuc. Pois tu não havias comer, vindo cançado?

Se-

Saram. A que del Rei, que não fui eu, o que comi, que ainda eſtou em jejum : ai, que tenho o credito perdido!

Cornuc. Que diabo fallas aqui em credito perdido? Sabes com quem failas? A mim, que tenho a honra na ponta do meu nariz?

Saram. O teu nariz ſempre foi mui honrado; porém não te aſſoes, que te póde cahir a honra.

Cornuc. O' cão, como me póde a mim cahir a honra, ſe eu ſou o exemplo das honradas?

Saram. He verdade, Cornucopia, que me não lembrava; façamos as pazes: anda cá.

Cornuc. Agora tambem eu não quero.

Sabe Mercurio ao baſtidor.

Merc. Huma vez, que me vejo com a figura de Saramago, quero reveſtir-me do ſeu genio, para o fazer mais tonto do que he; e fazendo, que deſconheça a ſua propria mulher, tambem com iſto o detenho, em quanto labora o noſſo engano. *Vai-ſe.*

Saram. Já que não queres, que façamos as pazes, façamos as guerras; e já a minha furia vai tocando a degollar.

Cornuc. Que he o que intentas?

Volta com outra cara.

Saram. Arrancar-te o coração falſo, que tens no peito; mas que vejo! Com quem fallo eu? Ou eſta não he Cornucopia, ou eſtou ſonhando!

Cornuc. Pois que he o que dizes.

Saram. Nada minha Senhora, nada, não he com

com voſſa mercê; cuidei que fallava com minha mulher.

Cornuc. Pois eu não ſou tua mulher, Saramago?

Volta com a ſua cara.

Saram. Hui, ainda mais eſſa! Tambem és bruxa, que te mudas em varias fórmas? A que del Rei, que aqui deve de andar o diabo.

Cornuc. Saramago, perdeſte o juizo?

Saram. Perdi o que não tenho, e tenho o que perdi; pois ainda que tenho o credito perdido *quoad te*, o não perdi *quoad me*, para enſaboar nas eſcumas da minha cólera as nodoas da tua liviandade.

Cornuc. Que he o que dizes, atrevido?

Volta com outra cara.

Saram. Couſa nenhuma, minha Senhora; fallava com os meus botões. Aſſopra! *á parte.*

Cornuc. Pois que liviandades são as minhas?

Saram. Não fallemos em liviandades, que iſſo agora he mais pezado. Não vi ainda mulher com duas caras tão mal encarada! *á parte.*

Cornuc. Supponho, que já te paſſou a cólera, e que eſtás arrependido.

Saram. Quem ſe não ha de arrepender, vendo, que me ſahe tão cara a minha deſconfiança?

Cornuc. Não crês a minha innocencia? *Volta.*

Saram. Não ſe póde crer a gente de duas caras: com que voſſê, Senhora Cornucopia, he huma por diante, outra por detraz?

Cornuc. Eu ſempre ſou a meſma. Ora vem cá, meu querido Saramago dos meus olhos, façamos as pazes.

Sa-

Saram. Sim eu faço; mas ha de ſer partindo-te primeiro eſſe infernal corpo com eſta eſpada. *Foge Cornucopia.* Mas ai de mim, que fechou a porta! porem pela outra hirei ver ſe a encontro, para vingar a minha furia. Mas que vejo! Outro encontro melhor tenho no Sol deſta menina, que todo me faz derreter.

Sahe Iris.

Iris. A confuſão, que Jupiter tem feito neſta caſa, nos faz vacilar na incerteza de qual he o que veio primeiro, ſe elle, ſe Amfitrião! Porém o tempo o deſcobrirá.

Saram. Não deixei de reparar, quando entrei, na carinha deſta mochacha; e pois Cornucopia anda banzeira no mar da ſua inconſtancia, tranſportarei o meu amor na barquinha deſta belleza, até que ſerene a tempeſtade dos meus zelos.

Iris. E eſte he o criado de caſa; quero agora meter-me de gorra com elle, a ver ſe me deſcobre qual he o verdadeiro Amfitrião, para então conhecer, qual he o falſo, ou Jupiter, que tudo he o meſmo.

Saram. Para hum Soldado, que vem da Campanha, huma rapariga deſtas he hum cavallo na guerra; eu me reſolvo a marchar com todo o exercito de bichancros namoratorios: Cé, ó minha Senhora?

Iris. Quero deſdenhallo, para que querendo-me mais, ſe facilite a dizer-me o que pertendo. *á parte.*

Saram. Veſſa mercê ouve?

Iris.

Iris. Eu não ſou ſurda.

Saram. Nem eu mudo; e por não mudar de intento, quero me diga, de que genero he o ſeu caracter, para ver ſe a ſua peſſoa ſe póde adjectivar com o ſubſtantivo de minha qualidade.

Iris. Sou huma criada de voſſa mercê, e de Feliſarda, que aqui nos achamos por hoſpedas neſta caſa.

Saram. Com que voſſa merce era teuda, e manteuda neſta ſua caſa, e de mais a mais he criada da meſma ſervil natureza deſte ſeu ſervo? Não ſabe quanto me regalla iſſo.

Iris. Pois por que?

Saram. *Propter unumquodque tale, & illud magis.*

Iris. Não te entendo.

Saram. Eu cá me entendo; e poderemos ſaber, como ſe chama, em ordem a dizer-te depois: Suſpende os rigores, cruel, fulana, tyranna, ſicrana?

Iris. Quem tanto pergunta, he bom para Inqueredor.

Saram. Iſto he tirar huma devaſſa de quem me matou.

Iris. Pois quem te matou?

Saram. Tanto que te vi, forão os teus olhos huma morte ſubita do meu coração; mas antes que te diga o mais, dize-me o menos, que he o teu nome?

Iris. Ai! Chamo-me Corriola; que mais quer?

Saram. Nem tanto queria. Corriola! Máo agouro venha pelo diabo.

Iris.

Iris. Que te ſuſpende? Paſmou-te o meu nome?

Saram. A fallar verdade, cahio-me o coração aos pés, em ſaber, que te chamavas Corriola; pois a penas no jogo do amor começava a ſer taful da fineza, quando logo perco o cabedal da eſperança neſſa Corriola.

Iris. Bom remedio, não fallar comigo, nem tomar o meu nome na boca.

Saram. A bom tempo, depois de me ver cheio de amor até os olhos.

Iris. Pois deſnamore-ſe voſſa merce.

Saram. Porque? Iſſo eſtá nas mãos das creaturas? E ſe queres, que te não ame, desfaze eſſa belleza, engilha eſſe roſto, frange eſſa teſta, arregalla eſſes olhos, entorta eſſa boca, e faze-te geba.

Iris. Não me poſſo mudar em o que Deos me não fez.

Saram. Ah ſim? Pois eu tambem não poſſo deixar de querer eſſe roſto, que dá de roſto á neve; eſſa teſta, que téſta me inveſte; eſſes olhos, que me derão olhado; eſſa boca, que embóca delicias; eſſe corpo, que em corpo paſſeia na rua formoſa.

Iris. Que ſe ſegue dahi?

Saram. Que te amo, que te adoro, e que te quero.

Iris. Queres mais alguma couſa?

Saram. Mais quizera.

Iris. O que?

Saram. Que me correſpondeſſes tambem.

Iris. Iſſo agora hé deſaforo? Não teme a Deos hum

hum homem caſado, querer inquietar huma mulher ſolteira? Vá-ſe, antes que o deſengane de outro modo.

Saram. Pois ainda ha no Mundo outro modo de deſenganar mais claro, do que eſſe?

Iris. Pois ouça, ſenão o ſabe.

Canta Iris a ſeguinte

ARIA.

Vai-te logo rebolindo,
Tu me dizes iſſo a mim!
Tu a mim, a mim, a mim,
Porco, ſujo, bribantão?
Eu te juro, Saramago,
Que ſerás em teu eſtrago
O mais perfido aſneirão. *Vai-ſe.*

Saram. Ora eſtou bem aviado! Fujo de hum Tigre, e vou marrar com huma Serpente! Cornucopia com duas caras, ambas são aborrecidas, e nenhuma cara; e eſta tendo huma ſó, faz mil focinhos! Mas que remedio, ſenão ir pouco a pouco careando com carinhos aquella carinha?

SCENA VI.

Selva com reſpaldo de Palacio. Sahem Jupiter, e Mercurio.

Merc. ORa, Jupiter, tudo te ſuccedeo como querias.

Jupit. Mercurio, ſendo a idéa tua, por força o ſucceſſo havia de ſer igual.

Merc.

Merc. E agora que determinas?

Jupit. Hir continuando no meſmo engano; que a formoſura de Alcmena não merece hum ſó ſacrificio, nem o meu amor ſe contenta com qualquer triunfo.

Merc. Não vês, que já chegou Amfitrião da guerra, e póde Alcmena ſentir a cauſa deſte enleio?

Jupit. Para ahi reſervo o meu poder.

Merc. E ſe Juno vier a ſabello, como has de eſcapar do rigor da ſua condição?

Jupit. Mais póde Jupiter, que Juno; e eu farei, com que ella padeça o meſmo engano; pois ella não póde, ſenão o que eu quero, que ella poſſa.

Sahe Polidaz.

Polid. Anda, Amfitrião, que já tardavas, e já te eſpera o triunfo no Arraial.

Jupit. Mercurio, não he ſó Alcmena, a que ſe engana comigo.

Merc. Pois agora não ha mais remedio, que aceitares o triunfo, que era para Amfitrião.

Polid. Anda, Senhor, não nos dilatemos.

Jupit. Vamos, Polidaz, a triunfar. Mas que maior triunfo, que vencer os deſdens de Alcmena! *á part. Vão-ſe.*

Sahe Amfitrião.

Amf. Não he poſſivel encontrar a Polidaz, que aqui ficou de eſperar por mim: na verdade que tardei muito, e por eſſa cauſa ſe reſolveria o triunfo para outro dia; e não me peza, de que aſſim ſeja, pois quero primeiro triun-

triunfar dos meus zelos, para que completamente me poſſa chamar victorioſo. Ai Alcmena, que de ſuſtos me tens cauſado! *Vai-ſe.*

SCENA VII.

Sala Senatoria. Sahe Jupiter em hum carro triunfal acompanhado de muitos Soldados com alabardas, bandeiras arraſtadas, e Polidaz a cavallo; e atrás do dito carro birão alguns cativos maniatados; e no eſpaço em que vão andando, ao ſom, e repetição de tambores, e clarins, dirão repetidas vezes: Viva Amfitrião; *e já apeado Jupiter do carro, entrará com Mercurio, e Polidaz, e a mais comitiva de Soldados na dita Sala Senatoria, e nella eſtarão ſentados Tirèſias com outro Senador.*

Merc. NÃo ſó triunfou Jupiter de Alcmena; mas até do meſmo triunfo de Amfitrião fica ſendo triunfador. *á parte.*

Tireſ. Vem, esforçado Amfitrião, gloria de Thebas, e aſſombro do Mundo; vem, que ſerás novo ſimulacro do Templo de Marte, já que hoje lhe tributas tantos bellicos deſpojos, na celebre victoria, que de noſſos inimigos alcançaſte.

Jupit. Nada tendes que me agradecer, illuſtre Senado, pois o ſervir a Patria he mais obrigação, do que fineza. Perdoa, Amfitrião, uſurpar-te o laurel; que o amor, e a oc-

occaſião são dous inimigos muito poderoſos. *á parte.*

Hoverá dentro ruido, dizendo todos o ſeguinte.

Matron. Pára, pára, deixa entrar.

Tireſ. O' lá, que ruido he eſſe?

Polid. São as Matronas de Thebas, que vem feſtejar ao triunfador Amfitrião com o ſeu coſtumado applauſo.

Tireſ. Dizei, que entrem; que não he razão as privemos da ſua antiga poſſe, e a nós do goſto de vermos o ſeu feſtivo rendimento.

Sahem quatro Ninfas, huma dellas com huma coroa de flores, que porá na cabeça de Jupiter.

Matron. Esforçado Amfitrião, eu em nome das Matronas de Thebas te offereço eſta grinalda, ſymboliſando nas ſuas flores os teus triunfos, e a noſſa alegria; pois a beneficio do teu valor vivemos ſeguros nas delicias de Thebas.

Jupit. As flores deſſa grinalda, ó illuſtres Matronas, na minha eſtimação todas ſerão perpétuas.

Merc. E para Amfitrião martyrios; pois Jupiter lhe uſurpa todas as honras. *á parte.*

Dança as Ninfas, e depois diz Tireſias.

Tireſ. E para que felizmente ſe coroe Amfitrião, e ſe complete eſte triunfo, repeti comigo todos os vivas de Amfitrião; ſendo eu o primeiro, que principie ſeu bem merecido louvor.

Canta Tireſias o ſeguinte

RECITADO.

Repita, pois, o popular tumulto
Ao ſom das trompas bellicas de Marte

De

De Amfitrião valente o nobre applauſo,
Em quanto a Caballina inunda, e rega
Virentes lauros no bicornio monte,
Ou em quanto fecunda a terra cria
Nova gramma immortal para a coroa.

ARIA EM FÓRMA DE CORO.

Tireſ. A fama canora
Em jubilo alterno
Repita feſtiva,
Dizendo, que viva,
Tod. Viva, viva Amfitrião,
Novo Marte ſingular.
Tireſ. E a rama ſagrada
Na fronte animada
Adorne ſublime,
Felice coroe,
Pois que ſabe triunfar
Sempre altivo, e vencedor.
Tod. Viva, viva, Amfitrião,
Novo Marte ſingular.

Fim da primeira parte.

PARTE II.

SCENA I.

Sala. Sabem Juno, e Iris.

Juno. JA' que disfarçada me vejo introduzida em caſa de Alcmena, comece o veneno de meus zelos a inficionar a cauſa do meu ciume: chore a innocencia de Alcmena o delicto de Jupiter; porque tão disfarçado vive na fórma de Amfitrião, que nem toda a minha Deidade ſabe diſtinguir qual he o verdadeiro: ó Jupiter, para que me déſte a gloria de ſer tua eſpoſa, ſe me não livras deſte inferno de zelos?

Iris. Senhora, de vagar ſe vai ao longe.

Juno. Eu quizera, que foſſe depreſſa, e não de vagar, que o meu ciume não ſoffre dilações.

Iris. Eu tenho dado em boa traça, para averiguar qual he o verdadeiro Amfitrião, ou verdadeiro Jupiter.

Juno. E qual he?

Iris. O criado de caſa, tanto que me vio, entrou a pertender-me, e eu quero facilitar-lhe o ſeu amor, ſó por ver ſe me deſcobre algum veſtigio, por onde poſſamos conhecer a Jupiter.

Ju-

Juno. Approvo a tua idéa ; vai continualla , e não te dilates hum inſtante.

Iris. Vou a obedecer-te.

Sahe Tireſias.

Tireſ. Venho buſcar a Amfitrião , para dar-lhe os parabens do ſeu triunfo. Mas que vejo! Que novo aſſombro me ſuſpende os ſentidos!

Juno. Já que Tireſias na minha formoſura tanto ſe ſuſpende , elle ſerá o meio da minha vingança. *á parte.*

Tireſ. Ainda não ſei determinar-me , ſe he mulher , ou Deidade !

Juno. De que vos admirais ? Que ſemora vos ſuſpende os paſſos ?

Tireſ. Senhora , aſſim como não cabem na eſféra dos olhos as luzes de tanto Sol , aſſim da meſma ſorte ignorão os periodos mais rhetoricos ſignificar a cauſa da minha ſuſpenſão.

Juno. Se tanto ſabeis ſentir o affecto deſſa ſuſpenſão , porque não explicais a cauſa della ?

Tireſ. Que mais cauſa póde haver , que admirar em vós huma formoſura tal , que mais parece divina do que humana !

Juno. Baſta que tão formoſa vos tenho parecido ?

Tireſ. E tanto , que já o meu coração vai ſentindo a cauſa da voſſa belleza.

Juno. Bem vai para o meu intento. *á parte.* Dizei-me , que he o que ſente o voſſo coração ?

Tireſ. Sente o não ſentir mais , pois quizera com a vida pagar o delicto de vos adorar.

Juno. Pois o adorar he delicto ?

Tireſ. Dizem que amor he huma Deidade tão

inhumana, que até dos meſmos ſacrificios ſe offende.

Juno. Por não ter a nota de inhumana, não quero offender-me de voſſos ſacrificios.

Tireſ. Pois, Senhora, ſe elles vos não offendem, aceitaios.

Juno. He neceſſario primeiro averiguar ſe são verdadeiros.

Tireſ. Se a voſſa formoſura não he fabuloſa, como póde ſer o meu ſacrificio fingido?

Juno. Porque parece quaſi impoſſivel, que no meſmo inſtante, em que me viſtes, logo me quizeſſeis, e com tanto extremo, como publicais; e porque a nenhum tempo ſe diga que he ſofiſtico o voſſo rendimento, deveis moſtrar-me, como póde ſer inſtantaneo o voſſo amor.

Tireſ. Neuhuma duvida póde haver, que ao meſmo tempo, que vos viſſe, vos adoraſſe. Ver-vos, e amar-vos tudo foi ao meſmo tempo, ſem que houveſſe tempo entre o amar-vos, e o ver-vos. Para a formoſura triunfar, não he neceſſario tempo, ſobrão inſtantes. O tempo arruina os edificios, e a formoſura ſem tempo erige as aras para o ſeu culto, pois a todo o tempo ſabe vencer; por iſſo ſe pinta o amor com azas, pela ligeireza, com que fere os corações; por iſſo ſe pinta cego, porque cegou, depois que vio a formoſura. Como, para ſer amor, não neceſſita de viſta, vendou os olhos, para não ver mais; pois baſtava huma ſó inſpecção, para cegar de

amor.

amor. Em fim, Senhora, ſe o amor creſcêra com o tempo, não fora menino, fora gigante.

Juno. Baſta, já ſei que póde ſer verdadeiro o voſſo amor.

Tireſ. E pois o abonais de verdadeiro, fazei com que ſeja venturoſo.

Juno. E que dereis vós para conſeguir eſſa ventura?

Tireſ. Dera-vos o que já vos tenho dado.

Juno. Ignoro o que me déſtes.

Tireſ. Dei-vos a alma; já não tenho mais que dar-vos.

Juno. Eu a aceito. Como não ignorais, que o amor he guerra dos corações; para nella triunfares, haveis primeiro capitular comigo algumas propoſições.

Tireſ. Dizei, Senhora, que já toda a minha vontade tenho transferida aos imperios do voſſo preceito.

Juno. Pois attendei-me: Eu ſou Flerida, infeliz Princeza de Teleba, que disfarçada vivo aqui com o nome de Feliſarda. Já ſabeis como Amfitrião matou a meu pai ElRei Terêla, (Verei ſe com eſte engano logro o meu intento. *á parte.*) Morto aſſim meu pai, para vingar-me deſte barbaro homicida, vim á ſua propria caſa, para que aſſim mais facilmente pudeſſe executar a minha vingança, que procuro; e quando cuidei, que ſó Amfitrião era o que me offendia, acho que tambem Alcmena neceſſita de caſtigo, pois não

ha inſtante, em que não deſperte as frias cinzas do cadaver de meu pai com afrontas; de ſorte, que ſe Amfitrião lhe tyrannizou a vida, Alcmena tambem ſe arma homicida de ſua memoria: hum o offendeo de preſente, e Alcmena lhe infama a poſteridade; e vos confeſſo, que de tal ſorte me tenho enfurecido, que ſó para vingar-me deſtas injurias déra, ó Tireſias, o ſangue das veias.

Tireſ. Pois vêde que quereis que faça neſte caſo?

Juno. Quero que buſqueis modo de caſtigar a Alcmena, pois ſei que ſois o ſupremo Miniſtro deſta Republica; advertindo, que á minha conta fica o vingar-me de Amfitrião. Já ſabeis, que ſou Princeza hereditaria de Teleba; já ſabeis, que admitto o voſſo amor. Eſpoſa, e Reino tereis, ſe vingais minhas injurias.

Tireſ. Não pela cubiça de reinar, mas pela fortuna de ſer voſſo eſpoſo, me exporei a todo o riſco; proteſtando caſtigar a cauſa da voſſa offenſa.

Juno. Pois, Tireſias, não te acobardes.

Tireſ. Não ſe acobarda hum amor valente: porém ignoro o motivo, porque haja de caſtigar a Alcmena, cujo louvavel procedimento vive iſento do rigor das leis.

Juno. O tempo nos dará occaſião para a vingança. Adverte, que tens poder, e que tens amor; e vê agora, quem poderá iſentar-ſe de hum poderoſo amor? *Vai-ſe.*

Tireſ. Oh Deoſes ſoberanos; e que de couſas

em

em hum inſtante tenho paſſado! Vi, e amei; rendime a huma formoſura celeſtial, e prometti caſtigar a huma innocente! Mas quem ſe póde livrar do labyrintho de amor, pois o meſmo fio, que ſe inventou para o acerto, he o maior embaraço para a confuſão? Porém ſe Alcmena pelas virtudes merece premio, como poſſo eu prometter-lhe caſtigos? Mas ſe hei de conſeguir a delicia de Flerida, e a inveſtidura de Rei, em que reparo!

Canta Tireſias a ſeguinte

ARIA.

He tal a eſperança
N'hum peito amoroſo,
Que o bem duvidoſo
Alentos lhe dá.
Se em duvida o goſto.
Suſpende o gemido,
Hum bem poſſuido
Que gloria ſerá! *Vai-ſe.*

SCENA II.

Sala. Sabe Saramago.

Saram. BAtido de zelos, e combatido de amor ſe conſidera eſte pobre Saramago na preſente conjunctura. Cornucopia com dous Saramagos, e Corriola ſem nenhum! Pois não ha de ſer aſſim. Porém ellá cá vem; quero fingir-me mais amante, fazendo que a não vejo. Ai Corriola deſta alma, compadece-te de hum pobre Saramago, a quem a ardente canicula de teus repudios ſécca, e murcha a verde medúlla de ſua eſperança: ai, que me abraſo! Agua para tanto fogo!

Sa-

Sahe Iris.

Iris. Que he iſſo, Senhor Saramago? Agua vai com tanto fogo!

Saram. Ai! Deixa-me, Corriola, que tu és a cauſa deſte mal, que padeço.

Sahe Cornucopia ao baſtidor.

Cornuc. Ai! Que he aquillo, que vejo? Saramago, e a noſſa hoſpeda cochichando ſó, por ſó! Ouçamos, o que ſerá.

Saram. Corriola, iſto não he hum homem, que vio outro; ſou eu meſmo, que te amo até não mais.

Iris. Todos aſſim dizem, quando querem pertender.

Saram. Se todos aſſim dizem, que farei eu, que tenho em mim o amor de todos?

Iris. Olha, ainda que eu quéira amar-te, por Cornucopia o não faço.

Saram. Que ſe me dá a mim de Cornucopia? Não mo merece ella tanto.

Sahe Cornucopia.

Cornuc. Agora iſſo he deſaforo! O! minha menina, *occulum ruorum.* Faça-me favor de não inquietar os homens caſados, que eſtão em ſuas caſas. Ora o certo he, que *a caſa trae el hombre, com que llore.*

Iris. Eu não mereco iſſo a voſſa merce, porque ſou muito ſua veneradora.

Cornuc. Vá, vá ſervir a ſua ama, e deixe-me o meu marido.

Iris. Temo, que eſta velha ſeja o eſtorvo da minha pertenção. *á parte.* Vai-ſe.

Cor-

Cornuc. E voſſê, Senhor Saramago, tambem como gente namora com eſſa cara?

Saram. E voſſê, Senhora Cornucopia, tambem como gente quer ſer zeloſa com duas caras?

Cornuc. Pois cuidava, que eu não havia de ver o que voſſé faz?

Saram. Que? Tu tens razão para ter zelos de mim, ſe eu não ſou teu marido Saramago, ſenão aquelle, que cá eſteve, a quem deſte de comer, e de beber?

Cornuc. Não ſejas tonto; não queiras com eſſe deſaforo encobrir a tua pouca vergonha.

Saram. Com que voſſê quer eſtar comendo Saramago a dous carrilhos, e Corriola que fique em jejum!

Cornuc. Se não viera alli a Senhora Alcmena, eu te reſpondêra melhor.

Sahe Alcmena.

Alcmen. Que intentaſſe Amfitrião perſuadir-me, que elle não era o proprio, que comigo eſteve! Sem duvida, que a ſaber de certo, que fallava de veras, perdêra os meus ſentidos, e tambem a paciencia.

Cornuc. Senhora, iſſo ſenão mete em cabeça de mulher: quem duvida, que o Senhor Amfitrião vinha amaſſado com eſte magano de meu marido, para nos fazerem doudas?

Alcmen. Tambem tu me queres fazer deſeſperar?

Saram. Os deſeſperados ſomos nós; porque viemos ſem ſer eſperados.

Cornuc. Calate, embuſteiro.

Alcmen. Ai, cala-te, perro.

Sa-

Saram. A iſto he que ſe chama ſobre affronta; aperreação.

Sahem Jupiter, e Mercurio ao haſtidor, aquelle na forma de Amfitrião, e eſte na de Saramago.

Merc. Jupiter, adverte que Amfitrião já veio, e agora he neceſſario maior induſtria, para fingir, e deſfazer o que fez Amfitrião.

Jupit. Se ſabes, Mercurio, que ſou Jupiter, para que me encomendas iſſo? Vai-te para eſſoutra ſalla, e impede que não entre Amfitrião.

Merc. Eu te obedeço. *Vai-ſe.*

Jupit. Querida Alcmena, parece-me, que tu eſtás mal comigo.

Alcmen. Ingrato eſpoſo, cruel Amfitrião, para que me dás agora o nome de querida, ſe tão enfurecido te auſentaſte de mim, querendo affirmar, que não eras tu, o que tinhas eſtado comigo? Que termos são agora eſtes tão differentes?

Jupit. Foi preciſo ao meu amor, dizer-te que não era eu.

Alcmen. Pois para que fim?

Jupit. Só para que te irritaſſes comigo, para que ao depois podeſſemos entre nós fazer as pazes; porque o amor he como a Fenix, que para renaſcer mais bello, he preciſo que de quando em quando ſe abraze nas chammas de hum arruſo.

Cornuc. Não o diſſe eu, Senhora? Voſſa merce não quer acabar de entender que eu tenho meus laivos de feiticeira? Meu Senhor Amfi-

fitrião, eu ſempre dizia que voſſa merce eſtava zombando. *Para Amf.*

Alcmen. Daquella ſorte não ſe coſtuma zombar.

Cornuc. Tinha bem que vêr, que era zombaria. Voſſa merce não vio que o Senhor Amfitrião eſtava piſcando os olhos?

Jupit. Vês, Alcmena, como Cornucopia logo penetrou a minha idéa? Pois dize-me: quem havia de ſer, ſenão eu?

Saram. Agora iſſo he mais comprido? Com que voſſa merce, Senhor, diz que eſteve cá primeiro, do que aquelle, que cá eſteve?

Jupit. Calate louco, que eu fui o meſmo que eſtive cá.

Saram. E quem foi o que trouxe á Senhora Alcmena a joia, que eu tinha na algibeira.

Jupit. Fui eu, que ta tirei, ſem tu ſentires.

Saram. Pois pata que me fez ſentir tantos murros, quantos me deo pela joia?

Jupit. Se eu queria fingir, tudo iſſo havia eu de fazer.

Saram. Tudo iſſo eſtá muito bem: mas digame, quem era aquelloutro eu, que cá eſteve primeiro do que eu vieſſe?

Cornuc. Eis-aqui, Senhor, a teima que tem tomado eſte maganó de meu marido, dizendo que tambem elle cá não eſteve; e não ha quem lhe tire iſſo da cabeça!

Saram. Ai, filha, que da cabeça ninguem póde tirar-me, o que nella ſe me metteo.

Cornuc. Ainda teima?

Saram. Ainda teimo, e reteimo; juro, e reju-

ro; digo, e redigo, que eu, antes de cá vir, já cá eſtava; e quando eu cuidei, que era ſingular, me achei poſto no plural; de ſorte; que ſendo eu muito apenas hum, agora para mais penas me vejo partido em dous.

Jupit. Cala-te, que não ſabes o que dizes; anda, vai-te, e dize a Polidaz, que me venha fallar, que importa.

Saram. Eu vou; mas queira Jupiter que tu te deſenganes. *Vai-ſe.*

Jupit. Ora, Alcmena, baſta de enfados; anda já a meus braços.

Alcmen. Não te canſes, que não quero eſpoſo, que com aſtucias fingidas vem averiguar a minha honeſtidade.

Jupit. Eſtou perdido! Alcmena, te enganas, que iſſo não foi para experimentar-te.

Alcmen. Não queiras agora remediar com táo frivolas deſculpas o teu delicto, e a tua grande imprudencia.

Cornuc. A verdade he, Senhor, que voſſa merce eſcandaliſou muito a Senhora minha ama; arrenego eu de quem táo bem ſabe fingir! Em fim, lá ſe avenhão, que eu aqui não ſou pêga, nem gavião. *Vai-ſe.*

Sahe Juno ao baſtidor.

Juno. Se ſerá eſte Jupiter, que ſegunda vez repete a ſua fineza, e a minha offenſa? Mas ſe elle, como Deidade, ſabe enganar os meus olhos, eu, que tambem logro a meſma prerogativa, uſarei do meſmo engano. Alcmena os Deoſes te guardem. *Sahe Alc-*

Alcmen. Vem, Feliſarda, embora, a ſer teſtemunha, de que Amfitrião diz ſer zombaria, quanto affirmou eſta manhã não ſer o proprio.

Juno. Jupiter he ſem duvida, que virá a desfazer, o que fez Amfitrião. *á parte.*

Alcmen. Que te parece, Feliſarda, aquelles enfados, e eſta confiſsão?

Juno. Iſſo póde ſer? Já ſe deſdiz, do que com tantas veras affirmou? Certamente, que ſe fora comigo, nunca mais eu o tornaria a ver; pois deo a entender não menos, que violavas a ſua fé.

Alcmen. Iſſo he o que mais me eſcandaliza, Feliſarda.

Jupit. Não he juſto, Senhora Feliſarda, que tambem vos ponhais da parte da minha deſgraça.

Juno. Ah traidor! *á parte.*

Jupit. E aſſim vos peço, Senhora, que intercedais com Alcmena, para que me perdoe; que ſó a fim de alcançar o perdão, quero já confeſſer-me culpado.

Juno. Ainda iſſo me faltava! Pedir-me, que dè armas contra mim! *á parte.*

Jupit. Só vós podereis acabar com Alcmena, que ácabe o rigor para comigo.

Juno. Não ſejais importuno, que o voſſo delicto nenhum perdão merece; pois eu não ſendo Alcmena, a quem offendeſtes, de ſórte me tendes eſcandaliſada, que a ſer poſſivel vos deſterrára daqui, para não ſeres mais viſto.

Alcmen. Bem hajas, Feliſarda, que ſentes as minhas offenſas, como propriamente tuas.

Can-

Canta Jupiter a ſeguinte Aria; e

RECITADO.

Já que em tanto tormento não alcanço
Alivio, neſte apocrifo delicto
A quem recorrerei, miſero amante?
A quem recorrerei? A quem, Alcmena,
Senão ao puro archivo de meu peito,
Onde os extremos meus, e os meus ſuſpiros
Finalmente exhalados
Poderáõ commover as duras penhas,
E os aſperos rochedos!
Que talvez neſſa barbara aſpereza,
Ache menos rigor, menos dureza.

ARIA.

Pois, tyranna, não te abranda
De meu peito a amarga pena,
Dize, ingrata, eſquiva Alcmena,
Que farei por te abrandar?
A teu idolo adorado
Meu affecto já proſtrado
Toda a victima de huma alma
Sacrifica em teu altar.

Alcmen. Baſta, Amfitrião, que já compadecida te perdoo; pois ſei, que todos os teus erros naſcem de amor.

Jupit. Folgo que os conheças; vamos, Alcmena. *Vão-ſe.*

Juno. Eſpera: aonde vás, traidor eſpoſo? Mas ai de mim, que ſó vim a ſer teſtemunha de meus zelos! Oh quem ſe poderá declarar agora! Mas ſe me declaro, temo que Jupiter irado intente outros abſurdos maiores; pois vin-

vingarme-hei diſſimulando a dor, para publicar o eſtrago. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Ante-Sala. Sahe Mercurio.

Merc. NAõ ſei já quando Jupiter ha de pôr fim a eſtes amores de Alcmena, pois lembra-me, que nunca taes extremos fez por Europa, Danae, e Leda! Sem duvida eſta lhe cahio mais em graça?

Sahe Amfitriaõ.

Amf. Querer-me perſuadir Alcmena, que eſtive com ella, antes de eu cá chegar, ou he grande malicia, ou grande ſimplicidade; e ſe não he nada diſto, não ſei o que poſſa ſer!

Merc. Aonde vai voſſa merce? Quem buſca neſta caſa?

Amf. Saramago, não me conheces? Eſtás louco?

Merc. Pois eu eſtou obrigado a conhecer todo o genero humano?

Amf. Não conheces a teu amo? Que deſproposito he eſſe?

Merc. Eu não conheço por meu amo ſenão ao Senhor Amfitriaõ.

Amf. Pois quem ſou eu?

Merc. Eu ſei quem he, nem quem devia ſer? Que me importa a mim iſſo?

Amf. Ha criado mais deſaforado no Mundo? Guarda-te dahi, deixa-me entrar.

Merc.

Merc. Que quer dizer entrar? Aſſim ſe entra na caſa alheia?

Amf. Homem, tu não ſabes quem eu ſou?

Merc. Pois quem he voſſa merce? Diga como ſe chama?

Amf. O' atrevido, tu zombas?

Merc. Oh, chama-ſe atrevido? Pois fique-ſe embora com o ſeu atrevimento, que não ha licença para cá entrar. *Vai-ſe.*

Amf. Eſpera, inſolente; mas elle fechou a porta: e quem ſe vio em maior confuſão, pois até o meu proprio criado me deſconhece!

Sahem Saramago, e Polidaz.

Amf. Eſperem, que elle torna a voltar: anda cá, velhaco, que eu te enſinarei, como has de fallar com teu amo. *Dá-lhe.*

Saram. A que del Rei, Senhor, porque me dá voſſa merce?

Amf. Ainda me perguntas, porque te dou? Toma, velhaco. *Dá-lhe.*

Saram. Iſſo he hum toma com dous te darei: Senhor Polidaz, acuda-me, ſenão hojé ſe acaba aqui a ſemente dos Saramagos.

Polid. Tende mão, Amfitrião.

Saram. Não lhe diga, que tenha mão; que iſſo tem elle a deſançar.

Polid. Porque cauſa caſtigais a Saramago?

Amf. Polidaz, perdoai-me; que cego da paixão não reparei, que eſtaveis aqui.

Polid. Pois que vos fez Saramago?

Amf. Eu não me atrevo a dizello; quero que elle meſmo vo-lo diga.

Po-

Polid. Saramago, que fizeſte a teu amo?

Saram. Meu amo, que lhe fiz eu?

Polid. Ati he que eu to pergunto; dize.

Saram. Senhor Polidrálho, eu não me lembro, que lhe fizeſſe couſa alguma.

Amf. Iſto me deſeſpera: já te não lembra? Pois leva para que te lembres. *Dá-lhe.*

Saram. A dar-lhe, a dar-lhe, outra vez; ora baſta, ſenão olhe que hei de reſiſtir á juſtiça.

Polid. Ora ſaibamos já, que caſo he eſte?

Amf. Que ha de ſer, Polidaz? Chegar agora aqui, e eſte maganão impedir-me a entrada da porta, e dar-me com ella nos narizes, depois de me reſponder varias liberdades.

Saram. E quando foi iſſo?

Amf. Agora, agora neſte inſtante; já te eſquece?

Polid. Eſperai, que iſſo não póde ſer, porque Saramago veio comigo de minha caſa, aonde me foi chamar da voſſa parte.

Amf. Eu por ventura mandei chamar a Polidaz?

Saram. Ui, Senhor, voſſa merce não ſe lembra, quando eſtava com a Senhora Alcmena, não haverá elle hum quarto de hora? E por final que eſtava ella muito agaſtada com voſſa merce, porque voſſa merce negou, que voſſa merce eſtivera com ella; e tanto aſſim, que voſſa merce proſtrado, e rendido, lhe pedio mil perdões.

Amf. Callate, Saramago, que não quero ainda fazer patente a minha affronta, ſem averigual-la primeiro. (Aſſim evitarei, que eſte criado

a patentee aqui. *á part.*) Polidaz ; ide-vos ; que por ora vos não poſſo fallar ; eu vos avi-ſarei , quando ha de ſer.

Saram. Eſcute ; eſcute , e por ſinál que voſſa merce eſtava com a Senhora...

Amf. Calte , cálte , Saramago , que importa aſ-ſim. Polidaz , ide-vos , que em outra hora ſerá.

Polid. Deos vos guarde. Amfitrião parece que tem alguma grande pena , pois que tão afflicto eſtá ; ſe he o que eu cuido , razáõ tem.. *á part. Vai-ſe.*

Amf. Com que eſſo , que lá eſtava , mandou por ti chamar a Polidaz ?

Saram. Não lho diſſe já huma vez ?

Amf. E parecia-ſe comigo ?

Saram. Pois voſſa merce não ſe ha de parecer comſigo ?

Amf. Saramago , affirmo-te que não fui eu o que lá eſteve.

Saram. Como não , Senhor , ſe eu o vi com eſtes olhos rameloſos ?

Amf. Eſtarás allucinado.

Saram. Senhor Amfitrião , o que lhe digo hé , que trate de ſe deſpicar , já que ſe acha tão bem armado.

Amf. Por certo que me não faltão brios , e armas.

Saram. Sim , Senhor , brios , armas , e armações , não nos faltão.

Amf. Porém , em que me detenho , que não vou já caſtigar a cauſa de minha offenſa ?

Saram. Não póde ſer , que a porta eſtá trancada.

Amf.

Amf. Arrombarei a porta, ainda que ſeja de bronze; ajuda-me, Saramago.

Saram. Metamos a porta dentro, e vá pela porta fóra eſte magano: vamos, Senhor, a inveſtir eſtes inimigos da noſſa honra. Leve voſſa mercê a ponta direita do exercito, como mais valente, que eu levarei a eſquerda: toque, pois, a inveſtir o clarim do deſpique: *ſtrepuere cornua cantu.*

Amf. Lá vai a porta dentro.

Saram. Lá vai o couce da porta com hum couce de Saramago.

Fazem eſtrondo, e ſahe Jupiter.

Jupit. Quem he o atrevido, que ouſa a fazer tão grande eſtrondo na minha caſa? Mas que vejo! Eſte he Amfitrião! *á parte.*

Amf. Que he o que eſtou vendo! Outro eu aqui!

Jupit. Toda a minha divindade parece, que titubea irreſoluta no que ha de fazer. *á parte.*

Amf. He caſo fóra da ordem natural, eſtar eu vendo outro Amfitrião tão ſemelhante a mim!

Saram. Ficárão paſmadinhos, olhando hum para o outro; e com razão, que o caſo he para paſmar.

Jupit. Que te admira? Que te ſuſpende? Se eſtás acaſo arrependido deſſa deſatenção, que em minha caſa fizeſte, eu te perdoo, pois ſem duvida erraſte a porta.

Amf. Barbaro, inſolente, não he paſmo eſta ſuſpensão, he ſim admirar o teu inſulto, e excogitar hum novo caſtigo a tanta temeridade.

Saram. Eſperem, Senhores Amfitriões; antes que ſe matem hum ao outro, deixem-me chamar quem os aparte: O' lá de dentro, venhão a aparar o ſangue, que ſe matão dous novilhos.

Sahe Alcmena.

Alcmen. Que alboroto he eſte, Amfitrião?

Amf. Com quem fallas, tyranna, e fementida traidora?

Alcmen. Meu eſpoſo, meu bem, que te fiz eu!

Jupit. Que he iſſo, Alcmena? Tu tens outro eſpoſo ſenão eu?

Alcmen. Agora reparo; que he o que vejo!

Amf. Que vês, tyranna?

Jupit. Que vês, aleivoſa?

Alcmen. Suſpendei a ira, que ſem razão me criminais; pois confuſa entre tanto enleio, não ſei diſtinguir, qual de vós he o verdadeiro Amfitrião; e aſſim para que não chegue a offender a quem por obrigação devo amar, vos rogo me digais, qual de vós he o meu eſpoſo?

Jupit. e Amf. Sou eu.

Alcmen. Ambos, como póde ſer?

Jupit. e Amf. Não, Alcmena, ſou eu ſó.

Alcmen. Se ambos affirmais que o ſois, venho a entender, que nenhum de vós he meu eſpoſo.

Saram. Eſſa he a verdade, Senhora Alcmena, que nunca ſe vio huma galinha para dous galos.

Sahem Juno, e Iris.

Juno. Alcmena, venho a concluir a minha hiſtoria.... Mas ai de mim! Que vejo! Jupiter, e Amfitrião ſão eſtes; porém tão parecidos, que os não ſei diſtinguir. *á parte.*

Alcmen. Feliſarda, com juſta cauſa te admira, ſe bem que huma ſó admiração não baſta para eſte tão extraordinario caſo.

Iris. A' viſta deſta confuſão bem podemos dellas maiar na noſſa empreza.

Amf. Quem ſe vio em maior labyrintho!

Juno. Quem ſe vio em maior conſternação!

Sahe Cornucopia.

Cornuc. Eſtará aqui o Senhor Amfitrião?

Jupit. e Amf. Que quereis?

Cornuc. Ui! Que he iſto? A que del Rei; iſto he feitiçaria!

Saram. Calate tolla; eis-aqui como me acho eu *verbis illis.*

Cornuc. Que he iſto, Senhora, que vejo? Dous Amfitriões não menos?

Saram. Has de dizer dous maridos não mais?

Jupit. Alemena, vamos para dentro, que eu prometto caſtigar eſſe fingido traidor.

Amf. O que eu hei de dizer, dizes tu? Tu he que és o fingido, e traidor.

Jupit. Eſtá bem; anda Alcmena.

Amf. Alcmena, anda comigo, que o teu eſpoſo ſou eu.

Saram. Parece-me iſto o jogo do arreburrinho. *á parte.*

Jupit. e Amf. Vamos, Alcmena.

Cada hum pelo ſeu braço ao lado puxando por Alcmena.

Alcmen. Juſtos Deoſes, quem ſe vio em maior confusão!

Jupit. Ainda recuſas ir comigo?

Amf. Ainda reſiſtes a acompanhar-me?

Alcmen. Eu não poſſo ſer de dous ao meſmo tempo.

Saram. Partilla em dous pedaços, e cada hum leve o ſeu taçalho.

Amf. Alcmena ha de vir comigo a pezar de toda a reſiſtencia.

Jupit. Tu te atreves a reſiſtir-me? Vem, Alcmena.

Alcmen. Felizarda, que farei neſte caſo?

Juno. Eu to digo. Já que eſtes Senhores ambos dizem que são teus eſpoſos, o que não póde ſer, ſenão hum ſó; neſte caſo, por não fazer equivoca a eleição, a ambos deſprezará, até ver qual delles he o verdadeiro Amfitrião.

Cornuc. Deu no trinco a Senhora Feliſarda.

Amf. Pois, Alcmena, que determinas?

Alcmen. Eu não hei de ſeguir a nenhum, porque nenhum ſe offenda.

Amf. Logo tu, tyranna, crês que eu não ſou o verdadeiro Amfitrião?

Jupit. Logo tu, inimiga, te perſuades, que o verdadeiro Amfitrião não ſou eu?

Alcmen. Porque ambos dizeis, que ſois verdadeiros, por iſſo algum de vós ha de ſer fingido.

Ju-

Jupit. e Amf. O fingido he eſte. *Aponta hum para o outro.*

Juno. Alcmena, faze o que te digo, e deixa eſſes loucos.

Amf. Eſperai, que logo moſtrarei qual he o verdadeiro Amfitrião.

Alcmen. De que ſorte?

Amf. Matando a eſte traidor.

Saram. Iſſo he que com a morte tudo ſe acaba.

Jupit. Se me pertendes matar, não ſeja aqui dentro de caſa; vamos para fóra, e lá verás como caſtigo a tua inſolencia.

Amf. A minha cólera não eſpera por dilatações; aqui meſmo ha de ſer o teu caſtigo, para que ſe banhe o roſto de Alcmena com os ſalpicos do teu ſangue.

Saram. Tomára ella mais eſſa untura na cara.

Jupit. Já te entendo: queres brigar dentro de caſa, para que te acudão as mulheres? Pois não ha de ſer aſſim.

Cantão Jupiter, Amfitrião, Alcmena, e Saramago, e ao meſmo tempo, puxando pelas eſpadas, briga Amfitrião com Jupiter, e Alcmena cantando procura juntamente apartallos.

ARIA 4.

Jupit. Traidor fementido,
Teu juſto caſtigo
Não buſques na caſa.
No campo o verás.

Amf. Traidor inimigo,
No campo, e na caſa

Teu juſto caſtigo
Cobarde acharás.

Saram. Armou-ſe a pendencia?
Pois eu neſte canto
Me quero agachar.

Alcmen. Eſpoſo, ſuſpende
Teu impio furor. *Para Amf.*

Amf. Aparta, inhumana.

Jupit. Que dizes, tyranna?

Alcmen. Eſpoſo, ſuſpende
Teu impio furor. *Para Jupit.*

Saram. O demo da tolla
Só ſabe dizer:
Eſpoſo, ſuſpende
Teu impio furor. } *Em falcete.*

Amf. e Jupit. Traidor fementido,

Amf. Na caſa,

Jupit. No campo,

Amf. e Jupit. Teu juſto caſtigo
Cobarde acharás.

Amf. Vem a ver o teu eſtrago

Jupit. Vem a ver o meu impulſo.

Saram. Eu por mim já eſtou ſem pulſo.

Alcmen. Contra mim voltou a ira;
Porque quem afflicta expira
Já não teme de acabar.

Deſmaia Alcmena nos braços de Juno.

Cornuc. Ai, que ſe deſmaiou a Senhora Alcmena! Eis aqui o que voſſas mercês fizerão com os ſeus deſafios.

Jupit. Deſmaiou-ſe Alcmena!

Amf. Alcmena com deſmaio!

Cor-

Cornuc. Sim, Senhores, e com hum deſmaio bem grande.

Saram. Não ſe aſſuſtem, que não he couſa de cuidado; he hum deſmaio accidental.

Jupit. Felizarda, em quanto vou buſcar-lhe o remedio, tem cuidado na ſaude de Alcmena. *Vai-ſe.*

Amf. Até eſſa piedade me offende: eſpera, traidor, aleivoſo, que ainda que fique Alcmena nos ultimos parociſmos da vida, hei de ſeguir-te; pois primeiro eſtá a minha vingança. *Vai-ſe.*

Saram. Senhora Felizarda, não conſinta, que a Senhora Alcmena torne a ſi do deſmaio, que eu lhe vou buſcar hum remedio, para tornar a ſi.

Cornuc. Que remedio he, Samarago?

Saram. He agua de flor de ſabugo, que meu amo agora deſtilou pelo lambique da téſta. *Vai-ſe.*

Juno. Que haja eu de ſer compaſſiva por força com quem me offende! Oh que ventura ſeria a minha, ſe tu, Alcmena, deſſe letargo nunca tornaſſes! *á parte.*

Iris. Se te cahio nas máos, quem te offende, vinga-te agora.

Juno. Ha de ſer mais patente a minha vingança.

Cornuc. Olhem que eſtá bem metida no deſmaio! Ah Senhora? Qual! Eu cuido, que ella eſtá morta.

Juno. Não fora eſſa a minha ventura. *á part.*

Cor-

Cornuc. O' minha Senhora? O' minha menina?

Alcmen. Ai de mim infeliz!

Cornuc. Alviçaras, que já tornou a si.

Juno. Ai de mim infeliz tambem; pois quando tu tornas de hum desmaio, eu entro em outro! *á parte.*

Alcmen. Felizarda, Cornucopia, que he isto? Aonde estou eu?

Cornuc. Estás neste Mundo, podendo estar no outro.

Alcmen. Em que parou o desafio desses dous Amfitriões?

Juno. Forão-se, vendo-te desmaiada.

Alcmen. E sabes se hirião a proseguir o desafio.

Juno. Ainda te dá cuidado a vida de dous aleivosos?

Alcmen. Não vès que sempre hum delles ha de ser verdadeiro, e por isso sempre interesso na vida de hum delles?

Cornuc. Deixemos isso, Senhora, que eu confio em Jupiter, que elle ha de aclarar este enigma; e agora que estamos sós, era razão que a Senhora Felizarda acabasse a historia da sua peregrinação, que estou rebentando para ver-lhe o fim.

Alcmen. Será em outra occasião, que por ora não quero saber mais de penas, que á vista desta historia da minha vida nenhuma outra pode competir.

Cornuc. Ai, Senhora, deixe-a contar, que já lhe faltava pouco; e por final que ficou a his-

hiſtoria onde dizia: hum mancebo muito juvenil.

Alcmen. Não faltará tempo para iſſo. O' Deoſes, quando terão fim os meus males? *Vai-ſe.*

Juno. Vai-te, tyranna, occaſião de minhas penas, que eu te juro, que os teus males não terão fim, por mais que o queirão os Deoſes. *Vai-ſe.*

Iris. Se Jupiter a defende, ſerão baldados os teus intentos. *Vai-ſe.*

Cornuc. Pois tinha tal vontade de ſaber o fim da hiſtoria deſta mulher, que ſe eu eſtava prenhe, não deixava de mover; que a meu ver ha de ſer galante hiſtoria; porque a tal mulher he muito perliquiteta, e muito entremetida; de ſorte, que não havendo hum dia, que eſtá neſta caſa, já nos quer governar, e com tudo ſe quer meter.

Sahe Mercurio.

Merc Venho com cuidado, ſe ſe encontraria Jupiter com Amfitrião, que ſeria hum encontro mui deſgraçado; porém peior encontro he o meu com eſta velha; tomara-me ir ſem que ella me veja. *á parte.*

Cornuc. Aonde vás, Samarago! De quem foges? De quem te eſcondes?

Merc. Peſcou-me, não tem remedio.

Sahe Saramago ao baſtidor.

Saram. Agora me ordena hum de meus amos, que venha ſaber ſe Alcmena tornou do deſmaio; porém máoxas que eu torne com a reposta: Mas eſperem voſſês, que lá vejo ou-

tro Saramago naſcido na minha horta: mas eu lhe arrancarei as raizes.

Cornuc. Dize-me: porque fugias de mim? Que mal te tenho eu feito? Aſſim pagas o meu amor?

Saram. Ai, que a mulher faz venda do ſeu amor, pois quer que lho paguem.

Merc. Não ſejas deſconfiada; que ſe eu te não quizer, quem te ha de querer com eſſa cara?

Cornuc. Ui! De veras? Com que eſta cara já tem bichos?

Merc. Pelo que ella me fede, cuido, que já tem bichos, e varejas.

Saram. Tambem a mim já iſto me vai cheirando muito mal.

Cornuc. Tomára que me diſſeſſes, porque razão foges de mim, ao meſmo tempo que eu por ti morro!

Saram. Calte, que tu morrerás de verdade.

Merc. Cornucopia, já não te poſſo aturar os teus deſpropoſitos; que tê faço eu mulher?

Cornuc. Pois não he deſamor o ver que entre tantos deſpojos da campanha, não achaſte para trazer-me alguma joia prima com irmã daquella, que o Senhor Amfitrião trouxe?

Merc. Não te deſconſoles, que alguma couſa trago para ti da campanha.

Cornuc. Que me trazes da guerra?

Merc. Trago-te huma balla.

Cornuc. Só iſſo me podias tu trazer.

Merc. Não cuides que iſto de balla he couſa de peſſa.

Saram.

Saram. Traga-lhe huma joia de pedras cornolinas.

Cornuc. Só te digo, que não dá quem tem, ſenão quem quer bem.

Mer. Quem não tem, não póde dar; e quem quer bem, dá abraços; e aſſim ſe queres hum, toma-o depreſſa.

Cornuc. Aceito, por não ſer deſcortez.

Saram. Agora iſſo he mais comprido. *Sabe.* Guarde os ſeus abraços, que para iſſo eſtou eu.

Cornuc. Que diabo he iſto! Outro Saramago?

Saram. Sim, Senhora; outro Saramago; mas eu não ſou outro, ſenão eſſ'outro, que ahi eſtá neſs'outra tua ilharga.

Merc. Voſſê he tollo? Diz-me que ſou outro? Não ſabes que outro he burro?

Saram. Não me volte os ſentidos da oração, o que digo he, ſer couſa eſcandaloſa dar voſſa mercê abraços em minha mulher.

Merc. Qual mulher?

Saram. Eſta, que aqui eſtá; não a enxerga?

Merc. Enxerga he parenta da albarda; albarda he couſa de burro; e veio-me a chamar outra vez burro.

Saram. Senhor meu, enxerga he couſa de palha, e eu entendo, que voſſa mercê quer empalhar eſte negocio a minha mulher.

Merc. Pois iſto he mulher?

Saram. Diz ella que ſim: O' mulher, deſengana a eſte Senhor; dize, tu não hes mulher?

Cornuc. Para ſervir a voſſas mercês.

Mer.

Merc. Pois eu até aqui cuidei que era homem.

Saram. He boa caſta de homem, huma mulher deſta caſta.

Cornuc. Senhores, eu deſde que naſci até o preſente ſempre fui mulher; e daqui para diante não ſei o que virei a ſer; que quem eſtá neſte Mundo, não póde dizer deſta agua não beberei; e pois já ſabeis, que eu ſou mulher, tomára que me diſſeſſeis, qual de vós he o meu homem?

Merc. O' infame, duvídas que eu ſeja o teu marido?

Cornuc. Na verdade, que aquelle tanto ſe parece comigo, que eu não ſei qual he o verdadeiro.

Saram. Eu devia naſcer com o meſmo fadario de Amfirrião.

Merc. Agora me lembra: tu não és aquelle, que eſta madrugada ficaſte comigo de ſer couſa nenhuma? Pois como agora te fazes Saramago?

Saram. Eu, ainda que me faço Saramago, não me contrafaço.

Merc. Não queres acabar de crer que és hum ninguem?

Saram. Se eu ſou ninguem, logo ſou alguma couſa?

Mer. Alguma couſa és, porém és huma couſa poſtiça, e fingida.

Saram. Ora, Senhor, diga-me por vida ſua, pois voſſa mercê he Saramago?

Merc. Não te convence eſta fórma, e eſta figura? *Sa-*

Saram. E a voſſa mercê não o convence tam bem eſta figura, eſte bunecro?

Cornuc. O caſo he que são bem ſemelhantes.

Merc. Logo ſomos dous verdadeiros Saramagos?

Saram. Dous Saramagos, iſſo ſim; porém dous Saramagos verdadeiros, iſſo não.

Merc. Se tu dizes, que ſou Saramago, como negas, que ſou verdadeiro?

Saram. Porque bem pódes ſer Saramago; porém Saramago mentiroſo.

Merc. A natureza, que me fez eſtas feições, e todo eſte todo, havia mentir?

Saram. Tambem a natureza póde mentir; pois não falta quem minta por natureza: *Verbi cauſa*: viſte no arco da velha aquellas cores, com que a natureza o veſte de mil cores? Pois ſabe, que não são cores, ſenão huma apparencia enganoſa, e huma equivocação dos olhos: eis-ahi ſem mais, nem mais a tua figura; pois ainda que te oſtentes Saramago verde, ou Saramago azul, para corar o arco deſta velha; com tudo nem és verde nem azul, nem Saramago, ſenão hum engano dos olhos, e huma lograsão da fantaſia.

Merc. Se eu tenho as propriedades do arco da velha: logo eſta velha he minha de propriedade?

Cornuc. Senhores meus, ſe iſto he feitiçaria; eu renuncio o pato, ainda que ſeja com arroz; o que lhe digo he, que concluão lá comſigo qual he o meu marido.

Merc. Mulher, deixa-me, que eu deſenganarei

a eſte louco: ouves tu, manda vir hum eſpelho.

Saram. Para que he o eſpelho.

Merc. Para que te vejas, e cotejes nelle á tua cara com a minha, para que te deſenganes, que ſou Saramago.

Cornuc. Aſſim he: Saramago, vai buſcar o eſpelho ſó para que eſte Senhor não fique com a ſua.

Saram. Que importa não fique ao depois com a ſua, ſe em quanto eu vou buſcar o eſpelho, elle fica com a minha, ficando comtigo?

Merc. Cornucopia por ora não he minha, nem he tua: vai buſcar o eſpelho, que eu eſpero.

Saram. Pois eſpera, que eu vou, e venho. *Vai-ſe.*

Cornuc. Homem, que he iſto? Tu te tornaſte em dous?

Merc. Tu, leviana, he que queres ſer do genero commum de dous.

Cornuc. Eu não ſou commua; tu bem o ſabes.

Merc. Se és commua para dous, ou ſe és privada para elle, eu não o ſei; porém, que queres, que diga, vendo entrar hum homem neſta caſa, e dizer, que tu és ſua mulher?

Cornuc. Não te admires diſſo, porque á Senhora Alcmena lhe ſuccedeo o meſmo com outro Amfitrião, que aqui anda como duende; e ainda agora eſtiverão para ſe matar hum ao outro, como tu bem viſte.

Merc.

Merc. Em grande aperto ſe veria Jupiter. *á p.*

Cornuc. E aſſim ſem razão me accuſas, quando vês que eſtou ſem culpa.

Merc. Pois eu te prometto, que eſſe velhaco pague o engano, que fabrica:

Sabe Saramago com o eſpelho.

Saram. Eſte ha de ſer o juiz da noſſa cauſa.

Merc. Pois adverte, que tens bom juiz; porque hum juiz, para ſer bom, ha de ſer como hum eſpelho, aço por dentro, e chryſtal por fóra. Aço por dentro, para reſiſtir aos golpes das paixões humanas, e criſtal por fóra, para reſplandecer com virtudes; e hum Juiz deſta ſórte he o eſpelho, em que a Républica ſe revê.

Saram. Quanto ao Juiz eſtamos nós bem, ſalvo as molduras; que para os lados de hum Juiz, couſa que ſe molda, não lhe vem de molde.

Merc. Baſtão já tantas aſneiras; anda, vê-te ao eſpelho.

Saram. Agora me lembra; eu ao eſpelho não quero ver-me.

Cornuc. Qual he a razão?

Saram. Porque não quero, como Narciſo, namorarme de mim meſmo.

Merc. Seguro eſtás, que te não ſuccederá outro tanto.

Saram. Porque o diz voſſa merce? Porque ſou feio? Pois ſaiba que muita gente ſe namóra de coulas feias.

Merc. Anda, vê-te ao eſpelho.

Sa-

Saram. Ora vamos a iſſo : eu vou tremendo, não me pareça eu com elle. A Ninfa Syringa ſeja em minha ajuda.

Canta Saramago, vendo-ſe ao eſpelho, a ſeguinte

ARIA.

He verdade! Eu ſou aquelle;
E tambem aquelle he eu!
Eſta bóca he como a delle,
O nariz hè como o ſeu!
Ora eſtou deſenganado,
Que eu, e elle, e elle, e eu
Não ſe póde diſtinguir.

Cornuc. Pois que dizes? Hè, ou não he?

Saram. Leve o diábo o eſpelho, pois tão mentiroſo he. *Atira com elle, e quebra-o.*

Cornuc. Ai que me quebrou o conſultor da minha belleza! Que ha de ſer deſte deſgraçado roſto ſem o ſeu eſpelho?

Saram. Anda, aproveita os pedaços, que ainda terás vidros para rapar eſſa cara.

Merc. Pois que vai? Te pareces comigo, ou não?

Saram. Eu não me pareço comtigo; tu he que te pareces comigo.

Merc. Seja o que for, o ponto hè, que ſejamos parecidos.

Cornuc. Baſta, que o diſſeſſe o meu eſpelho, que he mui verdadeiro: mas ai meu eſpelho!

Merc. E agora, que reſolves?

Saram. Em ſer apoſtèma em té arrebentar.

Merc. Já que és apoſtèma, ſabe que nenhuma materia tens, para affirmares, que Cornucopia he tua mulher.

Sa-

Saram. Que maior razão póde haver, para que ella seja mais tua, do que minha, se ambos somos Saramagos, como disse o juiz do nosso espelho?

Merc. Porque eu sou Saramago verde, e tu fingido.

Saram. Não vês esta cara, e esta figura? Certo que a natureza não póde mentir.

Merc. Respondo com aquillo do arco da velha.

Saram. Pois partamos o arco, que ambos triunfaremos.

Merc. Não Senhor; *aut Cæsar, aut nihil.*

Cornuc. Nem eu consinto, que se parta o meu arco; tomára eu maior donaire.

Saram. Pois se quer, partamos o nome de Cornucopia.

Merc. Na solfa do amor, não ha partitura.

Cornuc. Nem o meu nome se póde partir, que he muito duro.

Saram. Agora não, sabes de que modo?

Merc. Dize.

Saram. Partida Cornucopia, tu ficarás com a copia de seus carinhos, e eu com o resto do seu nome.

Merc. Isso he o mesmo, que ficares tu com a copia, e eu com o original.

Cornuc. Senhores, concluamos: de duas huma, ou ser de hum só, ou não ser huma de dous.

Merc. Dizes bem; anda comigo, Cornucopia, que eu sou teu marido.

Saram. Anda comigo, que teu marido sou eu

Cornuc. Eu aqui eſtou; quem mais força tiver, eſſe me levará.

Merc. Tu não ouves? Anda comigo.

Saram. Anda comigo; tu és ſurda?

Cornuc. Tenhão mão, que eu para péla ſou muito pouco enfeitada.

Merc. Tu, maroto, queres experimentar a minha furia?

Cornuc. Senhores, não ſe matem por couſas poucas.

Merc. Iſto não ſe leva ſenão deſta ſórte. *Brigão.*

Saram. Ai de mim, que eſte homem quer que eu ſeja duas vezes paciente!

Cornuc. Tem mão, Saramago.

Merc. Não quero ter mão, ſó por ter pé de dar muito couce neſte magano.

Saram. Pois eu ainda tenho mãos, para ter mão nelle pé.

Cornuc. Iſto não ſe aparta, ſenão com hum deſmaio, como fez Alcmena. *á parte.* Acudão, Senhores, que me deſmaio? *Deſmaia-ſe.*

Saram. Ai, que ſe deſmaiou Cornucopia tambem como Alcmena! Ah Senhor, façamos treguas, para enterrar eſte defunto.

Merc. O deſmaio de Cornucopia te deu vida.

Saram. Por tua culpa ſe deſmaiou eſta flor, ou para melhor dizer derramárão-ſe as flores deſta Cornucopia.

Merc. Iſto não póde ſer deſmaio, ſerá algum eſtupôr.

Saram. Porque? Cornucopia não he muito capaz de ſe deſmaiar?

Merc.

Merc. Os deſmaios são para as filis, e não para as dragoas.

Saram. Pois entendamos, que he hum deſmaio *ad ſtuporem*; e aſſim levemos a Cornucopia para dentro, para ver ſe torna em ſi.

Merc. Leva-a tu ſó, já que dizes que és ſeu marido.

Saram. De ſórte que voſsê ha de levar as propinas de marido, e eu hei de aturar os encargos do matrimonio?

Merc. Faça o que lhe digo, e tenho dito. Ora tu verás o que te ſucede. *á part. Vai-ſe.*

Saram. Viſto iſſo ſerei duas vezes paciente; mas eu não me atrevo ſó a carregar com eſta balêa. Irra, como peza! Agora vejo que iſto nem he accidente, nem deſmaio; he pezadello: Ora vamos arraſtando eſte ſatdo, que quem atura a carga, he bem que leve a buxa. Oh quanto me peza o teu deſmaio! *Vai-ſe.*

Haverá muita gritaria, e Cornucopia ſe transforma em hum Anão.

SCENA IV.

Boſque. Sahe Juno.

Juno. VErdes álamos deſta Selva, ſymbolo da inconſtancia de hum eſpoſo, que ſendo Deidade por natureza, parece que tem por natureza o ſer inconſtante: incultos flores, que neſte campo ſem artificio produzio a Primavera retrato do inſtantaneo bem, que poſ-

ſuo; pois a gloria, que devêra lograr eterna, hum eſpoſo faz, com que ſeja momentanea: deſpenhado arroio, que em precipicios de neve ſois imagem de meu pranto, que podendo eu empreſtar rizos á meſma Aurora, hum eſpoſo tyranno a tantos ſuſpiros, e lagrimas me provoca; e aſſim já que o furor dos zelos me incita, baſiliſco ſerei entre eſſes ramos, aſpide entre eſſas flores, crocodilo entre eſſas aguas; pois baſiliſco, aſpide, e crocodilo tudo são zelos. He poſſivel, que me veja eu ſem Jupiter, e Alcmena com elle! Alcmena logrando os ſeus carinhos, e eu ſentindo os ſeus repudios! Oh não ſei como não abraſo a eſféra do fogo, com o fogo dos meus zelos!

Sahe Jupiter na fórma de Amf.

Jupit. Viſte acaſo por aqui Alcmena?

Juno. Se buſcas a Alcmena, Amfitrião, te direi onde ella eſtá?

Jupit. Eſta cuida que ſou Amfitrião. *á part.* Verdade he, Feliſarda, que buſco a Alcmena, para allivio da chamma, em que me abraſo.

Juno. Pois ella agora ficou no jardim, vai ſem dilação a vingar-te; que ſeria deſluſtre da tua peſſoa, ſabendo vencer a tantos inimigos na campanha, não ſaber caſtigar a huma mulher, que o teu credito deſdoura.

Jupit. Muito te devo, Feliſarda, pois com tanta eficacia me perſuades purifique a minha honra, vendo tambem o quam pouco te deve Alcmena, pois tanto ſolicitas a ſua morte. Ah traidora! *á parte.*

Ju-

Juno. Nada me deves niſſo, pois eſta efficacia naſce do deſejo, que tenho de te não ver infamado, quando ſei és digno de mais heroica fama; e em quanto a dizeres que pouco me deve Alcmena, tambem importa pouco, que ſe arranque do Mundo hum infame padrão, que deſauthoriza a honeſtidade, que deve conſervar huma mulher de bem.

Jupit. Pois tu verás de que ſórte eu me vingo. Não vi mais tyranna mulher! *á part. Vai-ſe.*

Em quanto Juno, voltada para hum lado, diz o que ſe ſegue, ſahirá Amfitrião, e ſe porá no meſmo lugar, onde Jupiter eſtava, com eſpada na mão.

Juno. Quando ſe perca o conſelho, ao menos deſafogo a minha dor; mas que he iſſo Amfitrião? Se já deſembainhaſte a eſpada, para que dilatas o caſtigo de huma traidora?

Amf. Hoje verá o mundo correr do peito de Alcmena, e daquelle fementido traidor, dous rios de ſangue, para nelles purificar as manchas da minha honra.

Juno. Não ſe eſperava menos do teu brio; e pois Alcmena eſtá no Jardim, faze com que as ſuas flores todas ſejão purpureas, regando-as com o ſangue deſſa, que te offende.

Amf. O meu brio não neceſſita de eſtimulos, para a vingança, baſtante cauſa são os meus zelos, ſufficiente incentivo he a minha afronta: verás, Feliſarda, embainhar nos peitos deſſes dous traidores eſta eſpada, para que paguem com a vida os ſeus delictos. *Vai-ſe.*

Ju-

Juno. Ai infeliz, que não fabes, que o traidor que te offende, vive isento da tua furia, pela immortalidade que gosa!

Sahe Saramago ao bastidor.

Saram. Hei de apurar a panella do amor, ainda que chegue a comer salgado. Verei agora entre estas ramas escondido, em que pára isto de Cornucopia, para vingar a minha afronta; pois quero que saiba o Mundo, que eu não sou Cornelio Tacito.

Sahe Tiresias.

Tires. Flerida, que delicto commettêrão os meus olhos, para que os castigues com a privação de tua formosura?

Saram. Ui, Felisarda chama-se Flerida! Bonito! Ora isto ha de ser galante! *Audiamus.*

Juno. Tiresias, tu contas os instantes que me não vez, mas não numéras as dilações, que fazes em cumprir o que prometteste sobre a vingança de Alcmena.

Tires. Como he possivel, que em tão poucas horas pudesse executar o teu preceito? Estes troncos não nascêrão sem tempo, nem estas plantas se produzirão em hum instante; primeiro se ha de semear a zizania, para se colher o fructo da vingança.

Saram. Zizania temos? Alguma cousa querem estes furtar a Alcmena.

Juno. Se Alcmena fora complice de algum delicto, que fineza me fazias tu em castigalla?

Tires. Tambem poderia eu diffimular o seu delicto.

Ju-

Juno. Cala-te, traidor, falſo; já te arrependes do que me tens promettido? Se te não move o ſeres Rei de Teleba, baſtava a confiſsão que fizeſte do teu amor: vai-te, que em corações tibios ſe não póde conſervar amor conſtante.

Tireſ. Meu bem, ſuſpende os rigores, porque eu...

Juno. Já ſei que como tambem amas a Alcmena, por iſſo compaſſivo recuſas o caſtigalla.

Tireſ. Ó' Flerida, para que vejas fruſtrada a tua preſumpção, dize, de que ſórte te queres ver vingada de Alcmena?

Saram. Agora, Saramago, orelha de palmo.

Juno. Agora que Alcmena ſe acha no jardim, era boa occaſião de a matares, e nunca poderás ſer complice na ſua morte; pois ſem duvida ſe ha de attribuir o delicto a Amfitrião, como offendido das leviandades de Alcmena.

Saram. Não he couſa de cuidado, he ſó hum páo por hum olho.

Tireſ. Que leviandades são as de Alcmena? Peço-te que mas refiras?

Juno. Que? Tens zelos?

Tireſ. Se cuidas que o pergunto por iſſo, já o não quero ſaber; ſó fim executar os teus preceitos.

Juno. Pois ſabe que o meu amor será o menor premio deſſa fineza.

Tireſ. Ai, Flerida, ſe o teu amor he a menor fineza, qual ſerá a maior do teu amor?

Juno. Anda, vai, não te dilates.

Ti-

Tireſ. Pois, Flerida, eu vou; adverte que por ti farei muitos impoſſiveis. *Vai-ſe.*

Juno. Bom he prevenir o golpe com dous tiros; pois no caſo que ſe erre o golpe de Amfitriáo, ſe acerte o de Tireſias; que he juſto haver para dupliçadas offenſas duplicadas vinganças.

Sahe Saramago,

Saram. Vou depreſſa aviſar a Alcmena diſto, que agora ouvi; que ao menos acho que me dará hum bom premio.

Juno. Ai de mim, que eſte criado me eſteve ouvindo! Porém eu te ſuſpenderei os paſſos, para que não noticies a Alcmena o que ouviſte. *á parte.*

Saram. Tomára ter azas nos pés, para hir *ad bolandum.*

Juno. Converto-te em tronco, para que não poſſas paſſar dahi. *Vai-ſe*

Converte-ſe Saramago em arvore.

Saram. Que diabo he iſto? Que terei eu nos pés, que não poſſo andar? Que remora terreſte me ſuſpende o impulſo dos joaneres? Quem me agarra nos pés? A que delRei ladróes: mas que vejo! Eu eſtou convertido em arvore, de que não ha duvida! As pernas, e coxas, são troncos, e o mais eſgalhos, e folhas! Quem me fez eſte beneficio, ſuppoz que eu era algum cepo: andar, aqui farei penitencia dos meus peccados; e já que me acho convertido, ſerá para mim eſta arvore de penitencia.

Sa-

Sahe Cornucopia com hum páo na mão.

Cornuc. Que diabo terá eſte Saramago, que tanto tarda em vir ajudar-me a varejar a azeitona? Saramago? Saramago?

Saram. Que me queres, Cornucopia?

Dentr. Merc. Cornucopia, já vou.

Cornuc. Chamo por hum, e me reſpondem dous! Eſtou bem aviada, ſe ſe encontrão outra vez os dous Saramagos! Anda depreſſa, Saramago.

Saram. Tem paciencia, que não poſſo ir, nem depreſſa, nem de vagar.

Cornuc. Aonde eſtará eſte maldito, que me reſponde?

Sahe Mercurio com hum páo na mão.

Merc. Que preſſa tens? Não te reſpondi, que já vinha?

Cornuc. Sabes porque? Quando te chamei, me reſpondeo aquelouiro Saramago fingido, e temo que aqui venha a dar comnoſco.

Saram. Ah perra, que venho a dar comtigo em occaſião que te não poſſo dar.

Merc. Que importa, que elle venha? Se vier, levará com eſte varapáo.

Saram. Irra! Vejão lá de que eſcapei!

Cornuc. Varejemos depreſſa a azeitona, que depois iremos a deſcanſar.

Saram. Que hei de eu eſtar ouvindo iſto aqui a pé quedo, ſem poder fugir daqui! He tormento nunca viſto!

Merc. Por qual oliveira começaremos?

Cornuc. Por eſta, que eſtá bem carregada.

Sa-

Saram. Baſta que eu paſſei de Saramago a oliveira, e que por meus peccados hei de ſer varejado! Mas a mim que ſe me dá; pois ſe ſou tronco, hei de ſer inſenſivel.

Dão os dous na arvore.

Saram. Ai, que me derreão! Ai que não ſou inſenſivel!

Cornuc. Dá-lhe com bem força, para cahir muita azeitona.

Saram. Ainda póde ſer com mais força? Ai que me derreão!

Merc. Dá-lhe deſs'outra banda, que eu lhe darei de cá.

Saram. Ai, Senhores, que morro ao cahir da folha, como tiſico!

Merc. Não ouves humas vozes, como de quem ſe lamenta?

Cornuc. He verdade, vamos ver quem he; anda, Saramago. *Vão-ſe.*

Saram. Vão ſe cos diabos, que me puzerão a ver jurar teſtemunhas: a iſto he que eu chamo dar hum bom varejo; pelo menos já me poſſo deſvanecer que ſou hum moço bem facudido.

Sahe Jupiter com hum punhal na mão.

Jupit. Depois que Amfitrião zeloſo ſe apartou de Alcmena, a não pude ver mais. Ai, querida Alcmena, quem podéra lograr as tuas delicias ſem rebuços, e transformações; pois ao meſmo tempo que logro os teus favores, me eſcandaliſa a tua iſenção! E para que o ſaiba o Ceo, e a terra, o eſculpirei nos troncos;

cos; para que em hum, e outro globo, viva immortal a minha fineza; ſeja pois eſte tronco, por ſer o primeiro que encontro, o mais venturoſo, que conſerve em ſi eſculpido o nome de Alcmena.

Saram. Que diabo quererá fazer Amfitriáo, que ſe vem chegando para mim com huma faca de mato? Reſta-me que queira cortar-me algum eſgalho.

Jupit. Arvore feliz, conſervarás em teu tronco o nome de Alcmena, a pezar das injúrias do tempo.

Saram. Eſte fim, que buſca o tronco, e não he como os outros, que andárão pela rama.

Jupit. Deſta ſórte quero eſcrevêr o nome de Alcmena neſte tronco para eterno padrão da minha fineza.

Eſcreve Jupiter em Saramago; iſto he, no tronco da meſma arvore, em que eſtá transformado, a ſeguinte

D E C I M A.

Deſſe tronco na dureza
Teu nome, Alcmena, eſtampado
Eternize o meu cuidado
Por troféo deſſa belleza:
Vivirás arvore illeſa
Do tempo ao fero rigor
Sempre em perenne verdor,
Porque creſção em vivas chamas
Nas flores de tuas ramas
Os frutos do meu amor.

Sa-

Saram. Ai que me raſga as coxas, e as pernas! Lá vai a veia arteria cos diabos.

Jupit. Mas que vejo! O tronco deſtila ſangue! He caſo nunca viſto!

Saram. He para que vejão os Senhores Poetas, que o eſcrever huma Decima cuſta gottas de ſangue.

Jupit. Não ſei a que attribua iſto!

Saram. Ah Senhor Amfitrião, tome-me o ſangue, que me eſtou vaſando como hum ceſto roto; olhe que lho peço com lagrimas de ſangue deſtiladas das fontes das minhas pernas.

Jupit. Eſte he Saramago, que eſtá convertido em arvore: quem transformaria eſte miſeravel? Mas quem havia ſer ſenão Mercurio, para lhe fazer alguma peça? Pois eu o reſtituirei á ſua antiga fórma, ſem que elle ſaiba que lhe faço eſte beneficio, porque não ſuſpeite em mim alguma divindade.

Saram. Senhor, acuda-me; olhe que ſou Saramago, que eſtou prezo aqui neſte tronco.

Jupit. Torna-te, homem, á tua antiga fórma. *Vai-ſe.*

Deſfaz-ſe a arvore, e fica Saramago como de antes.

Saram. Ora graças a Jupiter, que depois de tanta tormenta fiquei deſarvorado. Porém que fiz eu, pobre de mim, para me ver ſacudido, varejado, e arranhado, ſem que me baſte ſer oliveira para ter comigo a paz? Ora paciencia, vamos para dentro a imaginar de que enxerto naſceria eſta arvore. A curar-me não hi-

hirei ; porque já vou muito bem ſangrado, e carregado de pancadas.

Sahe Iris.

Iris. Eſpera ; aonde vás com tanta preſſa ?

Saram. Agora he que tu vens ao atar das feridas ?

Iris. Que te ſuccedeo ?

Saram. Nada. Apodreceu-me o corpo de ſorte, que já tem varejas.

Iris. Pois conta-me o que foi.

Saram. Tenho pejo de lhe dizer a minha fraqueza por vida minha. *á part.*

Iris. Como não queres fallar, fica-te embora.

Saram. Eſpera, que eu to digo. Como o meu amor já por ahi anda corrupto, apodreci de muito maduro, de fórte que ando cahindo aos pedaços; pois nas tuas vozes me ficão as orelhas, nos teus ouvidos a lingua, na tua cara os olhos, nos teus pés o coração ; e ſó no teu deſdem eſtou pelos cabellos, por te não vir a pello a minha fineza.

Iris. Não ſei ſe te creia.

Saram. Eu era de parecer que ſim ; e para que me creias o que digo em proſa, o meſmo te direi em verſo ; porque graças a Cupido, tanto ſei amar em proſa, como em verſo ; e aſſim eſcuta, Corriola, eſte

SONETO.

Jogou o amor comigo o toque emboque,
Mas no taco não teve hum ſó deſpique,
Nos centos lhe tangi hum tal repique,
Que os ouvidos tapou ao ſom do toque.

Na

Na batalha de amor lhe dei hum choque,
No triunfo da fineza puz-lhe hum pique,
Venus arrenegada, que eu embique,
Deo-me por certa Dama hum bom remoque.
Eſtendeo-ſe na banca, como hum leque,
No burro ſe ficou, como hum basbaque,
E as tabulas furou do calambeque;
Mas deo co' as de copas hum ral traque
Que á chalupa arrombando-ſe-lhe o beque,
Na corriola quiz que eu deſſe o baque.

Iris. A' viſta deſſe extremo não quero ſer deſagradecida; porém para que eu acabe de ver o teu amor, me has de declarar huma couſa, que te quero perguntar.

Saram. Não ſabes que o amor he a chave meſtra de todos os peitos? Dize o que queres, que eu...

Apparece Mercurio ao baſtidor. Mas eſpera: Valha-te o diabo, maldito fingido Saramago, que ſempre me perſegues! E porque com a tua falſa apparencia não desfaças o bom principio de meu amor, quero retirar-me, até que te vás. *á part.*

Merc. Saramago tanto que me vio, mudou de côr; parece que não goſta de ver-me. *á p.*

Iris. Quero, pois, que me digas.

Saram. Eſpera, que para reſponder-te com mais ſocego, vou alli fóra tirar-me de hum cuidado, e já venho.

Iris. Vai depreſſa.

Saram. Não tardarei hum inſtante. *Vai-ſe.*

Iris. Verei ſe deſcubro o enigma deſtes dous Amfi-

fitriões, para que Juno tenha allivio na ſua pena.

Sahe Mercurio na fórma de Saramago.

Merc. Faço particular goſto em lograr a eſte tonto Saramago. *á part.*

Iris. Bem diſſeſte, que não tardarias hum inſtante, e depreſſa vieſte.

Merc. Para obedecer-te tenho azas nos pés, como Mercurio.

Iris. Já vou crendo, que és verdadeiro amante; e para acabar de o conhecer, quero que me digas, ſe ſabes, qual deſtes he o verdadeiro Amfitrião, que tu o has de ſaber melhor que ninguem?

Merc. Agora encravarei mais a Amfitrião. *á p.* Promettes tu não dizer nada do que eu te diſſer? Olha que iſto he materia de grande pezo.

Iris. Fia de mim, que ninguem o ſaberá.

Merc. Como tu já ſabes que hum dos Amfitriões não he verdadeiro, a eſte fingido ſó eu o conheço, e ſó de mim ſe fia, e ſó moſtrando-to com o dedo, o poderás conhecer.

Sahe Saramago ao baſtidor.

Saram. Ainda lá eſtá o maldito, e Corriola cuida que ſou eu; ora eſperemos que ſe vá.

Iris. E quem he eſſe tal fingido?

Merc. O que te poſſo dizer he, que he homem nobre, e de grande eſféra.

Iris. Ora vem moſtrar-mo, meu Saramago do meu coração.

Saram. Oh quem poderá reſponder-te! *á part.*

Merc. Vamos, e verás. *Vai ſe.*

Iris.

Iris. E que boa nova levarei a Juno! *Vai-ſe.*

Saram. Eſpera, Corriola, que não ſou eu o que te leva: ah cão de mim, que fui tão basbaque, que te deixei expoſta á inclemencia deſſe tyranno, que ſe aproveita do meu ſuor; mas ainda que eu fue o farrapo, ella não ha de ſer ſua: Peguem neſſe magano: ah que delRei, ladrões.

SCENA V.

Jardim, onde haverá huma fonte, e ao pé deſta hum aſſento, e ſahe Alcmena.

Alcmen. AOnde achará allivio huma deſgraçada, pois em qualquer lugar encontro hum cadafalſo; cada tronco ſe me repreſenta huma morte; cada planta hum verdugo, e cada flor hum martyrio? Eſta funeſta fantaſia vive tão occupada de triſtes idéas, que ſem ſaber quem me offende, em tudo o que vejo acho huma vingança; em tudo o que encontro ſe me erige hum ſupplicio: ai Amfitrião, quem te podéra moſtrar a minha innocencia, para que achaſſe allivio eſte affligido coração, que tímido até as ſombras o aſſombrão, e ſobreſaltão!

Canta Alcmena a ſeguinte

ARIA.

A tímida corça,
Que pávida teme
Da rama, que treme
No boſque agitada
Do vento veloz.

Aſſim eu afflicta;
Sem cauſa aſſuſtada,
Me ſinto ultrajada
De hum mal tão atroz.

De-

Depois que Alcmena canta, aſſenta-ſe ao pé da fonte, e ſabe Jupiter com eſpada na mão.

Jupit. Já não ha tronco, aonde não ſe veja eſculpido o nome de Alcmena, e não he juſto, que elles ſó tenhão eſſa gloria; mereça tambem o marmore daquella fonte conſervar em ſua dureza o feliz nome de Alcmena, que nelle vivirá mais perpétua a ſua memoria, e o meu amor: Mas que vejo! Aquella he Alcmena, que na meſma fonte reclinada entregou as potencias ao imperio de Morfêo. Dorme, Alcmena, que ſe tu amáras, como eu; nunca dormíras, nem dormindo deſcanſáras.

Sahem Amfitrião por hum lado, e Tireſias por outro, com eſpadas nas mãos, e Jupiter ſe retirará para junto de Alcmena.

Tireſ. Bem dizem que o amor he hum inferno, pois de hum abyſmo me conduz a outro abyſmo, porque hoje ha de morrer Alcmena innocente pelo delicto de amor.

Amf. Oh que impiedade! Que hajão de affrontar ao eſpoſo as leviandades da eſpoſa! Pois morra Alcmena, já que aſſim o quer o Mundo, e os meus zelos.

Jupit. Quanto mais a vejo, mais me aſſombra a ſua belleza; pois hydropicos os meus olhos não ſe fartão de ver, por mais que vejão tão rara formoſura.

Tireſ. Aquella he Alcmena, que eſtá dormindo. Ai infeliz belleza, que deſſe ſomno paſſarás a outro mais profundo!

Amf. Mas que vejo! Alli eſtá Alcmena junto

daquella fonte: ai deſgraçada formoſura, que nem todas eſſas aguas apagarão as chammas do meu ciume!

Alcmena ſonhando.

Alcmen. Eſpoſo Amfitrião, não manches tão generoſa eſpada no ſangue de huma innocente.

Jupit. Alcmena eſtá fallando em ſonhos, e parece eſtá afflicta com alguma funeſta fantaſia; quero acordalla.

Amf. e Tireſ. Morre, infeliz Alcmena.

Ambos fazem acção de a matar.

Jupit. Alcmena, acorda. Porém que vejo!

Alcmen. Amfitrião..... ſuſpende.... pois.... Mas ai de mim, que vejo! Todos tres com eſpadas vindes a matarme? Que he iſto, Senhores?

Tireſ. Fruſtrou-ſe o meu intento. *á p.* Mas que vejo! Dous Amfitriões ao meſmo tempo?

Amf. Que he iſto, traidor? Tambem vinhas matar a Alcmena, para com eſta acção moſtrares ao Mundo, que és o verdadeiro Amfitrião no brio, com que vingas o teu ciume?

Jupit. E tu, fementido, com o meſmo diſſimulo, que de mim imaginas, vens a ſer complice de huma morte, querendo com hum delicto ſalvar outro delicto?

Alcmen. Senhores, que ſuſpensão he eſta? Que delicto commetti eu para tanta vingança? E ſe commetti algum, como todos quereis ſer parte no meu caſtigo?

Tireſ. Eu, Alcmena, não vim a offender-te; mas ſim a eſtorvar a tua deſgraça conjurada con-

contra ti, por aviſo, que della tive, e como ſupremo Miniſtro deſta Republica me era licita eſta acção.

Jupit. Nem eu, Alcmena, vinha a matar-te, que bem ſei a tua innocencia; mas ſim a eſte traidor, que me diſſerão eſtava neſte jardim, para offender-te.

Amf. Pois confeſſo, que não ſó vinha matar a Alcmena, mas tambem a eſte tyranno uſurpador da minha honra; pois com ſimulada fórma, e fantaſtica apparencia me roubou com a honra a eſpoſa, fingindo ſer o verdadeiro Amfitrião; e aſſim por mais que mo impidas, hei de executar a minha vingança, matando a ambos. *Brigão os dous.*

Tireſ. Aſſim ſe atropella o meu reſpeito? Suſpendei as armas.

Alcmen. Ai de mim! Não ha quem eſtorve eſta deſgraça?

Amf. Hoje ſerás victima de minhas iras.

Jupit. E tu ſacrificio de minha vingança.

Alcmen. Não ha quem acuda? O' lá? O' lá'?

Sahem Mercurio na fórma de Saramago, Polidaz, Juno, Cornucopia, Iris, e hum Soldado, e birão fallando o que ſe ſegue.

Jupit. Ai de mim, que ſenão logrou o meu intento!

Merc. Sempre diſſe, que iſto havia ſucceder.

Iris. Agora ſe ſaberá eſte enigma.

Cornuc. Ai, Senhora, fujamos depreſſa, antes que nos matem.

Polid. Suſpendei os impulſos; mas como he iſ-

to ! Dous Amfitriões ! Quem vio caſo mais extraordinario ! Tireſias , que ſucceſſo tão eſtranho he eſte ?

Tireſ. Polidaz , tambem eu eſtou na meſma dúvida , e com a meſma admiração ; porém com averiguar eſte caſo , ſaberemos o que he iſto.

Alcmen. Tireſias , he juſta eſſa averiguação , para que ſe ſaiba a minha innocencia ; e aſſim principiarei eu a dizer : Bem ſabeis , que ſou caſada com Amfitrião.

Jupit. Não te canſes , que eu o direi em duas palavras : Tireſias , vim da guerra dos Telebanos : triunfei , como ſabeis ; e quando cuidei lograr nos braços de Alcmena os fructos da paz , veio eſte fementido introduzir-ſe tambem em caſa , tomando a minha fórma por alguma arte magica , ſem duvida , para fazer os diſturbios , que tendes viſto.

Amf. Tudo iſſo he engano , Tireſias ; pois o verdadeiro Amfitrião ſou eu ; e como a verdade não neceſſita de prova , a meſma verdade ſeja a que me defenda.

Tireſ. Eſperai : vamos por partes : Alcmena , qual deſtes he o teu eſpoſo ?

Alcmen. Elles são tão parecidos , que confeſſo os não ſei diſtinguir.

Tireſ. Cornucopia , qual deſtes he o teu amo ?

Cornuc. Eu , Senhor , ſou pouco Filoſofa , para fazer diſtincções ; mas ſe me pergunta pela verdade , digo , que ambos são meus amos ; porque eu ſou muito cortez.

Tireſ. Diga o criado agora.

Iris.

Iris. Agora, Saramago, he boa occaſião de moſtrares qual he o fingido.

Merc. Quem duvída, que eſte he o verdadeiro Amfitrião, *Para Jupiter*, e aquelle o fingido? *Aponta para Amf.*

Jupit. Bom foi ter aqui Mercurio da minha parte. *á part.*

Amf. Que dizes, Saramago? Não ſabes, que ſou teu amo Amfitrião? Não me conheces? Dize, velhaco?

Merc. Senhor, não tem que ſe canſar, que eu hei de dizer a verdade, mas que ſeja contra mim: Senhores, ſaberão voſſas merces, que eſs'outro Amfitrião, que ahi eſtá, quando viemos da guerra, me diſſe, que elle por lograr os agrados da Senhora Alcmena, de quem vivia cheio de amor até os olhos, fora ter com hum Nigromantico, e que eſte lhe untára o roſto com certo oleo *ſerpentorum*, para ſe parecer com o Senhor Amfitrião; e para melhor fazer o ſeu papel, me pedio, que eu o apoiaſſe, dizendo, que elle era o verdadeiro Amfitrião, para o que tambem me untou as máos com huma bolſa cheia de dinheiro, e eu como ſou amigo deſtas bagatellas, o introduzi com a Senhora Alcmena de pés, e cabeça; e aſſim, pois confeſſo a verdade, peço que me perdoem eſte delicto.

Juno. Vejão a traça por onde Jupiter ſe quiz introduzir! *á part.*

Iris. Se não he Saramago, nada ſe ſabe. *á part.*

Amf. Que he o que dizes, embuſteiro ? Eſtás fóra de ti ?

Tireſ. Baſta, baſta ; já eſtá deſcuberto o enigma.

Amf. Tireſias, adverti que eſte criado mente, porque eu. . . .

Tireſ. Não tens, que dizer mais.

Alcmen. E pois a minha innocencia ſe patentêa, peço-vos, Tireſias, que caſtigueis a inſolencia deſſe traidor.

Amf. Como, tyranna, ſe o verdadeiro Amfitrião ſou eu ?

Jupit. Quereis ver a verdade mais claramente provada ? Eſperai ; dizei-me : Quando vieſtes da guerra entraſtes no Senado com pompa triunfal ?

Amf. Confeſſo, que não ; porque quando vim de caſa, não achei a Polidaz, que tinha ficado eſperando por mim.

Polid. Iſſo he falſiſſimo, pois Amfitrião veio de caſa, e achou-me no meſmo lugar, aonde fiquei eſperando por elle, e ambos fomos ao triunfo.

Tireſ. Eu ſou teſtemunha, que laureei a Amfitrião no Senado.

Jupit. Pois ſe elle confeſſa, que não foi ao triunfo, e vós outros tambem viſtes, que entrei triunfante no Senado, aonde me laureaſtes, claro eſtá, que o verdadeiro Amfitrião ſou eu, e eſſe o fingido.

Amf. Oh Jupiter ſoberano ! Quem ſe vio em maior labyrintho ?

Merc.

Merc. Chama por Jupiter, que elle muito bem te acudirá. *á part.*

Cornuc. Ah Senhores, ſe ſe não caſtiga eſte deſaforo, daqui á manhã nos havemos ver inçadas de Amfitriões, como de porſovejos.

Sahe Saramago.

Saram. Venho aviſar a Alcmena do que ouvi eſcondido entre as ramas; porém cá eſtá muita gente. *á parte.*

Merc. Saramago ahi vem; pois vou-me, que aſſim me convem. *Vai-ſe.*

Alcmen. Tireſias, que ſuſpensão he eſta? Porque não caſtigais a eſte traidor, a eſte fingido?

Tireſ. Agora o verás: Tu, Polidaz, leva a eſſe fingido Amfitrião para o carcere, de donde ſerá levado para o ſupplicio; pois legalmente ſe acha provada a ſua culpa.

Amf. Que he o que dizes, Tireſias? Como caſtigas ao innocente, e deixas ir livre ao culpado?

Saram. Ai que parece que vai o diabo em caſa do Alfacinha!

Tireſ. Não tendes que replicar; levem-no.

Amf. Tende mão, porque eu não ſou quem cuidais.

Tireſ. Iſſo ſei eu muito bem.

Juno. Sem duvida Amfitrião he o que vai prezo, e Jupiter he o que fica livre; pois não ha de ſer aſſim: Tireſias, adverte, que tambem Alcmena merece caſtigo, pois ella diverſas occaſiões tratou a ambos como a eſpoſos,

e aſſim he certo que offendeo a ſeu marido verdadeiro ; que ſegundo as leis tambem deve morrer.

Alcmen. Que he iſſo , Feliſarda ? Tu és contra mim ? Aſſim pagas a hoſpedagem , que te dei?

Tireſ. Bem entendo a Flerida. *á part.*

Saram. Vejão ſe lha pregou de maço , e mona, *á parte.*

Tireſ. Tem razão Feliſarda no que diz : vem, Alcmena , comigo , para ſeres ſacrificio no templo de Jupiter.

Alcmen. Tireſias, que dizes? Eu hei de pagar o engano alheio ?

Tireſ. Se o teu delicto eſtá provado , não ha mais remedio que morrer.

Alcmen. Como o animo diſtingue os maleficios, não mereço morrer ; pois no meu animo ſempre tive por eſpoſo aquelle , que me parecia com tanta realidade verdadeiro.

Tireſ. Dos animos, e affectos interiores, ſó os Deoſes ſupremos são os Juizes , que nós os Miniſtros da terra ſentenciamos pelo que vemos exteriormente ; e pois não negas , que admittiſte a dous Amfitriões , ſempre violaſte a pureza do thalamo ; e aſſim anda comigo.

Juno. Bem haja Tireſias , que aſſim me vingo. *á parte.*

Jupit. Deſte delicto ſó pertence ao eſpoſo a ſua accuſação ; e não a accuſando eu , porque eſtou certo , que com malicia não violou o thalamo : logo não podeis caſtigalla, quando eu a não accuſo.

Ti-

Tireſ. Não ſó he o eſpoſo o offendido, mas tambem a Républica, a quem incumbe caſtigar os delictos, para emenda de outros, e conſervação da virtude, na qual conſiſte toda a juſtiça.

Alcmen. Eſpoſo, defende a minha innocencia, pois tu bem ſabes.....

Jupit. Alcmena, contra hum empenhado nada val; e pois Tireſias affim o quer, não recuſes ir ao ſacrificio de Jupiter. Vai ſem ſuſto, que Jupiter te defenderá. *Vai-ſe.*

Amf. Já, tyranna, hirei a morrer mais conſolado, vendo que tu tambem não ficas ſem caſtigo.

Alcmen. Por ti, fementido traidor, vou a morrer ſem culpa.

Amf. Por ti ſem delicto vou a penar, cruel Alcmena.

Cornuc. Eu eſtou capaz de me dar hum accidente de verdade. *á parte.*

Saram. Eu eſtou com o coração táfe táfe, vendo iſto no que pára. *á parte.*

Polid. Vamos, vamos. *Para Amf.*

Tireſ. Alcmena, vem.

Alcmen. Juſtos Deoſes, porque não vos compadeceis de mim, que ſou huma innocente?

Amf. Deoſes juſtos, ou injuſtos, porque conſentis tão barbara injuſtiça?

Tireſ. e Polid. Anda, vamos. *Cada hum para o ſeu.*

Amf. Oh Jupiter, compadece-te de minha innocencia.

Tireſ. E vós, Soldados, levai tambem Saramago para a enxovia, bem carregado de ferros, pois foi quem introduzio o fingido Amfitriáo em caſa de Alcmena. *Vai-ſe.*

Saram. Eſpere, Senhor Tiricia; que he o que diz?

Soldad. Ande, ande, Senhor Saramago.

Saram. Voſſa merce me não ha de enſinar a andar; que quando voſſa merce naſceo, já eu engatinhava.

Soldad. Vamos para a cadêa, que aſſim o manda o Senhor General.

Saram. Não ſe canſe, que eu não vou, ſem ſaber primeiro o porque vou prezo.

Iris. Não vi ſentença mais bem dada. *á parte.*

Soldad. Venha, que lá lho dirão muito bem dito.

Saram. Cornucopia, tu não ſabes porque me prendem?

Cornuc. Por culpa da tua lingua: quem te mandou ſer fallador?

Saram. Nunca eu tive a lingua mais preza do que agora, que vou prezo pela ſoltura da lingua, como dizes.

Soldad. Vamos depreſſa, que já lá vão os outros.

Saram. Pois, Senhor, hei de ir prezo aſſim ſem mais nem mais?

Cornuc. Anda, vai-te, que agora pagarás os fingimentos que tens feito, e talvez que tambem por iſſo vás prezo.

Saram. Não, ſe eu por iſſo vou prezo, logo me

me ſoltaráõ, porque eu ſou o verdadeiro Saramago, ſe nãe me engano.

Soldad. Ande já cos diabos.

Saram. Sim, Senhor, eu vou com os diabos, pois vou com voſſa merce; mas antes que vá, deixe-me dar hum abraço a minha mulher.

Cornuc. Vai-te dahi, que eu não ſou tua mulher, fingido, embuſteiro; e não ſabes quanto folgo, e quanto me alegro de verme vingada de ti. *Vai-ſe.*

Saram. Vai-te, mofina: Oh minha Corriola, ſe te mereço alguma couſa, peço-te, que rogues a eſtes Senhores, que me não levem prezo aſſim a ſangue frio, ou que me digão o porque vou prezo, que eu não o ſei.

Soldad. Voſſê não ouvio dizer que hia prezo por introduzir o fingido Amfitrião em caſa de Alcmena? Pois Tireſias bem claro fallou.

Iris. Ah! Huma vez que he por iſſo, eu pedirei.

Saram. Ora pede, pede, ainda que finjas duas lagrimas.

Iris. Senhor Soldado, aſſim Deos o faça Cabo de eſquadra, lhe peço com lagrimas de ſangue naſcidas do meu coração.

Soldad. Diga, Senhora, o que quer?

Saram. Iſſo, iſſo, Corriola pede neſſe tom, que abrandarás huma pedra.

Iris. Peço, Senhor Soldado, que a eſte pobre Saramago o levem muito bem prezo, e atracado, para que não fuja.

Soldad. Iſſo farei eu por te dar goſto.

Sa-

Saram. Ah Senhor Soldado, olhe que ella o que pede he, que me ſolte.

Soldad. Voſſa merce não diz, que o leve prezo?

Iris. Sim, Senhor; ainda que vá a arraſtões.

Saram. O' Corriola, iſſo te merece o meu amor?

Iris. Sim, patife, alcoviteiro, para caſtigo da tua inſolencia.

Saram. A que del Rei, Senhores, que fiz eu? A todos tomo por teſtemunha, como eu neſta hiſtoria não fui alcoviteiro de ninguem.

Iris. Levem-no depreſſa.

Saram. Ah cruel, falſa, inimiga, fraudulenta, aſſim pagas o extremo com que te adoro?

Iris. Vai, vai.

Saram. Se he tua vontade que eu vá, eu irei; mas não quero que vás mal comigo; anda cá, Corriola, que ainda que tu me deſdenhas, eu não poſſo deixar de te querer, para o que te rogo me dês hum abraço; olha que to peço com o choro canoro de minha voz.

Cantão Saramago, e Iris a ſeguinte

ARIA.

Saram. A Deos minha Corriola,
Dá-me agora hum ſó abraço,
Que eu vou para o cagarrão.

Iris. Vai-te embora, Saramago,
Que hum abraço, e hum baraço
Na moxinga te darão,

Saram. Tu te alegras?

Iris. Porque não?

Saram. Tu não chores!

Iris. Para que?

Dei-

Deixa dar-me bem rizadas.
Saram. Tu a rir, eu a chorar.
Amb. Se Deos ainda me der vida
Infiel, falſo, homicida;
Outro abraço te hei de dar. *Vão-ſe.*

SCENA VI.

Carcere, onde eſtarão tres prezos, e ſahe Saramago com correntes, e dizem dentro o ſeguinte.

Dentr. LA' vai mais eſſe hoſpede, agazalhem-no bem.
Saram. Quanto hoje, graças a Deos, não dormiremos na rua; mas ai de mim Saramago! Aonde eſtou eu? Oh quem me diſſera, que eſcapando de huma oliveira, vieſſe a parar em hum limoeiro!
1. *Prezo.* Senhor camarada eſtamos obrigados a agazalhallo bem.
2. *Prezo.* Ande para cá ſô amigo.
Saram. Como hei de andar, ſe a minha deſgraça tem lançado ferro no mar de meu corpo? Ah Senhores meus, vejão ſe me podem tirar eſtes ferros, que tão aferrados eſtão; e por mais que os ſacudo de mim, cada vez eſtão mais ferrenhos comigo.
1. *Prezo.* Tambem iſſo não he pelo que eu fiz: porque te prendêrão?
Saram. Por nada.
1. *Prezo.* Por nada? Já ſe vê que he por ladrão.

2. Prez

2. *Prezo.* Fóra ladrão.

Saram. Não me ladrem, que me não hão de morder neſſa materia.

1. *Prezo.* Iſſo náo nos importa; o que queremos he, que nos pague a patente.

Saram. Bem patente eſtou eu neſta prisão.

1. *Prezo.* Andar, logo a pagará, ainda que náo queira; vamos primeiro cá baixo para lhe fazerem o aſſento.

Saram. Eſcuſo que me façáo o aſſento, que iſſo tenho eu feito ha muito tempo.

1. *Prezo.* Quem te fez o aſſento, ſe ainda agora entraſte?

Saram. Deſde que naſci, tenho o aſſento feito.

1. *Prezo.* Para que mentes? Aonde te fizerão o aſſento?

Saram. Aqui, voſſas merces não o vem?

Aponta para traz.

2. *Prezo.* He bem deſaforado o magano.

1. *Prezo.* Já que eſſe he o aſſento, nós lho faremos mais bem feito com quatro batecûs.

2. *Prezo.* Iſſo he; ſuba á polé, e de lá nos pagará a patente tambem, olhe para ella bem.

Saram. Irra! Agora iſſo he mais comprido: Senhores meus, por vida minha, que eu náo nego o patente, que o patente he couſa que ſe não póde eſconder.

1. *Prezo.* He para que tambem não falle com tanta liberdade.

Saram. Que liberdades póde fallar quem a não tem?

1. *Pre-*

1. *Prezo.* Ande para alli, magano, para que ſaiba fallar bem aos prezos veteranos.
2. *Prezo.* O lá de cima, deita a corda, atemo-lo bem: iſſa acima. *Atão-no, e ſobem-no.*

Saram. A que del Rei, Senhores, &c..... Ora nunca cuidei que me viſſe neſtas alturas!

Ambos os Prezos. Venha abaixo. *Largão-no.*

Dentro. Lá vai outro prezo.

Sahe Amfitrião.

Saram. Ainda bem, quanto folgo!

1. *Prezo.* Aqui não temos que fazer, que eſte parece ſer homem nobre.
2. *Prezo.* Pois vamos para os noſſos camarotes. *Vão-ſe.*

Saram. Eſte agora me pagará a patente. Meus peccados, que he o Senhor Amfitrião!

Canta Amfitrião a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Sórte tyranna, eſtrella rigoroſa,
Que maligna influís com luz oppaca.
Rigor tão fero contra hum innocente;
Que delicto fiz eu, para que ſinta
O pezo deſta aſperrima cadêa
Nos horrores de hum carcere penoſo,
Em cuja triſte lobrega morada
Habita a confuſão, e o ſuſto mora!
Mas ſe acaſo, tyranna, eſtrella impia,
He culpa o não ter culpa, eu culpa tenho:
Mas ſe a culpa, que tenho, não he culpa,
Para que me uſurpais com impiedade
O credito, a eſpoſa, e a liberdade?

ARIA.

A R I A.

Oh que tormento barbaro
Dentro no peito ſinto!
A eſpoſa me deſdenha,
A Patria me deſpenha;
E até o Ceo parece,
Que não ſe compadece
De hum miſero penar.
Mas ó Deoſes, ſe ſois Deoſes,
Como aſſim tyrannamente
A eſte miſero innocente
Chegais hoje a caſtigar?

Saram. Tambem voſſa mercê cá eſtá? Ora conſole-ſe comigo; que *ſolatium eſt miſeris ſocios habere Saramagos.*

Amf. Ainda aqui me appareces, infame inimigo? E pois que por tua culpa me vejo neſta prizão, aqui ficarás ſepultado, ſendo deſpojo da minha colera. *Dá-lhe.*

Saram. Senhor, ſuſpenda o impulſo deſſe pulſo; não bata tão furioſo; deixe ao menos, que por hum pouco tenha ſuas intercadencias; não baſta o eſtar eu carregado de ferros, mas tambem de pancadas?

Amf. Tu, traidor, me puzeſte neſte eſtado.

Saram. Senhor, explique-ſe, que eu eſtou tão innocente, como quando naſci da barriga de minha mái.

Amf. Velhaco, ſempre eu diſſe, que tu eras o que maquinavas eſte enredo: tu foſte o que déſte a joia, que eu mandava para Alcmena, e o que introduziſte em caſa outro Amfitrião

fin-

fingido, como tu meſmo confeſſaſte; e não baſtava tudo iſto, mas ainda hires dizer a Tireſias, que eu era o Amfitrião fingido, por cujo motivo aqui eſtou prezo: que dizes agora? He iſto bem feito?

Saram. Antes que lhe reſponda, diga-me voſſa merce; iſto aqui he cadeia, ou caſa dos doudos?

Amf. Porque perguntas iſſo?

Saram. Porque entendo em minha conſciencia, que mettêrão a voſſa merce aqui por doudo confirmado.

Amf. Se tu me fazes doudo, porque o não hei de eſtar?

Saram. Os diabos me levem, ſe eu fallei com Tireſias em materia tão peçonhenta, Senhor Amfitrião.

Amf. Queres agora negar-me o que eu preſenciei? E por final diſſeſte, que eu tinha untado o roſto com o oleo de hum Magico para me parecer com Amfitrião, e que te dera huma bolſa de moedas, para tu me introduzires na propria caſa de Alcmena.

Saram. Quem compra, e mente, na bolſa o ſente: eu duas vezes o tenho ſentido; huma na bolſa, porque a não tenho; outra no corpo, porque tem ſido hum armazem de pancadas: e agora o vejo já huma logea de ferros, como voſſa merce bem vê; como ſe eu todo fora pé de burro, para que todo me cubra huma grande ferradura.

Amf. Não me deſeſperes mais: dize-me ſó com

que motivo, ou para que fim me levantaſte eſte grande teſtemunho?

Saram. Senhor, hum teſtemunho não he couſa tão leve que eu o podeſſe levantar; veja voſſa merce não diſſeſſe iſſo o outro Saramago?

Amf. Como póde ſer iſſo, ſe neſſe meſmo inſtante, que o diſſeſte, logo te prendêrão, ſem que alli vieſſe, nem eſtiveſſe outro Saramago ſenão tu?

Saram. Pois a mim porque me prendêrão? Diga-mo voſſa merce, que eu ainda não o ſei?

Amf. Por dizeres, que me déſte entrada em caſa de Alcmena; e aſſim vieſte a ter a meſma pena daquelle, que ſe fingio Amfitrião, que dizem era eu; porque tanto pecca o ladrão, como o conſentidor.

Saram. Eu eſtou para perder o juizo! Baſta que por iſſo eſtou prezo?

Amf. O prezo he o menos; o peior he que o caſo he de morte para ambos.

Saram. Oh deſgraçado Saramago! Quanto melhor te fora ſeres ſempre oliveira verde, que em fim eſtavas ſó em hum páo, que não agora vir a morrer em tres? He poſſivel que ſem culpa nos mettão aqui, e nos queirão matar a ferro frio? *Grita.*

Amf. Cala-te, não grites.

Saram. Deixe-me gritar, Senhor; não vê que eſtou doudo?

Amf. Já que os fados aſſim o querem, levemos iſto com paciencia.

Sa-

Saram. Aonde eſtá a paciencia, para nos ajudar a levar iſto?

Amf. Eſpera, Saramago; não ſentes bolir na porta?

Saram. Sim, Senhor; ai de mim, que he o Carraſco! Fujamos, Senhor; fujamos.

Amf. Vês que já abrirão a porta?

Saram. Pois abramos a ſepultura.

Sahe Juno com hum véo pelo roſto.

Amf. Quem ſerá eſta mulher, Saramago?

Saram. Quem ſerá? Tem bem que ver, he a mulher do Carraſco, que vem fazer as vezes do marido.

Juno. Amfitrião, vinde para fóra comigo, e mais eſſe criado.

Saram. Não o diſſe eu? Eſtamos bem aviados!

Amf. Senhora, antes que vos obedeça, deſejára ſaber, para que fim nos quereis levar daqui?

Saram. Tem bem que ſaber; he para nos torcer o peſcoço.

Juno. Compadecida da voſſa innocencia, vos venho livrar deſta prizão; para o que tenho comprado os guardas, e tudo eſtá prompto; pois não he razão, que ſendo vós o verdadeiro Amfitrião, padeçais ſendo innocente, ficando ſem caſtigo o outro fingido.

Amf. Senhora, para huma obrigação tão grande, qualquer rendimento he diminuto; e aſſim para que algum dia vos pague tanto beneficio, eſtimára ſaber a quem devo a vida, e a liberdade.

Juno. Algum dia o ſabereis.

Saram. E ainda que o não ſaiba, não importa: Saiamos nós daqui, ainda que ſeja por arte do demonio, ou pela arte de berliques, berloques.

Juno. Vamos.

Saram. Senhora, e quem nos ha de tirar eſtas cadeias, com quem não eſtamos muito correntes?

Juno. Andai, que para tudo ha remedio.

Amf. Ingrata Thebas, eſtes forão os premios, que ſó de ti recebi!

Juno. Ingrato Jupiter, aſſim ſe ſabe vingar a Deoſa Juno de ti.

Saram. Ingrata Cornucopia, agora eu bem me tirei de ti. *Vão-ſe.*

SCENA VII.

Templo de Jupiter, e hirão ſahindo todas as Figuras conforme vão fallando.

Tireſ. AInda, infelice Alcmena, a pagar com a vida o delicto de tua fragilidade nas aras do ſupremo Jupiter. Ai amor cego, que cego me arraſta a tua grande cegueira! *á part.*

Alcmen. Que he o que ouço! He poſſivel, que ainda tenho vida, havendo de perdella ſem culpa, ſem offenſa, e ſem delicto?

Cornuc. Ai, minha Senhora Alcmena, quem diſſera ao Senhor ſeu pai que para iſto a criava!

Po-

Polid. Horror me cauſa tão funeſto eſpectaculo!

Jupit. Mercurio, he tempo de desfazer o enigma, pois iſto chegou ao ultimo ponto.

Merc. Digo, Jupiter, que iſſo havias ter feito ha mais tempo, e eſcuſaria Alcmena de paſſar eſte ſuſto.

Juno. Tireſias, acabemos com iſto, para que acabe a minha vingança, e comece a ter poſſe a tua eſperança. *á part.*

Alcmen. Ah cruel Feliſarda, não te baſtou conduzir-me ao ſupplicio, mas ainda vens gloriar-te de ver o meu eſtrago, e a minha morte?

Juno. Não quero reſponder. *á parte.*

Iris. Já eſtás vingada.

Alcmen. E tu, eruel, ſe não pódes remediar a minha pena, para que vens ſer teſtemunha da minha magoa? *Para Jupit.*

Jupit. Porque me não poſſo apartar de ti, até que a morte te ſepare de mim.

Tireſ. Alcmena, como o Juiz he ſómente hum mero executor da lei, por iſſo não eſtranhes.

Com ruido ſahirão Amfitrião, e Saramago.

Amf. Que omiſsão he eſta? Ainda eſtá eſta tyranna inimiga por caſtigar? Se por ventura falta quem execute a ſentença, aqui eſtou eu, que vingarei a injúria da lei, e a minha injúria.

Saram. Iſſo he fazer de huma via dous mandados.

Tireſ. Que he iſto? Como te atreves em tal bria

brio da juſtiça, apparecer aqui, eſtando duas vezes criminoſo, huma por impoſtor, e falſario, e outra por fugir da prizão?

Amf. Porque quiz teſtemunhar o eſtrago deſta traidora, para ſuaviſar com eſte deſafogo a tyrannia, com que me quereis tirar a vida; e ſe eu por hum delicto imaginario hei de padecer; que importa que me conſtitua réo da fuga do carcere?

Saram. Eſſa he a verdade; prezo por mil, prezo por mil e quinhentos.

Polid. Tambem o criado aqui eſtá? Com que atrevimento fugiſte?

Saram. Porque mais val huma hora ſolto, que toda a vida prezo.

Cornuc. Ainda eſcapou o maldito?

Alcmen. Para ſer mais penoſa a minha morte, ainda faltava ver a cauſa de minha infelicidade.

Merc. Senhor, que determinas?

Jupit. Logo verás, Mercurio.

Juno. Tireſias., em que nos dilatamos?

Tireſ. Certamente me horroriſa caſtigar huma innocente. Alcmena, he chegada a occaſião de que ſejas victima humana nas aras de Jupiter.

Alcmen. Tireſias, adverti, que os Deoſes não permittem, nem as leis ordenão, que ſem culpa morra huma innocente; e pois entre os homens não acho piedade, recorrerei á eſféra ſoberana dos Deoſes, com ſuſpiros naſcidos de hum peito caſto, e inculpavel. Oh Ju-

piter ſoberano, como conſentís, que morra Alcmena ſem culpa?

Jupit. Tende mão, Tireſias; ſuſpendei o golpe.

Tireſ. Tu não pódes mandar ſobre a lei.

Jupit. Nem a lei manda, que morra huma innocente; porque aquelle que julgais ſer o fingido Amfitrião, he o verdadeiro eſpoſo de Alcmena.

Tireſ. Logo tu és o fingido, e como tal morrerás, por incorreres no meſmo delicto, e ſempre Alcmena fica com a meſma pena.

Amf. Já que ſe conheceo a verdade, caſtigue-ſe eſſe traidor, e eſta aleivoſa tambem.

Jupit. Quanto a mim, ninguem me póde caſtigar.

Tireſ. Pois quem ſois vós, para vos iſentares do rigor da lei?

Jupit. Eu vos reſpondo.

Muda-ſe de repente a perſpectiva do templo, e apparece a Sala Empyrea, como no principio, e eſconde-ſe Jupiter, e Mercurio fingidos, apparecendo os do principio, e canta Jupiter o ſeguinte.

RECITADO.

Sabei, que Jove ſou omnipotente,
Que abrazado de amor da bella Alcmena
Vendo ſer impoſſivel o alcançalla,
Tomei de Amfitriáo a fórma humana,
Com a qual disfarçado entre vós outros,
Eſte dia paſſei; e pois Alcmena,
Como humana não pode
Reſiſtir a hum divino impulſo ardente,

Ei-

Ficará perdoada, ſem que tenha
Offenſa niſſo Amfitrião valente;
Pois deſſe paſſatempo, que aqui tive,
Hercules naſcerá, a cujo esforço
Rendido cederá todo o Univerſo,
Pagando neſta fórma
Eſte engano de amor, eſta violencia,
Em dar-lhe tão divina deſcendencia.

Tod. Que aſſombro! Que admiração!

Amf. Oh mil vezes feliz eu, que tive a fortuna de que o meſmo Jupiter quizeſſe divinizar o meu venturoſo thalamo!

Alcmen. Paſſei de hum inſtante do maior mal ao maior bem: Eſpoſo Amfitrião, dá-me os parabens de tanta felicidade.

Amf. Sejão reciprocos, querida Alcmena; que quando as tuas offenſas para mim são glorias, que fará quando me não offendes?

Saram. Eu ſempre ouvi dizer, que o Senhor Jupiter era hum fero tonante.

Juno. Já agora deſcanſará o meu coração.

Cornuc. Ai que aſſim eſtou contente!

Tireſ. Ferida, bem vês que por mim não eſteve o não executar o teu preceito; e aſſim he tempo de cumprires a tua palavra.

Juno. Attendei-me primeiro: Alcmena porque não fique ſem fim a minha hiſtoria, ſaberás, que aquelle mancebo muito galhardo, e juvenil, morador no monte Olympo, he Jupiter, que alli vês, e eu a Deoſa Juno, ſua eſpoſa, que zeloſa vim a tua caſa, para o apartar de teus braços; e pois já o conſegui, hi-

tei

rei para os de meu eſpoſo; com que, Tireſias, ſendo eu quem ſou, mal poderia cumprir a palavra, que vos dei, que foi ſó a fim de me vingar de Alcmena.

Tireſ. Dou-me por ſatisfeito, em ſaber cumprir voſſos deſejos.

Jupit. Só Juno podia conſpirar tão cruelmente contra Alcmena.

Saram. Sem dúvida a Senhora Juno foi a que me converteo em oliveira, e o Senhor Jupiter o que me deſconverteo.

Merc. E para que ſe ſaiba tudo, eu ſou Mercurio, que para acompanhar a Jupiter, tomei a fórma de Saramago, que já lha reſtitui fielmente, como bem viſtes.

Iris. Pois ſe Jupiter, para lograr os favores de Alcmena, ſe valeo das induſtrias de Mercurio, tambem Juno, para deſvanecer os incendios de Jupiter, quiz que eu, que ſou a Ninfa Iris, a acompanhaſſe, para ſerenar a tempeſtade dos ſeus zelos; e como tenho conſeguido eſte intento, hirei a acompanhar outra vez a Deoſa Juno, como fiel ſubdita dos ſeus preceitos.

Saram. E que cahiſſe eu na corriolla de namorar a huma Ninfa dos arcos do Rocio celeſte! Ora ſou hum grande aſno.

Amf. Tudo o que vejo são aſſombros!

Alcmen. Tudo paſmos!

Polid. Tudo admirações!

Cornuc. Ai venturoſa de mim, que tive a Mercurio em meus braços!

Sa-

Saram. Deſſa ſorte bem pódes dar duas figas ao gallico.

Jupit. E porque Amfitrião fique de todo ſatisfeito, coroe-ſe do laurel glorioſo, como valente vencedor dos Telebanos, pois eu fui o que por elle triunfei no Senado; e aſſim ao generoſo braço de Amfitrião dai as devidas acclamações, repetindo todos no meſmo triunfante

CORO.

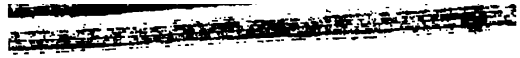
O Numen ſupremo
Do Olympo ſagrado
Suſpira abraſado
De hum cego furor.
Que paſmo! Que aſſombro!
Que voe tão alta
A ſetta do amor?

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

PROTESTAÇÃO DO COLLECTOR.

AS Palavras *Deoſes*, *Numen*, *Fado*, *Divindade*, *Omnipotencia*, e *Soberania*, ſe devem ſómente entender no ſentido Poetico, e não de nenhuma outra maneira; porque ſómente ſe uſa dellas neſtas Obras, como neceſſarias para adorno da compoſição Dramatica, e expreſsão dos Epiſodios Comicos, e não com intenção de offender em couſa alguma aos dogmas da Santa Madre Igreja, a quem, como obediente filho, me ſujeito em tudo o que ella determina.

INDICE

DA OPERAS, QUE CONTÉM eſte primeiro Tomo.

Vida do grande D. Quixote de la Mancha, e do Gordo Sancho Pança, pag. 12.
Eſopaida, ou Vida de Eſopo, pag. 110.
Os Encantos de Medéa, pag. 213.
Amfitrião, ou Jupiter, e Alcmena, pag. 298.